

BENEDITO CELSO



TUTA

Benedito Celso

TUTA

Volume II da Trilogia *Inhaúma*

EDITORA
pontocom

Copyright © 2017 Benedito Celso

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão: Dalka Castanheira
Diagramação: e capa: André Gattaz

EDITORA PONTOCOM

CONSELHO EDITORIAL

José Carlos Sebe Bom Meihy
Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães
Zeila de Brito Fabri Demartini
Zilda Márcia Gricoli Iokoi

COORDENAÇÃO EDITORIAL

André Gattaz

Livro disponível para download legal e gratuito em

WWW.EDITORAPONTOCOM.COM.BR

CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

C394 Celso, Benedito
Tuta / Benedito Celso. – São Paulo :
Editora Pontocom, 2017.

440 p. : ; 21 cm
ISBN: 978-85-66048-88-9

1. Romance brasileiro I. Título.

CDD B869.3
CDU 821.134.3(81)

ASTRAL

*Vênus resfriado por nuvem de asteroides
permite a vida como se terra fosse,
enquanto Marte, como um cão vadio,
coça-se em meio à constelação.*

À minha esposa EMERY, eterna companheira
e amiga inseparável em todas as viagens de meus sonhos.

Sumário

CAPÍTULO 1 ~	11
CAPÍTULO 2 ~	65
CAPÍTULO 3 ~	129
CAPÍTULO 4 ~	161
CAPÍTULO 5 ~	185
CAPÍTULO 6 ~	229
CAPÍTULO 7 ~	263
CAPÍTULO 8 ~	307
CAPÍTULO 9 ~	353
CAPÍTULO 10 ~	393

Capítulo 1

I

Até ingressar no curso ginásial, Tuta viveu de explorar e de conhecer seu mundo novo em Cruz das Almas, ansiando saber de tudo o que houvesse a seu redor ou se mostrasse a seu ver. Sobre o que não sabia ou ainda não lhe tinha sido ensinado, soltava sua fértil imaginação, buscando fórmulas e meios próprios de explicar de seu jeito intimista a si mesmo e a tudo o que estivesse à sua volta. Embora a cuidadosa mãe Ordália demoradamente recomendasse como ele deveria se orientar ao longo do trajeto de sua casa até o Grupo Escolar no qual se matriculou, devendo ir em frente até determinado ponto, virar à esquerda quando alcançada a esquina onde havia uma loja de ferramentas, caminhar por mais três quadras pela arborizada avenida do centro, para só então tomar a rua da direita e descer a longa ladeira que o levava até o Grupo, Tuta recusava-se a fazer sempre esse mesmo caminho, alterando com frequência seu trajeto com o desejo de descobrir novos e diferentes roteiros para conhecer partes da cidade que ainda não tinham sido vistas ou de, ele próprio, testar sua capacidade de orientação. Não eram raras as vezes em que ele fazia isso, mesmo com a implicância e oposição de seu irmão mais velho, que com ele frequentava o mesmo ano escolar. Colecionava na memória as imagens de recantos bonitos, o

cheiro das plantas que se viam à frente das casas e as impressões colhidas ao longo de novos itinerários.

No primeiro trecho de seu percurso até o Grupo Escolar, todos os dias ele passava ao lado de uma velha e enferrujada máquina planadeira de ruas e de estradas, que jazia abandonada à beira de um dos pátios da Prefeitura. Na primeira vez que a viu parou à frente dela por um bocado de tempo, deixando-se enlevar por aguçada curiosidade. Observou atentamente cada detalhe de seu corpo alongado, seus férreos membros inativos, seus enormes pneus traseiros e os detalhes de seu tronco com um velho motor empoeirado. Imaginou-a morta supostamente em decorrência de um completo desprezo de seu dono, como se fosse ela um imprestável animal que se deitara no campo, não mais podendo se levantar e tendo seu inculto proprietário mal diagnosticado estar ele acometido de uma doença irreversível ou terminal. Para Tuta o insensível dono devia ter deixado essa máquina sozinha, desligando-a e abandonando-a no meio da rua. Seus pneus estavam murchos e apodreciam esborrachados no solo. Seus dois faróis estavam cegados, os vidros em caos. Eixos e varões intrincados sustentavam sua carcaça a sugerirem um esqueleto posto a céu aberto, nada parecendo com o que antes deveria ter sido uma estupenda e poderosa máquina com ensurdecedor ronco de um motor gigante, com força de muitos cavalos.

Tuta ficou absorto a imaginar que deveria haver histórias interessantes de tantos e quantos dias ensolarados em que ela avançara bravia contra barrancos de terras secas, arrancando raízes e removendo troncos, intrépida sob o comando de um operador com o grande volante nas mãos, sentado na pequena boleia coberta com uma lona rústica, manobrando suas diversas alavancas de câmbio para fazê-la limpar ou alargar

estradas, caminhos e vielas. Via-a como se fosse um espectro, lastimando-se por antes não a ter visto viva.

Por vezes não em direção à escola, mas para algum lugar impensado, Tuta saía da rua descalça de sua casa e iniciava uma longa e demorada caminhada sem destino certo, sozinho e pensativo, andando pelos arrabaldes da vila, invadindo cambuizais inexplorados e várzeas capoeiradas, deixando-se distanciar, e muito, do lugar onde morava. Não tinha o menor receio de se perder pelas quizaças ou de não saber voltar para casa. Aliás, perder-se momentaneamente era como sentir-se cada vez mais livre. A eventual procura indecisa pelo caminho da volta poderia ser uma nova aventura.

Desde o princípio dessas não planejadas e soltas andanças, no mais das vezes iniciadas sem prévio conhecimento e sem permissão da mãe Ordália, ele não cuidava de marcar os lugares pelos quais passava ou anotar pontos que pudessem orientá-lo na volta, sinalizando o caminho por onde viesse. Em sua abstração mais se atinha a reter na memória uma ou outra coisa curiosa vista nos lugares pelos quais passava. Sua atenção voltava-se de preferência para pequenos detalhes do que ia vendo e conhecendo nos caminhos percorridos. Importavam-lhe a estranheza das coisas e as particularidades de lugares, cada uma delas possíveis de serem vistas e dignas de serem apreciadas.

Detinha-se aqui e ali para encantar-se com uma mina de água nascida numa pequena gruta de pedras escondida sob um capim alto; com a árvore que permitira que um coqueiro nascesse e crescesse junto a ela e em meio dela a ponto de possuírem quase as mesmas raízes e uma copa conjunta com sombra única; com o alongado veio que a erosão riscara no solo, tendo à direita seu provável começo enquanto se prolongava pela esquerda como se quisesse informar de onde

vinha e para onde ia; com um ninho com filhotes de pássaros construído na forquilha de um tronco de árvore miúda; com as trilhas se diversificando no meio da mata rasteira pelas quais certamente passavam pessoas ou animais tão livres e soltos como ele; com os pequenos amontoados de partículas de terra fina construídos por formigas lavapés visando proteger seus insondáveis ninhos em labirintos subterrâneos, ou com uma pensativa coruja pousada em galho seco que era capaz de girar quase que por completo sua cabeça antes de alçar um voo espalhafatoso, assim que percebia a aproximação de um menino abelhudo.

Esse desconhecido, esse novo ainda não visto ou esse não previsto era tudo o que o atraía. Tanto que ele evitava as trilhas de chão batido castigadas pelas patas de cavalos que de quando em vez se viam pastando por ali. No íntimo dispensava essas pretensas guias dentro da mata, recusando-se a ser orientado pelo menor sinal do que suspeitasse ser um proposital indicativo de rumo a ser seguido ou de direção a ser tomada durante seu passeio livre. Preferia ele mesmo fazer seu próprio e aleatório itinerário, liberto em suas vontades e senhor de seu destino. Um caminho que o levasse para o não se sabe onde e que em lá chegando pudesse fazê-lo de repente se deparar com o apenas imaginado ou com um imprevisível não se sabe o quê.

Enquanto caminhava com passos espertos entre urtigas, carrapichos e arranha-gatos ou enquanto dividia com os braços à frente o elevado capim que quase o encobria, dava-se conta exultante de estar próximo do rio Itaguaí, apercebendo-se de que a mata se fechava cada vez mais à medida que se curvava para descansar sobre as margens, quase beijando suas águas. O Itaguaí lhe trazia boas recordações do rio Caimbé, aquele que banha as terras do sítio de Inhaúma,

apesar de que quando criança jamais lhe fora permitido vê-lo assim tão de perto como então ele se permitia ver o Itaguaí.

O dia era tarde quando ele retornava para as ruas da vila e chegava à casa. Respondia à mãe Ordália, que o interrogava sobre onde estivera esse tempo todo. Ele não mentia, mas omitia. Dizia que estava caminhando à toa pela vila. Era repreendido pelo excesso de tempo que ficara fora de casa sem antes contar para onde ia.

Uma vez quando voltava da casa da irmã Esmáide, que depois de casada mudara-se para uma região chamada Barreira dos Cipós, distante pouco mais ou pouco menos de cinco quilômetros a oeste de Cruz das Almas, Tuta caminhava enlevado por pensamentos interrogativos sobre a criação do mundo: o surgimento da vida com a diversidade dos seres que existem sobre a terra; a imensidão sem fim do espaço azul; o movimento do sol subindo e descendo todos os dias como se fosse uma bola de fogo chutada por Deus; as estrelas da noite; os pássaros, os animais e as plantinhas floridas que sem terem sido semeadas pelas mãos do homem nasciam e cresciam sozinhas à beira daquela estrada tão sinuosa quanto o leito do Itaguaí, que a imitava por toda sua extensão. Não se sentia sozinho, pois supunha estar sempre acompanhado e em meio a todas as coisas que tinha à sua volta. Integrava-se nelas, passando a pertencer àquele conjunto da natureza. Seus passos brincavam soltos, meio que bailando na areia fina da estrada e ao som de uma música imaginária provinda do nada. Saltava reentrâncias do solo, corria um pouco, parava, voltava-se para olhar o trecho já percorrido, reiniciava o passo saltitante, ria sem nem bem saber de que e seguia pela estradinha como se ela fosse sua. Não tinha medo nem sensação de que estivesse só. Sua mãe Ordália sempre lhe dizia que Deus acompanha e protege as crianças e os bêbados.

Em pensamento por vezes falava com Deus ou tagarelava baixinho consigo mesmo, lembrando as proezas de outras caminhadas ou imaginando estar tendo uma animada e hilariante conversa com quem ele idealizava estar andando a seu lado e lhe fazendo companhia. Ele mesmo se perguntava e ele mesmo respondia, sem que houvesse controvérsias.

Em meio à jornada, quando do alto de uma colina já era possível avistar a torre da igreja matriz de Cruz das Almas, Tuta recolheu-se como se não tivesse pressa alguma de chegar em casa. Parou a calcular a distância ainda a percorrer, apanhou uma pedrinha do leito da estrada, atirou-a na direção da margem do rio e se riu, apreciando o alçar do voo de pássaros que se espantaram. Atentou-se para ouvir sons indefinidos causados pelo vento brando que balançava galhos finos de árvores copadas. Encantou-se com os passarinhos que procuravam novos galhos para pouso e retomou sua caminhada. De repente viu um menino também solitário andando pela estrada, no mesmo sentido e poucos metros à sua frente. Era um menino assim como ele, franzino, amorenado, cabelos curtos, aparência de subnutrido com impigens a mancharem-lhe a cara denunciando provável verminose, vestindo roupas semelhantes às suas e tendo seu mesmo tamanho. Talvez sua mesma idade. Quem seria esse menino visto assim sozinho no meio da estrada, não se sabendo para onde ia ou de onde vinha? O menino nem se incomodou ao ser visto e alcançado. Prosseguiu caminhando um pouco à frente a parecer que a partir daquele encontro pretendesse guiar Tuta por diferentes e imprevisíveis destinos, sem olhar para trás e sem se importar com quem passara a segui-lo de perto. Tuta teve a sensação de que esse estranho menino passava a exercer sobre ele uma enorme influência a ponto de, em seu íntimo, sentir ter ouvido dele um claro chamamento.

– Vem comigo!

Começou a acompanhá-lo quase que por instinto, zeloso para não incomodá-lo, mas ansioso por estar junto, coisa rara de suceder visto que Tuta era quem, ele próprio, determinava como, quando e por onde seguir. Mas ele já não pensava por si. A partir desse encontro sentiu estar sendo orientado por aquele menino com impigens na cara, apercebendo-se que nele havia uma vontade maior de descoberta e um amor enorme por aventura, exatamente o que Tuta sempre quisera ter. Reconheceu não possuir a coragem que imaginava que aquele menino tinha e que ele também gostaria de ter, dando-se conta de que a que ora o movia não era mais a sua, mas a do outro. Mais adiante ambos deixaram a estrada, ultrapassaram a cerca que a margeava passando entre seus fios de arames farpados, para embrenharem-se no matagal até alcançarem a margem esquerda do rio Itaguaí. Pararam ali e ficaram próximos um do outro sem se olharem nem se falarem. Houve um momento de espera aquietando-os. Tuta não tinha dúvidas nem sentia ansiedade. Estava sereno e feliz. Para ele não havia nada de errado ou proibido, tudo lhe era permitido, bem ao contrário da proibição que sua mãe Ordália lhe impunha quanto a aproximar-se das margens do rio Caimbé nos inesquecíveis tempos vividos nas terras do sítio de Inhaúma. Naquele momento ele não tinha amarras, não havia receios, nem surra prometida. Estava livre para se deixar levar pelo irresistível impulso de querer ir e de chegar a algum lugar pela via do desconhecido. Ouviu adiante o borbulhar do rio que deslizava agasalhado e às vezes recoberto pelas densas árvores que o margeavam, acompanhando seu leito. Imaginou que o Itaguaí deveria ser o meio mais certo e mais curto a ser utilizado para alcançar Cruz das Almas e lá chegar bem antes. Acocoraram-se na fina areia de uma

minúscula angra e por instantes se mantiveram silenciados, ouvindo o barulho das águas. Seu companheiro parecia pensar o que ele pensava, sentir o que ele sentia, querer o que ele queria, ousar sem temer, ter vontade maior que a prudência, audácia insolente, imaginando o inimaginável para desafiar o que havia de vir.

Um pouco adiante, sempre à esquerda nessa mesma margem, viu que ali descansava uma velha canoa esquecida, atada a um tronco de árvore pequena. Alguém deveria tê-la deixado naquele lugar depois de ter feito uso dela para atracar nesse canto. Não tinha a menor ideia de qual teria sido a razão pela qual fora ela ancorada ali, pois aquele não lhe parecia ser nenhum lugar de chegada. Talvez quem a tenha deixado assim amarrada vá voltar mais tarde ou noutro dia para retomá-la e tornar a navegar o Itaguaí seguindo até onde não se sabe. O balanço da velha canoa obedecia ao ritmo lento das pequenas e sucessivas ondas da margem do rio sem que da correnteza de seu meio ela demonstrasse querer escapar. Tuta pôs-se contemplativo a observá-la em seu incessante vai-e-vem, aprisionada pela proa. Descer o rio nessa canoa velha libertando-a para que deslizasse ao sabor da correnteza era a ideia que o invadia e o fascinava muito mais do que tudo o que um dia pretendia fazer em seus tempos de criança. Chegando em Cruz das Almas certamente encontraria um ancoradouro onde ela novamente poderia ser atada a um tronco e deixada. Seria uma vitória pessoal e íntima, embora isso Tuta não poderia compartilhar com ninguém, porque seria uma história inacreditável à falta de testemunha ocular. O rio o cativava e o atraía como que por encanto.

Ouviu um chamamento irrecusável a quem não tinha nenhum compromisso de ida ou de vinda. Era como se ele já devesse estar dentro do rio, navegando acima de suas

profundezas e muito além dos latentes desejos de criança por tanto tempo reprimidos. Também seu companheiro recente parecia estimulá-lo com um olhar maroto de quem se apresenta como cúmplice voluntário, vestido com meio sorriso de aprovação antecipada para tudo o que haveria de ser feito. Sentiu que era preciso deixar-se levar pelas águas do rio Itaguai com a certeza de que estaria fazendo exatamente o que queria, sem objeções atuais nem reprimendas futuras. Decidiu acomodar-se dentro da velha canoa enquanto observava seu novo amiguinho soltar as amarras. O rio o convidou e lhe deu licença para navegar solto na frágil canoa velha. Não havia remo nem varejão com o que dirigi-la pelo tortuoso caminho das águas, o que fez com que a canoa adotasse por si mesma o rumo da aventura que ela ensejava e o da liberdade almejada por seus ocupantes. Tuta sentia-se infinitamente capaz como nunca se sentira antes, embora não dirigisse nem comandasse a canoa.

A frágil embarcação contorceu-se nas corredeiras do rio. Bateu em algumas pedras. Pendeu para a direita. Embicou para a esquerda. Entortou suas bordas. Rodopiou e de quando em vez mergulhava a proa em águas mais profundas depois de ter sido lançada ao alto por onda forte entre pedras. Tuta tinha o corpo lançado ora para frente, ora para o lado ou para trás, como se estivesse no lombo de um cavalo indócil. Segurava firme nas bordas. O amiguinho, sentado à frente, assistia passiva e caladamente a velha canoa virar-se para a retaguarda como se quisesse travar luta contra a correnteza do rio para retornar a seu ponto de partida. Tuta se conformou com seu andar de lado, com seus volteios desordenados e depois a viu aquietar-se cansada, acomodando-se para deslizar calma no meio do rio. Encantava-se curtindo sua própria irresponsabilidade. Estava livre para admirar a

mata das margens e observar essas as pequenas entranças com chão pisado que seriam bons lugares para atracar. Mas Tuta não buscava ponto de atracagem. Na verdade, ele queria prosseguir a viagem sem temer nem um pouco. O navegar era a própria aventura. Ele e seu novo amigo estavam calados e absortos enquanto se deixavam levar rio abaixo, apreciando a ida para um imaginário mundo desconhecido.

Tuta não era mais a criança de onze anos. Naquele momento ele era um destemido navegante aventureiro de quepe torto, que viajava em busca de longínquas e misteriosas terras perdidas no meio do nunca. Um lugar que ainda não se permitira ser descoberto pelo homem civilizado. Imaginava que o rio Itaguaí iria levá-lo até esse fantástico rincão habitado por um povo de língua estranha, mas que tem um porto onde mora a paz num lugar chamado Felicidade. Supunha que seria capaz de aprender a língua desse povo estranho para com ele poder se comunicar. Acreditava que esse povo seria hospitaleiro para com o não aguardado visitante.

Quando o Itaguaí se estreitou e se encolheu numa longa e preguiçosa curva, já perto de Cruz das Almas, deixando plantada no meio de seu leito uma ilhota de pedras, Tuta novamente recolheu lembranças do rio Caimbé, em cujas águas jamais navegara. Mesmo nunca tendo pisado sequer em uma de suas margens, que sabia ser território privativo de capivaras ariscas, nem tendo visto de perto suas corredeiras, convenceu-se de que o rio no qual navegava era diferente, menos belo do que o rio de sua meninice. Para ele o rio que banha as terras do sítio Inhaúma era menor, mas era mais bonito do que esse. Aquele sempre fora mais seu. Sempre lhe pertenceria por inteiro como se fosse um bem de família, a despeito de lhe ter sido proibido. Estava convencido de que aquele não o conduziria a nenhuma plaga distante como este que então o

levava, nem de que aquele pudesse ser o caminho para a descoberta de rincões desconhecidos como o Itaguaí seria capaz de ser. Quando muito o Caimbé o levaria até receber as águas do Ribeirão das Onças, com uma prévia paragem portuária no patrimônio de Itaiporã. Mas o rio de sua meninice que banha as terras de Inhaúma era mais bonito do que esse que corta a cidade de Cruz das Almas.

De repente, não mais avistou aquele menino à sua frente e, um tanto desolado, Tuta desembarcou de sua larga imaginação e prosseguiu sozinho a caminhar saltitante pela poeirenta estrada que o trazia da Barreira dos Cipós.

II

O relacionamento de Tuta com o pai era distante e formal, não por ocorrência de entreveros ou de desencontros entre eles, o que era incomum e evitado por ambos, menos ainda por esquivas ou afastamento pretendido por um ou outro. Vinha sendo assim desde os idos tempos do Inhaúma, sendo sabido que o pai Coutinho sempre fora um homem econômico nas falas e não se dispunha a expressar seus sentimentos de afeição nem ofertar agrados aos filhos, por julgar serem atos que além de desnecessários, podiam representar sinal de fraqueza a vulnerar seu poder de chefe de família. Nunca adulou crianças. Impunha sua autoridade paterna a principiar pelo distanciamento que mantinha com os filhos, sem permitir intimidades. Tudo o que esperava é que cada um dentro de casa cumprisse com as obrigações que lhe competiam sem criar aborrecimentos. Se acaso presenciasse ou viesse a saber do cometimento de ato reprovável por parte de um dos

meninos, lançava contra esse um olhar agudo de reprimenda numa demonstração severa e firme de desaprovação, bastando isso para que o autor da falta se sentisse repreendido e se aquietasse submisso. Seu olhar penetrante e austero substituí a aplicação de castigo físico e não se constituía em ameaça futura, embora se tornasse um motivo a mais para prolongar o distanciamento entre eles por dias e dias sem nenhuma troca de palavras. O diálogo com os filhos ou até mesmo com a esposa Ordália só se dava por força das necessidades domésticas ou da rotina do convívio diário na casa. Dos filhos, o velho pai cobrava nada mais do que o respeito a ele devido e o pleno acatamento às suas recomendações verbalizadas, que não eram tantas quanto as que provinham da mãe.

Já com a mãe o menino Tuta relacionava-se melhor e mais de perto, fosse por ser ele o filho mais novo e nessa condição requerer maior atenção, fosse porque era o único a permanecer mais tempo dentro de casa, junto à barra de sua saia. Ordália cuidava da casa, fazia as refeições, lavava as roupas e no tempo livre pedalava sua velha máquina de costura por horas a fio, até tarde da noite, para dar conta de entregas, no dia aprazado, das costuras ou confecções encomendadas por suas freguesas. Juvelina, a filha solteirona bem mais velha do que Esmáide, que já se casara e fora morar num sítio da região da Barreira dos Cipós, era quem continuava a morar com os pais, sem arranjar casamento, como renunciado pelo japonês Minoru quando lá em Inhaúma leu as linhas de sua mão. Vivía ensimesmada na maior parte do dia, recolhida em seu pequeno quarto a examinar seus botões numa segredada intimidade que deixava transparecer que estivesse alheia às coisas domésticas ou ausente mesmo quando fisicamente presente dentro de casa. No íntimo Juvelina sentia-se desprezada pela mãe, de quem recebia ostensiva indiferença e

frases desaforadas como se a repelisse e não a quisesse por perto. Doía-lhe esse isolamento e isso lhe dava um pesado ar de amargura.

Tonico, o irmão mais velho, deixara os estudos após completar o curso primário, sem ter sido aprovado nos exames de admissão ao Ginásio. Obteve um respeitável emprego numa farmácia de Cruz das Almas, vindo a se tornar um competente e bem assalariado auxiliar farmacêutico. Especializou-se em manipulação de medicamentos e atendia doentes a domicílio portando um estojo de seringa com ampolas de remédios injetáveis. Vestia-se bem, conquistou um grupo particular de fiéis amigos entre seus colegas de trabalho e passou a ter uma carteira porta-notas sempre com algum dinheiro no bolso.

Ao contrário do irmão, o menorzinho Tuta foi quem insistiu em estudar, mesmo sabendo dos poucos recursos dos pais para o custeio das despesas escolares e a impossibilidade de conciliar um emprego com o horário das aulas. Matriculado no Ginásio, tornou-se um estudante exemplar numa escola bonita instalada num prédio imponente de dois andares à frente de um grande parque verde todo gramado e com árvores recém-plantadas. Salas limpas com amplas vidraças e finas cortinas brancas; dois quadros-negros embutidos nas paredes da frente e da lateral direita de cada sala de aula; carteiras individuais e cadeiras confortáveis; um amplo pátio coberto destinado a acolher os estudantes na hora do recreio, com banheiros numa de suas extremidades e um adequado palco na outra; uma grande área livre, toda murada a seu redor, na qual foi construída uma boa quadra de esportes e mantido um campo de terra batida utilizado para a prática de educação física ou para divertidos jogos com bola. A tudo o menino Tuta acrescentava insaciável vontade de aprender.

Já na primeira série ginásial começou por saber de coisas antes por ele inimagináveis, como a futura mudança da capital do Brasil, da cidade do Rio de Janeiro para o cerrado do Estado de Goiás, onde iria ser construída a nova capital brasileira que se chamaria Cabrália ou Brasília. Surpreendeu-se ao saber que a Terra é redonda, “achatada nos polos”, e que havia provas dessa redondeza como o avistar de uma caravela chegando ao porto da qual primeiro se avista a ponta de seus mastros para só depois ser vista por inteiro. Aliviou-se de uma antiga preocupação que tinha desde pequenino, quando seu pai lhe respondeu que se uma pessoa fosse andando, andando sempre em linha reta, chegaria ao fim do mundo e depois cairia num precipício sem fim. A criança de então se preocupava com os meninos que por ventura brincassem em quintal à beira do fim do mundo. Ficou sabendo que a Terra não era um platô como seu pai dizia, mesmo assim ainda questionando como é que uma bola tão grande e pesada pode ficar flutuando no espaço sem nenhum suporte. Ouviu também que um dia o homem será levado por um foguete até a lua e que, quando isso acontecer, daqui da Terra poderão ser controlados até seus batimentos cardíacos, durante todo o tempo em que estiver pousado em solo lunar. Não chegava a duvidar porque isso era contado por uma professora, mas achava impossível acontecer. Impressionou-se com outras informações futuristas que recebia na escola, dadas principalmente por Dona Hilda, sua professora de história, nem podendo imaginar como ou de onde ela retirava suas previsões. Lembrou-se do japonês Míno que exercia a arte de ler as mãos para falar do futuro das pessoas, embasbacando-as com seus muitos acertos. Mas aquilo era coisa empírica! O que então ouvia em sala de aula deviam ser informações oficiais e científicas, dignas de crédito maior porque ditas por professores.

No primeiro dia de aula no Ginásio, Tuta chegou com quase uma hora de antecedência, tamanha era sua ansiedade. O portão de entrada ainda estava fechado. Sob o desconforto de quem usava calça comprida pela primeira vez e por não ver ninguém com o mesmo traje escolar à frente do prédio, escondeu-se atrás de arbustos do parque e ficou espiando a portaria até que outros estudantes, trajados como ele, ali se agrupassem. Só então apareceu e se deixou ver, orgulhoso de seu uniforme novo, embora o considerasse pesado porque confeccionado com um grosso brim caqui, mais parecendo um fardamento militar do que um uniforme escolar.

Na segunda metade dos anos cinquenta, Cruz das Almas despontava como um dos mais respeitáveis centros estudantis da região, atraindo alunos das mais diversas localidades circunvizinhas. À época o município detinha expressiva força política junto ao governo do Estado, tendo na Assembleia Legislativa um deputado eleito e reeleito pelo povo local, recebendo recursos públicos para melhoramentos de sua infraestrutura e conseguindo trazer para a cidade diversas atividades culturais como espetáculos de companhias de teatro da capital, tendo no elenco atores e atrizes de renome nacional. Tuta assistiu pela primeira vez a uma encenação teatral, o monólogo *As mãos de Eurídice* de Pedro Bloch, interpretado por Rodolfo Mayer. Alguns anos mais tarde seria levado em excursão pelos professores até uma cidade vizinha para ver Cacilda Becker e Luís Linhares na peça *Em moeda corrente do País*. Palestrantes ilustres eram trazidos à cidade para reunirem-se com os estudantes e Cruz das Almas tinha até mesmo exposições temporárias de arte. O Instituto de Educação contava com respeitável corpo docente formado por professores concursados, inteiramente dedicados ao nobre ofício de ensinar. Professor gozava de enorme prestígio social.

Ser estudante também era motivo de orgulho, embora por vezes Tuta viesse a sofrer insultos e caçoadas de outros meninos não estudantes quando visto todo paramentado com seu uniforme caqui, sobraçando livros pelas ruas da miserável vila onde morava. Era o único dali que desfilava com aquele uniforme escolar e não entendia o porquê daquele assédio. Refugiava-se confuso e hesitante dentro de casa, evitando participar dos grupelhos de jovens de sua idade que à noitinha reuniam-se para brincar em frente a um boteco situado em rua próxima ou nas tardes de domingos integrar um time que disputava partida de jogo com bola de meia num terreno inclinado, cheio de tocos, com o gol demarcado por peças de roupa postas sob pedras. Tuta não tinha amigos na vila onde morava. Ali ele vivia só, quando muito se distraíndo com leituras, copiando em seu caderno escolar um ou outro dos quadrinhos que mais apreciava nos gibis que lhe caíam às mãos ou enlevando-se na espera do aparecimento das figuras fantásticas que surgiam no fundo escuro de seus olhos fechados quando se recolhia para dormir.

Em casa o menino Tuta era o estudante desempregado que acabava por ser quem mais ajudava a mãe nos diversos serviços domésticos, não se acanhando de lavar louças e limpar a cozinha depois de ter se alimentado com o prato feito deixado à sua espera sobre a taipa do fogão a lenha. Varria o pequeno quintal, passava com o ferro de brasas as roupas miúdas da família, fazia as compras no armazém, tirava água do poço para Ordália lavar roupas e vez ou outra entregava as confecções nas casas das freguesas da mãe. À noite, antes de dormir, perdia-se em seus devaneios e viajava pelo seu mundo imaginário. Quando pequenino em Inhaúma vira um estranho objeto voando sobre a invernada do sítio e à sua pergunta a mãe lhe respondera que aquilo era um avião, um

teco-teco, e que dentro dele havia gente que estava indo para algum lugar muito distante. Tuta não entendera como aquilo podia voar sem bater asas, mas logo se imaginou dentro de um avião como aquele, dizendo à mãe que um dia ele iria viajar para um mundo estranho, no estrangeiro, onde ninguém fala sua língua, onde as pessoas usam roupas diferentes e não têm seus mesmos costumes. Ordália ouvira o filho caçula sem dar a menor importância à sua imaginação. Até desdenhou de sua fala.

– Bem capaz, mesmo!

Frequentando o Ginásio, Tuta foi informado de que há mais de quatrocentos anos os reis católicos de Espanha financiaram a loucura de navegadores audaciosos que desafiaram a imensidão dos oceanos em frágeis caravelas, com o propósito de descobrir o caminho das Índias viajando para o ocidente e acabando por desembarcar num novo mundo, até então desconhecido. Imaginou que também ele poderia sonhar com uma viagem ao estrangeiro para conhecer outros povos a bordo de um avião, como aquele que vira em sua infância. Tinha a ideia fixa de que um dia deixaria Cruz das Almas para visitar longínquos e desconhecidos lugares e fazer contato com estranhos e diferentes povos. Confortava-se julgando que havia tempo de sobra para isso, pois só tinha treze anos, embora por vezes se sentisse abatido e enfraquecido em face de suas muitas carências. Difícil estudar como gostaria de fazê-lo, não podendo comprar livros didáticos recomendados por seus professores, dos quais dependia para o adequado acompanhamento das aulas. Aliou-se a algumas colegas de classe para estudo em conjunto, sempre na casa de uma delas. Tornou-se o companheiro preferido para estudo em grupo. Nunca soube que os pagamentos de uma taxa escolar a toda vez que efetuava matrícula numa nova

série do Ginásio destinava-se ao custeio de material escolar para alunos pobres. Porém, mesmo que soubesse não teria se encorajado a pedir esse tipo de ajuda à secretaria da escola.

Sempre fora muito orgulhoso, para evocar sua pobreza. Colecionava apenas o conhecimento dos campos de sua minicidade em Inhaúma; do patrimônio de Itaiporã em cuja modesta escolinha foi alfabetizado; da inóspita vila onde morava e da cidade que o acolhia apontando um futuro distante dali. Quanto mais estudava História, narrada em sala de aula pela bem informada professorinha que o cativou desde o primeiro dia, mais se empolgava e se entusiasmava, passando a ter certeza íntima de que em vidas anteriores teria sido um navegante de mares bravios à procura de ilhas e de terras perdidas no além dos oceanos, ou um centurião romano manejando sua espada de aço em sangrentas batalhas de conquista de mais territórios para um império secular. À medida que a História contada avançava e alargava seus conhecimentos, mais estendia sua livre imaginação. Ouviu sobre a antiguidade grega e imaginou que em outra encarnação teria pisado o chão árido dos claros campos daquele mundo antigo, fosse como um arauto anunciando a trégua sagrada, fosse como um participante de Olimpíada lutando o pancrácio e recebendo a coroa de louros depois depositada por ele junto ao templo de Zeus, na cerimônia de encerramento dos jogos. Imaginou ter sido em outra vida um filósofo errante agrupando discípulos à sombra de oliveiras para ouvir seus ensinamentos. No império romano teria sido um sacerdote canonizado pela igreja católica pelo bem praticado em vida de horríveis sofrimentos. Muitas asas na fértil imaginação de um menino pobre que um dia se imaginara voando num teco-teco!

III

Depois de cumprida a jornada escolar do período da manhã e quando vagava sozinho pela praça central da cidade, preenchendo o tempo folgado de uma tarde vazia, Tuta surpreendeu-se ao ver à sua frente, pela segunda vez, o estranho menino com impigens na cara ostentando o mesmo sorriso maroto de quando o estimulara a ocupar a canoa e navegar pelo rio Itaguaí. Tuta o reconheceu de pronto, notando que ele ainda trajava a mesma roupa de antes, uma calça curta de brim marrom encardido, uma camisa branca de mangas curtas deixando visível a falta de um botão e com o colarinho todo rostido. Calçava um velho e surrado sapato preto com o couro todo esfolado e sujo, sem meias e com os saltos totalmente gastos de um só lado o que o forçava a caminhar meio capenga com os pés tortos. Ouviu dele a saudação de quem também o reconhecera.

– Oi, Tuta!

Por segundos o caçula de Ordália teve uma sensação de vertigem pelo fato de aquele misterioso menino ter dito seu nome, pois não se recordava de tê-lo anunciado antes. Tampouco sabia o nome de quem pela segunda vez surgia à sua frente ou estava em seu caminho, parecendo que o aguardava por ali ou o estivesse seguindo de perto. Encarou-o e o examinou de cima a baixo antes de responder à sua saudação, ao que emendou uma pergunta.

– Oi! Como é que você se chama?

O estranho menino esboçou um sorriso aberto, antes não visto por Tuta, e de maneira amigável respondeu em tom baixinho, quase sussurrando, embora sem demonstrar qualquer temor.

– Me chame como você quiser. Com o nome que você quiser. Não sou eu que me chamo.

Perplexo com a eloquência daquele menino Tuta supôs ser ele um estudante de série mais avançada que a sua, mas achou isso pouco provável porque nunca o vira no Ginásio. De onde é que ele vem?, perguntou a si mesmo, em pensamento. Ficou atônito ao ouvir do estranho menino a rápida resposta a essa pergunta que ele apenas pensou, mas que nem chegou a formular.

– Venho da Barreira dos Cipós!

Havia sido por lá que Tuta o avistara pela primeira vez, quando navegaram pelo Itaguaí embarcados numa canoa velha, sem se falarem. Agora estavam novamente próximos tentando melhor se conhecerem, caminhando lado a lado pelo calçamento do interior do jardim da praça. Havia pouca gente andando por ali e a tarde tinha um clima ameno. Tuta continuava interrogativo quanto a quem poderia ser aquele menino. Precisava saber mais sobre ele e o que fazia por ali. Sentaram-se num banco de cimento à frente de um chafariz octogonal do meio da praça e ali aquietaram-se por um tempo, enquanto apreciavam o ensaio da banda municipal que nas manhãs de domingo costumava se apresentar no coreto do jardim. O ritmo seguido pela banda marcava o compasso dos batimentos cardíacos de Tuta.

Ele, ansioso e ofegante, sentindo ser preciso conversar com aquele menino para saber dele o que ainda não sabia. *Estudaria na mesma escola? Por que ele se aproximava ou aparecia à minha frente sem que eu percebesse de onde vinha?* A banda executou por inteiro uma partitura e o som alto dominou a praça dificultando a conversa de quem estava perto dela. Quando fez um intervalo no ensaio Tuta arriscou perguntar.

– Você estuda no Ginásio?

O menino com impigens emudeceu por segundos, deixou de olhar para Tuta, baixou a cabeça como se essa pergunta tivesse sido uma incômoda invasão de sua privacidade, mostrando-se tímido e envergonhado ao respondê-la.

– Não. Eu passei no exame de admissão, mas não pude pagar a matrícula no Ginásio. Vivo a esperar.

Nesse segundo encontro Tuta não se sentiu conduzido pela força da vontade daquele menino, nem invejou a coragem que emanava dele como quando embarcaram juntos na velha canoa. Dessa vez ele o viu fragilizado e carente sem nenhuma certeza. Deduziu que se assemelhavam, pelo menos quanto às dificuldades pessoais.

Lembrou-se que também ele teve mesmas dificuldades quando precisou juntar moedas de troco do armazém para completar o custeio das despesas de sua matrícula no Ginásio. E essas eram várias: a da fotografia três por quatro que tinha que ser datada e tirada no estúdio do único fotógrafo existente em Cruz das Almas; a da compra do selo de taxa médica e do papel almaço pautado para o requerimento de matrícula (no qual finalizava com pedido de deferimento sem saber o que era *deferimento*), além do pagamento da taxa de caixa escolar e da posterior compra do tecido para a confecção do uniforme obrigatório. A partir do conhecimento desse detalhe sobre aquele menino, Tuta imaginou que não seria difícil ambos se conhecerem melhor e se darem bem, tornarem-se amigos de verdade e bons companheiros de idas e vindas. Porém, ainda lhe faltava uma informação importante. Ele precisava saber com que nome certo deveria chamar esse novo amiguinho. Pensou em novamente perguntar sobre isso.

– Pode me chamar de Augusto – adiantou-se o menino, antes que a pergunta fosse feita.

Tuta assombrou-se. Chegou a ter medo de continuar pensando, já que lhe pareceu que esse menino lia seus pensamentos ou adivinhava tudo o que iria ser perguntado, antecipando respostas. Tudo era não só extraordinário como assustador, a tal ponto que teve receio de continuar ali, sentindo de repente uma instantânea vontade de deixá-lo sentado no banco da praça, retomar o caminho de casa e não mais voltar a vê-lo ou falar com ele. Levantou-se fitando-o de frente e disse um *tchau* enquanto se virava para sair. Assombrou-se de novo ao ouvir daquele menino a incisiva afirmação de que não havia nada a ser temido.

– Só quero ser seu amigo, não vou lhe fazer nenhum mal. Sou um menino igual a você, sentindo as mesmas coisas.

Tuta fez como quem não tivesse ouvido essa última fala. Afastou-se da praça com passos curtos, mas apressados, tomando o caminho de casa com várias mudanças de itinerário, despistando-se para impedir que Augusto o seguisse e viesse a saber onde morava. Durante toda sua volta sentiu estar sendo seguido por aquele menino, sem dele poder se desvencilhar. Olhava para trás, mas não o via. Resolveu não ir direto para sua casa, por precaução, desviando-se em direção à casa da tia Natália, que ficava nos fundos do bairro das mulheres da vida, à margem do riacho São Lourenço. Ali permaneceu até a noitinha, quando prosseguiu até sua casa, recolhendo-se em seu quarto. À sua passagem pela sala, a mãe Ordália lhe perguntou onde é que estivera até essa hora e Tuta só informou que estava na casa da tia. Na cama cobriu-se até a cabeça pretendendo dormir e esquecer-se do menino com impigens.

No fundo do escuro de seus olhos fechados começaram a aparecer enormes figuras fantasmagóricas, cavalos alados, feições de velhas enrugadas, crianças deformadas, ventania

na mata e estranhos objetos flutuantes que o encabularam ainda mais. Tardou a pegar no sono.

Na manhã seguinte acordou mais cedo do que de costume e antes de seguir para o Ginásio teve tempo bastante para contar à mãe toda a história daquele menino com impigens no rosto que disse se chamar Augusto. Seu aparecimento na estrada quando voltava da Barreira dos Cipós (omitiu a parte em que navegara de canoa no rio Itaguaí), seu reencontro no jardim da praça e o poder que esse menino tinha de adivinhar seus pensamentos. Ordália deu a devida atenção a todos os detalhes do relato e nem pensou muito para responder.

– Acho bom você não falar mais com esse menino! Você nem sabe quem ele é. Gente estranha assim deve ser evitada. Vá lá que é alguém que quer tirar alguma coisa de você. Aqui na cidade tudo é perigoso. Melhor evitar!

Ao longo da semana seguinte Tuta não voltou a se encontrar com Augusto. Cuidou de se preparar para as sabinas bimestrais, principalmente a de Latim. Tinha grande dificuldade no aprendizado dessa matéria, ministrada por um exigente e radical professor que facilmente dava nota zero a seus alunos, surpreendidos em chamadas orais durante as aulas, o que comprometia a média bimestral e fazia com que nos exames de final de ano viessem a precisar de elevadas notas.

Tuta não possuía o volumoso e caro livro didático de Latim, do autor Napoleão Mendes de Almeida, que poderia ajudá-lo no acompanhamento das aulas dessa língua morta. Aliás, detestava decorar declinações, decifrar os casos das palavras soltas nos textos de fábulas, saber identificar uma oração infinitiva, a ocorrência do ablativo absoluto e outras insípidas regrinhas de um latim que cujo aprendizado à época lhe parecia completamente inútil. Por força disso viria a

ser comum ficar dependente de exames em segunda época para obter sua promoção à série seguinte. Não só com relação ao Latim, mas também com a matéria de Trabalhos Manuais. Sempre fora resistente a essa disciplina que jamais o atrainu, a ponto de seguidamente cabular suas aulas e dela também ficar dependente dos exames em segunda época por excesso de faltas cometidas. Via-se definitivamente incapaz de manipular pedaços de cartolina para a montagem de poliedros insignificantes ou de trabalhar com arames, madeiras, capim ou linhas para confeccionar descartáveis cestas, torres, escovas ou tarrafa. Julgava tudo isso de uma inutilidade sem tamanho, tornando-se o único aluno do Ginásio a ficar em segunda época em Trabalhos Manuais em todas as séries de seu curso ginasial.

Gostava mesmo era das aulas de História e de Português, saindo-se também muito bem em Matemática, essa a disciplina que dele nunca exigira nenhum estudo às vésperas de prova para conseguir tirar excelentes notas. No segundo semestre da segunda série ginasial, o que mais continuava incomodando-o eram as aulas de Latim.

Num final de manhã, após terminar uma prova de Ciências Naturais, Tuta saía do Ginásio e começava a contornar sua área murada para voltar para casa quando deu de frente com Augusto, como se esse o estivesse esperando perto da portaria. Não pretendia esse reencontro, mas desse não houve como se esquivar. Esse seu conhecido e estranho menino tinha no rosto um sorriso amigável e sobraçava um enorme livro parecendo estar feliz em revê-lo. Para Tuta não era de se supor fosse ele uma ameaça como sua mãe o alertara, nem seria adequado fugir dele sem motivo justificável. Deixou-se acompanhar, apenas evitando pensar fortemente por temer que seus pensamentos viessem a ser descobertos.

Caminharam juntos ao longo do muro tomando a direção da vila. Num primeiro momento não houve nem cumprimentos entre eles. Augusto o olhava com indisfarçável alegria e cada vez mais mostrava um semblante de quem estava feliz com o reencontro. Tuta prevenia-se evitando iniciar um diálogo, ainda ressabiado e lembrando-se da recomendação da mãe. Augusto foi quem falou primeiro, estendendo a mão direita e oferecendo a Tuta o grosso livro que portava.

– Eu trouxe esse livro pra você.

Ao observar a capa Tuta reconheceu na hora que se tratava do livro de Napoleão Mendes de Almeida, recomendado pelo seu professor de Latim e de que tanto necessitava, mas que por ser muito caro não podia comprar. Entusiasmou-se a ponto de quase tomá-lo em suas mãos num impulso impensado. *Como é que Augusto soube que eu preciso desse livro? Como aceitá-lo de quem se imagina que também não tem dinheiro para comprá-lo e que agora o está oferecendo de presente?* Sua primeira reação foi a de não receber a oferta. Precisava antes saber como é que Augusto o obtivera. Foi o que pensou.

– Eu *batisse* livro para você, ali na livraria do Seu Agenor – respondeu Augusto antes que Tuta formulasse a pergunta.

Imediatamente o filho de Ordália admitiu que sua mãe tinha razão ao recomendar o afastamento desse menino. Ele havia furtado o livro que pretendia presentear e isso era um mau sinal. Conhecia Seu Agenor, o dono da livraria, um bondoso homem, de meia idade, cintura avantajada, usando enormes óculos de vidros grossos como se fossem de fundo de garrafa e que enxergava pouco o que se passava ao seu redor. Tuta sabia que alguns estudantes aproveitavam-se de sua distração e lerdeza para surrupiar livros e cadernos de sua loja, não só quando não podiam comprá-los. Foi isso o

que Augusto fez. O livro havia sido furtado e Tuta não podia recebê-lo. Contudo, o menino insistia.

– Fica com ele. Não foi você que *bateu*. Fui eu e eu peguei para você.

Houve um redemoinho dentro da cabeça de Tuta. Seus princípios e valores morais solidamente adquiridos por rígida influência dos pais entraram em conflito com o interesse e a necessidade que ele tinha de possuir aquele livro. Não olhava mais para o rosto ainda sorridente de Augusto, fixado que estava no grosso livro entendido à sua frente. No fundo ele jamais cometeria a grave falta de apoderar-se da menor coisa que não lhe pertencesse, mesmo que ninguém o estivesse observando. Sequer recebia presentes de desconhecido sem autorização de sua mãe. Isso nunca lhe fora permitido. Aliás, eram duas as coisas que sempre lhe foram expressamente proibidas: levar para casa um presente recebido de pessoa estranha ou dizer que ocasionalmente achou na rua um objeto de valor qualquer, tomando-o para si. Ordália nunca aceitou nem uma coisa nem outra. Mandava devolver na hora o presente a quem supostamente o dera ou obrigava o filho a voltar e a deixar no mesmo lugar em que estava aquilo que ele alegara ter achado na rua. Não entendia o porquê disso, mas obedecia medrosamente.

– Filho meu não acha nada na rua, nem ganha presente de estranho, sem mais nem menos. Esbravejava Ordália.

Mas ele queria e precisava daquele livro. Estava ao alcance de suas mãos e posto à sua disposição. Ambos parados à beira do muro não se falavam. Tuta arriscou pensar. *Quem sabe eu posso levar para a casa esse livro e escondê-lo entre meus cadernos e objetos escolares mantidos no guarda-roupa de meu quarto? A mãe nem vai perceber sua existência, ela nunca especulou nem mexeu em meus guardados! Melhor aceitá-lo, pois não fui eu quem*

furtou, nem teria como juntar dinheiro para comprá-lo. Cedeu à sua vontade e recebeu do menino o tão desejado presente. Com isso Augusto vestiu-se com uma perceptível e maior alegria. Após entregar o livro a Tuta o menino com impigens deixou sua companhia e retornou rapidamente para a portaria do Ginásio. Tuta nem olhou para trás tão encantado ficara com o livro que agora era seu. Imaginou que com ele poderia vencer as dificuldades do aprendizado do Latim e enfrentar o professor em suas imprevisíveis chamadas orais.

Ao chegar em casa passou pela sala onde a mãe Ordália costurava, escondendo o livro preso na cintura embaixo da blusa do uniforme escolar e indo direto para seu quarto. Acomodou-o entre seus pertences e foi almoçar quietamente para depois iniciar o cumprimento de alguns de seus afazeres diários: lavar os pratos, limpar o chão da cozinha, varrer o pequeno quintal e arrumar seu quarto. Pensou em não contar nada à sua mãe. Nada sobre o reencontro com Augusto, muito menos sobre o livro.

Passou a ter seu primeiro segredo.

IV

Ordália nunca soube se preocupar com problemas escolares de seu filho caçula, daí não se importando em examinar ou mexer em seus cadernos ou livros guardados no quarto. Custeava a compra de alguns deles quando solicitada por Tuta, porém, pouco letrada que era, desconhecia a finalidade ou o conteúdo dos livros que às vezes comprava a seu pedido. Cuidava tão só da obrigatória frequência às aulas, acordando-o bem cedo, preparando seu café da manhã e zelando

para que seu uniforme estivesse sempre limpo e bem passado. Orgulhava-se em poder dizer à sua vizinha, Dona Uasna, que Tuta nem precisava estudar na véspera da sabatina de Matemática porque sabia que nessa tão temida matéria ele só obtinha excelentes notas. Contudo, desconhecia as dificuldades que ele tinha em Latim ou as cabulações das aulas de Trabalhos Manuais. Nunca soube das razões pelas quais seu filho ficava dependente de exames em segunda época, porque Tuta nunca as detalhou. No ano seguinte ficava feliz ao saber da promoção do filho com sua matrícula na nova série.

Coutinho continuava a trabalhar diariamente na máquina de beneficiar arroz, ganhando pouco salário e vivendo também distanciado das questões relacionadas com os filhos. Silencioso em casa, pouco especulava sobre pequenos problemas. Observava que Tônico tinha um bom emprego na farmácia, ganhando seu dinheirinho, e que Tuta estava indo bem na escola, passando de ano. Suas preocupações voltavam-se particularmente para Juvelina que continuava morando na casa dos pais sem nenhuma perspectiva de casamento ou hipótese de sair dela para constituir família própria. Sobre isso ouvia reclamos diários de Ordália, alusivos à inoperância da filha solteirona. Segundo Ordália ela não era uma ajuda, antes um estorvo dentro de casa, negando-se a auxiliá-la nas costuras e não se dispendo aos serviços domésticos, muitos desses atribuídos ao filho caçula e cumpridos por ele. Coutinho, porém tinha conceito diferente de Juvelina, condoendo-se por vê-la tão isolada e sem motivações na vida. Tuta mantinha uma certa indiferença com relação à irmã por não terem nada em comum, embora em princípio não se implicassem. Ele com 13 e ela com 26 anos. Ele estudante e ela sem emprego, permanecendo isolada em casa. Vez ou outra percebia-se que Juvelina arranjava um namorado passageiro,

ora um moço sem profissão definida e de fama duvidável, ora um viúvo também morador da vila que por ela se interessou e com quem manteve encontros casuais por um bom tempo, não chegando a passar disso. O ambiente em casa só conheceu melhoras quando ela aceitou um trabalho de auxiliar de renomada costureira na cidade. A partir de então passava o dia todo nesse emprego, embora com pequena remuneração. Ordália e aliviou-se.

De quando em vez tia Natália recebia Tuta com carinho especial, e era comum ele ficar horas em sua casa conversando com os primos mais velhos, aprendendo posições básicas no violão de Aníbal ou combinando com Paulinho, seu primo mais novo, a composição de uma história a ser escrita a quatro mãos com forte influência das dos *comboys* americanos contadas nos gibis que liam. A casa de Natália parecia-lhe um lar mais feliz, cheio de gente alegre sempre disposta a entabular boa conversa, fazer brincadeiras uns com os outros, sem reclamos da vida, apesar de pobres. Cada um dos primos mais velhos conseguira um trabalho – como empregado numa indústria de máquinas agrícolas, como tintureiro ou como pintor de paredes. Todos trabalhavam, excetos os menores, que ainda estavam em idade escolar, e José Carlos, com seus problemas de epilepsia. Em finais de semana Acácio e Aníbal, os mais velhos, apresentavam-se em quermesses ou em roda de violeiros nas festas de casamento ou de aniversários. Não raro Tuta os acompanhava como fiel admirador. Gostava de vê-los ponteando a viola.

Numa dessas festas, um sábado à tarde, próximo à sua casa e com permissão de ida dada pela mãe, Tuta acompanhava os primos e ali se reencontrou com Augusto. Sentaram-se num banco no quintal dos fundos da casa e ficaram observando as muitas crianças passarem correndo por eles

e as mulheres tagarelando à sua volta. Não despertaram nenhuma atenção dos demais. Fartaram-se de tomar guaraná e pela primeira vez iniciaram uma conversa um pouco mais longa. Tuta evitava pensar antes de formular suas perguntas como se quisesse ou pudesse impedir que seus pensamentos fossem descobertos e sobre esses viessem respostas prontas e antecipadas. Outra vez quis saber mais sobre aquele menino, a começar sobre como soube da necessidade que ele tinha do livro de Latim, sem que nada disso lhe houvesse sido dito, nem que Tuta tivesse pensado em livro quando nos encontros anteriores. Foi sobre isso o começo da conversa.

– Como é que você soube que eu precisava do livro de Latim?

Augusto sorriu aparentando tranquilidade e com ar de superioridade. Abriu os braços à frente como a demonstrar que a resposta a essa pergunta fosse elementar e simples, enquanto Tuta aguardou fixando-o com ar de curiosidade.

– Eu via você saindo do Ginásio em dias que tinha aula de Latim e nunca o vi com esse livro. Foi fácil deduzir que você não o possuía. Eu sei que ele é caro e que você não ia poder comprar. Só quis lhe fazer um bem e não fiz nenhuma maldade com os outros.

Tuta ouviu sem concordar com a interpretação dada por Augusto quanto ao ato cometido. Não lhe era possível admitir que o furto de um livro da livraria de seu Agenor fosse considerado um ato de menor importância ou que devesse ser posto de lado para simplesmente valorizar uma intenção, por melhor que essa fosse. Rebateu de pronto.

– Fez sim! Você furtou um livro do Seu Agenor e isso é uma maldade. Ele vive de vender livros.

Augusto sentiu-se acuado pela incisiva acusação que lhe foi imposta e por instantes recolheu seu sorriso, distraindo-se

com as crianças que corriam pelo quintal à sua frente. Reacomodou-se no banco e tentou justificar-se evocando uma vez mais o propósito que teve ao praticar aquele ato.

– Mas o ato foi por boa causa, você não acha?

Tuta continuou refutando o raciocínio de Augusto, sem agressividade, mas sem deixar de fitá-lo com desafiante olhar de censura.

– Não! Não acho. Nem a melhor das causas justifica esse ato. Se fosse assim todo mundo que precisa de algum livro ou de alguma coisa e não tem dinheiro para comprar pode se achar no direito de roubar dos outros o que precisa. Isso não é certo!

Um silêncio interrompeu o diálogo sem encerrá-lo de vez, tanto que a um ou a outro pareceu ser necessário primeiro pensar melhor no que deveria dizer em seguida e buscar sólido argumento para prosseguir com segurança. Augusto retraiu-se mostrando-se ligeiramente atingido. Voltou-se para Tuta e o observou com admiração, julgando-o não apenas um menino prudente, mas também um estudante inteligente o bastante para saber avaliar o fato com profundidade. Teve ser vencido na argumentação e vir a ser inculcado por falta imperdoável. Deduziu ser melhor recuar e buscar solução conciliadora.

– Você tem razão, Tuta. Quer que eu devolva o livro para o Seu Agenor?

Tuta se recordou que na noite anterior, quando estudava declinações naquele livro, ele já havia pensado em devolvê-lo. Pediria desculpas a Seu Agenor em nome de seu amiguinho e ficaria aliviado por não continuar detendo consigo uma coisa furtada, apesar de reconhecer a enorme necessidade que tinha daquele livro e de saber o quanto esse poderia ser-lhe útil.

– Eu já pensei nisso. Não gosto de esconder nada e fico incomodado quando pego o livro e lembro que ele foi furtado. Dá vontade de devolver. Acho que é o que vou fazer.

Para Augusto essa fala de Tuta abriu nova oportunidade para que ele insistisse na mesma linha de sua primeira argumentação. Acentuou que Tuta não tinha nenhuma responsabilidade pelo ato cometido, admitindo até ser possível repará-lo sem deixar sequela.

– Eu não acho. Não foi você que pegou, como é que você vai devolver? Você não tem culpa nenhuma. Você ganhou o livro de presente. Fui eu que dei. Se alguém tem que devolver, esse alguém sou eu e não você! É isso o que você quer?

O filho de Ordália e Coutinho percebia que o menino com impigens finalizava suas considerações sempre apresentando nova questão a ser respondida por ele. Deu-se conta de que Augusto tentava lançar sobre ele toda a obrigação e responsabilidade da decisão sobre o que deveria ser feito com o livro. Não se esquivou disso.

– É. É isso o que tem de ser feito. Preciso do livro, mas não fico com nada que foi roubado dos outros. Vou devolver.

Augusto ainda tentou por mais uma vez dissuadir Tuta dessa obrigação.

– Você me traz o livro e eu devolvo!

– Não. Eu mesmo vou devolver. Conto para Seu Agenor que foi você que bateu e que depois quis me dar de presente e eu não aceitei. Ele nem te conhece! É melhor falar a verdade e a verdade é essa!

Vencido, Augusto ainda pretendeu minimizar a questão e suavizar o debate.

– Você está bravo comigo porque eu fiz isso?

– Não. Eu não estou bravo, só acho que você não deve mais fazer isso. É até pecado uma coisa dessas!

– Mas o pecado é meu, não é seu! E eu não ligo muito para esses negócios de religião...

Tuta se enfadou com a postura de Augusto. Estava decidido a entregar o livro a Seu Agenor logo na segunda-feira. Esquivou-se de entrar em assunto relativo a pecado ou crença religiosa. Ele sempre tivera formação cristã e sabia que *não furtar* é um dos dez mandamentos ditados pela igreja católica.

– Não é uma questão de religião. É questão de honestidade! Furtar é coisa que não pode, em qualquer religião. Vou devolver o livro. Tchau.

Decidido, o filho de Ordália levantou-se do banco e deixou o quintal da casa onde estava havendo a festa. Augusto permaneceu sentado ali por mais algum tempo, sem dizer palavra ou esboçar reação. Acompanhou com os olhos a rápida saída de Tuta admirando-o pela sua altivez.

V

Na segunda feira, logo após as aulas da manhã – inclusive a de Latim, na qual foi submetido a uma chamada oral e houve-se bem, porque foi sobre ponto que ele havia estudado antes – Tuta caminhou até a livraria levando o grosso livro a ser devolvido. Não tinha incertezas. Estava convicto de que ia fazer o que era preciso e certo, embora um tanto temeroso quanto à reação do livreiro quando viesse a ser notificado sobre o furto. Convenceu-se de que não estaria cometendo nenhum novo ato reprovável, bem ao contrário, iria devolver um objeto furtado por Augusto. Concluiu que não poderia

ser admoestado pelo ato da devolução, ainda que tivesse que confessar ter tido posse temporária daquele objeto. Entrou na livraria e chamou pelo dono.

Seu Agenor estranhou ser procurado por aquele menino apequenado trajando uniforme escolar e vestido de uma timidez perceptível. Surpreendeu-se quando notificado que se tratava da devolução de um exemplar do livro de Napoleão Mendes de Almeida e mais ainda quando ouviu a explicação dada para justificar esse gesto.

– Seu Agenor, eu vim devolver esse livro de Latim que um amigo meu chamado Augusto pegou daqui e saiu sem pagar. Ele me deu de presente e na hora eu aceitei porque precisava dele. Mas não posso ficar com ele porque fiquei sabendo que ele foi furtado daqui. Vim devolver ao senhor e peço que o senhor desculpe meu amigo. Ele também não quer causar prejuízo ao senhor.

O bondoso livreiro ouviu sem nada dizer, impressionado com a segurança de atitude daquele menino. Tomou nas mãos o livro, folheou-o lentamente para examinar se nele havia anotações ou rabiscos e uma vez constatado que estava novinho e limpo depositou-o sobre uma escrivaninha coberta de papéis avulsos e esparsos. Voltou-se para Tuta e o fitou seriamente através de seus óculos com lentes de fundo de garrafa que tornavam imensos seus olhos quando vistos de perto. Para quem não conhecia Seu Agenor, nem sabia de sua boa educação e fineza no trato, aqueles olhos enormes eram quase assustadores. Tuta estava de pé à sua frente e naquele instante não havia mais ninguém na livraria. O filho de Ordália olhava ansioso para o livreiro e aguardava dele uma manifestação antes de aprontar-se para sair. Não demorou a ser questionado pelo dono da livraria com voz branda e suave.

– Quando é que seu amigo pegou esse livro daqui?

– Não sei, Seu Agenor. Ele não me disse que dia foi. Mas deve ter sido na semana passada, respondeu Tuta, passando a sentir maior temor ante a probabilidade de novas perguntas.

– E você ainda precisa desse livro? – emendou o dono da livraria.

– Precisar eu preciso, Seu Agenor, mas não posso ficar com ele porque eu não posso pagar.

Seu Agenor aproximou-se um pouco mais de Tuta, encarou-o bem de perto, deixando que seus olhos fossem vistos ainda mais aumentados pelas grossas lentes de seus óculos, pousou vagarosamente sua mão direita sobre o ombro esquerdo do menino, sentindo nessa mão que todo o corpo de Tuta começava a tremer como se um medo incontável o tivesse possuído. Pousou sua outra mão sobre seu ombro direito e quase tocando seu rosto de encontro ao rosto de Tuta, fez uma nova pergunta que para esse soou como ameaçadora.

– Sua mãe sabe que você veio aqui devolver esse livro?

Tuta estremeceu. Sua mãe não sabia sequer que ele tinha recebido o livro como um presente dado por Augusto e muito menos sabia que ele chegara a levá-lo para casa como se fosse seu. Um maior arrepio percorreu seu corpo frágil quando se recordou que a mãe lhe recomendara não mais se encontrar com aquele menino por considerá-lo companhia nociva e perigosa. Sentiu-se flagrado em erro e antevia a cobrança que sua mãe lhe faria, inclusive com conseqüente e inevitável surra. É assim que ela iria reagir se o livreiro lhe contasse essa história! Pensou em responder que sim, que foi sua mãe quem o orientou para fazer isso, visando a evitar que Seu Agenor pudesse procurá-la, mas recuou dessa ideia com receio maior de começar a mentir. Sua mãe sempre lhe disse que quem mente uma vez tem que preparar novas mentiras

para suportar as consequências da primeira. As mãos do livreiro começavam a pesar sobre seus ombros e Tuta optou por dizer a verdade também porque aprendera com o pai que esse é o caminho mais curto.

– Não senhor! Minha mãe não sabe de nada. Nem contei pra ela que eu cheguei a receber de presente esse livro e que fiquei com ele por uns dias. Por favor, não conte nada! Se o senhor contar ela vai me bater!

Agenor puxa o menino Tuta pelos ombros e o faz encostar em sua avantajada barriga. O filho de Ordália é um tremor só, angustiado pela confissão de uma culpa que a princípio não era sua, mas que agora começava a sentir como se tivesse sido ele o autor do furto. O livreiro o abraçou com o carinho devido às crianças inocentes e depois levemente o afastou de si, continuando a mirá-lo de perto com seus enormes olhos ampliados, mantidas suas mãos sobre os ombros do menino. Tuta estava dominado e estático sem saber o que dizer ou o que pedir. Sua respiração acelerou e ele se viu tomado por um temor enorme da punição futura a ser imposta pela mãe em face do que tinha feito ou do que estava fazendo. Seu Agenor não o libertava, mantendo-o sob seu controle. Não se livrava da lembrança da mãe Ordália e imaginou que certamente ela iria exigir dele detalhadas explicações sobre esse caso, sem aceitar nenhuma delas por mais procedente que fosse. Esperava pelo final do encontro com o livreiro porque temia mais pelo futuro enfrentamento com sua mãe. Seu Agenor sorriu e finalizou docemente.

– Escuta aqui menino! Vou dizer uma coisa para você! Quando alguém como você não aceita ficar com um livro porque descobriu que ele foi furtado e vem até aqui para devolver, sem falar nada com a mãe nem pedir conselhos a ninguém, eu só posso dizer que você é um menino honesto

e corajoso. Merece consideração! É assim que tem de ser na vida. Não furtrar, nem mentir e não querer enganar os outros, tendo coragem de enfrentar a verdade. Parabéns, menino! Só por causa disso eu vou dar a você esse livro que você precisa. Você merece! Pode levar pra casa e dizer à sua mãe que fui eu que dei e que agora ele é seu.

Por instantes Tuta relutou em aceitar a oferta do livreiro apesar de aliviado e agradecido por sua decisão. Pensou no que deveria dizer à sua mãe para justificar que um livro tão caro como esse tivesse sido um simples presente. Sua mãe não iria acreditar nem aceitar isso, o que faria com que tivesse que continuar escondendo o livro entre seus pertences escolares. Resolveu falar disso ao livreiro.

– Seu Agenor, se eu chegar em casa com esse livro e falar pra minha mãe que foi o senhor que me deu ela não vai acreditar e vai mandar eu devolver na hora.

O livreiro entendeu de pronto a preocupação do menino e rapidamente pensou numa solução para o caso. Faria uma dedicatória para comprovar que se tratava mesmo de um presente. Perguntou o nome do menino e o de sua mãe, apanhou o livro que pusera sobre a escrivaninha e escreveu em sua primeira página. *“Sra. Ordália, esse livro é um presente para seu filho Tuta, pela honestidade e coragem desse menino que merece ser bem tratado porque é muito bem educado e um bom estudante”*. Pegou um carimbo da loja, carimbou embaixo, datou e assinou seu nome de forma ilegível.

– Pronto, Tuta! Agora você pode levar e mostrar para sua mãe que você ganhou esse livro. Não tenha medo. Está bem, assim?

Em casa Ordália costurava na sala quando Tuta chegou e dele emanava uma atmosfera de enorme alegria. O rosto da mãe estava marcado por um semblante de preocupação

e antes que o filho falasse qualquer coisa foi imediatamente questionado sobre o porquê da demora em chegar em casa. Ela sempre soube a hora certinha dele retornar do Ginásio. Tuta não se incomodou, estava tranquilo e feliz. Contou que passou pela livraria e que ganhou de Seu Agenor o livro de Latim. Mostrou-o à mãe abrindo na página da dedicatória. Ordália observou o escrito ali sem entender quase nada, embora tenha reconhecido seu nome encimando o texto. Teve dificuldade para ler o restante do manuscrito, olhou para o carimbo e o rabisco como assinatura e perguntou a troco de quê o livreiro tinha presenteado aquele livro. Tuta simplificou dando ao caso uma versão um pouco modificada.

– Mãe, eu conheço o dono da livraria porque sempre vou lá olhar os livros e cadernos, mesmo sem comprar nada. Dessa vez ele perguntou se eu precisava de alguma coisa e eu disse que precisava do livro de latim, mas não podia comprar porque não tinha dinheiro. Acho que ele ficou com dó de mim. Acabou me dando esse livro. Na hora eu não aceitei porque a senhora não iria acreditar. Então pedi para ele escrever isso aí para provar para a senhora que foi ele que me deu. Pode ir lá e ver que é verdade!

Ainda não convencida de toda a verdade dessa história, Ordália quis retomar a leitura da dedicatória, o que para ela não era fácil. Tuta acompanhou em voz alta auxiliando a mãe a decifrar as palavras do manuscrito. Terminada a leitura, Ordália devolveu o livro ao filho e observou encerrando.

– Qualquer hora dessas eu passo lá para saber direitinho dessa história. Agora vai almoçar e cuidar de sua obrigação!

VI

Era bem provável que Ordália não percebesse que com o passar do tempo Tuta estava se tornando um jovem com plena consciência de suas capacidades pessoais, inteligente e dedicado aos estudos, com anseios e desejos cada vez mais amplos e com vontades afloradas. Continuava a tratá-lo como se ele ainda fosse uma criança, o filho caçula, dependente. Via nele uma série de qualidades, mas jamais as proclamava. Bem ao contrário, sempre que a ele se referia nas conversas com visitas recebidas em casa cometia a indelicadeza de dizer que Tuta tinha todos os defeitos do mundo, menos o de responder desaforadamente para a mãe ou de desobedecê-la. Isso porque eram essas as qualidades que Ordália julgava serem as mais importantes de todas para um menino daquela idade. Foi indiscreta ao contar às suas conhecidas que era ele quem executava diariamente várias tarefas domésticas como lavar pratos, limpar o chão da cozinha, varrer o quintal e passar roupas com esmerado capricho, sem se dar conta de que sendo essas tarefas de mulher poderia constranger um menino. Tuta incomodou-se com essa revelação a estranhos. Revoltou-se intimamente por não ver reconhecidos seus valores e qualidades e com o fato de a mãe só lhe impor defeitos. Pensou que sendo assim, logo poderia também responder com desaforos e desobedecê-la, pois isso seria só um defeito a mais para quem já tem todos os demais defeitos do mundo. Começou a mudar seu comportamento. Ao chegar do Ginásio tirava seu uniforme, almoçava apressado e dizia à mãe que não podia executar tarefas domésticas porque tinha necessidade de sair para estudo em grupo. Ordália acreditava e por vezes até cuidava de auxiliá-lo para que ele não faltasse

aos aludidos compromissos escolares, recomendando levar guarda-chuva ou agasalho quando o dia era chuvoso ou frio. Tuta não aceitava e saía para vagar à toa no centro da cidade, parando aqui e ali e só retornando no final da tarde. Demorava-se à frente do cinema apreciando os cartazes de filmes anunciados, passava pela farmácia onde trabalhava um amigo de seu irmão, por vezes assistia a jogos de sinuca num bar de esquina e na volta entrava no Ginásio, indo até à biblioteca para enlevar-se olhando as prateleiras de livros. Ficou sabendo que como aluno do Ginásio poderia retirar livro da biblioteca e levá-lo para casa por uns dias. Descobriu Monteiro Lobato e se encantou com a seguida leitura das muitas aventuras de Narizinho. Retirava na sequência os livros desse autor e dizia à mãe que a leitura era obrigatória, exigida por sua professora de português. Ordália não estranhou o recolhimento do filho, muitas vezes silenciado em seu quarto, absorto na leitura, dele cobrando cada vez menos o cumprimento de tarefas domésticas.

Aos 13 anos, Tuta sentia-se um adulto querendo voar mais alto e para bem mais longe. Para ele Cruz das Almas começava a ficar pequena, suburbana, enfadonha e preconceituosa. Explorara e conhecera todos os seus recantos: as margens do Itaguaí, desde as proximidades da Barreira dos Cipós até a ponte alta que levava à saída da cidade, com trechos e locais que receberam bem humorados apelidos da parte de seus moradores; as ribeirinhas do riacho São Lourenço, em cujas águas meninos desavisados brincavam pelados; o bairro das putas, que a ele pareciam mulheres misteriosas e agressivas quando as via preguiçosamente encostadas nos batentes das portas à espera de clientes; as vilas que se estendiam no outro lado do riacho com gente humilde em suas esparsas casinhas de tábuas; o escuro das ruas nas noites de lua nova,

prazerosas para os namorados que caminhavam sem pressa; as praças e igrejas; os inseguros barracões ameaçando desabar e um ou outro casario antigo que ele apreciava. A cidade não mais lhe escondia segredos. O Ginásio era seu melhor refúgio, tanto que não gostava dos períodos de férias porque nesses ficava privado do convívio diário com seus colegas. Sabia que quando do retorno o tema de redação na primeira aula de Português seria: *Como passei minhas férias* e ele iria escrever o que sobre isso? Sobre a vazia rotina de seus dias sem aulas?

VII

Tuta estava parado ao lado da cantina do Ginásio à espera do sinal de fim da aula. Saiu um pouco antes da sala após completar uma prova de Matemática, disciplina que não lhe impunha a menor dificuldade. Passou por ele uma senhorinha sorridente e simpática que lhe perguntou se ele viu por ali o Professor Crispim. Tuta respondeu: “Não o vi”. A senhorinha parou, voltou-se para ele e o interpelou: “Como é que você disse”? Tuta se encabulou supondo ter dito o que não devia e timidamente respondeu: “Eu disse que não vi”. A senhorinha era D. Eulália, a coordenadora pedagógica do Ginásio, que olhou bem de perto para ele e lhe disse baixinho que não foi bem assim que ele falou. “Você disse ‘não o vi’, não foi?”. “Foi”, respondeu Tuta, encolhendo-se em sua timidez. D. Eulália sorriu, olhou no fundo de seus olhos e acrescentou.

– Meu filho, o que me admira foi você ter falado de maneira tão correta: “Não o vi”! Em que serie você está?

– Na segunda.

– Pois então. É muito bonito ver uma criança como você falando um português tão correto. Você é um menino inteligente e bem educado. Você tem futuro, meu filho. Parabéns!

Os elogios daquela senhorinha tocaram fundo na alma de Tuta. Sua mãe nunca o elogiara assim. Ninguém antes lhe dissera que ele tinha algum valor. Encantou-se com ela e procurou conhecê-la mais de perto, adotando-a como se pudesse ser sua madrinha protetora. Para ele, ela era uma formidável mulher de figura frágil, porém incomensuravelmente forte, que por certo sabia decifrar os enigmas mais profundos dos sentimentos infantis. Para ele, ela passou a ser o exemplo de mulher sempre inteira, desafiando infortúnios, resoluto e ágil de palavras na execução de sua dócil tarefa de ofertar amor. Percebia que ela retinha em si traços que a conservavam com um surpreendente ar de mocidade, mesclado com uma inquietante e extraordinária argúcia e um interesse continuado em descobrir o novo e não sabido, para trazê-lo visto e conhecido. Exatamente do que Tuta mais gostava. Isso fez com que ele passasse a querer vê-la ou estar perto dela sempre que possível, indo conversar com ela.

D. Eulália imprimia à vida um agradável sentido de humor ao narrar fatos ou falar de coisas, por vezes inserindo em suas falas uma pitada de crítica mordaz ou uma adequada malícia. Apesar de sua aparência franzina, D. Eulália carregava um certo quê de mãe protetora, sempre pronta para acautelar-se no zelo de seus filhotes ou oferecer abrigo seguro às crianças de olhos amedrontados. Seu ar amável tinha algo de familiar, daí ser adotada por Tuta como sua madrinha no Ginásio. Miúda, D. Eulália possuía traços expressivos, golpes de vista rápidos, olhos brilhantes de curiosidade mal dissimulada

pelos óculos pequenos que lhe acrescentavam um toque professoral. Em encontros futuros, D. Eulália ensinaria a Tuta que as palavras têm vida e luz próprias, que é preciso conhecê-las de perto, na essência de seus sentidos e no ritmo de suas formas gráficas. Ela escrevia crônicas que brincavam com essas belezas. Seus gestos eram medidos e corretos, desenhados por mãos finas e pequenas, acompanhados com precisão pelas pausadas inflexões que ela sabia, como ninguém, imprimir a seus proparoxítonos.

Para Tuta, estar ao lado de D. Eulália era sentir-se protegido e estimulado apenas por tê-la por perto. Era ela quem acorria em defesa de seus pequenos, bancando um combate do alto da incontestável autoridade só conferida a quem é conhecedora maior dos temores e angústia que os acompanham. Impunha-se como guardiã, protegendo-os contra quem não fosse capaz de reconhecer afitos e necessitados entre os que aguardavam os intermináveis e inquisitórios exames orais, plantados em fila que o corredor engolia. Sabia distinguir com maestria o que era importante saber, daquilo que era apenas importante fazer saber. Por isso sabia cobrar. Por vezes Tuta ia até ela apenas para observá-la sentada à mesa em sua modesta e diminuta sala da orientadora pedagógica, quase oculta atrás de uma velha máquina Remington, fazendo discretas anotações enquanto ouvia relatos chorosos das artes e diatribes de alunos faltosos a ela encaminhados. Durante todo o tempo D. Eulália vestia-se de um sorriso e de um ar de cumplicidade com os pequenos confidentes. Dela a compreensão vinha sempre antes da repreensão.

Tuta sentia-se feliz por ter D. Eulália como sua adotada madrinha e protetora, ainda que ela não soubesse disso. Publicou no jornalzinho da escola seu primeiro poema de versos soltos, tendo como tema a rua onde morava. Recebeu

discretos elogios dela e de seu novo professor de História. Animou-se com isso e mais tarde publicou um poema em redondilha menor sobre o sol. Virou personagem de uma crônica de D. Eulália e sentiu-se importante. Por recomendação de seu novo professor de História, buscou na biblioteca livros de poetas brasileiros e pela primeira vez leu Manuel Bandeira, especialmente o indicado poema *Evocação do Recife*. Mais tarde identificou-se no poema *Cântico Negro*, de José Régio, porque esse autor sempre fez seus próprios caminhos e não gostava de seguir por onde os outros recomendavam. Como o poeta nascido em Vila do Conde também ele não ia por aí.

VIII

Uma noite em que Tuta voltava para casa depois de perambular até tarde pelo centro da cidade, teve a sensação de estar sendo seguido de perto. Bateu-lhe um medo na rua escura da vila. Inconformava-se com os atos de vandalismo praticados por moleques que usavam estilingues para quebrar as lâmpadas dos poucos postes que nela existiam. Apressou o passo e lhe pareceu que o barulho que fazia era duplo. Pressentiu que alguém estava andando a seu lado ou logo atrás. Decidiu enfrentar o medo e parou no meio da rua escura. Quando se voltou, distinguiu o vulto de quem o seguia e sentiu uma mistura de susto e de alívio. Era Augusto quem estava ali. “*Você me assustou*”, disse Tuta, surpreso com o inesperado encontro. Faltavam pouco mais de três quadras para chegar em casa e mesmo às escuras Tuta percebeu que Augusto estava sorrindo amigavelmente. Passaram a caminhar lado a lado como

se estivessem juntos desde o centro até ali. A companhia lhe retirou o medo da rua escura, mas lhe trouxe uma incômoda preocupação. *O que Augusto estaria fazendo a essas horas caminhando pelas ruas escuras da vila? O que ele quer de mim?*

– Só quero saber como é que você está e se você devolveu o livro de Latim, respondeu o menino com impigens antes que qualquer pergunta lhe fosse formulada.

– Devolvi e estou muito bem! Foi só por isso que você veio até aqui?

Augusto não respondeu de pronto e Tuta teve a estranha sensação de que havia algo a mais que motivara aquele menino a segui-lo até ali e que isso ainda não lhe fora contado. Parou novamente, fixou-o bem de perto como se exigisse dele uma resposta completa e teve uma forte premonição de que havia notícia ruim por trás do semblante de Augusto. Estavam a três quadras da rua da casa, após o que só restaria dobrar à direita para avistá-la e alcançá-la. Augusto sentiu-se pressionado pelo olhar interrogativo de Tuta e começou a falar vagarosamente.

– Tem algo estranho em sua casa nesse momento. Tem muita gente em volta dela e tem adultos e crianças chorando. Deve ser alguém que morreu, mas eu não sei bem quem. Acho bom você correr para lá!

Tuta teve um assombro e saiu correndo em direção à sua casa. Ao dobrar a esquina de sua rua viu uma reunião de pessoas acotoveladas ali, coisa estranha e inusitada a essa hora da noite. Pensou em sua mãe, lembrou-se da morte de Sabino e entrou rápido pelo portão a chamar por ela.

– Mãe! O que é que aconteceu?

Juvelina, a irmã, foi quem o interceptou no meio da sala e lhe contou que foi o marido de D. Uasna que tinha morrido. Ele era carpinteiro e teve um fulminante ataque do

coração quando concluí a armação do madeirame de um telhado na construção em que trabalhava. Seu corpo tinha acabado de chegar. D. Uasna estava inconformada chorando na cozinha da casa de Ordália. Os parentes e amigos preparavam na casa vizinha a disposição do caixão no meio da sala e acendiam altas velas enquanto dispunham um círculo de cadeiras para a noite de vigília.

Tuta saiu à procura do filho mais velho de seu José Agripino, amigo e companheiro de jogos com bolinhas de vidro na empoeirada rua à frente de suas casas. Não o encontrou. Ficou caminhando entre os homens da vizinhança que se reuniram ali, ouvindo conversas típicas dessas horas. À frente das duas casas os homens falavam da pouca idade de Zé Agripino e que ele estava com aparência de quem vendia saúde. Diziam-se inconformados por vê-lo morto aos 51 anos. Tuta dizia a si mesmo que a morte não era uma surpresa. Para ele a morte era a certeza da vida que chega sempre na hora marcada. Os homens falavam dos filhos do falecido, em especial do menorzinho, de apenas um ano, como se esse não fosse crescer e sofrer na vida independentemente de ter o pai vivo ou morto. Falavam da bondade do falecido, porque todos os mortos deixam para os que o velam só a imediata lembrança do que ele fez de bom na vida. Depois de morto só tem qualidades a serem evocadas.

Para Tuta um homem morto se desigualava dos mortais que permanecem vivos porque esses têm defeitos visíveis e comentados, cometem erros reprováveis e praticam atrocidades imperdoáveis ou até infamantes. Quando morre, dele só se fala que era um homem bom. Ajuizava consigo que a morte é séria, a vida é que não o é. Observou que em velório nunca se fala toda a verdade, a menos que às escondidas. Mas da morte nada se esconde. Ouviu que um dos homens parados

ali buscava as causas para o inesperado passamento, evocando a falta de socorro imediato ou comentando que pelo fato ter ocorrido em lugar afastado da cidade houve demora em transportar o infeliz até a Santa Casa. Mas Tuta compreendia que a morte não precisa de desculpas para ocorrer bastando que houvesse vida tanto nos homens quanto nos animais e nas plantas. O que o impactava era o irreparável, o fim, o eterno, o não voltar mais. Recordava-se de que quando da morte de Sabino ele o procurou entre as nuvens brancas no céu de Inhaúma, mas nessa noite não havia nuvens, só estrelas. Pensou que os homens querem ficar velhos, mas não se apressam para ir até elas. Mesmo quando não mais suportam a vida que levam não querem deixá-la. Velam um falecido e assistem à morte como se ela só fosse a dele, não a sua que está por vir. Em velório, quando se esgotam as considerações melancólicas, nem sempre totalmente verdadeiras, os homens mudam para assuntos do dia a dia, para a vulgaridade da vida, contando piadas insólitas e até se esquecendo de que a morte está ali presente. Tuta continuou caminhando entre os homens parados. Quando a noite de vigília os cansou, ele os viu afastando-se pouco a pouco, saindo discretamente como se pretendessem escapar de um desconforto e seguir para o dia de amanhã.

Era a terceira vez que Tuta vivenciava de perto um caso de morte. A primeira foi a de Sabino, antigo empregado de seu pai lá no sítio de Inhaúma, quando, ainda menino, chorou sem saber da finitude da vida humana. Depois foi a de sua avó, a velha Constância, quando também não sabia entender o porquê da enorme tristeza que invadiu o casarão da fazenda, tendo ido brincar com outros meninos no coreto da praça da igreja de Santo Antão, enquanto os homens diziam lastimar a perda de uma grande amiga. Nesse dia a morte de José

Agripino, marido de D. Uasna, vizinha amiga de sua mãe, novamente chegava muito perto de sua casa. Recolheu-se no quarto, deitou-se, fechou os olhos e ficou a observar figuras e cenas que lhe apareceram no fundo escuro de seus olhos fechados. Identificou um homem no meio de mata rala puxando um cavalo pelo cabresto; a pálida figura de um morto dentro de um caixão todo forrado de branco; nuvens apressadas tocadas pelo vento; um enigmático gatinho deitado no meio da sala; homens tagarelando em volta de um menino assustado; o prédio de seu Ginásio; a algazarra do recreio; meninas bonitas sorrindo para ele; um professor dando aula de história e ele próprio com uniforme caqui.

Adorreceu.

IX

Passaram-se semanas sem que Tuta voltasse a se encontrar com Augusto, embora por todo esse tempo tenha sentido estar sendo por ele acompanhado. Era como se ele fosse um encosto nem sempre agradável a espreitar seus caminhos e a invadir sua privacidade com a leitura de seus pensamentos. Contudo, não se via intimidado. Continuou indo regularmente às aulas do Ginásio, à missa nas manhãs dos domingos e à *matiné* do cinema local, vendendo velhos gibis para custear a entrada. Ia à praça central nas noites de final de semana para observar o rotineiro e enfadonho desfile das mocinhas na calçada do jardim e, por vezes, até um dos pontos do Itaguai, frequentado por meninos não sócios do Clube Náutico da cidade. Conhecia todos eles, embora nenhum fosse seu particular amigo ou companheiro. Andava sempre só, enlevado

apenas com o que observava ao seu redor, deixando que sua imaginação corresse solta pelos lugares frequentados, pelos caminhos percorridos, pelos olhos dos estranhos que o fitavam de forma interrogativa ou pela observação dos gestos impensados das pessoas com quem cruzava. Em tudo lhe parecia haver uma misteriosa e inexplicada simbologia. Para ele os lugares tinham história de ancestrais que antes viveram por aqui quando esses lugares não eram assim. Os caminhos não contam se estão levando ou trazendo seus passantes de algum lugar; as pessoas têm olhos de indiferença quando andam por esses caminhos e não meditam sobre quem os abriu ou os demarcou em muitas idas e vindas ao longo do tempo e o balanço dos braços das pessoas tem a mesma extensão da pressa com que elas caminham, nem sempre longo, a demonstrar um cansaço ou vontade de não ir para não ter que voltar pelo mesmo caminho pelo qual veio.

Para Tuta, o andar denunciava a idade das pessoas. O esperto e curioso andar dos jovens descompromissados, o arqueado e pensativo dos mais idosos e a leveza do caminhar das meninas adolescentes. Observava e analisava os gestos e movimentos de cada um, como se só assim melhor pudesse conhecê-lo. Nada lhe passava despercebido. Olhava para aquele homem de paletó axadrezado que caminhava pelas calçadas do centro com ambas as mãos nos bolsos da calça, mantendo a cabeça um pouco inclinada como se olhando para o chão, arqueada a coluna. Imaginava que ele devia estar com preocupações que o atormentavam ou com um vazio de alma a ponto de não querer ver para onde ia. Observava o senhorzinho de chapéu que andava de maneira imprecisa fumando seu cigarro de palha, porém carregado de certezas. A velhinha que marcava seus passos com uma bengala a pedir que o caminho lhe fosse curto. As duas mulheres que

andavam de braços dados distribuindo sorrisos para a vida e aquele menino descalço que chutava e corria atrás de uma castigada laranja pela rua desocupada.

Em casa Ordália permanecia entretida pedalando sua máquina de costura quando Tuta chegou da escola. Lançou lhe apenas um rápido olhar de cumprimento e o viu com ar contrariado. Questionou e ouviu a resposta do filho.

– Nada não, mãe. É que eu não fui bem na prova de Geografia. Essa matéria é chata.

Ordália não soube o que dizer. Voltou-se para sua costura enquanto Tuta foi trocar de roupa jogando seu uniforme escolar sobre a cama e seguindo para a cozinha para almoçar. À tarde não ficou em casa, foi caminhar em busca de nada, para encontrar-se consigo mesmo. Sentou-se na grama do parque em frente ao Ginásio e ficou observando os alunos do período da tarde que também se acomodavam por ali na hora do recreio. Foi à biblioteca, tomou por empréstimo um livro de Jorge Amado, retornou ao gramado, deitou-se à sombra de uma árvore ainda menina e iniciou a solitária leitura de *Mar Morto*.

Estava tão absorto nas histórias de beira do cais em Salvador na Bahia, imaginando-se dentro do saveiro de mestre Guma e em meio às aventuras contadas pelo autor com impressionante lirismo poético, que nem se deu conta da aproximação de Augusto que a ele se achegou trazendo-o de volta à realidade. A inesperada abordagem não o agradou. Fechou o livro, levantou o dorso apoiando-se nos cotovelos e reclamou da presença daquele menino que se acocorou a seu lado.

– Ô, Augusto! Você interrompeu minha leitura!

– Desculpe. É que eu vi você sozinho e pensei em lhe fazer companhia e conversarmos.

– Conversar sobre o quê?

Augusto incomodou-se com a rudeza da pergunta de Tuta. Também ele estava lendo *Mar Morto* de Jorge Amado, portanto ensaiou uma proposta que talvez agradasse a ambos.

– Que tal falarmos sobre esse livro que você está lendo?

– Você já leu?

– Estou lendo e achando ótimo! Fala dos homens que saem para o mar em frágeis saveiros deixando mulheres e filhos angustiados à espera na praia. Fala de Iemanjá, a rainha do mar que aprisiona esses homens num mundo mitológico criado pelo autor. Você vai gostar!

– Então me deixe ler.

– Você está irritado por causa da prova de Geografia?

– perguntou Augusto com insinuante desafio.

Tuta mais se incomodou. Por que tem sempre que dar satisfações do que sente, do que pensa ou do que houve a Augusto, que aparece em seu caminho e demonstra saber de tudo o que com ele se passa? Aparece e desaparece quando menos se espera. Leva-o a segui-lo, como o fez lá na estrada da Barreira dos Cipós. Segue-o como uma sombra, lê seus pensamentos, descobre do que ele mais precisa, antevê a ocorrência de fato em sua casa e invade sua privacidade. Voltaram-lhe as dúvidas quanto a se a continuidade dos encontros ou a companhia desse menino faziam-lhe bem ou poderiam resultar em algum mal, embora admitisse ser ele seu único amigo. Controlou-se para não ser mal educado.

– Sabe, Augusto? Eu não estou irritado com nada. O que eu quero mesmo é ficar sozinho aqui e ler meu livro, se você deixar. É da biblioteca do Ginásio e eu tenho que devolver até o final da semana. Não me leve a mal!

Augusto disse um “*está bem*” e levantou-se para deixar o parque. Tuta observou-o e tornou a notar que ele estava com

a mesma calça curta de brim marrom encardido e que em sua camisa branca de mangas curtas faltava um botão. Ouviu-o dizer antes de se afastar.

– Tuta, eu não entendo você! Você vive rodeado de gente, mas parece que está sempre sozinho, não gostando de companhia. Por que é que você se comunica tão pouco com os outros? Algum problema?

O filho de Coutinho e Ordália sentiu-se mais uma vez descoberto pelo menino com impigens. Reconheceu ser verdade o que ele disse. Bem sabia que se comunicava pouco, que não tinha amigos que saíssem regularmente com ele, que andava sempre sozinho, no mais das vezes falando consigo mesmo, que não procurava se enturmar com ninguém, mas que pouco se importava com o que os outros pensassem sobre ele. Gostava do convívio com pessoas e da companhia de seus colegas de Ginásio, ainda que não pertencesse a nenhum dos grupos que se reuniam no recreio para conversas vazias. Apreciava o movimento dos frequentadores da praça central, sentia-se bem na igreja assistindo à missa dos domingos, indo ao cinema ou aos recantos do rio Itaguaí nas tardes de dias quentes, mas no fundo reconhecia ser ensimesmado. Essa era sua maneira de ser e sentia-se bem sendo assim. Não se considerava tímido, pois estava sempre disposto a comunicar-se e a dialogar com as pessoas desde que essas e o assunto fossem de seu agrado e interesse. Lembrou-se de D. Eulália, a coordenadora pedagógica do Ginásio, com quem sempre que podia mantinha agradáveis e prolongadas conversas. Gostava de viajar pelo mundo dos livros que lia e essas viagens ele as fazia sozinho e com muito gosto. Não achava ser isso um problema.

– Não, Augusto! Eu não tenho nenhum problema! Sou assim como sou e acho que cada um é como quer ser. Não

incomodo ninguém e não gosto de ser incomodado. Principalmente quando estou lendo!

Augusto assimilou a resposta meio que contrariado e afastou-se pisando torto em seus velhos sapatos de saltos gastos de um lado só. Caminhou em direção à portaria do Ginásio sem que Tuta o acompanhasse sequer com os olhos.

Ouviu-se um sinal e o intervalo de recreio terminou com os alunos da tarde retornando às salas de aula. Novamente Tuta deitou-se na grama do parque, reabriu seu livro e retomou a leitura para reiniciar a viagem que fazia até o cais do porto de Salvador, embarcando no saveiro de Guma. Permaneceu assim e ali, navegando até o sol esconder-se. Como de outras vezes esse reencontro com Augusto deu-se de forma rápida e passageira, com poucos e curtos diálogos.

Capítulo 2

I

Uma antiga conhecida de Ordália, que residia numa paupérrima casinha de tábuas fincada no morro de Vila Olímpia, do outro lado do riacho São Lourenço, foi acometida de uma doença grave e morreu em poucos meses, deixando uma filha de onze anos e dois meninos de nove e sete anos. O marido a abandonara desde o nascimento do filho menor, desaparecendo nesse mundo de Deus sem dar nenhuma notícia. Houve até quem dissesse que ele teria sido morto a pauladas por um desconhecido no meio de um canavial da fazenda onde trabalhava, mas seu corpo jamais fora encontrado. Desde então ela vivia sozinha, criando os filhos com extrema dificuldade. Com sua morte os dois meninos foram mandados para a casa da avó materna, ainda moradora do Ribeirão das Onças, perto de Itaiporã, e a menina foi acolhida por Ordália, que se dispôs à caridade de cuidar dela até que outra solução viesse a ser encontrada. Chamava-se Jandira e frequentava o curso de admissão ao Ginásio pelo segundo ano consecutivo.

Menina bonita de pele clara, traços finos, mãos delicadas, rosto redondo e bem feito com uma covinha no queixo, cabelos longos alourados mantidos jogados às costas e com um corpo de mocinha querendo despontar como mulher. Poucos diriam estar ela só beirando os doze anos visto que

sua altura já alcançava a de Ordália. Jandira passou a fazer parte da família, dormindo no quarto de Juvelina. Trouxe para a casa um agradável ar de juventude e uma alegria contagiante com seu inocente sorriso de criança. Ordália ficou feliz com sua companhia. Confeccionou para ela algumas roupas novas e a vestiu com capricho; comprou e deu-lhe sandálias; ensinou-lhe noções básicas de higiene; a ter correta postura ao se sentar e a cuidar melhor dos cabelos. Acomodou seus poucos pertences num dos gavetões da cômoda de seu quarto e passou a mimá-la como se fosse ela sua nova filha. Jandira a chamava de *tia*, embora entre elas não houvesse nenhum parentesco. Em casa assumiu obrigações domésticas como lavar pratos, limpar a cozinha, varrer o quintal e arrumar os quartos, cumprindo-as com dedicação e prazer, sempre cantolando baixinho. Durante as manhãs Ordália ouvia sua vozinha e sorria de satisfação enquanto pedalava sua máquina de costura. À tarde ela frequentava o externato.

Tuta se encantou com a chegada de Jandira e desde logo buscou cativar sua amizade. Quis saber de seus estudos, tendo lhe sido confidenciado que ela tinha dificuldades com a Matemática. Ouviu-a dizer que não conseguia entender bem as operações com frações, nem com números decimais. Ofereceu-se para ajudá-la e ambos passaram a estudar juntos por uma hora diária após seu retorno do curso, embora Jandira se mostrasse pouco à vontade em sua presença. Não lhe abria nem um sorriso, não o fitava diretamente nos olhos e parecia enfadar-se muito cedo com suas insistentes explicações. Em seguida passou a inventar desculpas as mais variadas para não continuar os estudos com ele. Havia alguma coisa que a afastava, apesar do sincero e bem intencionado empenho de Tuta em se mostrar prestativo, atencioso e interessado em auxiliá-la. Ele percebeu que Jandira o evitava como se não

gostasse dele e isso o entristecia, a ponto de sentir-se enciumado quando a via recepcionar seu irmão de uma forma alegre e festiva quando este chegava do trabalho. Não conseguiu atinar com as razões pelas quais havia tanta diferença entre a atenção que ela lhe dava, ou que não lhe dava, e a que dispensava ao irmão, que pouco ficava em sua companhia. Supunha que devesse ser o contrário. Refletiu como deveria se comportar para que Jandira se tornasse sua amiga e passasse a lhe dedicar maior consideração. Desde o café da manhã, antes de sair para o Ginásio, Tuta ensaiava aproximação.

– Oi, Jandira! Dormiu bem?

– Dormi, respondia a menina sem lhe dirigir o olhar.

– Você gosta de estudar?

– Mais ou menos. É chato.

Ordália aparecia na cozinha e nem se dava conta de que Tuta estava tentando entabular conversa com Jandira. Dizia que ele estava atrasado para a escola e que ainda não tomara seu leite.

– Já vou, mãe!

A caminho da escola Tuta seguia pensativo, buscando entender por que razão havia tanta indiferença da parte de Jandira. Não lhe fizera nenhum desaforo; não cometera nenhum atrevimento desde que ela chegou; sempre a tratou muito bem querendo até ajudá-la no estudo de Matemática; nunca a incomodou com aproximação desavisada ou indevida enquanto ela executava serviços domésticos ou se aquietava ao lado de Ordália à noitinha; oferecia-lhe um sorriso a cada encontro dentro de casa, nunca por ela retribuído, e só queria tê-la como sua amiguinha cordial com quem pudesse conversar de vez em quando. Mas reconheceu haver entre eles uma enorme distância sem que houvesse um sabido motivo para tanto. Jandira evitava olhar de frente em seus

olhos como se não quisesse vê-lo ou conhecê-lo. Mantinha a cabeça baixa quando se cruzavam. Tuta imaginou que esse comportamento fosse menos por timidez e mais como fuga, espécie de medo de se deixar conhecer. Quem sabe se ele viesse a tratá-la também com essa mesma indiferença ela mudaria seu comportamento? Foi o que pensou e passou a fazer. Indiferença dói mais do que abandono. Deixou de lhe dirigir os costumeiros cumprimentos pela manhã, não mais lhe perguntando sobre nada, passou a fazer de conta que não a via quando se encontravam e com ela não mais puxou conversa. Passaram a conviver como dois mudos estranhos morando na mesma casa.

Sem demora Jandira percebeu a diferença e mostrou que essa mudança atingira-a em cheio, fazendo doer seu peito como se estivesse sendo abandonada. Tuta sabia que muito antes de deixar a família seu pai houvera parado de falar com ela e com sua mãe, mantendo um frio distanciamento que a então criança de apenas quatro anos jamais pode compreender. O pai ficava pelos bares a se embriagar até altas horas da noite e ela nem o via chegar em casa. Agora era Tuta quem passava a ignorá-la por completo ao longo de dias. Jandira entristeceu-se e antecipou a hora de seu recolhimento ao quarto de dormir por julgar estar sendo novamente vítima de abandono. Numa noite de sábado, Juvelina a surpreendeu choramingando baixinho no travesseiro e na manhã seguinte contou esse fato a Ordália, que logo a interpelou com muito carinho.

– Vem cá, minha filha! Você anda muito tristonha esses dias. Conta para a tia o que é que tá te incomodando!

Jandira enfadou-se com o inusitado da intervenção e olhou assustada para os olhos de Ordália, percebendo nesses um claro sinal de que estava sendo descoberta. Esquivou-se

de responder limitando-se a dizer um vago “*não tem nada, não, tia*” enquanto saía rápido da sala de costura em direção ao quintal. Paciente, Ordália não a chamou de volta preferindo aguardar outra oportunidade para saber o que havia.

Nessa manhã Tuta estava enleado e quieto junto à borda do poço no quintal desenhando figuras humanas nas últimas folhas de seu caderno espiral. Jandira aproximou-se dele com ar angustiado no rosto e o questionou num tom semelhante a um pedido de ajuda.

– Você tá brigado comigo?

Pela primeira vez Tuta viu Jandira à sua frente como uma menina diferente, agora frágil e carente, olhando direta e fixamente para o fundo de seus olhos. Interrogativa, demonstrava estar à espera e interessada na resposta. Não era mais quem sempre era vista em casa como uma menina alegre, segura de si e ativa sob a sabida proteção de “tia” Ordália, nem a Jandira que dele evitava a companhia e mostrava desinteresse em conversar com ele. Naquele momento Tuta a viu como uma criança desamparada à busca de explicações sobre fato que devia tê-la atingido. E ele sabia do que se tratava e que fato era esse, pois fora ele mesmo quem planejara, embora por seguidos dias também ele tivesse sentido falta de poder estar com ela sob a condição de, pelo menos, um distanciado relacionamento. Sorriu e no íntimo orgulhou-se do sucesso de seu plano. Respondeu com doçura.

– Não! Eu não estou brigado nem um pouquinho com você. Eu só quis deixa-la em paz por uns tempos, já que você não gosta de conversar comigo. Não é você quem vive me evitando e não quer mais estudar comigo?

A resposta de Jandira foi curta e objetiva, sem voltios nem disfarces. Perdera o medo e se deixou conhecer.

– É que eu fico com vergonha.

– Vergonha do quê? Aqui em casa você é como se fosse minha irmãzinha!

– É, mas se você não fala mais comigo, eu me sinto abandonada de novo.

– “De novo” por quê? Sua mãe nunca a abandonou!

– Mas meu pai já!

Surpreendentemente Jandira começou a desfiar uma história cheia de passagens tristes. Falava baixinho e sem troços contando a Tuta que o pai metia-lhe medo no pouco tempo em que ficava em casa e que muitas vezes ela o viu batendo em sua mãe quando estava bêbado. Quebrava ou destruía as poucas coisas que tinham. Ela e o irmãozinho de dois anos encantoavam-se assustados no quarto, esperando a tormenta passar. Sua mãe chorava muito e pedia que ele a deixasse e fosse embora dali. Com ela o pai pouco falava e quando falava era para rallar por alguma coisa que ele dizia estar errada. Xingava-a de burra e lhe prometia uma surra para que ela *“aprendesse a fazer as coisas direito”*. Impunha verdadeiro terror dentro da casa. Às vezes era socorrida pela vizinha que ouvia os gritos de sua mãe e corria para retirá-la de lá junto com seu irmãozinho. Antes de desaparecer, seu pai a ignorou por completo, como se ela tivesse deixado de existir. Por semanas a fio ele não falou com ninguém em casa. Nunca mais a mãe ou ela ouviram a voz dele. Sua mãe só parou de chorar quando ele abandonou a família, logo após o nascimento de seu segundo irmãozinho, quando ela tinha pouco mais de quatro anos. Disse não guardar do pai nenhuma boa lembrança porque ele só a assustou e fez com que até hoje ela tenha medo quando sofre indiferença dos que a cercam. Sempre se sentiu abandonada por ele. Hoje sente falta da mãe. Falou que gosta muito de estar na casa da tia, mas não quer ser ignorada por ninguém. Pediu desculpas se por acaso agiu mal.

Tuta a ouviu com detida e respeitosa atenção. Admirou sua fluência verbal antes por ele não conhecida e durante a narrativa observou a inflexão dada por ela a cada uma das palavras, a extensão e o significado de cada gesto que as acompanharam e os marcantes contrastes das expressões de seu rosto quando se referia à mãe e quando falava do pai. Deduziu que só a partir de então é que ele passava a conhecer a menina Jandira. Descobriu que ela era vívida e inteligente, imaginando que com ela poderia vir a manter conversas interessantes. Por certo ganhara a amiguinha que desde sua chegada pretendia ter. Olhou-a com ternura, aproximou-se dela mais um pouco e sem tocá-la acrescentou baixinho.

– Você não precisa ter medo de nada. Aqui em casa todo mundo gosta de você e lhe quer muito bem. Ninguém vai abandoná-la. Essa é sua nova família e eu quero ser seu amigo. Quero ajudá-la e lhe ensinar Matemática sempre que você quiser e tudo o que você precisar de mim. Só isso! Você está melhor agora? Podemos ser bons amigos?

Jandira suspirou fundo sem tirar os olhos dos olhos de Tuta. Houve um intervalo de respeitoso silêncio entre eles. Ela teve a impressão de que o quintal girava em torno de ambos. Sentiu-se flutuando como se houvesse perdido o chão. Nunca contara a ninguém sobre o que com ela se passara, guardando em seu íntimo os desencantos e desconsolos de sua primeira infância, vivendo escondida de si mesma e temendo que tudo viesse a lhe acontecer de novo. Pensou em sua mãe e irmãos e seus olhos marejaram. Envergonhada, sorriu pela metade e abaixou a cabeça com a intenção de ocultar-se, como se lhe fosse possível tornar-se invisível para poder ver a todos sem ser vista por ninguém. Voltou a fitar o menino que estava à sua frente e o viu como quem sabe muito mais do que ela e que está a lhe oferecer amizade e

proteção. Quase se arrependeu da confiança que fez, mas sentiu-se aliviada por tê-la feito. Acreditou que Tuta poderia ajudá-la a guardar seus segredos. Aceitou ser sua amiga.

– Eu sou sua amiga!

– Então você não vai mais me evitar e podemos conversar e estudar juntos?

– Podemos, mas eu não quero que você conte para a tia o que eu contei. Você promete?

Tuta deduziu que a mãe Ordália devia saber dessa história de família com muito mais detalhes do que Jandira pudesse imaginar, uma vez que ela era amiga de longos anos de sua avó, com quem conviveu em Itaiporã, e por ter conhecido sua mãe desde pequena, vindo a ser a madrinha de seu casamento. Supôs que ela soubesse de todos os problemas conjugais que o casal teve, agravados pelo alcoolismo do marido. Mas não se esquivou ante o pedido de Jandira.

– Prometo!

II

Coutinho ganhou do cunhado Dorival, irmão de Ordália, um pequeno cachorro de raça impura, com aparência predominante de um buldogue com focinho curto. Redondo no dorso e com pernas meio curtas para seu tamanho, o animalzinho assumiu o controle do pequeno quintal, fazendo trapalhadas incríveis quando entrava na cozinha ou quando vinha à sala – para o desespero de Ordália, que o via mastigar seus retalhos caídos no chão. Ela não se enervava com o bichinho, quando muito lhe dava uns ralhos para que ele retornasse ao quintal. O temperamento do pequeno cão era

de confiança com crianças e de alta fidelidade a seu dono e família. Juvelina se mostrou indiferente ao cãozinho, não lhe dedicando nenhum agrado e ele a olhava como se não a conhecesse. Tuta passou a tê-lo como amigo para brincadeiras em suas tardes livres e a família demorou dias para lhe dar um nome. Coutinho passou a chamá-lo de *Moleque* e esse nome pegou.

A casa tornou-se mais alegre. Tuta tinha a descontraída companhia de Jandira nos finais da tarde, quando ela retornava do externato e o reencontrava, ofertando-lhe um sorriso em seu rosto de menina. Brincavam e se divertiam juntos com o cachorrinho, fazendo com que ele fosse buscar e lhes trouxesse de volta pequenos objetos lançados no quintal. Quando chegava do trabalho, o pai não se cansava de agradá-lo e nem se importava que ele subisse em seu colo e lambesse sua cara, enquanto fazia ruidosa festa balançando a pequena cauda curta e torta. Ordália sorria numa clara demonstração de que estava feliz, enquanto fazia correr o pano sob a sapatilha de sua máquina de costura. Jandira voltou aos estudos diários com Tuta e riam-se quando ele usava pequenos pauzinhos, partindo-os e repartindo-os para lhe ensinar frações.

Tia Natália vivia aquietada em sua casa à beira do riacho São Lourenço, nunca estando sozinha. Com ela permaneciam seu filho José Carlos, que continuava a sofrer diários ataques de epilepsia, sua filha Zulmira e seus dois filhos menores, ainda em idade escolar. À noite a casa ficava cheia de vozes com a presença dos filhos maiores, que retornavam de seus respectivos trabalhos. De quando em vez visitava Ordália, fazendo uma caminhada relativamente longa – menor do que a que separava Inhaúma de Itaiporã, porém sempre lhe parecendo mais enjoativa. Continuavam a se dar muito bem e a ser íntimas confidentes sobre assuntos familiares.

Seu marido Eliodoro há tempo não se entregava à bebida, apesar de com ela conviver de perto desde que adquirira um pequeno bar nas proximidades de um rústico campo de jogo de bola, na mesma vila onde morava a cunhada. Ordália contou à irmã sobre Jandira e da boa convivência que ela tinha com o filho Tuta, falou da alegria de Coutinho com seu cachorro e sobre a solteirice de Juvelina. Não havia reclamos da parte de nenhuma delas nas soltas e longas conversas que mantinham.

Natália estava satisfeita com a vida que levava desde que deixou Inhaúma e veio para a cidade, apesar das muitas dificuldades financeiras pelas quais passava, principalmente para conseguir manter dois de seus filhos ainda na escola. Não temia sair sozinha durante o dia, pois desde que fora benzida por Pai Gustavo nunca mais sofreu as misteriosas e inexplicáveis agressões. Ordália falou de Tuta, elogiou seu desempenho escolar e destacou que o mais velho está bem empregado. Antevia que Tuta deixaria Cruz das Almas assim que completasse seus estudos.

No final do ano Jandira foi aprovada nos exames de admissão e seguiu para a casa da avó, em Ribeirão das Onças, perto de Itaiporã, onde iria permanecer ao longo do período das férias de verão. Tuta completou o ciclo ginásial e ao lhe ser anunciado que não haveria uniforme escolar no curso seguinte, esse fato passou a ser uma preocupação antecipada. Ele tinha pouca roupa. Recomeçaram suas andanças pela cidade durante as manhãs e tardes desocupadas. Ordália sentia a casa silenciosa demais, vazia sem a presença de Jandira e com as demoradas ausências de Tuta. Enquanto costurava, era o cachorrinho *Moleque* o único a requerer ou a desviar sua atenção e fazer-lhe companhia até que Coutinho retornasse do trabalho. A vizinha Uasna, ainda inconformada com a

morte do marido, por vezes falava com ela através da cerca de balaústres que dividia os quintais. Desconsolo e reclamações de um lado e expressões de conforto do outro. Ordália era hábil no encontro de palavras certas para confortar a amiga e estimulá-la a continuar vivendo em função dos filhos. Ajudava-a sempre que podia e isso lhe fazia bem. Quando retornava à máquina de costura rezava baixinho um Pai Nosso e três Aves Marias, dando graças a Deus pela saúde de sua família.

Cruz das Almas aquietou-se a partir do mês de dezembro. Por um bom tempo deixaria de apresentar o desfile diário dos alunos uniformizados subindo e descendo a ensolarada rua do Ginásio, o que a fazia ser vista de longe como se estivesse molhada à luz do sol. Nas noites de final de semana as pessoas deixavam suas casas e iam formar longas filas para ingressar no único cinema, que anunciava lançamentos de filmes em *cinemascope* e *tecnicolor* projetados em tela panorâmica. Os jovens compareciam a encontros marcados e agrupavam-se no jardim da praça central. O burburinho só terminava após as dez horas, quando todos voltavam silenciosos caminhando sem pressa pelas ruas mal iluminadas. Famílias recebiam visitas de parentes e amigos para as festas de final de ano, mas tanto estes quanto os anfitriões mais permaneciam recolhidos no interior das residências. Nos dias de meio de semana a cidade mostrava-se vazia como se também ela estivesse em gozo de férias.

Tuta estava enlevado olhando através da grade que fecha o hall de entrada do prédio do cinema, apreciando os cartazes dos filmes ali anunciados. Observava admirado as fotos de Ingrid Bergman e de Gary Cooper e queria ver o filme *Por quem os Sinos Dobram*, cuja exibição estava programada para o próximo domingo. Assustou-se quando a mão de Augusto pousou em seu ombro.

– Poxa! Você sempre chega me assustando! – disse em tom de quem reprovava a repentina aproximação de Augusto.

– É que você anda sempre no mundo da lua, distraído e descuidado! –acrescentou Augusto, retrucando. Vai me dizer que você não percebeu quando cheguei?

– Lógico que não! Se eu tivesse percebido não teria me assustado!

Tuta não mais temia encontrar-se ou, melhor dizendo, ser encontrado por Augusto quando menos esperava, embora ultimamente esses encontros não tivessem ocorrido com frequência. Deixou de se preocupar com o poder que aquele menino tinha de adivinhar seus mais íntimos pensamentos. Agora ele pensava livremente em sua companhia, nada havendo a segredar. Não existia intenção de competirem entre si com argumentos conflitantes sobre qualquer assunto que naturalmente pudesse surgir em meio às conversas rápidas. Julgava que já conhecia bem seu amiguinho, apesar de continuar ignorando onde ele morava e o que fazia na vida. De sua parte, Augusto não demonstrava querer saber nada mais do que já sabia sobre Tuta. Sem que ninguém lhe tivesse contado, ele sabia da chegada da menina Jandira, que passou a morar em sua casa; do ciúme inicial sentido por Tuta; da conclusão de seu curso ginásial; do cachorrinho que o pai dele ganhou e do nome que a esse foi dado. Caminharam lado a lado em direção à vila, falando pouco um com o outro. Tuta observou que dessa vez Augusto estava usando roupas e sapatos novos. Uma calça comprida clara, bem passada a mostrar vincos na barra, uma cinta de couro nova e uma camisa escura riscada de fios brancos aparentando ser de boa confecção. Os cabelos estavam aparados e bem penteados, só não tendo se livrado das impigens que continuavam a lhe manchar a face. *Onde é que ele teria arrumado dinheiro para comprar essas roupas?*, pensou Tuta.

– É o presente que eu ganhei de Papai Noel! – respondeu Augusto antes que a pergunta lhe fosse formulada.

– Com essa idade você ainda acredita em Papai Noel? – questionou Tuta.

– E quantos anos você acha que eu tenho?

– Não sei! Acho que você tem a mesma idade que eu. Dezesesseis anos?

– *Tá* um grande engano! Sou bem mais novo. Só tenho treze! É que cresci demais. Todo mundo acha que sou mais velho por causa de minha altura!

Tuta espantou-se com essa revelação. Lembrou-se que há cerca de quatro anos, quando viu esse menino pela primeira vez, na estrada da Barreira dos Cipós e navegaram juntos pelo rio Itaguaí a bordo de uma canoa velha, ele tinha pouco mais de doze anos, portanto, se é verdade que Augusto hoje está com treze naquela época ele só tinha nove. Mas já era de seu tamanho e mostrava uma valentia e coragem não comuns para uma criança nessa idade. Difícil de acreditar! Recordou-se do segundo encontro que tiveram, na praça do jardim, quase um ano depois. Augusto lhe dissera naquela ocasião que havia sido aprovado no curso de admissão ao Ginásio, mas que não teve dinheiro para efetuar a matrícula. Ora, ou não é verdade o que ele diz agora, ou era mentira sua quando disse que já tinha prestado e sido aprovado naqueles exames!

– Menti para você naquele dia, explicou Augusto, com certo ar de culpa e arrependimento. Nem completei o Grupo Escolar, aduziu antes de ser questionado sobre isso.

– E como é que você lê um livro de Jorge Amado e sabe entender o enredo?

– Não sei! Eu apenas sei! Frequento a escola da vida e segundo o próprio Jorge Amado nessa escola não há férias. Aprendi a ler com cinco anos de idade.

– Com quem? Pergunta Tuta.

– Sozinho.

– E seus pais?

– Eu não tenho pais! Só tenho o Papai Noel, que no final de ano me dá uma roupa nova.

– E quem é esse Papai Noel? Como é que ele sabe onde você mora para lhe mandar presente?

– Não sei! Eu escrevo uma cartinha para ele pedindo uma roupa e digo que moro na praça do jardim. Aí ele me manda e o homem do Correio vem me entregar. Esse ano ganhei até sapatos novos.

– Uma vez você me disse que vinha da Barreira dos Cipós. Você vive por lá? –insistiu Tuta em sua inquirição.

– Não! Naquele dia eu vinha de lá porque estava com você. Você se lembra quando navegamos na canoa velha? É de lá que eu vim.

Houve uma confusão mental na cabeça de Tuta. Sentiu-se incapaz de bem entender as intrincadas respostas que Augusto lhe dava. A questão da idade que disse ter; o dizer que morava na praça do jardim e depois a fala de que veio com ele na canoa velha desde a Barreira dos Cipós; a afirmação de que não tem pais; a de que apreendeu a ler sozinho; a crença em Papai Noel... Tudo lhe parecia muito enigmático. Parou de perguntar, silenciou e pensou em Jandira e no cachorrinho Moleque, apressando o passo como se lhe tivesse batido uma vontade maior de chegar logo em casa. Augusto acompanhou-o no mesmo ritmo, surpreendendo-o outra vez com um sinistro aviso.

– Fala para o seu pai cuidar bem de perto do cachorrinho dele, o Moleque, porque tem gente que vai querer matar ele.

– Como é que você pode falar uma coisa dessas? Quem é que vai fazer mal a um cachorrinho? A troco de quê?

Alcançaram o final da rua asfaltada e Augusto não quis prosseguir pelo areão da avenida que os conduziria até a vila. Disse não querer sujar seus sapatos novos. Tuta também parou, fitando-o de maneira assustada e interrogativa, aguardando explicação sobre o que perguntara antes. O amigo não respondeu, disse um *tchau* e retomou a caminhada de volta ao centro, não sem antes virar-se para Tuta e replicar.

– Depois não diga que eu não avisei.

III

Tuta conheceu Irene na casa de uma amiga comum, quando participava de um estudo em grupo com colegas de classe para uma prova de Sociologia Educacional. Tinham ambos a mesma idade. Ela com os cabelos curtos aparados na nuca, vestindo saia e blusa pretas, calçando meias compridas também escuras e usando um cinto fino a lhe marcar a cintura. Sentou-se de forma despojada num pequeno sofá no canto da sala enquanto o grupo principiava a leitura de um texto. Era ela uma menina miúda, olhos alegres e espertos, sorriso bonito, desinibida e altamente comunicativa com sua curiosidade indiscreta sem chegar a ser deselegante. Bem educada, ficou apreciando em silêncio o estudo em grupo, só dele participando quando das soltas risadas que ora um ora outro nele provocava por intervenções bem humoradas ou comicamente descabidas.

Quando foram apresentados pela filha da dona da casa olharam-se demoradamente como se já se conhecessem há tempo. Tuta alegrou-se ao julgar ter ganhado uma nova amiga, encantando-se com essa menina. Irene admirara a

desenvoltura de Tuta na condução do estudo em grupo, tendo-o visto chamar para si a responsabilidade maior de dar a exata interpretação a textos do livro de Fernando Azevedo. Ao final puxou conversa.

– Nossa! Essa matéria é esquisita. Você gosta de Sociologia?

– Gosto. É um estudo que principia pela análise da família, passa pela formalidade da escola e avança para outras instituições sociais. O homem é um ser social. Não é bonito isso?

– Pode ser, mas eu acho meio chocha, sem pé nem cabeça.

– Não! Não é bem assim. Estudar o mundo social no qual vivemos pode ser interessante. Agora, eu concordo que é muito teórica!

Irene se aquietou por instante, manteve um meio sorriso e pousou seu doce olhar no rosto de Tuta para lhe perguntar.

– Onde é que você mora?

Tuta se sentiu imediatamente incomodado. Essa era a questão sobre a qual nunca gostava de falar, parecendo que todos com quem convivia ou que vinha a conhecer queriam primeiro saber onde é que ele morava como se isso fosse coisa da maior importância. *Porque é que tem que ser assim?* Imaginava que estaria sendo avaliado pelo ambiente social em que vivia, diferenciado porque morando numa vila pobre e discriminado como se devesse ser um reles produto daquele meio. Pensou em se esquivar da resposta, mas encontrou saída oferecendo uma informação vaga.

– Moro na zona norte da cidade, depois do pátio da prefeitura.

Irene olhava para Tuta como se o examinasse de cima em baixo, observando cada detalhe de sua roupa, seu rosto

e cabelos, mas seu olhar era terno, não intimidador. Havia delicadeza em seus gestos sempre acompanhados de um sorriso afetuoso e de uma simpatia irradiante que demonstravam ter ela aprovado a nova amizade. Alegrou-o com uma segunda pergunta.

– Foi você que escreveu aquele poema sobre a rua onde mora, publicado no jornalzinho da escola?

– Foi. Mas é antigo, eu tinha treze anos quando escrevi. Você leu?

– Achei bonitinho!

– Obrigado.

O grupo se dispersou e os colegas se despediram. Tuta também se despediu de Irene e retornou caminhando pensativo sobre aquela menina franzina e atraente que acabara de conhecer. Distraído como sempre recebeu a inesperada companhia de Augusto que dele se acercou como se tivesse surgido das sombras das árvores copadas da avenida central.

– Você se encantou com aquela menina, hein, Tuta?

– Ora, Augusto! Eu nem bem a conheço. Só procurei ser educado quando a cumprimentei e falei com ela. Ela me pareceu ser uma pessoa agradável e pode ser boa amiga. Só isso. Depois, eu não posso nem pensar em alguma coisa além disso.

– Por quê?

– Porque não! Ela mora num casarão aqui na avenida central. É de família rica. Se vier a ser minha amiga já me dou por satisfeito.

– Você não acha que se subestima demais só porque mora na vila? – questionou Augusto com um sentido de reprovação.

– Não! Não acho. Eu sei bem qual é meu lugar, sei o que posso e o que não posso fazer. Talvez um dia quando eu sair daqui eu consiga. Agora não dá!

Augusto calou-se concordante por um instante, mas logo acrescentou.

– Mas pelo que eu percebi você não pode negar que essa menina mexeu com você? Ou não? Olha que eu te conheço bem!

– É! Ela é diferente das meninas que são minhas colegas de classe. Há nela alguma coisa a mais que eu não sei bem o que é. Não posso dizer que não senti nada ao conhecê-la, mas isso não quer dizer que vou alimentar qualquer pretensão a seu respeito. Melhor parar por aí!

Augusto deu mais uns poucos passos e de repente parou. Disse um *tchau* e deixou de acompanhar Tuta, esgueirando-se de forma tão rápida e sorrateira como antes chegara. Tuta prosseguiu caminhando sozinho. Foi levado a pensar nas observações feitas por Augusto e lhe deu certa razão reconhecendo que Irene fizera-o sentir algo novo, ainda por ele não experimentado. O olhar daquela menina penetrara-lhe a fundo e suas mãos ficaram trêmulas ao cumprimentá-la. Continuou a sentir sua presença como se ela ainda estivesse consigo, à sua frente ou caminhando a seu lado. Sentia em seu corpo o calor daquela menina. Pensou como seria bom reencontrá-la e vir a ser pelo menos um seu amigo.

Irene o cativara de forma imediata nesse primeiro encontro e agora se transformava na doninha de seus pensamentos. E nada podia impedi-lo de sonhar, pois isso sempre foi o que ele mais gostava. Mesmo com os olhos abertos deixou-se viajar no imaginário de seus devaneios. Viu-se num passeio romântico pela bela avenida, de mãos dadas com Irene, ambos sorrindo dentro de uma tardezinha colorida. Havia um mágico encanto que os fascinava e os identificava enquanto pisavam sobre pequeninas flores amarelas que caíam das árvores e forravam as calçadas da avenida central.

Imaginou-se bem vestido com calça e camisa de bom talho, calçados caros e um elegante blazer que retirava dele toda e qualquer insegurança de estar com a menina rica que conheceu há pouco. Não ouvia nem supunha saber sobre o que ela lhe dizia, mas em pensamento via imagens bonitas, um rosto de menina com a doçura de um sorriso feliz. Observava-a correndo solta como uma criança levada que não quer ir nem voltar de lugar algum. Zeloso, Tuta a acompanhava de perto como se devesse ser seu protetor, embora se sentisse incapaz de decifrar o conteúdo da própria fala, que lhe parecia meramente gestual na fantástica impressão de que ambos estavam flutuando acima das calçadas, levados como plumas ao vento.

Mergulhavam num plácido oceano de palavras bonitas que guardavam em si uma sonoridade indescritível. Nada se contradizia, tudo estava na mais perfeita sintonia dentro daquele mundo imaginário. Tuta vivia momento de desejada e inatingível felicidade num lindo sonho solto que enlevava seu espírito, enquanto caminhava absorto em direção à tosca realidade. Insistiu em continuar imaginando a maravilha de estarem voando juntos, de mãos dadas, vendo o sorriso cativante de Irene emoldurar a alegria dos olhares trocados e nem se deu conta de que já tinha alcançado e agora caminhava pelas empoeiradas ruas de uma vila com vida nua e real onde nem sua mais inspirada imaginação seria capaz de criar sonho igual. Vã foi sua tentativa de impedir que a consciência da realidade apagasse a maravilhosa imagem de seu sonho. Acordou de sua imaginação e reencontrou-se com a insípida realidade.

Mas esse foi um dia diferente: o dia em que ele conheceu Irene.

IV

Na verdade, a rua onde Tuta morava não possuía a brejeirice por ele evocada em seu primeiro poema publicado. Era uma rua de terra, mal traçada e feia, sem calçadas ou passeio delimitado, marcada por profundos sulcos nela cavados pelas enxurradas, com um mato que crescia solto alongando-se à sua beira e poucas casas plantadas aqui e ali, algumas sem separação de seus respectivos quintais. Cães, galinhas, cabritos, porcos e muares vagueavam livres pela redondeza, nem todos de donos conhecidos. Era uma várzea onde quase tudo era quase de todos. Antigos moradores mais próximos da casa de Tuta eram pessoas simples e pobres, a maioria provinda da zona rural, que a muito custo construíram suas casinhas de tábuas, hoje todas enfumadas por não terem recebido a devida manutenção ao longo dos anos.

Gente humilde, mas nem por isso triste. As mulheres confabulavam enquanto penduravam suas roupas nos varais ou quando, desocupadas, reuniam-se nos quintais sem fronteiras para falar da vida alheia, reclamar das dificuldades da sobrevivência ou debochar de seus próprios dramas. Falavam de um marido que adoeceu dos pulmões de tanto respirar o pó de uma pedreira onde trabalhava e que agora está de cama; da fulana sem-vergonha que vive se engraçando para os maridos das outras; da filha menor que engravidou do namorado sem emprego; da sicrana que em casa cria cabras e outros bichos, mas não os alimenta direito, deixando-os à solta na rua para serem perseguidos pelos cães; do filho que abandonou a escola e não se dispõe a procurar trabalho; do salário mensal que a prefeitura sempre atrasa; da falta de dinheiro para comprar mantimentos e remédios; da antiga vizinha que

resolveu ir para a *zona* por não mais saber o que fazer da vida e da filha moça da beltrana que morreu de apendicite supurada. Dramas comuns que as enfastiavam estando elas de estômago vazio. No verão seus filhos pequeninos brincavam à frente das casas, pelados e sujos, aspirando ranhos que lhes escorriam pelo nariz enquanto, tristemente, observavam passantes com olhos de pedintes. Eram imagens que se repetiam no dia-a-dia e no desconforto dos que não tinham amanhã.

Ordália fizera-se diferente das outras mulheres da vila. Passou a ser vista pelas demais donas de casa com admiração e respeito como se detivesse posição social superior entre suas iguais, possivelmente devido à condição de ser uma hábil e bem sucedida costureira. Por sua vez, Tuta não se deixava pertencer por inteiro àquela vila, embora guardasse respeitosa estima por todos que dali eram seus conhecidos. Cumprimentava-os educadamente quando por eles passava e por vezes interrompia sua caminhada em direção ao asfalto para manter rápida conversa com Seu Alexandre, um velho e bondoso senhor seu vizinho que sempre estava parado junto ao portão de sua casa nas manhãs ou tardes ensolaradas. Gostava de conversar com pessoas idosas e sentia-se importante quando era ouvido por elas. Elas tinham belas lições de vida a lhe transmitir e Tuta as ouvia com acentuado interesse.

Quando morreu Dona Zelinda, uma velha senhora de cor preta, mãe-de-santo, frequentadora de centro de umbanda e antiga moradora da vila, Ordália foi a primeira vizinha a saber do fato e a chegar correndo em sua casa, onde a encontrou caída de bruços no chão da cozinha. Ao lado do corpo estavam duas de suas três filhas, duas netas e um genro que se desesperavam. Ordália auxiliou-os a transportar o corpo até a cama de um dos quartos, fez pequena limpeza no rosto

da falecida que sangrara pelo nariz e se esfolara na queda e buscou acalmar os familiares desorientados. A vida mostrava-lhes o mais natural e previsível dos fatos: a morte de quem vivera 72 anos na luta pela criação de filhos e netas e pela própria sobrevivência. Sem demora a deteriorada e humilde casinha de tábuas de Dona Zelinda encheu-se de gente da vizinhança. O genro saiu para cuidar do registro do óbito, da compra de um caixão e da programação do enterro para o dia seguinte. Dentro da casa ficaram um silêncio de luto pela perda, as conversas segredadas em cochichos e as mãos nos queixos das vizinhas que ao olharem o corpo inerte estendido sobre a cama ensaiavam um choro. Lá fora, numa tarde de sol quente, cães ladravam correndo atrás de cabritos e de galinhas-d'angola soltas na rua, para a revolta e ódio mortal de sua dona, que não viria a se fazer presente na casa da morta.

Enquanto aguardava a chegada do caixão, a família da velha Dona Zelinda agrupou-se na pequena sala depois de ter vestido seu corpo com um roupão branco, por ela muitas vezes usado em sessões de umbanda. Envolveram seu pescoço com colares coloridos de grandes contas, além de cercarem sua cama com imagens de Santa Bárbara, Iemanjá, Nossa Senhora d'Aparecida, Oxum, e um quadro representando Nosso Senhor Jesus Cristo, Oxalá. Forraram a cabeceira da cama com ervas benéficas como camomila, erva-cidreira e erva-doce, além de frutas como maçã-verde, mamão-amarelo, uvas brancas e peras. O corpo da velha Zelinda estava ornado e envolto em tudo o que seus orixás gostavam. Em sua casa toda a vizinhança a pranteava, tanto as seguidoras da doutrina umbandista, quanto as católicas beatas, mesmo porque quando em vida não foram raras as vezes em que ela foi vista como devota na capela de São José, assistindo uma missa e até recebendo a comunhão.

Ordália conversava e contava a outros presentes como estava a falecida quando a encontrou caída na cozinha. Especulavam do que teria ela morrido enquanto falavam de sua bondade, de seu elevado espírito de caridade, de ajuda ao próximo e de seu amor pelos animais. Louvavam sua irreprensível conduta moral e ressaltavam sua enorme crença na imortalidade da alma. Tuta chegou à casa e pôs-se de pé junto à porta da sala, espiando seu interior, sabedor de que a morte fizera uma nova visita e estava perto dele. Pela quarta vez, ao que se recordou! Quem sabe a morte ainda esteja rondando por aqui! Observava tudo o que por ali se passava. Viu Tereza, a filha mais velha da falecida, deixar a sala e se dirigir ao quarto onde estava o corpo da mãe. De repente todos ouviram uma voz profunda e cavernosa provinda do quarto a dizer inicialmente coisas incompreensíveis. As mulheres se levantaram e correram para o quarto deparando-se com a filha Tereza sentada à beira da cama, ao lado do corpo da mãe, tendo o tronco ereto, as mãos sobre os joelhos e a mostrar um olhar sonâmbulo quando se virou para fitar os que entravam. Tuta espreitava ao largo. Ouviu-se dela uma longa fala com a reconhecida voz de Dona Zelinda, a morta.

– Estou indo embora e levo vocês nas minhas lembranças. Não quero que chorem. Estou bem. Cumpri o tempo de minha passagem por essa vida. Foi bom. Senti o amor de minhas filhas e netas, das amigas que agora rodeiam meu corpo e das pessoas a quem pude ajudar. É só esse amor que conduz a vida. Sem ele ninguém é capaz de cumprir a jornada aqui na terra. Quero que se lembrem de mim como quem sempre lhes quis bem. Protejam-se dos males, afastem-se do ódio e do preconceito. Sejam iguais aos olhos de Deus. Façam caridades e zelem pelos animais, pois Deus está presente em cada um deles.

Enquanto falava a filha Tereza contorcia seu corpo, movimentava os ombros, apertava as mãos em seu colo, girava a cabeça para um e outro lado, jogava-a com violência para trás de quando em vez, mantinha esbugalhados os olhos, rodando-os em desordem, desorientados e piscando incessantemente. Todos a viam e a ouviam como se estivesse tomada pelo espírito da mãe. Ordália preocupou-se com a saúde de Tereza e se afastando um pouco, chamou o assustado Tuta e, discretamente (sem que ninguém dissesse se apercebesse) recomendou que procurasse por Tônico para que o irmão viesse aplicar uma injeção em Tereza para acalmá-la. A filha da morta Zelinda, lá do quarto, rapidamente interceptou.

– Diga à Ordália que não precisa chamar o Tônico. Minha filha Tereza está bem e não precisa tomar nenhuma injeção. Sou eu que estou com ela, mas já estou indo embora. Tuta não precisa se assustar comigo, não. Diga a ele que eu sei que ele é um bom menino e que tem futuro. Eu já *ton* indo embora. Por favor, ajudem a cuidar de minhas netas.

A filha Tereza parou de falar, deixou sua cabeça pender à frente, levantou-a vagarosamente, agora com os olhos fechados, inspirou de forma profunda e ao expirar teve um rápido tremor que percorreu todo seu corpo. Acordou do transe mediúnico e surpreendeu-se com tanta gente ao seu redor. Por segundos houve uma confusão mental que a impediu de saber onde estava. Aos poucos reconheceu a si mesma, aos que a rodeavam e sorriu embaraçada quando uma das vizinhas dela se aproximou e abraçou-a com carinho. Ordália trouxe-lhe um copo de água com açúcar enquanto todos se entreolhavam dentro do quarto. Dona Zelinda dormia ali o profundo sono da morte.

Esse fato veio unir ainda mais as vizinhas da vila, agora em torno da crença comum de que realmente há vida depois

da morte. Deixaram de condoer-se pela morte de Dona Zelinda, acreditando estar ela melhor no céu, aliviada dos tormentos terrenos e das dificuldades conhecidas durante sua passagem por essa vida. Rezaram por ela. Tuta impressionou-se com tudo o que viu e ouviu. Jamais presenciara cena igual. Deixou a casa da falecida e sem retornar à sua casa seguiu para o asfalto pretendendo encontrar-se com Augusto.

V

A dona das cabras, galinhas-d'angola, gatos, porquinhos e outros bichos mantidos soltos nas ruas da redondeza era uma mulher grandalhona com um corpanzil agressivo, ranzinza e encrenqueira que jamais se importou em cativar a amizade de nenhuma de suas vizinhas. Pelo contrário, a essas ela costumemente remetia insultos verbais e ameaças de agressão a toda vez que via um de seus bichos ser perseguido na rua pelos cães que não eram seus. Chamava-se Abigail, porém foi jocosamente rebatizada pelos vizinhos como Biga Bigoduda por força do farto buço que possuía e que se mostrava tão mais espesso e aparente quanto mais por ela era raspado. Usava um vestido solto e longo que à falta de cinto lhe caia reto até as canelas disfarçando um pouco o excesso de suas gorduras. Caminhava com um masculinizado balanço dos braços como se estivesse sempre se aprontando para enfrentar desafetos. Só falava com seus bichos e esses eram muitos. Dentro de sua casa mantinha penduradas gaiolas de tamanhos variados com canários do reino, pintassilgos e periquitos. Pelos cômodos internos ronronavam gatos preguiçosos que se deitavam e dormiam sobre a cama ou sobre um velho

sofá da sala. Em seu não delimitado terreiro ciscavam galinhas caipiras e d'angola, galos índios e garnisés, fuçavam porquinhos e grugulejava um solitário peru macho com penas visivelmente maltratadas. Soltas na rua berravam suas cabras, as principais vítimas dos cães, que as acuavam. Pombas se aninhavam entre o forro e o telhado de sua casa e enquanto voavam para lá e para cá defecavam sobre as cabeças de passantes desavisados.

Biga Bigoduda transitava pela vila sem cumprimentar ou ser cumprimentada por ninguém. Ela representava um sinal de encrenca com seu andar pesado, cara amarrada e jeitão desaforado. Olhava suas vizinhas com desdém do alto de sua arrogância e essas procuravam simular que não a viam quando com ela cruzavam pelas ruas. Também por isso temiam ser insultadas vez que para tanto Biga Bigoduda não precisava de grandes motivos nem se envergonhava de promover gratuitos escândalos públicos. Sua voz era estridente e desafiadora. Até mesmo quando discutia o preço do quilo da mandioca que Dona Zefa vendia de porta em porta numa pequena cesta de taquara, quem ao largo ouvisse a conversa podia imaginar estar havendo uma agressão a essa bondosa senhora que vivia do produto de suas vendas. Se acaso lhe fitassem diretamente dos quintais ao lado, sua reação era imediata e descabida.

– Tá olhando o quê, sua cadela?

Nunca lhe respondiam à altura, preferindo-se silenciar e ignorá-la como convinha às pessoas de bem e, quando muito, contar às amigas o insulto dela recebido. Todas se solidarizavam com a insultada e adotavam comportamento comum: não aceitar as provocações. Em sendo assim, Biga Bigoduda dominava o terreno e continuava a se impor à vizinhança. Ninguém se atrevia a enfrentá-la.

Ordália era a única das vizinhas com quem Biga Bigoduda ainda não se atritara, embora isso não significasse dizer que tivessem se tornado amigas. Fosse porque seu quintal era todo cercado de balaústres, o que impedia que o cachorro Moleque saísse às ruas e pudesse molestar suas cabras, fosse porque a seriedade da mulher de Coutinho inspirava um respeito maior entre as demais vizinhas, fosse ainda porque era a única moradora da vila que bem conhecia a família da valentona Biga Bigoduda. O pai dela, também morador de Cruz das Almas, num bairro distante dali, era um aparentado de Coutinho, primo em segundo grau, tendo com ele convivido por longos anos nas bandas de Inhaúma e com quem mantinha certo, porém distanciado, relacionamento. Ordália conheceu o marido de Biga Bigoduda, um sujeitinho tão vagabundo quanto preguiçoso, e sabia que ele a tinha abandonado depois de ter sido preso e de ter cumprido ano e meio de cadeia por tentativa de furto de um porquinho de chácara próxima à cidade. No meio da noite o dono da chácara o pegara em flagrante, detivera-o sob a mira de um revólver e o obrigara a seguir a pé levando o bichinho nas costas até a delegacia de polícia local. O chacareiro perdeu o porquinho que acabou por ficar retido pelo Delegado como prova material do crime, mas orgulhou-se da façanha de ter dominado e conduzido sozinho um ladrão.

Ordália nunca deu motivo para que Biga Bigoduda a insultasse ou com ela pretendesse criar a menor rixa. Jamais a instigou. Mas que Biga Bigoduda não se atrevesse a insultá-la. A reação seria imediata e das grossas!

VI

Tuta chegou à praça central e começou a andar pelos corredores do jardim dessa vez querendo encontrar ou ser encontrado por Augusto. Não demorou a vê-lo sentado num dos bancos da praça. Aproximou-se dele e antes de sentar-se a seu lado ouviu sua saudação seguida de uma pergunta.

– Oi, Tuta. Está me procurando para falar comigo?

Isso era verdade, mas por ser a primeira vez que ocorria Tuta não deixou de espantar-se com a rápida e precisa percepção de Augusto. Constatou outra vez que nada escapava de seu conhecimento. Provavelmente ele até já soubesse da morte de Dona Zelinda, da comunicação espiritual que ela fez através de sua filha e de tudo o mais. E era sobre isso que Tuta queria conversar. Sentou-se um pouco constrangido a seu lado e olhou-o como que se desculhando por ter vindo à sua procura. Augusto novamente se antecipou.

– Você não tem por que se desculpar. Estou feliz por ter sido procurado. É a primeira vez que você faz isso e significa que você está confiando mais em mim e que estamos nos tornando amigos de verdade. Não é bom isso? Quer falar sobre o caso da Dona Zelinda, a vizinha que morreu?

– Quero! Mas eu gostaria que você me dissesse como é que você fica sabendo das coisas muito antes de eu lhe contar.

Essa foi a segunda vez que Augusto era questionado por Tuta sobre sua capacidade de antecipar o conhecimento em torno do que ainda não lhe tinha sido dito. A primeira foi naquele sábado à tarde, quando se encontraram no quintal da casa de um festeiro e quando ele foi indagado sobre como soubera que Tuta precisava do livro de Latim. Naquela

ocasião Augusto pode dar uma resposta objetiva. Agora a pergunta era abrangente e genérica a requerer resposta mais ampla e convincente. Dessa vez não era sobre um simples ato observável ou sobre um corriqueiro fato ocorrido, mas sobre um caso bem mais complexo. Antes de responder, Augusto se recolheu em pensamentos como se ensaiasse a resposta a ser dada.

– Sabe de uma coisa, Tuta? Acho que você pode ficar ainda mais impressionado e confuso se eu lhe contar agora a verdade sobre isso. Não será melhor falarmos sobre a morte de Dona Zelinda?

– Por que é que eu vou ficar mais impressionado e confuso? É alguma coisa que não posso imaginar ou que vá me perturbar?

– Não. Não é nada demais. Mas é preferível que continuemos a nos encontrar e a conversar sem tornar a levantar essa questão.

Tuta não se deu por satisfeito, mas preferiu ceder, pelo menos por enquanto. Tinha mais interesse em falar sobre o caso de Dona Zelinda e foi direto a esse assunto.

– Augusto, eu vi e ouvi quando Dona Zelinda, depois de morta, falou pela boca de sua filha e pareceu saber de tudo o que estava se passando à volta de seu corpo. Como é que uma morta pode se comunicar através de uma pessoa viva? Ela até falou de mim e eu nem estava dentro da casa. Como é que pode uma coisa dessas?

Augusto não demonstrou nenhuma surpresa nem se esquivou da pergunta dando a entender que tinha resposta pronta. Olhou calmamente para Tuta, achegou-se um pouco mais a ele e bem de perto falou com voz baixa, porém segura.

– Tuta, você sabe que não sou muito dado às questões de religião, nem pratico nenhum culto. De espiritismo

eu entendo menos ainda, mas pelo que já ouvi falar não são raros os casos nos quais um recém-falecido comunica-se com os vivos que o rodeiam através de uma pessoa que esteja ao lado do corpo e que possua capacidade mediúnica. Quer dizer, ele usa alguém vivo para deixar sua mensagem, dando à voz desse alguém o mesmo timbre e formas de expressão que o falecido costumava usar em vida. Por isso é que quem ouve tem a exata impressão de que é o morto que está falando. Às vezes chega até a contar detalhes da existência terrena que nem a família do morto sabia. Daí o espanto maior de quem assiste a cena. Só é preciso que haja no recinto uma pessoa capaz de receber o espírito do morto, que tenha capacidade mediúnica, que seja um médium. No caso da Dona Zelinda, esse alguém foi sua filha.

– É a alma da pessoa que morreu que faz essa comunicação com gente viva? – perguntou Tuta.

– Não sei se é alma ou espírito, mas dizem que a alma humana está sempre em comunicação com os outros desde a existência da pessoa em vida aqui na terra e que continua a se comunicar mesmo depois da morte física. Não me pergunte como! Não acredito muito nisso, mas não posso dizer que não é verdade.

Tuta calou-se pensativo. Sempre acreditou na ressurreição dos mortos, como aprendido nas orações ensinadas pela Igreja Católica, e que poderia haver nova vida depois da morte, afora as que já foram vividas em passado remoto. Já lhe contaram sobre crianças que se recordaram de vida anterior, descrevendo com detalhes tanto o lugar onde viveram antes quanto a família da qual foram filhas. Contudo, era a primeira vez que testemunhava o contato de uma morta com pessoas vivas. Em sua mente havia mais dúvidas do que respostas. Supôs que Augusto não soubesse explicar

nada mais do que já dissera. Aprontou-se para voltar, fazendo uma última pergunta.

– Você acredita mesmo que tudo deve ter sido como você me disse?

– Ora, Tuta! Você me surpreende. Parece até que você não me entendeu direito. Eu não afirmei que isso é assim ou assado. Ninguém pode garantir que seja. Eu só falei o que já ouvi a respeito de caso semelhante. Agora cabe a você acreditar ou não. Adianta ficar discutindo sobre essas incertezas?

– É. Não adianta. Vou embora. Tchau.

No caminho de volta Tuta passou pela avenida central, onde Irene morava, e a viu sentada no terraço de sua casa. A calçada estava forrada de florezinhas amarelas que caíram das árvores. O sol do final de tarde lançava raios por entre as copas e também as árvores se tornavam coloridas. De longe Irene lhe acenou com o braço. Retribuiu o cumprimento com idêntico gesto e imediatamente esqueceu por completo o caso de Dona Zelinda. Por segundos foi invadido por uma felicidade que latejou forte em seu peito. A partir dali levou consigo a imagem daquela menina que o cumprimentou sorrindo.

Até a vila ele seguiu sonhando acordado.

VII

Em casa, Coutinho brincava com Moleque, que festejou a chegada do dono com suas insistentes lambidas e o agitado abanar de seu rabo curto. Ordália continuava na casa de Dona Zelinda, cujo corpo estava sendo velado. Tuta chegou e passou pelo pai sem falar com ele, recolhendo-se em seu quarto

e mergulhando em profundos pensamentos sobre a menina Irene. Tomou de seu caderno espiral e começou a escrever um poema tendo-a como inspiração. Ao mesmo tempo que imaginava tê-la como sua amiga ou namorada, sentia que a perdia antes mesmo de tê-la. Como se a toda vez que dela se aproximasse, ela fugisse dele numa brincadeira de pega-pega, olhando para trás com seu sorriso de menina feliz. Como se a rua florida fosse uma extensão natural do quintal de sua casa bonita, para onde ela corria distanciando-se dele. Impossível sonhar por inteiro esse seu sonho. Pretensão demais para um pobre menino da vila.

Só quando a noite se fez alta é que ele considerou terminado seu poema. Ele o leu e releu por várias vezes, ora corrigindo aqui e ali, ora acrescentando nele um novo verso, ora conferindo o acerto do ritmo dado às palavras. Pensava um dia ofertá-lo à Irene. Procurou dormir enquanto no fundo escuro de seus olhos fechados começaram a desfilar nítidas figuras de crianças brincando de roda; de um animalzinho que se deitara de costas e tentava segurar com as patas uma fruta vermelha; de uma trilha que se abria e avançava para o meio da mata a convidá-lo para uma aventura; de curvos e coloridos telhados de casas em estilo japonês e de um teco-teco em voo baixo quase roçando a invernoada das terras de Inhaúma. Ador-meceu ao lado de seu caderno aberto.

Durante essa noite a casa de Dona Zelinda permaneceu com todas as suas luzes acesas e uns poucos vizinhos suportando ficar reunidos em seu terreiro. Ninguém mais comentou o ocorrido logo após a visita da morte. Vez ou outra uma das filhas da falecida trazia uma jarra e servia Q-suco aos presentes ou oferecia um café passado na hora. Na sala, ao lado do caixão, sentaram-se as três filhas e os dois genros e ali ficaram durante toda a noite, silenciosos com seus olhares

despencados sobre o corpo velado. As netas dormiam num dos quartos. Ordália permaneceu no velório até altas horas da madrugada, sempre procurando alguma coisa para fazer e ajudar a família no que fosse preciso. Ao retornar à casa só o cachorrinho Moleque é que se apresentou acordado, recebendo-a com sua costumeira manifestação de alegria. Esgotada e dominada pelo sono, deixou-se cair na cama vestida como estava e adormeceu profundamente. Lá fora nenhum ruído quebrava o silêncio noturno da rua.

Pela manhã a rua acordou como se não houvesse dormido. Havia um cansaço no ar pesando sobre ela. Um amanhecer preguiçoso, como se fosse domingo. Lentamente janelas foram sendo abertas e um sol tímido entrava por elas anunciando o novo dia. Pouco a pouco as cabras e galinhas da Biga Bigoduda começaram a aparecer e andar calmas à solta enquanto não se tinha a presença dos cães que as perseguiam. Dona Zefa, a vendedora de frutas, foi a primeira pessoa a ser vista caminhando pela rua, levando no braço sua cesta de taquara com porções de bananas, mandiocas e quiabos a serem oferecidas às freguesas. Bateu palmas junto ao portão da casa de Dona Uasna, que já se via acordada em seu quintal.

– Bom dia, Dona Zefa! A senhora acorda cedinho para trabalhar, hein?

– Bom dia, Uasna! Fazer o quê, minha filha? Quero ver se é verdade que Deus ajuda quem cedo madruga! Vai querer um pouco de banana, mandioca ou quiabo para hoje?

– Vou sim, Dona Zefa! Quero um pouco de mandioca. A senhora vai ao enterro de Dona Zelinda?

– Não vou não, Uasna! Minhas pernas doem e não posso ficar de pé muito tempo. O cemitério é longe e eu preciso vender minhas coisinhas. Você vai?

– Também não vou não! A senhora ficou sabendo do fato de Dona Zelinda ter falado pela boca da filha depois de morta? Coisa estranha, hein?

– Pois é, Uasna! Quando eu penso que já vi de tudo nessa vida acontece coisa que eu não esperava. Ela era espírita, não era? Deve ser esse negócio de incorporação de espírito. Sei lá. Nunca soube disso antes!

Dona Zefa pesou alguns pedaços de mandioca numa pequena balança de dois braços, entregou-os à freguesa e recebeu moedas em pagamento. Disse um *até logo* e seguiu em seu trajeto diário. Logo depois Ordália a viu parada à frente de seu portão e saiu para atendê-la ainda com a cara amarrontada e sonolenta.

– Bom dia Dona Zefa! Que noite essa, não? Fui dormir de madrugada e acordei agorinha mesmo. Coitada da Dona Zelinda, não?

– Pois é, Dona Ordália! Eu fiquei sabendo das coisas, mas nem fui lá. Não gosto muito de velório. Me dá tristeza. Também não vou ao enterro. A senhora quer ficar com alguma coisa hoje?

– Hoje não Dona Zefa. Já tenho mistura para o almoço. Amanhã eu compro, tá bom?

Com o passar de hora as coisas voltaram a ganhar seu movimento diário. O carro de praça de Seu Polito saiu da última e isolada casa, rodando devagar para não assustar as mães das crianças que já brincavam no meio da rua. Coutinho foi para o serviço na máquina de beneficiar arroz; Juvelina seguiu para seu emprego no centro da cidade; Tuta saiu sobrando livros em direção ao Instituto; Seu Alexandre estava de pé junto ao portão de sua casa e era cumprimentado pelos passantes que o conheciam; mulheres se encaminhavam para os poços e iniciavam o rotineiro trabalho de lavagem de roupas.

Os cães foram soltos, retomando o diário acuo às cabras ou fazendo com que as galinhas-d'angola alçassem um voo curto ou corressem espavoridas. A corpulenta Biga Bigoduda espiava tudo de longe, plantada junto ao batente da porta de sua casa como uma sentinela vigilante. Maldizia a perseguição a seus bichos e pensava um dia se vingar dos donos desses cães.

– Esperem só prá ver, desgraçados!

No começo da tarde saiu o enterro de Dona Zelinda, com poucos acompanhantes. Carregavam o humilde caixão caminhando vagorosamente em direção ao bairro do Euca-liptal, no outro lado da cidade. Uma distância considerável. Ordália não foi, tinha costuras com entregas aprazadas. Enquanto pedalava sua máquina recordou-se de Jandira e bateram-lhe saudades da menina. Ela não retornara das férias passadas no Ribeirão das Onças nem para se matricular no Ginásio, certamente por decisão tomada por sua avó, que teria preferido não separar as crianças. Seus poucos pertences e alguns livros ainda estavam guardados no gavetão da cômoda do quarto e todos em casa continuavam esperando que um dia ela voltasse – principalmente Tuta, que ficava feliz em vê-la em casa.

De tardezinha Coutinho chegou e foi brincar com Moleque no quintal. Era o grande momento para o alegre cachorrinho, que nunca teve permissão do dono para sair além do portão ou brincar fora de casa. O antigo dono do sítio Inhaúma sempre gostou de cachorros e tratava Moleque como um filho pequeno, zelando para que nada de mal lhe acontecesse. Jogava-lhe uma bola feita de pano que ele mastigava esfarrapando-a e se negando a devolvê-la; corria atrás dele para fazer com que ele contornasse a casinha do poço, no fundo do quintal, fingindo que iria novamente fazer isso,

porém suspendendo a corrida para surpreendê-lo no outro lado com espalhafatosa gesticulação. Moleque estancava e invertia o sentido da corrida para ser novamente surpreendido do outro lado. Todas as tardes quando Coutinho chegava, repetia-se essa brincadeira por várias vezes. Tornou-se um ritual obrigatório para o pequeno Moleque, que sempre ficava a esperar por isso. Quando se cansava, Coutinho o pegava no colo, deixava que ele lhe lambesse a cara e ia para a cozinha, onde Ordália lhe preparava o jantar. Lavava as mãos e sentava-se para comer enquanto Moleque arrodeava-se e ficava de pé apoiando suas patas dianteiras na perna do dono à espera de receber lasquinhas de carne de frango.

VIII

Havia diversos itinerários possíveis para que Tuta fosse de sua casa na vila até a praça central, podendo variá-lo à sua livre escolha como nos idos tempos do Grupo Escolar. Mas só um desses veio a se tornar o de sua preferência: aquele que o fazia passar em frente à casa de Irene, caminhando pela arborizada avenida central. Toda vez que passava por ali ansiava revê-la sentada no terraço, receber dela outro aceno de mão, rever seu sorriso de menina feliz ou, quem sabe, encontrá-la na calçada e tornar a vê-la de perto. Nesse percurso tinha dias em que ele fazia várias tentativas com esse objetivo, contornando a quadra, repetindo a passagem, e na maioria das vezes frustrando-se por ter de retornar à vila sem vê-la.

Estava indo uma vez mais à casa de sua colega de classe para um novo estudo em grupo, exatamente naquela onde

fora apresentado a Irene. Dessa vez não foram feitas tentativas de passagens pela avenida central porque Tuta imaginava que Irene poderia estar na casa dessa amiga. O grupo iniciou a tarefa de leitura e interpretação de um capítulo do livro *O Contrato Social*, de Jean Jacques Rousseau, para quem o homem nasce bom e depois vem a ser corrompido pela sociedade. Irene não estava, nem mais havia expectativa de que viesse a aparecer por ali. Tuta perdeu o interesse pela continuidade do estudo. Deixou o grupo e foi caminhar sozinho em direção ao centro. Não demorou a ser alcançado por Augusto, que passou a acompanhá-lo como uma sombra furtiva. O filho de Ordália não se incomodou, ignorou a companhia do menino com impigens na cara sem o repelir e se fez calado, não pretendendo iniciar conversa nem tendo rumo certo a seguir. Não tinha intenção definida de ir para um ou outro lugar, apenas caminhava. Que lhe importava chegar a algum lugar? Andou silencioso por várias quadras e alcançou a praça central como se essa devesse ter sido o destino antes não definido. Augusto o acompanhava. Sentaram-se num dos bancos junto à calçada do jardim, quando Augusto quebrou o silêncio.

– Procurando Irene?

– Ah! Augusto. Você não desconfia que de vez em quando eu prefiro ficar sozinho?

Augusto não respondeu, calou-se aquietado. Nesse meio de tarde quase ninguém transitava pela praça. Vez ou outra uma pessoa saía do clube de jogos, caminhando rápido como se tivesse hora para retornar para casa; um elegante senhor, de paletó e chapéu, fazia caminhada lenta em torno do jardim; os bares ao redor estavam vazios de fregueses e uma senhora portando uma sombrinha passava pela calçada indiferente a tudo e ao nada. Tuta pôs-se pensativo, porém

sem nenhum receio de que Augusto descobrisse o que pensava. Salteava seus pensamentos porque ele próprio não conseguia fixar-se em nenhum deles. Pensou na prova de amanhã e achou que na volta deveria passar pela biblioteca para ler sozinho o recomendado capítulo do livro de Rousseau. Pensou em novamente passar à frente da casa de Irene para tentar revê-la. Pensou em se livrar de Augusto, que às vezes o incomodava com suas adivinhações e insistente companhia em horas em que ele queria isolar-se com liberdade para pensar. Pensou na indefinição de sua vida, carente de tantas coisas, o que o impedia de ser e de estar nesse pequeno mundo de Cruz das Almas. Faltava-lhe um emprego que lhe assegurasse algum dinheiro com o qual pudesse comprar livros, ingressos do cinema, roupas para melhor se vestir, ou as indispensáveis balas *Toffee* caso arrumasse uma namorada.

Tornou a pensar em Irene e só pretendeu que ela viesse a ser sua amiga, consciente de que não tinha condições para almejar algo mais do que isso. Encabulou-se por viver sem ter aonde ir e nada para fazer em suas muitas horas vazias. Quem dera pudesse trabalhar e deixar de apenas assistir aos que entram no Clube ou nos bares e sentam-se à mesa para serem servidos pelos garçons que lhes trazem bebidas, salgadinhos ou saladas. Quando junto a esses, tinha que recusar oferta e mentir não estar com fome por não poder dividir a conta. Repensou que um dia deixará Cruz das Almas e seguirá para a capital, para ingressar na Faculdade de Direito ou numa Escola de Jornalismo. Tinha sonhos de voar para bem distante daqui a bordo de um teco-teco. Comprar o que deseja sem antes ser preciso consultar o preço para conferi-lo com seus trocados, como sempre assistiu sua mãe fazer. Doía-lhe querer e não poder. Mergulhava em devaneios imaginando que um dia voltaria como alguém que poderia fazer o que hoje ele

gostaria e não pode. Observou a passagem de um dos poucos carros de luxo que havia na cidade. Sabia a quem pertencia e acompanhou o *rabo-de-peixe* com olhar de simples admiração. Não tinha nenhuma inveja de seu dono. Aliás, nunca teve inveja de nada e de ninguém, muito pelo contrário, tinha consciência de que possuía talento e qualidades que o capacitavam e o habilitavam para a conquista futura de tudo o que ainda não tinha. Voltou-se para Augusto e informou.

– Eu vou embora para a casa. Você fica aqui?

Augusto pretendia continuar em sua companhia e levantou-se ao mesmo tempo que Tuta.

– Vou com você até lá em cima!

Seguiram de volta sem se falarem. Quando alcançaram a arborizada avenida central Tuta escolheu a calçada do lado onde fica a casa de Irene e por ela caminhou lentamente enquanto olhava para o terraço. De repente aconteceu o pretendido, mas inesperado. Irene saiu de casa apressada e correu para o portão da rua quase se esbarrando em Tuta na calçada. Parou e comentou.

– Nossa! Quase atropelai você. Onde é que você está indo?

– Estou voltando para casa. Que bom ver você! Tudo bem?

– Tudo bem. Eu preciso ir à casa de uma amiga minha pegar um livro. Vamos até lá comigo?

– É longe?

– Não, é aqui pertinho! Vamos lá?

Nada melhor poderia ter acontecido. Tuta aceitou acompanhar Irene e retornou caminhando a seu lado. Ela, que descera correndo até o portão, parecia ter perdido a pressa. Caminhava devagar e enquanto falava virava-se seguidamente para olhar o rosto de Tuta, vendo-o ainda um pouco

encabulado. Sorria muito e comprovava a Tuta ser ela uma menina feliz.

– Que livro você vai pegar? Pergunta Tuta.

– *O aprendiz de feiticeiro*. É de Mario Quintana, que é chamado de o poeta das coisas simples. Gosto muito dele. Eu sei que você também gosta de poesia. Conhece Mario Quintana?

– Não, não conheço, mas se você diz que gosta dele é porque ele é bom. Eu gosto de ler de tudo, até me atrevo a escrever poeminhas de vez em quando. Outro dia escrevi um para você.

– Ah! Eu quero ver. Você me mostra?

– Vou dá-lo a você.

Depois de apanhar o livro que buscavam, Irene e Tuta retornaram para a avenida das florezinhas amarelas, conversando muito. Falavam do livro de Mario Quintana, do gosto pela leitura, da escola, de cinema, do que gostavam e do que não gostavam. Tuta confessou que do que menos gosta é de atraso em encontro marcado. Por isso procura chegar sempre antes da hora aprazada para não fazer com que alguém o espere. Irene contou que do que não gosta é de piadas e que as considera inadequadas e inconvenientes em qualquer ocasião ou ambiente. Riram muito de si mesmos e de coisas à toa. Despediram-se no portão, não sem que antes Irene novamente cobrasse o prometido por Tuta.

– Olha lá, *hein?* Não se esqueça de me mostrar o poema que você fez pra mim.

Tuta retomou o caminho de casa leve e feliz como se houvesse realizado um sonho. Levou consigo o sorriso bonito de Irene, sua cativante alegria de menina feliz e uma agradável sensação de que ele existia. Julgou ter sido privilegiado pelo convite que recebera para acompanhá-la como

amigo, significando que sua companhia fora desejada. Seguiu flutuando em pensamentos bons, imergindo numa felicidade íntima e caminhando lentamente. Esqueceu-se do motivo que o fizera vir à cidade e nem mais se recordou de que no dia seguinte teria prova bimestral de Sociologia. Nada lhe era mais importante do que continuar pensando em Irene, imaginando-a ainda a seu lado falando de tantas coisas interessantes. De repente Augusto o despertou.

– Ficou feliz em acompanhar a Irene, *hein?*

– Ô, Augusto! Você sabe que às vezes você é um chato de galochas? Quero ir embora sozinho!

Augusto respeitou a vontade do amigo e deixou-o seguir sozinho a caminho da vila. Também ele ficara contente porque sabia o quanto esse encontro era importante para Tuta. Observou seu distanciamento num andar quase que sonâmbulo.

IX

Numa quinta-feira Ordália chegou do armazém e percebeu que Coutinho tinha voltado mais cedo para casa e estava brincando com Moleque, fazendo-o correr em volta da casinha do poço no quintal e ameaçando pegá-lo de um ou de outro lado. Nem lhe perguntou por que deixara antes o trabalho, alegrando-se com sua antecipada presença em casa. Tuta ainda não chegara. Acomodou as compras no armário da cozinha e iniciou a preparação do jantar enquanto ouvia o barulho da divertida folia que Coutinho fazia com seu cachorrinho. De repente um grito.

– Ai meu Deus do céu!

Ordália correu para o quintal e na hora não viu Coutinho nem Moleque. Chamou pelo marido e o encontrou acororado no estreito corredor que ficava entre a casinha do fundo e a cerca de balaústres que limitava o quintal, tendo Moleque no colo. O cachorrinho estava com convulsões, espumando pela boca. Ordália se apavorou.

– O que é que aconteceu, Coutinho?

Houve um desespero em ambos. Coutinho se levantou e correu para a cozinha carregando Moleque enquanto contava para Ordália o que houve e o que viu.

– *Tava* brincando quando vi que ele custou demais para dar a volta na casinha. Fui atrás e achei ele comendo um pedaço de carne que jogaram ali pelos fundos. Deve ser carne envenenada porque ele caiu na hora, tremendo todo e espumando pela boca.

– Nossa Senhora d’Aparecida, mas quem é que fez uma maldade dessas?

– Foi a Biga Bigoduda. Eu vi ela fugindo pelos fundos. Foi aquela lazarenta que jogou veneno pro Moleque.

Na cozinha, Ordália limpou o focinho do Moleque e tentou fazer com que ele bebesse um pouco de água morna visando a provocar vômito, mas ele estava inconsciente. Não bebeu. Embrulhou-o em uma toalha e Coutinho saiu rápido levando-o no colo em direção à farmácia mais próxima em busca de socorro. Não havia veterinário em Cruz das Almas. Ordália ficou sozinha, desnorteada e raivosa. Revoltou-se com o fato de Biga Bigoduda ter feito tamanha maldade a um animalzinho que nunca saíra de seu quintal nem prejudicara ninguém fora de casa. Isso era imperdoável! Viu Dona Uasna no quintal vizinho e foi até a cerca para contar o ocorrido, tendo um ódio faiscante nos olhos. Uasna lamentou o fato e contou à Ordália que soube, por ouvir

dizer, que a Biga Bigoduda havia falado que ia dar *bolinhas* aos cachorros da rua porque eles perseguiam e mordiam suas cabritas. Doeu ainda mais em Ordália. Moleque nunca saíra do quintal de casa e nunca correu atrás de nenhum bicho daquela bruaca.

– *Destá*, ela vai pagar caro por isso! – praguejou.

Menos de uma hora depois Coutinho regressou, trazendo Moleque embrulhado na toalha, morto em seus braços. Pela primeira vez na vida Ordália o viu chorando. Era a dor da perda de um ente querido como se fosse a de um filho, coisa que Coutinho jamais havia experimentado. Choraram juntos segurando tristemente o corpinho de Moleque. O tempo parou dentro daquela casa. Respirava-se uma dor profunda sem conforto possível. Nem um nem outro sabia bem o que dizer. Estavam passados. Ordália remoeu-se com a crueldade praticada por Biga Bigoduda, pensando em apanhar o revólver, ir até a casa dela e matar um seu animalzinho de estimação para que ela soubesse o quanto isso dói. Mas não havia mais revólver. Coutinho vendera aquele que tinha exatamente para o pai de Abigail, numa ocasião em que precisou de dinheiro. Além disso, Ordália arrependeu-se na mesma hora pelo que lhe passou pela cabeça e pediu a Deus que a perdoasse pelo mau pensamento, reconhecendo que nenhum animalzinho pode pagar por erro cometido por sua dona. Mas não houve mais tempo para esse perdão. Seu ódio vivo e incontrolado desceu pelo assoalho, deslizou pelos cômodos da casa, escapuliu-se dali escorregando-se entre as cadeiras da sala, saiu pela porta da frente, alcançou e se expandiu pela rua poeirenta, fluiu-se pelos ares e voou rápido como o vento numa desenfreada busca até alcançar a porta da fedida casa da Biga Bigoduda, onde viviam suas pombas, suas cabras, seu peru enfeado, seus porcos imundos, os galos

e galinhas-d'angola, seus gatos preguiçosos e os engaiolados periquitos, pintassilgos e canários do reino.

Sentada à mesa da cozinha Ordália ficou rezando baixinho um Pai Nosso e três Aves Marias enquanto olhava para o rosto do desconsolado marido que passava levemente sua enorme mão sobre o dorso do inerte corpinho do Moleque. Foi essa a cena que Tuta viu ao entrar em casa, juntando-se aos pais com tristeza idêntica. Questionada, Ordália não contou como o cachorrinho morreu, dizendo apenas quem o matou. Tuta se enervou e disse que ia sair e bater em Biga Bigoduda, sendo contido pelo pai, para quem uma encrenca maior não traria Moleque de volta. Ficou a imagem congelada dos três junto à mesa da cozinha com o corpo do cachorrinho no meio.

Pairava um entristecido silêncio em toda a casa, até que foram ouvidas palmas vindas do portão. Era Dona Zefa que chegava não com a intenção de efetuar venda, porque sequer trazia no braço sua cesta de taquara. Foi recebida por Ordália que ouviu dela a novidade que outros vizinhos já sabiam. Biga Bigoduda deu veneno a outros cachorros da rua: o da filha da falecida Dona Zelinda, o de Dona Nenzinha, o de Seu Alexandre e o do ferreiro Zé Paulo, todos seus vizinhos da frente e dos lados. O pequenino Moleque foi o único que morreu, mas a vizinhança toda estava revoltada e andava falando em dar uma boa surra na grandalhona. Ordália ouviu e apaziguou.

– Deixa ela, Dona Zefa. Ela não vai fazer mal pra ninguém mais. Isso eu garanto! Agora, me dá licença que eu vou enterrar meu cachorrinho.

Enquanto Ordália retornava para a cozinha, a humilde vendedora de porta-em-porta deixou a casa de Ordália e dirigiu-se para o portão da casa de Dona Uasna, possivelmente

com o mesmo propósito de noticiar o que ocorrera na vizinhança. Coutinho escolheu um canto onde sempre havia sombra no fundo do quintal e cavou ali um pequeno buraco para sepultar o corpo do Moleque. Tuta falou em plantar flores nesse lugar em homenagem a seu cachorrinho. Ordália não acompanhou a preparação dos atos desse enterro. Quando Juvelina chegou, Moleque não mais existia. A filha solteirona não se mostrou abatida, foi para seu quarto e não falou com ninguém. À noite Tuta também se recolheu no quarto e esperou que surgissem figuras no fundo escuro de seus olhos fechados. Dessa vez elas não apareceram e ele adormeceu pensando em Moleque.

Na manhã seguinte a vila acordou como se fosse continuar na rotina de seus dias costumeiros, vendo a saída do carro de Seu Polito; as crianças brincando desde cedinho no meio da rua; os muitos cães soltos farejando aqui e ali; os bichos de Biga Bigoduda vagando à vontade e sempre acuados pelos cachorros da vizinhança; Dona Zefa batendo de porta em porta para vender suas raízes e frutas; os maridos saindo para o trabalho; Tuta seguindo para o Instituto logo após seu café; Seu Alexandre postado de pé à frente do portão de casa e as mulheres iniciando a lavagem de roupas em seus respectivos quintais. Porém, alguma coisa aconteceu de muito diferente nesse dia seguinte à morte de Moleque.

Os cães que nessa manhã de sexta-feira farejavam pela rua eram em número bem menor porque muitos deles ficaram presos nos quintais cercados; as crianças não saíram para brincar porque foram mantidas dentro de casa pelas mães; não se viam as cabras e galinhas-d'angola de Biga Bigoduda andando soltas pela rua, nem mesmo se via a valentona e encrenqueira vizinha plantada junto à porta como uma sentinela em vigília. A rua era outra, estranhamente irreconhecível,

como se nela houvesse um luto recomendando o recolhimento de seus moradores sob um silêncio imposto. Nessa manhã ela estava quase vazia como nunca antes estivera. Seu Polito não saiu com seu carro de praça; Dona Zefa não acordou cedinho para iniciar sua caminhada para efetuar suas vendas; os homens pareciam ter ficado em casa, deixando de ir para o trabalho; as mulheres não foram lavar roupas nem tagarelavam através dos quintais contíguos; não havia ninguém parado em pé junto ao portão de casa, nem havia passante que lhe dirigisse cumprimentos.

Tuta não deixou de ir para o Instituto por força da prova de Sociologia, previamente marcada para esse dia. Coutinho, Tônico e Juvelina foram os únicos que seguiram para o trabalho. A manhã se adiantou assim com ares e feitiço de dia que não queria nascer até às nove horas e meia quando Dona Zefa bateu palmas junto ao portão da casa de Ordália, novamente sem sua inseparável cesta. Chegou ansiosa para contar novidades.

– Bom dia, Dona Ordália, a senhora nem imagina o que aconteceu!

Nem bem recuperada do choque e da tristeza causada pela morte de seu cachorrinho, Ordália voltou a se assustar.

– Que é que foi que houve Dona Zefa? Por que essa agonia toda?

– Dona Ordália do céu, fiquei sabendo agorinha mesmo e vim correndo contar para a senhora. A senhora sabia que todos os bichos da casa da Biga Bigoduda amanheceram mortos?

– Mortos como, Dona Zefa? Como é que pode uma coisa dessas? Me conta!

– Todos, Dona Ordália! Morreram as cabritas, as galinhas, os galos, os porquinhos, o peru, os gatos, os passarinhos

das gaiolas, as pombas, tudinho! Não sobrou nem pulga viva na casa dela.

– Mas como é que aconteceu isso, Dona Zefa? Assim sem mais nem menos?

– Ninguém sabe direito, Dona Ordália, mas tá todo mundo meio assustado. Também ninguém viu a Biga Bigoduda hoje! O pessoal da rua tá até com medo. A senhora não percebeu que não há nenhum bicho dela na rua hoje?

– Não, Dona Zefa. Nem saí de casa hoje!

– Pois é! Mas se a senhora passar por lá vai ver que a casa de Biga Bigoduda tá toda fechada. Ela não abriu a porta nem pra mostrar a cara e dizer que tá viva.

– Será que ela morreu também, Dona Zefa? Perguntou Ordália, mais assustada ainda.

– Sei não, Dona Ordália. Acho que não. Só os bichos!

– Quem é que pode ter matado os bichinhos? Olha que essa coisa tá me cheirando muito estranha! Quem é que te contou isso?

– Foi a Tereza, a filha da falecida Zelinda que mora ao lado da casa dela. Ela falou que no quintal da Bigoduda tão lá as cabras, o peru, as pombas, os porquinhos e as galinhas, tudo morto. Mas ela não viu a Bigoduda.

– Não é bom alguém ir lá na casa dela pra saber como ela tá? E se ela morreu junto?

– E quem é que vai querer ir lá, Dona Ordália? Eu é que não vou! O pessoal tá até com dó dos bichinhos, mas tão achando até bom porque agora a Bigoduda não vai mais importunar os outros. Isso se ela não quiser botar a culpa nos vizinhos e aprontar uma baita briga com todo mundo. Sei lá! Até mais ver, Dona Ordália.

Ordália ficou assustadíssima com o que soube, demorou-se junto ao portão antes de entrar. Olhou dali para a casa

da Bigoduda e realmente viu-a com as janelas fechadas o que não era habitual. Apesar do adiantado da hora nesse momento ainda não havia ninguém andando pela rua, exceto Dona Zefa que dali seguiu em direção à casa de Seu Polito, a última da rua. Ordália entrou, sentou-se um pouco à frente de sua máquina de costura, respirou fundo, pensou no que ouviu de Dona Zefa e não conseguiu atinar como é que o que ela contou poderia ter acontecido. Sabia que foi a Biga Bigoduda quem matou seu cachorrinho jogando um pedaço de carne envenenada pelos fundos do quintal. Mas como é que alguém pode ter matado todos os bichos de um quintal e de uma casa numa única noite? Como envenenar porcos, galinhas, cabras, pombas, gatos e passarinhos dentro e fora da casa, tudo de uma vez só? Resolveu ir até a cerca do quintal para conversar com Dona Uasna. A vizinha lhe disse que já sabia da história, contada antes por Dona Zefa. Ambas ficaram indignadas e interrogativas. Como é que alguém pode ter conseguido fazer uma coisa dessas?

– Pode ter sido um castigo de Deus por causa dela ter matado seu cachorrinho, disse Uasna.

– Não acho não, Dona Uasna. Acho que Deus não ia penalizar ela matando bichinhos inocentes. Isso só pode ser coisa do diabo, isso sim!

– É, e parece que a Bigoduda se dá bem com o diabo, fazendo suas barbaridades...

Ordália teve vontade de saber mais das coisas e convidou Uasna para ir com ela até a casa de Tereza, a filha da falecida Zelinda, que é a que ficava mais perto da de Abigail, a Bigoduda. Caminharam juntas até lá e foram bem recebidas. Ao entrarem, Ordália lembrou-se do dia em que Dona Zelinda morreu e da incorporação de seu espírito no corpo da filha. A casa estava um pouco diferente, com arrumação

nova por dentro e nela respirava-se uma doce paz. Perguntada, Tereza contou.

– Logo cedinho quando abri a janela eu vi as cabritas deitadas na frente da casa, o peru caído, as galinhas e os porquinhos no chão. No começo pensei até que eles tavam dormindo, mas depois vi que não. Não se mexiam. Depois olhei bem e vi que até as pombas estavam mortas espriadas pelo quintal. Coisa maluca, Dona Uasna!

– Você viu a Abigail? Perguntou Ordália.

– Deu pra perceber que ela tá lá dentro porque escutei barulho de panelas na cozinha logo de manhazinha. Acho que ela tá trancada ali dentro. Quer dar uma espiada aqui pela janela pra ver como estão as coisas?

O terreiro da casa de Abigail ficava bem ao lado da janela lateral direita da casa de Tereza e dali Ordália e Uasna ainda puderam ver as cabritas, o peru, as galinhas, os porquinhos e algumas pombas caídas no chão. Todos mortos. A casa vizinha continuava fechada, sem nada da Bigoduda dar as caras. Dona Uasna perguntou à Tereza o que é que ela achava que podia ter acontecido. A resposta veio incerta.

– Sei não, Dona Uasna! Só sei que a Biga Bigoduda andou dano veneno prum monte de cachorros ontem à tarde. Até pro meu que é quietinho e nunca correu atrás das cabritas ela jogou veneno. Me contaram que foi só o seu cachorrinho que morreu, Dona Ordália. Agora, quem matou essa bicharada toda aí eu num tenho a menor ideia. Nem sei como é que alguém pode ter feito isso.

Ordália deu-se por satisfeita, agradeceu à vizinha e retornou com Uasna para casa. Entristeceu-se pelos animaizinhos e incomodou-se por não ver a Bigoduda, pois sabia que ela sempre acordava cedo e ficava à porta espiando o que se passava. A rua continuava a ser evitada pelos moradores.

Os poucos cachorros que estavam soltos andavam indecisos, paravam a se coçarem, sentavam alertas, deitavam sossegados, levantavam curiosos, tornavam a caminhar, mas não latiam. Não havia cabras nem galinhas-d'angola para perseguirem. Os portões dos quintais cercados estavam com trancas e as janelas de frente para a rua permaneciam fechadas. Era uma silenciosa manhã de espera pelo que ainda pudesse vir a acontecer. Uma sexta-feira, dia de trabalho, mas que naquela rua parecia ter sido decretado um feriado.

Tuta só ficou sabendo do ocorrido na casa de Biga Bigoduda quando retornou do Instituto no comecinho da tarde desse dia. Considerou inexplicável o fato de todos os animais daquela casa terem sido mortos numa só noite, sem que ninguém disso tivesse se apercebido. Julgou que o caso ficava ainda mais complexo e deveras incompreensível quando se levava em conta o fato de que tanto os animais que estavam soltos no quintal, quanto os gatos e os pássaros engaiolados e supostamente bem protegidos no interior da casa tivessem sofrido morte sob circunstâncias semelhantes e aparentemente simultâneas. Admitiu ser um mistério o que aconteceu. Ouviu da mãe a confissão de que ela chegou a pensar em matar um animalzinho de estimação de Biga Bigoduda como vingança pelo que essa fez e de seu imediato arrependimento por ter pensado tamanho absurdo. Escutou o detalhamento que Ordália lhe fez sobre o que viu no quintal da Biga Bigoduda e concluiu que o ocorrido era mesmo de difícil explicação. Sabia que sua mãe não mentia e argumentou que ela não poderia se sentir culpada por nada daquilo, mesmo tendo pensado, por rápido instante, em matar um dos bichos de Abigail. Ainda que ela tivesse mantido e levado em frente essa vontade de vingança jamais teria conseguido ultimar toda aquela matança coletiva.

No meio da tarde, as vizinhas viram Biga Bigoduda abrir a porta de sua casa e sair para o quintal. Tereza, a que morava mais perto, observou furtivamente através de sua janela entreaberta que ela estava arqueada e emudecida, bem diferente de seu jeito normal de ser que sempre foi o de amaneher falando alto com seus bichos, reclamando da sujeira deixada pelas pombas e dos cães da vizinhança que acuavam suas cabritas, ou chamando suas galinhas para comer, às quais espalhava quimeras de milho com a concha da mão. Agora ela estava silenciosa a demonstrar um cansaço enquanto caminhava devagar pelo quintal, catando aqui e ali as pombas e galinhas mortas e arrastando os corpos do peru, dos galos e dos porquinhos para ajuntar todos em um só monte. Seguiu um pouco mais à frente e fez o mesmo com os três corpos de suas cabras, puxando-os pelas pernas e com esses formando um segundo monte de bichos mortos. Retornou para o interior da casa, demorou-se um pouco e novamente saiu trazendo nas mãos os corpinhos de seus três canários do reino, seu pintassilgo e seus dois periquitos, jogando-os sobre o primeiro dos montes. Tornou ao interior da casa e de lá trouxe os corpos de seus dois gatos também mortos. Discretamente Tereza continuava a observá-la pela fresta da janela e percebia que Biga Bigoduda aparentava calma apesar de estar executando um fúnebre trabalho de ajuntamento dos corpos de seus animais, tudo como se estivesse cumprindo uma comum obrigação doméstica sem aparentar revolta. Não era mais a Biga Bigoduda que ela sempre conheceu e via de perto. A mulher que agora estava sendo observada era uma pessoa com gestos lentos, andar vagaroso de passos curtos e aparentemente resignada, não lembrando nem de longe a grandalhona encrenqueira, atrevida e desafiante cujo hábito era lançar ameaças e dirigir xingamentos a quem quer

que olhasse para seu lado. Teresa viu que pouco depois, após completar o trabalho de ajuntamento dos corpos de seus bichos, Biga Bigoduda trancou por fora a porta de sua casa e se afastou sem olhar para nenhum dos lados, caminhando de cabeça baixa e deixando-se ver como pessoa aparentemente derrotada. Ausentou-se da vila enquanto as vizinhas aproveitaram desse afastamento para fuxicarem sobre seu inesperado e estranho comportamento. Soltaram os cães e deixaram que as crianças saíssem para brincar na rua enquanto ainda era dia.

A Bigoduda só retornou à vila quando a tarde era finda. Chegou junto com um carroceiro que se encarregou de retirar os corpos dos bichos amontoados no quintal. O trabalho foi acompanhado de perto e durante todo o tempo ela demonstrava calma e serenidade como se naquele quintal e naquela casa nada de extraordinário houvesse acontecido. Transportados os corpos dos animais mortos, Abigail recolheu-se dentro de casa mantendo trancadas as portas e janelas, e no restante do dia ninguém mais a viu do lado de fora. Dia seguinte, um sábado, o mesmo carroceiro retornou à vila e foi visto fazendo a mudança de Abigail que, sem ter dito uma só palavra a ninguém desde o dia da morte de Moleque, mudou-se dali e foi morar no outro lado da cidade numa casinha próxima à de seus pais. Na vila ela nunca mais tornou a botar os pés e em sua velha casa só ficou o inexplicado mistério da morte simultânea e coletiva de suas pombas, galinhas-d'angola e caipiras, galos, peru, porquinhos, cabras, gatos, canários do reino, pintassilgo e periquitos.

X

Na tarde de terça feira, dois dias após a mudança de Abigail, Tuta foi à praça central e reencontrou-se com Augusto. O amigo já sabia de todos os detalhes do ocorrido na vila, inclusive lembrou a Tuta que ele avisara para que o pai cuidasse bem de perto do Moleque porque tinha gente querendo matá-lo. Portanto não se impressionou com o primeiro fato, embora tenha se admirado com os detalhes dos fatos subsequentes. Tentou analisá-los sob interpretação lógica e racional, porém cada vez mais se embrenhava pelos caminhos do incompreensível e do inexplicável. À falta de melhor compreensão aventou a hipótese de que aquela mortandade coletiva de bichos teria sido praticada por uma entidade espiritual detentora de poderes sobrenaturais, já que nesse caso essa seria a única capaz de provocar tantas mortes sob circunstâncias absolutamente semelhantes e aparentemente simultâneas. Indagou a si mesmo sobre qual seria a procedência dessa provável entidade e quais razões a teriam induzido ou motivado a tanto. Não encontrou resposta.

Tuta manteve-se calado e pensativo enquanto ouvia as observações feitas por Augusto sem interrompê-lo. Ele próprio não conseguia conjecturar sobre o assunto, a despeito de continuar encucado com o fato de que quando sua mãe viu Moleque morto teria sentido um ódio mortal de Abigail a ponto de pensar em apanhar um revólver para matar um de seus animais como ato de retaliação e para que ela também sentisse o quanto dói perder um bichinho de estimação. Sabia que sua mãe arrependeu-se na hora desse mau pensamento e que chegou a pedir perdão a Deus por tê-lo tido, rezando em seguida. Mas não podia deixar de associar esse caso de Abigail

a outros casos que sabia terem ocorrido nos idos tempos do sítio de Inhaúma e que até então ainda permaneciam sem explicação lógica, como o apodrecimento temporário e a revitalização de abobrinhas no quintal que teriam sido provocados pela força do pensamento da mãe ao pretender se vingar de Izabel, uma vizinha que dias antes havia negado uma maçã a seu filho, ou como o tombamento da carroça do desonesto Lindulfo, que ameaçara Coutinho e lhe dera um prejuízo pela utilização de um inadequado jacá fora da medida no recolhimento do milho vendido. Também nesse segundo caso tudo aparentava ter sido misteriosamente provocado pela força de pensamento da mãe Ordália, que teria feito a carroça de Lindulfo tombar num trecho de estrada que não tinha nenhum buraco em seu leito plano, nem pedras nem areia fofa e sem que os cavalos estivessem em disparada ou que a carroça transportasse carga mal acomodada ou torta. Esses casos nunca chegaram a ser devidamente explicados, da mesma forma que iria ser difícil explicar o caso atual das mortes dos bichos de Abigail. Lembrando-se dos casos passados, Tuta resolveu questionar Augusto.

– Você acha que a força de pensamento de uma pessoa pode fazer acontecer coisas que nem a ciência explica?

Augusto olhou para Tuta, surpreso como se houvesse sido descoberto num esconderijo secreto. Reacomodou-se no banco, levantou a cabeça, mirou para o nada à sua frente como se devesse meditar antes de responder e falou com voz segura e calma.

– Não sei bem, Tuta. Mas não se pode negar que o tipo de pensamento de uma pessoa influi diretamente na vida dessa pessoa. Se for um forte pensamento positivo ela pode até alcançar aquilo que anseia, como a cura de uma doença. Não é raro caso assim. Se for um forte pensamento negativo

também esse pode influir de forma maléfica na pessoa que pensou. Agora, se o pensamento pode criar ou alterar coisas materiais pré-existentes esse é um ponto polêmico. Diz o ditado que a fé move montanhas e a fé nada mais é do que um pensamento, uma crença forte. Disso pode ser deduzido que é o pensamento que move montanhas. Por que você me pergunta isso?

– Por nada, não! É que toda vez que minha mãe é magoada profundamente por alguém ou sofre uma injusta agressão ela tem um pensamento muito forte de vingança, de retaliação. Ela pensa em alguma coisa contra quem a magoou ou contra o agressor e o que ela pensa acaba acontecendo mesmo.

– Você está sugerindo que sua mãe tenha pensado e querido que os animais da Bigoduda fossem mortos?

– Não sei se é bem isso, Augusto! É que no dia em que ela viu o Moleque morto e soube que foi a Bigoduda que deu veneno, ela pensou em ir lá e matar um animal dela para ficar quite. Que força pode ter sido essa? É espiritual?

– A questão é complicada, Tuta. Eu já lhe falei que não entendo de espiritismo, mas ouvi dizer que às vezes um espírito acompanha uma pessoa e tenta proteger essa pessoa acabando por executar tudo o que ela deseja muito, como uma maneira de agradar para cativá-la. Isso geralmente acontece quando a pessoa não aceita receber esse espírito por professar outra doutrina religiosa. Mas não sei se isso é verdade ou não. Só estou dizendo o que ouvi dizer. Agora, o que eu acho mesmo é que só uma entidade espiritual, com poderes sobrenaturais, é que pode ter feito tudo aquilo na casa de Abigail. Mas eu só acho, não posso afirmar nada.

– Você acha possível ter sido um espírito que acompanha minha mãe aquele que foi lá e matou os bichos de

Abigail? Só para agradá-la?

– Pode até ser! Que outra explicação você tem para esse caso, senão a de que isso é coisa do outro mundo? Você acha que alguém sozinho poderia ir lá e matar de uma só vez as pombas, cabritas, porquinhos, perú, galos, galinhas, gatos e passarinhos dentro de gaiolas? Pensa bem!

– É...! Minha mãe é católica, muito religiosa e sabe que se ela pensar forte sobre alguma coisa, querendo se vingar de quem lhe fez mal, o que ela pensou acontece mesmo. Tanto é assim que quando ela se dá conta da coisa errada que pensou ela se arrepende na hora e reza pedindo perdão a Deus pelo mau pensamento. Parece que foi isso o que aconteceu dessa vez.

– Mas mesmo que tenha sido assim, Tuta, não foi sua mãe que matou os bichos da Bigoduda! Ela nem conseguiria fazer isso. Eu já não lhe disse que uma pessoa sozinha nunca seria capaz de matar todos aqueles animais ao mesmo tempo? O que aconteceu lá não é coisa feita por gente, isso eu garanto.

Tuta emudeceu embora ainda cheio de dúvidas, querendo obter melhores explicações sobre o ocorrido. Augusto também se calou e ambos se aquietaram no banco da praça. Ao mesmo tempo em que o filho de Ordália queria saber até onde iria o poder que ele supunha que sua mãe tinha, no sentido de ser capaz de provocar o acontecimento daquilo que ela pensasse, ele temia confirmar essa hipótese. Seria admitir que havia um espírito acompanhando sua mãe, pronto para fazer tudo o que ela desejasse em retaliação a um ofensor. E isso seria assustador!

Depois de prolongado silêncio, Tuta despediu-se de Augusto e seguiu de volta para casa, indo pela avenida central. Irene estava comodamente sentada num cadeirão de

madeira no terraço de sua casa lendo um livro de Fernando Sabino e quando Tuta foi visto na calçada do outro lado da rua ela o chamou.

– Oi Tuta, vem aqui! Cadê meu poema?

Tuta alegrou-se esquecendo por momento de toda a encabulação dos dias anteriores. Atravessou a rua em direção à casa e esperou que Irene viesse até o portão para encontrar-se com ele. Ela chegou estampando no rosto seu sorriso de menina feliz a parecer que se conheciam há muito tempo. Tornou a cobrar o poema.

– Desculpe, Irene. Eu não estou com ele aqui, mas prometo que da próxima vez que eu descer eu trago. É que não estou passando por bons momentos.

Irene percebeu que havia algo de errado com seu novo amigo, inseguro com voz em tom mais baixo e um olhar indeciso como se evitasse fitá-la de frente, bem diferente do jovem que ela viu no primeiro encontro quando admirou sua desenvoltura e capacidade de liderança no estudo em grupo ou quando caminhou a seu lado conversando muito e rindo soltos de coisas à toa. Demonstrou preocupação com isso e educadamente lhe perguntou, também com voz baixa.

– Posso saber o que é que está incomodando você?

Tuta se esquivou por segundos. Desviou seus olhos para o chão em atitude tímida, não querendo descer aos detalhes de todo o acontecido na semana passada, muito menos tratar de assunto sobre matéria espiritual. Isso envolveria sua mãe e ele imaginou não ser adequado confidenciar. Limitou-se a falar sobre a perda de seu cachorrinho como um acontecimento normal.

– Ah! Estou um pouco triste porque perdi meu cachorrinho de estimação.

– O que aconteceu? Ele morreu?

– Morreu. Foi uma vizinha de minha mãe que jogou um pedaço de carne envenenada para ele pela cerca do fundo do quintal.

– Meu Deus! Mas que maldade! Por que ela fez isso?

– É uma história comprida Irene. Qualquer hora eu lhe conto. Agora não! Quero saber de você. Que é que você está lendo?

– Estou lendo um livro de crônicas de Fernando Sabino, *O homem nu*. Muito bom. Falando nisso você quer levar o livro de Mario Quintana que eu retomei naquele dia? Eu empresto para você!

O semblante de Tuta se aliviou ganhando ares de evidente felicidade. Entendeu essa oferta como um claro gesto de confiança e mais uma prova de amizade. Aceitou e imediatamente imaginou-se lendo um livro de autor que ainda não conhecia. Observou Irene correr para dentro de casa e a viu retornar com o livro nas mãos. Ao entregá-lo a Tuta ela formulou uma condição.

– Você pode levar, mas quando devolver tem que ter dentro dele o poema que você disse que escreveu para mim. Combinado?

– Combinado!

XI

Ordália estava de volta às suas costuras, sempre enlevada com seus panos enquanto pedalava sua velha máquina Singer. Sentava-se de frente para a porta da rua, mantida aberta para observar uma ou outra pessoa que passava por ali e a cumprimentava de longe quando era uma sua conhecida.

A rua tornou-se mais aquietada desde que Abigail mudou-se da vila. Nela não mais se ouviam os contínuos latidos porque não havia mais galinhas-d'angola nem cabras soltas a serem perseguidas pelos cachorros. As conversas entre vizinhas nos quintais fronteiros ganharam um tom mais confidencial, reduzido o antigo hábito de falar aos gritos com a vizinha mais distante, coisa típica da zona rural. Ordália sabia que essa mudança só veio a ocorrer depois que Abigail se mudou dali. Lembrou-se do cachorrinho Moleque, que lhe fazia companhia mesmo quando dormia preguiçosamente embaixo da mesa da sala. Tocou-lhe de novo um rápido sentimento de raiva de Abigail, imediatamente compensado pela lembrança de que aquela brutamente recebera uma boa lição e que tão cedo não iria mais fazer nenhum mal a ninguém nem a nenhum bichinho de estimação dos outros. Sentiu-se como se tivesse sido vingada da morte de Moleque com os detalhes dos quais se lembrou: a coletiva e misteriosa mortandade de seus bichos, o *cala-boca* que lhe foi imposto no dia seguinte e a forçada mudança da vila, sem possibilidade de qualquer reação ou de reclamos. Não passou pela sua cabeça a menor ideia de que ela poderia ter tido alguma culpa ou a mais ínfima participação, ainda que involuntária, no ato da matança dos animais de Abigail. Jamais desejou que tudo aquilo acontecesse da forma como aconteceu e nem se deu ao trabalho de buscar entender como é que tudo aquilo pode ter acontecido. No fundo, Ordália desejava que Biga Bigoduda vivesse em paz, mas que fosse bem longe dali.

Pensou em Jandira e novamente se perguntou por que ela não retornou sequer para continuar seus estudos, preferindo permanecer naquele fim de mundo onde Judas perdeu a bota. Recordou-se dos bons tempos em que, ainda meninos, tanto Tônico quanto Tuta ficavam a maior parte do dia

a seu lado ou brincando no quintal. Agora estava se sentindo cada vez mais sozinha. Até mesmo Juvelina, a filha solteirona com quem vivia às turras ou distanciada, às vezes lhe fazia falta na casa vazia. Quando chegava do trabalho, Coutinho não tinha mais o Moleque a recebê-lo com alegria, como que falando, a convidá-lo para brincar em torno da casinha do quintal. Vía o marido se recolher acabrunhado, sentando por um bom tempo na mureta do pequeno terraço, fumando seu cigarro de palha e com o olhar perdido ao longe na rua. Observava-o em silêncio e notava que o tempo estava pesando nas costas de Coutinho. Ele perdera a vivacidade e ia arriando aos poucos. Imaginou que logo ele não vai mais conseguir movimentar sacas de arroz que pesam mais de sessenta quilos porque passou o tempo em que era um touro forte capaz de arrancar no muque um mourão de porteira ou segurar vaca indócil pelos chifres. Hoje são seus filhos que chegam tarde em casa. Tônico trabalha o dia inteiro, Tuta sai de manhã para o colégio, retorna para o almoço e à tarde vai andar pelo asfalto fazendo não se sabe o quê. Os dois irmãos pouco se comunicam entre si e nunca saem juntos, cada qual tendo seu mundo à parte. Tônico pensa em se mudar para a capital e empregar-se lá como um auxiliar de farmácia. É o que planeja para o ano que vem. Tuta continua sonhando em também deixar Cruz das Almas, ingressar numa Faculdade de Direito ou Escola de Jornalismo, mas terá que esperar a conclusão do curso de segundo grau. Enquanto isso a máquina de Ordália continuava costurando camisas.

Numa manhã Ordália foi ao quarto de Tuta para acordá-lo. Calculou que ele devia ter ficado lendo até bem tarde porque viu um livro aberto sobre seu peito. O filho relutou em acordar, resmungou, virou-se, perguntou as horas e quando informado pela mãe sentou-se na cama num sobressalto.

Reclamou que estava com dores no lado direito da barriga, na altura do umbigo. Ordália palpou-lhe a testa e não sentiu estado febril passando a supor que tivesse sido algo que o filho comeu e que não lhe caíra bem. Preparou-lhe um chá de camomila acrescentado a seu café da manhã. Recomendou-lhe que se não estivesse sentindo-se bem que voltasse na hora para casa. Tuta saiu com pequenas e ainda suportáveis dores no abdome, mas no colégio essas se tornaram mais intensas principalmente quando caminhou para o pátio na hora do intervalo maior entre as aulas.

Procurou por D. Eulália, a coordenadora pedagógica, por ele considerada como sua madrinha protetora, a quem contou o que sentia comunicando sua intenção de deixar o colégio e retornar para casa. Contudo, D. Eulália preocupou-se com a saúde do aluno que ela estimava e admirava há anos, proibindo-o de deixar sua sala enquanto iria chamar o professor de biologia, que era um médico clínico geral. Ao pressionar o abdome de Tuta e subitamente dele retirar sua mão o professor Crispim percebeu imediata reação de dor maior provocada pela descompressão o que lhe permitiu diagnosticar que Tuta estava sob um quadro indicativo de apendicite e que deveria imediatamente ser levado para a Santa Casa para exames complementares e possível cirurgia. Tuta mergulhou num silêncio triste para depois pedir que seu irmão, que trabalhava numa farmácia próxima, dali fosse avisado de sua possível internação. D. Eulália cuidou disso e também da condução de Tuta até a Santa Casa onde, antes do meio-dia, Ordália chegou para ficar ao lado do leito do filho que aguardava cirurgia.

– Tuta, o médico tirou um pouco de sangue pra fazer exame e falou que você tá com apendicite. Mas isso é coisa simples, não fica nervoso não!

– Não estou com medo, mãe! Só não gosto de tomar injeção.

Confirmado o diagnóstico inicial, Tuta foi operado no final da tarde e dormiu profundamente após a cirurgia. Na manhã seguinte acordou disposto e se deliciou comendo um pedaço de marmelada com queijo branco que lhe foram servidos no café da manhã. Isso ficou marcado para sempre em sua memória. A toda vez que voltava a se servir de marmelada com queijo recordava-se de hospital como se essa fosse uma comida típica de doentes internados. Ordália deixou a Santa Casa na hora do almoço e nesse ínterim Tuta recebeu a visita de Augusto, o amigo com impigens no rosto, que chegou bem humorado e o fez rir.

– Já nasceu a criança?

– Ô, Augusto, não brinca não! A coisa foi séria! Só espero sair daqui amanhã. Tenho prova de Português na sexta-feira. Você já foi operado alguma vez?

– Não, nunca! Só quebrei o braço uma vez e fiquei engessado um bocado de tempo. A operação doeu?

– Nem vi, quando acordei já tinha passado.

Tuta olhou para o teto do quarto e por instantes recolheu-se em pensamentos fugidios imaginando já ter recebido alta médica, estar deixando a Santa Casa e que na portaria Irene o esperava com seu sorriso de menina feliz. Antes de ser internado ficara a noite toda lendo o livro de Mario Quintana que ela lhe emprestou, deixando dentro dele uma cópia do poema que dedicou a ela. Sabia estar próximo da casa de Irene e gostaria que ela viesse visitá-lo. Augusto interveio.

– Ela sabe que você está aqui?

– Acho que não! A menos que alguém tenha contado.

– Por que você não pede para que alguém da portaria vá avisá-la? A casa dela é aqui ao lado!

– Não fica bem, Augusto! A visita é se ela quiser, não deve ser chamada para fazer isso.

De súbito, sem que Tuta dissesse se apercebesse, um enfermeiro entrou no quarto para medir a temperatura e medicar o paciente. Cumprimentou Tuta e colocou o bulbo do termômetro sob as dobras de sua axila, verificando depois que ele estava com 37,7° C, febrícula considerada normal para o caso. Deu-lhe um comprimido de anti-inflamatório e antes de sair informou.

– Você está bem. Não tem febre. Cadê sua mãe? Ela te deixou sozinho aqui?

– Ela foi até em casa, mas vai voltar. Daqui a pouco ela está chegando!

O enfermeiro deixou o quarto e Tuta pretendeu continuar conversando com Augusto, mas se sentiu por demais sonolento. Suas pálpebras caíram e no fundo escuro de seus olhos fechados viu surgirem imagens variadas, espontâneas e por ele não controladas. Identificou entre elas a entrada da velha casa grande de Izidoro Couto, seu avô paterno, com o mangueirão brejento à sua esquerda; umas fisionomias esquisitas e não reconhecíveis; a verdejante invernoada do sítio de Inhaúma na qual ele corria depois de uma chuva fina para sentir o cheiro de pasto molhado; a pequena e frágil figura de Carlinhos Português com seu curto paletó de brim bege e seu velho chapéu de palha, caminhando lentamente pelas nuas ruas de Itaiporã; uma confusão de imagens embaçadas que passavam rápidas à beira de uma estrada como se estivessem sendo vistas pela janela de um carro em velocidade; uma pequena menina alourada que lhe sorria e depois fugia dele desaparecendo num funil de brumas; a silhueta de um homem sentado à frente de uma escrivaninha, possivelmente escrevendo carta; um rio navegável com árvores preguiçosas

beijando suas margens sem nenhuma canoa à vista e o corpo dele próprio deitado inerte numa cama visto através da porta de um quarto de hospital. Em pé a seu lado e por bom tempo Augusto ficou observando em silêncio o amigo semiadormecido para só depois lhe perguntar.

– Viajando pela sua imaginação, Tuta?

O filho de Ordália emitiu um pequeno sussurro suficiente apenas para acusar ter ouvido a pergunta, mas não respondeu. Adormeceu de vez.

Capítulo 3

I

Dormir tarde e levantar-se só depois das onze horas da manhã fazia parte da rotina diária de Irene, que lia vorazmente dois a três livros por semana, indo dos autores nacionais conhecidos aos estrangeiros e clássicos que lhe caíam às mãos. Não se entregava ao sono antes de consumir várias horas da noite na continuação de iniciada leitura de um livro. Terminava sua manhã sonolenta e vazia de palavras como se para ela o dia ainda não tivesse nascido. À tarde frequentava as aulas da quarta série do curso ginásial com seu tradicional uniforme escolar: saia azul marinho plissada e uma blusa branca, levando para o Ginásio, em meio a seu material escolar, um livro para prosseguir a leitura durante aulas que não retivessem seu maior interesse. Na classe abria-o discretamente sobre a carteira e deixava-se conduzir pela narrativa do autor como se ela própria estivesse deixando a sala de aula.

Mantinha-se bem informada tanto sobre literatura quanto sobre artes plásticas, admiradora que sempre foi dos impressionistas da *Belle Époque*, como Monet, Renoir e Degas, dos quais possuía algumas reproduções de obras em gravuras emolduradas e em livros de arte. Era capaz de discutir e de emitir abalizadas opiniões sobre o estilo do final do século XIX, no qual predominavam a luz e o movimento em reação

ao realismo clássico. Irene era a jovem alegre, descontraída e comunicativa que sabia como ninguém conquistar nova amizade a cada encontro, com a facilidade de quem expande simpatia irradiante e graça pessoal que cativam o interesse de interlocutor e o prende sem deixá-lo escapar de sua aguçada curiosidade. Extrovertida e sempre com seu sorriso de menina feliz a ela bastava um primeiro encontro, ainda que por curto espaço de tempo, para que deste ela saísse com informações quase completas sobre a pessoa com quem conversou, tão minuciosas eram as especulações que fazia em inteligente e agradável diálogo. Tornava-se capaz de estender análises precisas e definidoras da personalidade de amigos e de conhecidos seus, por vezes deixando aparentar que sabia mais sobre esses do que de si própria. Não se vestia de orgulho nem cultivava preconceitos. Sem que seus valores se conflitassem, a um só tempo era sofisticada e simples, dominadora e humilde, ativa e tímida, impositora de suas ideias e respeitosa ouvinte das ideias alheias mesmo que contrárias às suas.

Cresceu como num conto de fadas, tendo zelosas tias como babás em sua primeira infância, morando no casarão dos avós maternos, situado na arborizada avenida central que durante as quatro estações do ano deixava as calçadas forradas de florezinhas amarelas. No quintal do casarão ainda se via preservado seu balanço de criança sob um bem cuidado caramanchão, onde se refugiava para ouvir belas histórias contadas por Seu Valentim, um ex-escravo que a punha sentada no joelho e a chamava de *sinhá-menina*. Irene era a menina de sorriso feliz que conheceu Tuta e por quem esse se encantou.

Em Cruz das Almas a juventude não tinha muitas opções de lazer. Os sinais de televisão ainda não haviam chegado

e nela não havia vida noturna, o que fazia com que o programa comum fosse o de ir ao cinema duas ou três vezes por semana, geralmente às quartas, sábados e domingos, e comparecer aos tradicionais bailes no Clube Social, animados por grandes orquestras do tipo *big-band*, como *Casino de Sevilha*, *Silvio Mazzuca*, *Elcio Alvares*, *Nelson de Tupã*, *Pedrinho de Guararapes* e outras. Na cidade, um mínimo de três grandes bailes era realizado anualmente: o das debutantes, o do aniversário do Clube e o do *réveillon*, nos quais se faziam presentes as famílias abastadas, as mulheres desfilando elegância pelo salão com seus belos vestidos longos e os homens que se engalanavam trajando *smokings* conservados, porém cheirando a mofo.

Irene sempre esteve nesses bailes distribuindo sorrisos, controlada de perto por seus avós ou pelas tias que a acompanhavam. Tuta não. Nem sócio do Clube ele era. No mais, em Cruz das Almas havia a ida ao Clube Náutico nos calorentos finais de semana para nadar ou remar nas águas do Itaguaí; uma semanal noite dançante às sextas-feiras promovida pelos estudantes, animada por um conjunto local, e uma manhã de aperitivo aos domingos no salão do Clube, patrocinada por lojistas da cidade. Daí que a leitura de bons livros, passados de mão em mão entre os que a apreciavam, era o grande derivativo da sadia juventude local, que pouco ia para as cidades vizinhas, mas que viajava por distantes mundos de seus autores preferidos, desde o árido sertão nordestino com suas vidas secas; as fazendas de cacau com o ácido suor dos baianos; os pampas gaúchos cheios de tempo e de vento; as sombrias matas amazônicas com as índias de lábios de mel e os verdes mares bravios da terra natal, até o deserto do Saara com um pequeno príncipe; o Vale do Salinas com savanas ao leste do éden; os campos franceses e seus miseráveis entre duas grandes batalhas; a gélida casa dos mortos

com seu crime e castigo ou as terras de La Mancha, Aragão e Catalunha onde se faziam alucinantes cavalgadas contra moínhos de vento. Em dias normais de meio de semana, a cidade adormecia logo após as dez horas da noite. Em suas ruas pouco iluminadas, só continuavam a caminhar os que estavam voltando para suas casas ou aqueles que não queriam ser vistos nem encontrados tão cedo.

Quando Irene ficou sabendo que Tuta esteve internado na Santa Casa e que havia passado por uma cirurgia, ele já estava de volta às aulas, completamente recuperado. Alegrou-se ao reencontrá-lo dois dias depois de sua alta médica, quando o viu passando em frente à sua casa. Correu até ele perguntando por sua saúde.

– Estou bem. Foi só um pequeno susto.

– Pôxa! Você devia ter me avisado que eu teria ido te visitar. Aqui tão pertinho e eu não sabia de nada!

– Já passou! Olha, eu tenho uma surpresa boa para você. Devolvo seu livro e trouxe seu poema. Está aí dentro do livro. Mas antes quero dizer que gostei muito de Mario Quintana. Ele é incrível, não? Encontra poesia nas coisas mais simples que vê e as narra com uma delicadeza e uma sensibilidade que só os grandes poetas possuem. Gostei muito. Agora, meu despretensioso poeminha você só vai ler depois. Não na minha frente.

– Tá bom! Então eu vou embora já porque estou morrendo de curiosidade para ler esse poema. Escuta, gostei muito de vê-lo recuperado. Que bom! Tenho outros livros que eu sei que você também vai gostar. Depois eu lhe empresto. Agora eu estou lendo *Recordações da Casa dos Mortos*. É de um escritor russo chamado Fiódor Dostoiévski e retrata a vida de condenados nas prisões da Sibéria. É meio pesado, mas é bom. Toma cuidado com a saúde, hein! Tchau!

Tuta despediu-se de Irene e prosseguiu como se fosse continuar em direção à praça central, mas contornou a quadra e retornou à vila porque já tinha alcançado o que antes pretendia: reencontrar-se com Irene, entregar o livro e lhe ofertar seu poema. A menina de sorriso feliz entrou em casa e no quarto apressou-se em abrir o livro de Mario Quintana e pegar do meio dele a folha de caderno na qual havia um poema manuscrito. Deitou-se de bruços na cama e o leu atentamente.

“Quase Irene

*Um dia o dia nasceu e eu quase que vi Irene.
 Uma palavra foi dita e eu quase que disse Irene.
 O dia trouxe mais dias e eu quase busquei Irene.
 Brinquei de tanto brincar, quase junto de Irene.
 Depois um sonho embalou e quase sonhei com Irene.
 Gostei tanto desse sonho, quase gostei de Irene.
 Senti que a vida mudou, eu quase senti Irene,
 mas tanto cresceu a sombra que quase esqueci Irene.
 E tudo ficou tão triste que quase chorei por Irene.
 Fui correndo pela noite, quase louco por Irene,
 eu mesmo criava estradas, eu mesmo criei Irene,
 eu mesmo desfiz o mundo, quase o mundo de Irene,
 e dentro de um labirinto de quase paixão por Irene
 decifrei três mil enigmas quase por causa de Irene,
 quebrei ânfora de silêncio, quase o céu de minha Irene,
 procurei musa escondida num poema quase Irene,
 travei luta com fantasmas e quase morri por Irene.
 Acendi velas na sala, quase rezei por Irene.
 Um dia o dia voltou e eu quase revi Irene.
 Beije os lábios tão doces, quase os lábios de Irene
 e soube de tantas coisas, quase soube de Irene.*

*Eu soube que a mãe-d'água é quase a mesma Irene,
A história que ela conta, com voz quase a de Irene,
é quase igual minha história, é quase história de Irene.
E houve um beijo primeiro de quase amor por Irene,
houve um sonho debruçado, quase o mesmo de Irene,
um poema de soluços, quase um cântico de Irene,
um carinho de ternura, quase meu sonho de Irene
E eu vivi felicidade, eu quase vivi Irene.
Depois a noite desceu, quase morte para Irene
e eu pensei choradamente que quase matei Irene.
Fui trancar-me a sete chaves, quase vingança pra Irene
e no escuro do quarto, tão profundo quase Irene,
fui morrer serenamente, quase nos braços de Irene.”*

Irene ficou impressionada com a imaginação de Tuta na ritmada composição de seus versos soltos. Julgou que ele tinha um talento inato e ser possível superar-se visto tratar-se de um jovem com apenas dezessete anos, de origem humilde e pobre e que não crescera em meio a livros. Sensibilizou-se com a homenagem que lhe foi feita, embora não a tenha recebido como se proviesse de alguém que lhe significasse algo mais do que de um amigo a quem simplesmente passara a admirar e a querer bem. Revisitou o poema por mais duas vezes e pensou numa melhor e mais adequada maneira de agradecer a Tuta resolvendo escrever-lhe uma carta através da qual pudesse lhe falar bem de perto sem eventuais tropeços ou incongruências que uma verbalização poderia causar. Faltava tão só descobrir como endereçá-la.

II

Em casa, Ordália estava emburrada com a filha Juvelina, que dizia não mais querer ir para o trabalho e falava em deixá-lo alegando que lhe pagavam pouco. Ainda que por vezes reconhecesse sentir-se sozinha, faltando-lhe até mesmo sua companhia, Ordália não a queria durante o dia todo à sua volta e em vez de procurar se aproximar dela, preferia julgá-la um estorvo, acusando-a de inércia e de lassidão da vontade e sendo contra ela pelas inúmeras encrencas mantidas com Tuta por mínimas coisas, o que costumeiramente resultava em ofensas verbais recíprocas. Ordália achava melhor ela ganhar pouco e ter o que fazer fora do que ganhar nada e ficar à toa em casa, e a repreendeu como se fosse uma filha adolescente. Juvelina recolheu-se no quarto, não sem antes responder acintosamente que é ela quem manda em sua vida. *Manda como?* Perguntou-se Ordália. *Ela não paga nem o feijão que come!*

Passados três dias sem ida ao trabalho, Juvelina foi procurada em casa pelo irmão de sua empregadora, um corpulento, mas simpático senhor de descendência italiana, beijando a idade de seu pai e que veio saber do porquê de sua ausência, com a recomendação de levá-la de volta ao emprego. Ela não relutou. Seguiu com ele numa velha Kombi dando-lhe explicações iniciais de que não estivera bem de saúde nos últimos dias, o que não era nenhuma verdade. Nos dias seguintes esse mesmo senhor se encarregaria de vir buscá-la pela manhã com sua enferrujada perua Kombi e de trazê-la de volta a casa no final da tarde. Da mera oferta e da aceitação da condução para a idas e vindas ao trabalho passaram ambos a permanecer dentro da perua quando estacionada à frente da casa de Ordália por tempo maior do que o necessário,

até que a noite caísse. A mulher de Coutinho observava tudo com uma cisma de quem não estava gostando disso, mas não se intrometeu. Afinal, Juvelina era uma mulher já passada dos trinta e devia bem saber cuidar de seu nariz. O que ficava evidente é que entre eles havia um já não disfarçado início de namoro comportado e discreto como convinha às pessoas maduras. Ordália aquietou-se e não questionou sobre o que constatava, embora desaprovasse por princípio qualquer tipo de união entre eles, principalmente em face da avançada idade do italiano: ele tinha 57 anos.

Enquanto pedalava intermitentemente sua velha máquina Singer, Ordália costurava pensamentos diversos e controversos sobre eventual e incerto futuro a ser esperado para os dois; procurou aparar imaginárias pontas disformes e desencontradas que se formavam em torno deles; chuleou expectativas pouco alvissareiras a respeito desse namoro esquisito; cerziu uma aposta de que isso não iria dar em nada e fez dobraduras para simular não ter se apercebido do que se passava para deixar que a vida escorresse os dias por entre seus dedos. Relembrou-se de que em Inhaúma, quando o japonês Minoru leu as linhas da mão da então mocinha Juvelina, ele dissera que não via casamento no futuro dessa filha, tendo acrescentado que seu trabalho era fraco, que ela enfrentaria sérias dificuldades no caminho da vida e que para ela não haveria cerimônia de casamento. Quinze anos depois disso Juvelina era a única das quatro filhas de Coutinho e Ordália que ainda estava solteira, morando com os pais.

Mesmo com o passar de semanas, desde que iniciou a série de vindas diárias para buscar e para trazer Juvelina com sua Kombi velha, o italiano não se dispusera a entrar na casa de Ordália, nem chegou a ser convidado para tanto. Quando ele a via parada junto ao portão limitava-se a cumprimentá-la

educadamente com rápido gesto da cabeça sem sair do carro. Para Ordália o italiano era apenas um estranho com sabido interesse em relacionar-se com Juvelina e sobre quem pouco sabia. A filha lhe dera algumas poucas informações a seu respeito. Contou que ele se chamava Giácomo Salvatori; que era um dos irmãos da costureira para quem trabalhava; viúvo sem filhos que administrava uma pequena olaria às margens de uma estrada oficial que passa próximo de Cruz das Almas; que descendia de tradicional família de imigrantes italianos embora não fosse um homem de posses; que era educado, relativamente bem instruído, trabalhador, respeitoso e honesto, tudo o que ainda não chegava a ser o bastante para aliviar as encabulações de Ordália. De uma forma ou de outra, ela não iria palpar ou interferir nas intenções, vontades ou decisão de Juvelina, fosse essa a fazer ou a deixar de fazer o que melhor lhe aprouvesse. Foi-se o tempo em que eram os pais que indicavam o caminho e obrigavam as filhas a seguir por ele na hora e do jeito que queriam. Há muito Ordália já se dera conta de que filhos, depois de criados, não mais lhe pertenciam e mesmo continuando a morar na casa dos pais, têm uma independência rebelde. Cada um quer mandar em seu próprio nariz, a despeito de nada lhe ser verdadeiramente próprio. Os pais acabam se tornando apenas o tronco de origem fincado num lugar só e sustentado por raízes que apodrecem no solo e ameaçam sua estabilidade, enquanto veem seus galhos se espalharem ao sabor dos ventos e do tempo. Ordália baixou a sapatilha da máquina de costura e fez com que a agulha picotasse velozmente o tecido que corria sob ela. Não se julgava obrigada a receber ou a fazer sala a esse homem, pois mais estava a lhe parecer outro passageiro namoro de Juvelina, sem causa definida, sem razões para manutenção e sem consequências previsíveis. Imaginou, por suposto, ser pouco

provável que uma união entre eles venha a gerar filhos e se isso ocorrer é possível que esses fiquem órfãos de pai ainda pequenos, deixando com a mãe a obrigação de criá-los sozinha. Não conseguia imaginar uma cerimônia de casamento com Juvelina vestida de noiva caminhando para o altar para receber como marido esse homem que tem a idade de seu pai. *Seja lá o que Deus quiser!*

Giácomo, o velho italiano, continuou com suas vindas diárias à casa de Ordália, buscando e trazendo Juvelina sem contatar-se com nenhum outro membro da família. Por diversas vezes Tuta o viu sentado dentro da velha Kombi estacionada à frente da casa, na companhia de Juvelina, mas evitou cumprimentá-lo, não emitindo sobre isso a menor opinião ou comentário. Sempre evitou intrometer-se em assunto pessoal da irmã, procurando manter com relação a ela um preventivo distanciamento para evitar discussões nada respeitadas nas quais sempre escapavam palavras desaforadas de ambos os lados. Sabia que não lhe era adequado apreciar nem opinar sobre nada que a ela dissesse respeito. Viu acentuar com o passar do tempo a incompatibilidade de gênios entre eles. Eram duas pessoas que viviam próximas, mas que se repe-liam, que se estimavam e se respeitavam na mesma dimensão com que se odiavam e se agrediam. Aos olhos de Tuta, Juvelina aparentava ser uma pessoa sem nenhum humor, raivosa e revoltada com a condição em que vivia, condição criada por ela própria. Insistentemente, queixava-se de problemas sucessivos que dizia estarem incomodando-a, porém não se dispunha a procurar soluções ou alternativas para superá-los ou amenizá-los. Mantinha o cenho carregado como se não desejasse aproximar-se dos que a cercavam. Não cativou a amizade de Jandira, embora tivessem ocupado o mesmo quarto durante meses; não fora vista condoída quando da morte de

Moleque nem perguntou sobre o que ocorreu na vila após essa morte, embora, pelo seu recolhimento intimista, não se pudesse afirmar com certeza ter ela ficado indiferente a tudo isso; não se oferecia para a execução de serviços domésticos e Ordália não lhe dirigia nenhum pedido nesse sentido, até porque parecia preferir acusá-la depois pela sua inação. O relacionamento entre mãe e filha era tormentoso, dificultado mais ainda pela personalidade irascível de Ordália, que se irritava com facilidade. Juvelina era o alvo de seus ataques, aos quais muitas vezes reagia com irracionalidade, a ponto de ter sugerido à mãe que parasse de costurar quando esta lhe pediu ajuda para passar a linha na agulha da máquina, por não mais enxergar direito. Talvez na intimidade de seu quarto Juvelina fosse outra pessoa, diferente daquela que era vista pela mãe, mas não era reconhecida assim aquém da porta. Para Tuta, que a via à distância sem conhecê-la direito porque muito mais novo do que ela, Juvelina não passava de uma infeliz por opção, que maldizia o sucesso alheio por ela não alcançado e com isso sentindo-se ferida até os ossos, imergindo numa inveja degenerativa. Já para ela, Tuta era o filho protegido dos pais, que não trabalhava e vivia à solta sem compromissar-se com nada. Ela não era capaz de avaliar o empenho do irmão nos estudos, cegando-se para não ver sua ascensão social. Com ele só se comunicava durante as incontáveis encrencas verbais nas quais sempre se dava mal, em face da eloquência de Tuta. Xingava-o de forma desbragada mesmo à frente da mãe, sem nenhum pudor ou respeito, tendo chegado ao ponto de um dia, após violenta e desbocada discussão, acabar por dizer que se algum dia vier a ter um filho igual ao Tuta ela vai preferir que nasça morto. Ordália ouviu, sentiu-se apunhalada e sem afastar os olhos da sapatilha de sua máquina de costura apregou em médio tom.

– *Destá!* Se é assim que você quer, é assim que vai ser!

Toda a vizinhança soube e passou a comentar o estranho namoro de Juvelina com aquele velho que poderia ser seu pai pela idade que tinha. Contudo, ninguém se atrevia a dizer algo sobre isso diretamente a Ordália ou a Coutinho. O assunto só era tratado nas reservadas conversas que se entabulavam entre os varais dos quintais sem fronteiras, mais em tom da curiosidade que o caso inspirava do que de um maldoso mexerico sobre a vida da filha de Ordália. Giácomo, o italiano, era o alvo principal desses comentários. Aquele homem grandalhão com seu metro e oitenta de altura e com visível excesso de peso era visto por inteiro quando saía do carro e dava a volta em torno da Kombi para, educadamente, abrir a outra porta por onde descia Juvelina. Seu rosto redondo com grandes bochechas caídas era todo marcado por rugas profundas que denunciavam sua avançada idade. Segundo a opinião das vizinhas, ele não combinava nem um pouco com Juvelina que, apesar de passada dos trinta, se mantinha como uma mulher que aparentava juventude em seus finos traços femininos. Sua magra e delicada silhueta contrastava com o gordo e pesado corpanzil daquele velho. Não faltou até quem ironizasse que ele iria adotar a filha de Ordália.

Coutinho postava-se totalmente alheio a esse namoro de Juvelina. Não se imiscuíra nos casos dos namoricos anteriores e não seria nesse caso que iria meter seu bedelho. Em conversa noturna com Ordália deixou bem claro que a filha solteirona era dona de seu nariz para decidir e fazer o que bem entendesse da vida, inclusive unir-se com esse italiano se essa vier a ser sua vontade. Não será ele quem vai impedir ou reprovar essa união. Só achava que não devia haver nenhum casamento na igreja, pois julgava que tinha passado o tempo em que fazia festa em casa e conduzia filha vestida de noiva

até o altar. Se eles quiserem que vão morar juntos, não há mal nenhum, e até que é melhor que ela deixe a casa dos pais e vá cuidar de sua própria vida. Ordália concordou meio que a contragosto, mas não daria sua bênção a essa união, ainda preocupada com a diferença de idade entre eles, que a fazia temer pelo futuro da filha caso viessem a ter filhos.

De sua parte, Juvelina estava decidida a unir-se com o italiano Giácomo. Encantou-se com a ideia de sair da vila, ter sua própria casa e viver com esse homem como seu marido, independentemente de casamento. Giácomo lhe informou que alugara e que estava preparando uma casa, situada logo abaixo da praça central de Cruz das Almas, na rua que leva para a ponte sobre o Itaguaí e para a saída da cidade. Segundo ele, tudo estaria pronto para se mudarem em poucas semanas. Juvelina vestia-se de uma alegria permanente e parecia estar feliz consigo mesma como há tempo não se via. Mudou seu comportamento. Ao chegar em casa no final do dia cumprimentava a mãe Ordália com um sorriso de paz amorosa, dispondo-se até a ajudá-la no que fosse preciso mesmo sem que ela nada lhe pedisse. Era uma clara tentativa de reaproximação e de reconquista como se a partir de então ela necessitasse do apoio de Ordália, antes de noticiar o que decidira.

Durante os dias seguintes não fez nenhuma referência a Giácomo, calando-se quanto ao que decidira fazer ou sobre o que sabia que iria ocorrer nas próximas semanas. Enquanto isso cuidou secretamente de rever suas roupas e seus guardados apartando o que deveria constituir seu enxoval. Silenciosa e reservada, Ordália observava-a sem nenhum questionamento, porém nem um pouco enganada quanto às pretensões até então omitidas pela filha. Conhecia-a muito bem para aperceber-se desde logo de que Juvelina mudara de repente sua maneira de ser e de agir de forma planejada,

notando que ela passou a se mostrar rejuvenescida como se voltasse a ser uma adolescente à espera de seu príncipe encantado. Foi fácil constatar que ela tinha planos de deixar a casa para juntar-se com o italiano e foi sobre isso que Ordália procurou Coutinho para uma conversa.

– Coutinho, acho bom você se preparar porque a Juvelina vai se juntar com esse italiano. Vão morar junto!

– Pois que seja! Eu já não te falei que é melhor assim do que falar em casamento? Isso já passou da hora. Ela nem precisa da nossa permissão. Deixa ela!

– Mas você não acha que essa união é meio desajeitada? O homem é muito velho, Coutinho! E se tiver filhos quem é que vai criar?

– É problema deles. Nós já criamos os nossos. Agora é a vez dela.

Ordália aquietou-se pouco conformada, mas não deixou de observar concluindo.

– É. Mas e se ele morrer logo e deixar filhos vai sobrar pra nós!

– *Ara*, Ordália! Eu nem sei se vou *tá* vivo para ver isso! Por enquanto nós temos que pensar é só nos meninos!

A conversa terminou de forma inconclusiva. Coutinho aprovou a ideia, mas não considerou ou fez-se indiferente com relação às prováveis consequências dessa união. Ordália continuava incomodada, sem conseguir assimilar de todo a questão e sequer admitindo que esse velho italiano pudesse vir a ser seu novo genro. Imaginou que se Juvelina sair de casa para viver com ele será uma saída definitiva, sem volta, numa união que ela não aprovou.

III

Num sábado pela manhã Juvelina procurou por Tuta e o encontrou deitado em sua cama, lendo um livro. Aproximou-se dele de maneira inusitada, ensaiando um sorriso nos lábios e com voz falsamente adocicada pediu para conversar. Tuta se surpreendeu com a atitude da irmã, tão estranhamente serena e amigável como antes nunca fora, a ponto de impedir que ele se negasse a atendê-la. Juvelina sentou-se à beira de sua cama, olhou-o como se fosse lhe contar algum segredo e disse em voz baixa.

– Tuta, você sabe que estou namorando o Giácomo e eu queria falar pra você que nós decidimos viver juntos, mas sem se casar. Tem até uma casa que já está pronta pra gente morar. É lá perto do jardim. Eu queria saber o que é que você acha disso!

Não houve resposta imediata. Tuta deixou seu livro, sentou-se vagarosamente na beira da cama, virou-se para olhar firme para o rosto da irmã e examinou-a atentamente procurando reconhecê-la. Viu que a seu lado não estava aquela que sempre o desdenhou e que só lhe remetia ofensas em seus dias de revolta, nem quem até aqui vivera isolada na família como uma estranha hóspede. Juvelina estava ansiosa, com ar suplicante, olhando nos olhos de Tuta à espera de uma resposta. Nesse momento ela era outra pessoa. Seu tom de voz foi baixo e respeitoso sem ter procurado disfarçar o gesto de humildade que adotou ao consultá-lo e, enquanto falou, inclinava a cabeça e gesticulava em demasia numa perceptível demonstração de insegurança. Pela primeira vez ela lhe pareceu considerá-lo como sendo alguém capaz de emitir opinião sobre atitude a ser por ela tomada na vida, como se

nesse caso a solicitada opinião fosse necessária e indispensável para sua decisão, ainda que provinda do irmão caçula a quem ela jamais deu crédito ou quis ouvir. Tuta a olhou com devido respeito esquecendo-se das muitas brigas que houve entre eles. Sua resposta também se deu em voz baixa e de forma pausada.

– Lógico que eu sei de seu namoro, Juvelina! Mas você tem certeza que quer mesmo minha opinião?

– Se *tô* pedindo é porque quero. De verdade. Respondeu Juvelina.

– Então *tá*! Primeiro eu digo a você que com relação à decisão de vocês dois morarem juntos sem se casarem eu acho que isso só depende de vocês. Não é um simples papel de registro em cartório, nem uma cerimônia religiosa em igreja que consolida ou mantém um casamento. São vocês dois que vão mantê-lo enquanto quiserem e enquanto durar a união. Ninguém de fora tem o direito de dizer a você ou ao Giácomo que isso é certo ou que aquilo é errado. Se vocês dois querem assim e essa é a vontade sua e dele só vocês dois é que decidem! Você não tem que se incomodar com a opinião de quem quer que seja e muito menos com o que os outros pensam ou acham. Não importa a opinião do pai nem da mãe e muito menos a minha. Você é uma mulher adulta, livre e vacinada e só você é que sabe o que é bom para você. Se isso vai lhe fazer feliz, siga em frente! Não deixe que ninguém dê palpite ou tente impedir você de buscar sua felicidade do jeito que você quiser e com quem você quiser. E depois tem mais uma coisa: quem sou eu para dar palpite nesse caso? Eu só posso desejar que vocês dois sejam felizes. Só isso! Pode contar comigo, *tá* bom?

Juvelina alegrou-se aliviada depois de ouvir a manifestação de Tuta. Sentiu-se mais segura quanto à sua decisão.

Sabia da indiferença do pai e que ele não emitiria nenhuma opinião contrária e que só sua mãe é quem estava em desacordo com essa união, mas passou a ter a aprovação de seus dois irmãos. Tónico a apoiava e era quem mais dela se aproximava. Apesar do convívio nada amistoso que sempre manteve com Tuta, era principalmente dele que ela precisava ouvir opinião sobre o que decidira. Levantou-se da cama, sorriu e o olhou com carinho num ato que representou um feliz reencontro entre os dois. Ela por receber o expressivo apoio do irmão mais novo. Ele por ter sido, pela primeira vez, reconhecido por ela como alguém cuja opinião podia ou devia ser considerada. Juvelina tomou-lhe das mãos e agradeceu-lhe pelo apoio, que lhe foi de muita valia. Deixou o quarto com um sorriso de mulher feliz. Na semana seguinte deixaria a casa para viver com Giacomo.

IV

Irene preparava-se para escrever a carta de agradecimento a Tuta. Obtivera informação sobre seu nome completo através de uma colega de classe, porque até então só o conhecia pelo apelido. Surpreendeu-se ao saber que ele se chamava Tuliano dos Anjos Couto, nome incomum e por ela não conhecido. A partir desse dado pediu a uma tia que trabalhava como auxiliar de laboratório no Instituto para obter o endereço, que devia constar em pasta escolar arquivada na Secretaria. Não foi tarefa difícil. Ela estava no refúgio de seu quarto, onde passava grande parte do dia recolhida com seus livros. Releu o poema que lhe foi dedicado, deteve-se em demorado exame da desenhada letra com que Tuta o copiou em folha

de caderno, reapreciou o talentoso jogo de palavras, as belas figuras que Tuta criou e buscou analisar o que a ele podia ter significado cada um de seus versos. Pretendia sensibilizá-lo com uma carta delicada, porém pensou em acautelá-lo para não alimentar nele nenhuma expectativa de algo mais do que uma boa amizade. Gostava dele apenas como amigo. E foi assim que principiou a escrever. *“Meu caro amigo Tuta”*. Foi escolhendo as palavras que escrevia e pouco depois concluiu a carta passando a subscitar o envelope. Seguiu até o correio e a postou.

Num final de tarde Ordália assustou-se quando viu o carteiro aproximar-se de seu portão e chamá-la para a entrega de uma carta. Na família não havia o hábito de escreverem cartas nem era fato comum recebê-las. De pronto imaginou que só podia ser de Benvinda, a filha mais velha que se mudara para o Paraná, mas mesmo esse fato era coisa raríssima. Dela Ordália recebera apenas uma carta desde que ela se mudou e isso foi há mais de dez anos, quando nela vieram noticiadas a chegada e as acomodações na nova morada nos arredores de um pequeno vilarejo daquele Estado. Naquela época a família dos Pinhos iniciava a derrubada da mata para a preparação de área de plantio e, entre as notícias enviadas por Benvinda, estava a do grave acidente sofrido por um seu cunhado, atingido por pesado galho de árvore abatida no meio da mata. Apesar do socorro imediato, Nestor, um dos irmãos do marido Osmar, ficou paraplégico. Ordália lembrou-se ainda de que em Inhaúma recebera uma carta de sua irmã Berenice, que se mudara para o sul de Mato Grosso e que através dessa soubera da morte de um seu sobrinho. Depois disso, receber uma carta passou a ser para ela um motivo de apreensão, pois sempre temia estar por receber más notícias. Foi até o portão e só se aliviou quando recebeu a carta das mãos do carteiro

e ouviu a informação de que ela estava endereçada a Tuliano dos Anjos Couto, o Tuta. Agradeceu ao carteiro, voltou examinando e admirando a bonita letra que subscrevia o envelope, confirmando ser ela destinada a seu filho caçula. Não tinha a menor ideia de quem seria Irene, a remetente. Pôs a carta numa gaveta do lavatório em seu quarto e aguardou a chegada de Tuta para entregá-la.

Nesse dia foi Coutinho quem chegou primeiro em casa, logo informado por Ordália de que Tuta recebera uma carta de mulher. O velho pai não se encabulou, embora tenha demonstrado natural curiosidade ante o inédito fato. Não se demorou em formular diversas perguntas a si mesmo. *Quem será essa mulher que escreveu para meu filho? Nem mesmo eu sei exatamente o endereço onde moro, como é que essa mulher conseguiu saber? Se ela mandou uma carta é porque não mora aqui e como é que Tuta conheceu essa mulher se ele nunca saiu de Cruz das Almas?* Indagou-se ainda sobre o que conteria essa carta, sem nada dizer a respeito. Só Ordália é quem comentou.

– Deve ser de alguma namoradinha dele. Tava na horal!

Após jantar, Coutinho veio sentar-se na mureta do pequeno terraço da sala e enquanto baforava seu cigarro de palha olhava hesitante para o alto da rua quieta. Vários assuntos passaram a ocupar secretamente seus pensamentos. A Juvelina que está aprontando malas para deixar a casa e ir morar com o italiano Giácomo, coisa que não lhe parecia de todo ruim; a pretendida mudança de Tônico para a capital, em busca de emprego melhor, programada para o ano que vem, e agora esse provável namoro de Tuta. Começou a se imaginar envelhecendo sozinho ao lado de Ordália.

Tuta caminhava de volta para a casa mergulhado em pensamentos dispersos depois de vagar sozinho pelo asfalto, sem nenhum compromisso com as horas. Não estivera com

Augusto. Não que o tivesse evitado, simplesmente porque esse menino não apareceu. Demorou-se na praça, olhou os cartazes do cinema, caminhou pela avenida central, passando por diversas vezes à frente do casarão onde Irene morava sem conseguir vê-la e agora, na escuridão das ruas descalças da vila, lastimava-se outra vez ao verificar que algumas das poucas luzes que as iluminavam foram novamente quebradas por pedras atiradas por moleques vadios. Não gostava de escuro porque isso o levava a pensar sobre o que não via e a imaginar coisas que não existem.

Enquanto caminhava, ouviu passos que supostamente o acompanhavam como se repetindo o som de seus próprios passos. Imaginou estar prestes a se defrontar com perigo oculto embora conhecesse e soubesse de cor todos os cantos e recantos da vila onde morava. O som do vento assobiava em seus ouvidos e os latidos dos cães lhe soavam como ameaças, em cada esquina que alcançava vinha-lhe à memória o dia em que teve o inesperado encontro com pessoas agrupadas ao lado da casa vizinha velando o corpo do marido de Uasna. A morte vinha sendo uma estranha sensação de presença que às vezes o acompanhava espreitando-o de perto. Pensou em seus pais e indagou-se de como deviam eles estar a essa hora, não conseguindo evitar a ideia maluca de que quando estivesse dobrando a esquina da rua de sua casa iria se deparar com um acontecimento trágico envolvendo alguém de sua família. Procurou afastar esse mau pensamento, mas sentiu que alguma coisa estranha e nova estava para acontecer. Algo inusitado e diferente. Apressou o passo como se de repente tivesse hora certa para chegar.

A rua onde morava estava em silêncio, dormindo sossegada. Ninguém caminhava por ela a não ser ele. Nenhuma luz brotava de janelas vizinhas e quanto mais se aproximava

de sua casa mais a escuridão enegrecia. Quando chegou viu a mãe Ordália acordada, de pé à frente da mesa da sala, empunhando uma tesoura em meio a seus panos. Entrou rápido e com alguma cisma perguntou.

– Tá tudo bem aqui em casa, mãe?

– Tá tudo bem, filho! Chegou uma carta pra você.

Tuta teve um sobressalto. Quem é que pode ter-lhe escrito uma carta? Não estava esperando que ninguém lhe escrevesse. Não dera seu endereço a ninguém nem se correspondia com alguém que agora pudesse estar lhe mandando notícias pelo correio. Pensou na irmã Benvinda, mas logo deduziu que essa não escreveria a ele, mas sim a seus pais. Não tinha a menor ideia de quem poderia ter lhe remetido uma carta.

– Carta para mim, mãe? Quem é que mandou?

– Não sei! Parece ser de uma tal de Irene. Você conhece alguém com esse nome?

Ao imediato alívio seguiu-se um contentamento explosivo do jovem Tuta. Abraçou a mãe e deu-lhe um beijo no rosto como nunca fizera antes. Foi tomado por uma felicidade ímpar empolgando-se a ponto de rir alto e pedir que a carta lhe fosse entregue na horinha. Ordália tornou a perguntar.

– Quem é essa Irene?

– *Ara* mãe, dá logo essa carta pra mim que depois eu conto quem é.

Ordália foi até o quarto, apanhou na gaveta do lavatório o delicado envelope da carta e o entregou a Tuta, que chispou dali sem mais dizer para recolher-se no refúgio de seu quarto. Tônico dormia numa das duas camas de solteiro, acordou e reclamou por Tuta ter acendido a luz. Indiferente à reclamação do irmão mais velho Tuta examinou com carinho o envelope e ficou sabendo do nome completo da remetente

que mora na bela avenida central forrada de florezinhas amarelas nas calçadas: *Irene de Castro Veiga*. Demorou a abrir o envelope e quando o fez tomou o cuidado de não danificá-lo. Dentro dele uma única folha escrita só em seu averso com um pequeno texto em apressada letra miúda da menina que tem um sorriso feliz. A carta não estava datada. Tuta principiou a leitura.

“Meu caro amigo Tuta,

“Acabo de ler seu poema e adorei. Aliás, eu o li por diversas vezes. Você foi muito feliz na composição dos versos e há neles um ritmo incrível. As figuras que você criou são muito bonitas e se você pensou em mim ao escrever eu fico contente, mas acho que não sou merecedora dessa bela homenagem. Ele só é fruto de seu talento e de sua inteligência. Acho que você soube jogar muito bem com as palavras. Isso foi o que mais me impressionou. Você nunca deve parar de escrever. Precisa continuar lendo bastante e produzindo coisas bonitas como essa. Parabéns, seu poema é muito lindo.

Obrigada. Irene.”

Ao concluir a leitura Tuta mergulhou num longo e profundo silêncio. Manteve o olhar debruçado no curto texto da carta de Irene e lentamente refez a leitura buscando encontrar o exato sentido de cada uma das palavras usadas pela menina de sorriso feliz. Desgostou-se com seu conteúdo desde a referência inicial a *“meu caro amigo”*. Esperava ver expressões de maior alegria pessoal e até mesmo uma confissão de que ela fora atingida em sua sensibilidade. Frustrou-se ao verificar que Irene fez mera e formal crítica literária de seu poema, elogiando o autor, porém mostrando-se alheada com relação aos reais sentimentos que o motivaram a compô-lo. A formalidade e a impessoalidade que Irene deixou transparecer no pequeno texto de sua carta o frustraram. Para Tuta foi como

se deliberadamente ela houvesse evitado deixar-se ver por inteira e pretendido desestimulá-lo de uma maior aproximação ou de pretensão de qualquer coisa além de amizade. Escondera-se atrás de palavras cuidadosamente escolhidas. Achou ter sido muito pouco ter ela escrito que ficaria “*contente*” se tivesse sido a inspiração do poema. Ora, isso estava claro no poema que levava seu nome. Nada correspondia à ansiedade que antes ela demonstrara quando repetia o pedido de entrega de “*sen*” poema.

Tuta ficou desolado. Repôs a folha dentro do envelope, escondeu-o entre seus guardados, apagou a luz e deitou-se para dormir. No fundo escuro de seus olhos fechados começaram a surgir imagens que se sucediam em desordem. Um rio em desespero buscando inverter o sentido de sua corrente; uma menina correndo em fuga de sua vista e fazendo voarem flores amarelas que descansavam na calçada; lâmpadas sendo apedrejadas por moleques irresponsáveis; uma locomotiva sem maquinista que saiu em disparada de uma pequena estação; um homem solitário caminhando tristemente de volta para a casa pelos estreitos carreadores de um arrozal; uma criança chorando de fome e frio sentada à beira de um caminho e diferentes perfis humanos desenhados a carvão numa parede branca. Adormeceu esperando que o dia de amanhã viesse ser um dia de onze sóis.

V

Pela manhã Juvelina demorou-se um pouco mais para sair de seu quarto. Completou a arrumação de seus objetos pessoais, fechou uma pequena mala com suas poucas roupas,

escovou bem seus cabelos, acentuou a maquiagem e esperou pela chegada de Giácomo. A pequenina casa alugada pelo italiano, próxima do jardim da praça central, estava pronta para recebê-los e ela deixaria a casa dos pais. Nada estava diferente na rotina diária da família. Coutinho e Tônico tinham ido para o trabalho, Tuta seguira para o Instituto e Ordália estava de volta à sua velha Singer em meio a seus panos. Quando a perua Kombi estacionou à frente da casa, Juvelina saiu do quarto, veio até a sala, aproximou-se de Ordália e falou com voz baixa.

– Mãe, eu tô indo embora. Peço a sua bênção.

Ordália não se virou para olhar a filha. Continuou pedalando intermitentemente a máquina, mão esquerda junto à sapatilha e a direita detendo ou interrompendo a roda da máquina, como se a seu lado não estivesse ninguém. Não aprovava a união e não queria saber como essa iria se dar. Permaneceu calada com a cabeça baixa, olhando fixo para a costura enquanto Juvelina esperava por um adeus. A filha insistiu.

– Mãe, eu queria me despedir da senhora.

Lá fora Giácomo estava sentado ao volante da velha Kombi sem nenhum chamamento para apressar a saída de Juvelina. De onde estava, Ordália olhou para o carro através da porta da sala. Era a mesma cena à qual já se acostumara, sem nunca concordar com o namoro ou a ideia da união. Juvelina esperou da mãe uma reação que não veio. Desistiu e saiu carregando sua pequena mala em direção ao portão. Ordália permaneceu impassível, sem se levantar de onde estava.

A filha deixou a casa e seguiu com Giácomo. Desgostosa, contou que a mãe não quis se despedir dela e que sequer a olhou quando saiu. O italiano não mostrou reprovação à atitude de Ordália, pelo contrário tentou compreendê-la e

explicá-la como sendo uma natural reação de mãe quando a filha deixa a casa nas condições em que Juvelina estava deixando. Recomendou que não a censurasse por isso. Melhor deixar o tempo passar um pouco até que as coisas novamente se assentassem e pudessem elas conviver em paz. Juvelina ouviu e se calou. Enquanto seguia para o novo lar, deixou escorrer pela face uma silenciosa lágrima perdida. Sabia que era difícil a mãe aceitar e perdoá-la pelo que estava fazendo.

Onde Juvelina e Giácomo passariam a morar juntos era uma pequena casa arrumada com muito gosto, bem tratada e agradável na simplicidade dos móveis que a decoravam. Na sala, uma mesa com quatro cadeiras, tendo uma toalha de renda a ela sobreposta e no centro um vaso de vidro azul com um ramalhete de flores brancas. Na parede, uma emoldurada gravura de paisagem campestre. A cozinha, menor ainda, apenas funcional com um fogão de quatro bocas, uma boa pia, armários suspensos, uma geladeira e uma pequena bancada para refeições. Um só quarto e um pequenino quintal onde ficava um tanque para a lavagem de roupas. Mas tudo era mais do que o bastante para o início de vida do casal. Juvelina ajudara a prepará-la e agora passaria a estar em sua própria casa. Mostrou-se feliz ao desfazer a mala e acomodar suas coisas, enquanto Giácomo a observava sorridente compartilhando de sua felicidade.

VI

O novo encontro de Tuta com Irene aconteceu dois dias depois do recebimento da carta. Num começo de noite, quando se dirigia ao centro, ele a viu deixando o Clube da praça,

caminhando de mãos dadas com um rapaz de cabelos longos que aparentava ser pouco mais velho que ela. Certamente seu namorado. Era um jovem de boa aparência, elegante no traçar e que trabalhava como balconista em uma grande loja de tecidos da cidade. Não era um estudante nem sua família era dali, mas Tuta o conhecia de vista. Aumentou seu desconsolo quando cruzou com ambos na calçada e a menina de sorriso feliz saudou-o com um descontraído “Oi Tuta!”. Ele a fitou por fração de segundo, tempo necessário apenas para responder à sua saudação, numa tentativa de demonstrar indiferença ante a cena que viu.

Prosseguiu cabisbaixo até o centro do jardim, sentou-se num dos bancos que rodeavam o velho chafariz octogonal e desejou que Augusto não aparecesse para que seus pensamentos pudessem ganhar asas e voar livres no tempo. Soube então que Irene tinha um namorado e que talvez ela gostasse dele, o que poderia explicar o fato de ter escrito aquela carta de maneira tão formal.

Consolou-se por vir a ser apenas seu “*caro amigo*”, embora julgasse não terem sido destruídas todas as esperanças de um dia vir a ser algo mais do que isso. Não se imaginava pequeno nem incapaz de superar obstáculos na vida. Isso é o que vinha fazendo desde os tempos meninos em Inhaúma. Sempre pensou grande e alto, sem nunca esmorecer, como no verso de Castro Alves no qual o poeta afirma ser pequeno, mas que só fita os Andes. Sempre esteve convicto de que venceria um a um todos os desafios que a ele se antepuserem. Concluído o curso médio deixará Cruz das Almas, irá para a capital, ingressará na universidade e um dia voltará sendo alguém capaz de lutar contra todos os moinhos de vento. Enquanto isso, há que se conformar em ser apenas o “*caro amigo*” de quem por pouco tempo foi sua pretendida.

Nesse começo de noite de meio de semana havia pouca gente na praça e nenhum motivo para nela permanecer. O dono do carrinho de pipocas continuava parado numa esquina e não tinha mais fregueses. Algumas mocinhas transitavam por ali, indo ou vindo, mas simplesmente passando. Os poucos homens no interior do Clube jogavam cartas com altas apostas em dinheiro. Alguns sairão dali com perdas irreparáveis. Nada justificava manter abertas as portas dos bares ao lado porque neles não mais estavam nem seus cachaceiros habituais. A banda municipal encerrara seu ensaio no final da tarde e o alto-falante à frente da praça passou a transmitir o som da rádio local, fazendo-o quase para ninguém. Só Tuta permanecia sentado sozinho no banco do centro do jardim, olhando desolado para o laguinho do chafariz.

Daqui a poucas horas toda a cidade estará se recolhendo adormecida e suas ruas ficarão nuas. Ele não sabia as horas porque nem relógio possuía. Orientava-se pelo ritmo que a cidade adotava: pelo encerramento da sessão de cinema que se dava por volta das dez horas, pelo total esvaziamento do jardim ou pelo fechamento dos bares que ficavam em seu largo, tudo o que lhe indicava a hora de iniciar sua caminhada de volta para a vila. Contudo, o momento estava a lhe impor algumas diferenças. Não se preocupava com a hora costumeira de retornar. Silenciou-se sem vontade nem disposição para o nada que lhe restava. Olhou para o chafariz pouco iluminado e recolheu-se em sua mudez, vendo-se como um viajante desorientado à procura de espaço enquanto mergulhava num vácuo de pensamentos em desordem.

Ao retornar para a vila não irá passar pelas calçadas da avenida central que se cobrem com florezinhas amarelas. Não mais importará ver Irene acenando-lhe do terraço com seu sorriso de menina feliz. Rasgará o poema a ela dedicado e

buscará novas inspirações em pessoas que ainda não conhece, sem deixar que sentimentos fortes e invasivos o dominem ou limitem sua liberdade individual. Não sabia bem porque, mas achou que tinha sido apressado e inoportuno com relação a tudo. Atrevido e presunçoso até. Era preciso campear novo itinerário para caminhar por Cruz das Almas aguardando o dia de deixá-la. Lembrou-se de que no Instituto havia meninas que flertavam com ele e que se mostravam pretendentes de um namoro, ao que até então ele se mantivera indiferente. Pensou que era chegada a hora de aproximar-se de uma delas, aceitar um compromisso (*ainda que seja um faç-de-conta*) e esquecer-se de Irene. Foi o que decidiu fazer antes de levantar-se do banco e deixar o jardim.

Ao sair da praça deparou-se com Augusto, que vinha da direção para onde ele ia. Viu-o sorrindo contente, como se esse novo encontro o tivesse surpreendido. Augusto inverteu o sentido de sua caminhada e passou a acompanhá-lo.

– Ué, Tuta! Que é que houve com você para estar assim com essa cara amarrada?

Tuta se deu conta de que essa era a primeira vez que Augusto lhe perguntava alguma coisa como se ainda não soubesse. De hábito ele sempre demonstrava saber de tudo o que ocorria com Tuta, até mesmo antecipando referências sobre o que ainda não lhe tinha sido contado ou sobre o que ainda nem se dera. Por quais razões dessa vez ele pergunta sobre aparente desconsolo no rosto de Tuta? Não lê mais seus pensamentos? Há de haver razão muito forte para essa repentina mudança em sua maneira de intervir quando o encontra. O menino com impigens continuou esperando uma resposta como quem realmente queria saber o que aparentava desconhecer. Seu questionamento era a demonstração de que ainda não sabia da reação íntima que Tuta teve ao receber a carta

de Irene. Nem mesmo da carta ele sabia. Não sabia que ele a viu andando de mãos dadas com o namorado, nem foi capaz de supor que Tuta estava pensando em não prosseguir com o intento de conquistá-la. Ouviu a resposta.

– Não houve nada. Está tudo bem comigo. Só que eu quero decidir sozinho sobre o que devo ou não devo fazer. Não quero mais falar sobre minha vida. Quero ficar sozinho!

O acompanhante calou-se insatisfeito. Tuta caminhou sem se virar para Augusto que o fitava com olhar inquieto. Os passos eram apressados. Tudo estava diferente nesse encontro. O filho de Coutinho optou por um novo itinerário nesse seu retorno para a vila, seguindo por uma rua que cruzava com a avenida central e não passava à frente da casa de Irene. Nada disse sobre o porquê dessa alteração. Augusto apercebeu-se disso, não se conformou com a carranca e o silêncio de Tuta e ousou novamente questionar, curioso por saber.

– Foi alguma coisa que eu fiz que te deixou assim?

Tuta rebateu de pronto como quem detinha autoridade maior.

– Assim como?

– Assim com essa cara amarrada e sem querer falar...

A caminhada foi interrompida e ambos se entreolharam de frente, parados em pé bem no meio da rua escura. A cidade ouviu a fala de Tuta, que veio carregada de agressividade.

– Se você acha que a companhia não está boa por que você não fica por aqui e para de me seguir? Eu estou indo para minha casa e você vai ter que voltar. Não é melhor você voltar daqui?

Augusto acatou e desistiu de reiniciar a caminhada deixando-se ficar apenas observando Tuta afastar-se de modo rápido e decidido em direção à vila. Desistiu também de procurar saber.

O restante do percurso Tuta o fez com um sentimento íntimo de abafada revolta contra o que o afetava. Agora não estava apenas desacompanhado, na verdade estava absolutamente sozinho. Queria buscar um recolhimento mais profundo onde houvesse descanso e paz, sem aborrecimentos, sem ambições, sem dificuldades financeiras, sem desavenças, sem anseios nem frustrações. Ao alcançar a rua de sua casa olhou para a direita e recusou-se a tomá-la. Chegar em casa seria um mero ato de voltar e nesse momento ele não queria voltar. Queria ir. Passou reto e seguiu em direção à parte mais baixa e mais escura da vila, onde existia uma estradinha que levava à chácara dos Forcattos, banhada ao fundo pelo riacho São Lourenço. Não havia nele nenhuma vontade de chegar a lugar algum, apenas a de caminhar a esmo no meio da noite.

A lua minguante iluminava pouco seu caminho e um vento frio o encolhia ainda mais em si mesmo. Adiante alcançou um pequeno conjunto de barracos maltratados ao qual os moradores da vila deram o nome de *Coloninha* e onde habitavam paupérrimas famílias de negros. Observou alguns cavalos cochilando em pé à beira da estradinha, viu cabras soltas que o olhavam tão curiosas quanto amedrontadas e prosseguiu sem pensar para onde ir ou porque estaria indo. Sentia-se melhor em sua solidão noturna independente. Estava livre sem nenhuma obrigação de ser. Não levava consigo nenhum pensamento sobre Irene. Estava leve porque não tinha que se explicar a Augusto ou a quem quer que seja. Não havia ninguém à sua espera, não tinha hora para chegar, nem compromisso nenhum. Estava tão só para reviver os livres tempos de menino, como quando caminhava pelas matas ralas da redondeza até alcançar a margem direita do Itaguaí em busca do desconhecido, sempre olhando pela janela da vida. Tinha todo o tempo do mundo para ficar à vontade em sua

sozinhos e liberdade, ainda que circunspecto. Fingiu tão intensamente que até pareceu estar feliz.

Ainda pela estradinha chegou junto a uma porteira e não a ultrapassou por considerá-la como sendo uma fronteira que limitava sua caminhada. Lembrou-se de que em Inhaúma, o antigo sítio de seu pai, que não mais existe, havia uma porteira como essa à beira da estrada que levava a Itaiporã. Aquela sempre foi o limite do quintal de sua meninice. Então havia uma porteira à sua frente fazendo encerrar ali sua caminhada. Começou seu lento regresso. O caminho por ele antes percorrido na ida, agora na volta pareceu-lhe mais curto. Beirava a meia-noite quando entrou em casa pela porta da cozinha, deixada destrancada pela mãe. Toda a vila dormia. Deitou-se de costas em sua pequena cama e antes de adormecer tentou decifrar imagens que surgiram no fundo escuro de seus olhos fechados. Contudo, nessa noite as imagens se mostravam borradas, imprecisas, tortuosas, confusas e não decifráveis. Não conseguiu sequer viajar pelo fantástico mundo de suas lembranças. Simplesmente adormeceu.

Capítulo 4

I

Irene reclamou ao ser acordada por uma de suas tias às cinco horas da manhã, para ajudar a família a compor o tapete colorido que deveria forrar o centro da rua à frente de sua casa para as comemorações do dia de *Corpus Christi*. Era uma tradição em Cruz das Almas à qual nenhuma família se furtava, competindo entre elas em criatividade e beleza na composição de caprichados desenhos de símbolos eucarísticos ou de passagens bíblicas. Desde dias antes, sua avó reservara borras de café, farinha e serragem, tingira areia com anilina, juntara tampinhas de garrafa, arrumara flores e folhas secas – tudo para tornar a avenida central mais bela e colorida na parte que correspondia à frente de sua casa. Mesmo contrariada por ter sido tirada da cama tão cedo, Irene foi levada a participar desse trabalho e pouco depois nele engajou-se, passando a atuar com dedicação e alegria, feliz na manhã fria.

Nas ruas pelas quais passaria a procissão de *Corpus Christi*, todos os moradores empenhavam-se em compor sua parte do colorido tapete. Desenhavam pombas brancas, gregas nas barras, cálices, o rosto de Cristo, cruces, o sagrado coração, flores e palavras de fé. Irene participava de tudo com dedicação, preocupando-se menos com a forma e os detalhes dos desenhos e mais com a combinação das cores ao lhes dar

acabamento. Por vezes caminhava pela avenida e ia apreciar o trabalho de outras famílias vizinhas, que se encarregavam cada qual da parte que lhes cabia enfeitar. Sempre sorrindo, perguntava daqui e palpitava dali. A manhã também começou a se colorir com as luzes de um morno sol nascente e, à noitinha, todos foram participar da procissão para mais tarde assistirem a missa celebrada na matriz de São Sebastião.

Irene ainda não sabia se Tuta recebera ou não sua carta, embora já se tivesse passado quase uma semana desde o dia em que a postara. Lembrou-se de que a última vez que o vira foi quando do rápido encontro que teve com ele ao deixar o Clube, então acompanhada de seu namorado, porém não imaginava que esse encontro pudesse ter provocado um afastamento voluntário de Tuta. Enquanto se dedicava à composição do tapete, junto a familiares e pessoas amigas, por vezes lançava seu olhar ao longo da calçada contrária, até onde podia avistá-la, como se aguardasse a vinda e passagem dele por ali. Queria saber de sua reação quando do recebimento da carta e precisava reencontrá-lo. Há dias ela não o via passando pela sua rua e isso começava a lhe parecer estranho. Gostou imensamente do poema que lhe fora dedicado e não via a hora de reencontrar-se com o amigo para comentá-lo.

Por sua vez, Tuta havia mudado seu comportamento a partir do dia em que viu Irene com o namorado. Não caminhava mais pela arborizada avenida nem se demorava isolado na praça central. Não vinha se encontrando com Augusto. No Instituto, durante os intervalos de aulas, passou a diversificar suas companhias, deixando-se envolver em descontraídas conversas de grupos de alunos que antes não eram seus. Não se isolava, nem mais se incomodava em ouvir baboseiras nas afiadas críticas que alguns colegas faziam a um ou a outro professor ou com a inocuidade das irreverências estudantis.

Participava das conversas dos que se agrupavam, ouvindo-as mesmo sem nenhum interesse, às vezes opinando em concordância com o que diziam, às vezes rindo, ainda que sem achar graça nenhuma das insólitas piadas contadas por um ou por outro. Pensava em Irene.

No largo, viu e aproximou-se de Cecília, uma menina que frequentava ano escolar anterior ao seu e de quem há tempo vinha percebendo o oferecimento de um insinuante sorriso. Era ela uma jovem mal passada dos dezesseis anos, rosto redondo de bela morenice, cabelos longos e olhar matreiro. Pequena de corpo, aparentava estar um pouco acima do peso que lhe seria ideal sem que isso comprometesse sua beleza. Tinha um comportamento discreto, quieta durante os recreios, sempre acompanhada de uma mesma colega. Tuta sabia quem ela era e conhecia seus pais, uma família de classe média moradora do bairro que desce as barrancas em direção à margem direita do Itaguaí.

A primeira conversa que com ela manteve foi meramente formal e versou tão só sobre atividades escolares, deixando a impressão de um penoso vazio. Cecília entusiasmou-se com esse primeiro encontro a ponto de procurar estar com Tuta durante todos os recreios dos dias seguintes. Havia nela uma irradiante felicidade a cada vez que o reencontrava. Contudo, não existia o mesmo entusiasmo da parte de Tuta, apesar da vontade que ele tinha de se comprometer com uma namorada para esquecer-se de Irene. Acautelou-se no trato com Cecília para não magoá-la com esquivas perceptíveis, que deixassem transparecer tratar-se de um capricho passageiro, mas ao mesmo tempo evitou estimulá-la com apressadas ilusões. Deu-lhe devida e respeitosa atenção e dedicou-lhe agrados que não superaram a prudência necessária nesses casos.

Cecília era uma jovem inteligente e perspicaz, entregava-se com afinco aos estudos, o que a vinha mantendo como primeira colocada de sua turma desde os anos ginasiais. Tinha o bom hábito da leitura, gostava de cinema e de artes, ensaiava pinturas com aquarelas usando papel com elevada gramatura, ainda sem ousar exibir seus trabalhos por considerá-los mero exercício de natureza escolar, conversava com desenvoltura olhando sempre de frente nos olhos do interlocutor e quando estava com Tuta fitava-o como se tão só o fato de estar a seu lado já constituísse uma felicidade. Desde que passou a frequentar o segundo grau, em mesmo período que Tuta, ela o vinha observando com indisfarçado interesse em namorá-lo, daí oferecer-lhe um sorriso a cada encontro pelos corredores do Instituto. Embora desde logo Tuta tivesse se apercebido disso, antes não se importara em responder. A partir de então passaram a estar juntos num claro início de namoro real. Frequentavam o cinema nos finais de semana, caminhavam de mãos dadas pela praça central, sentavam-se num dos bancos do pouco iluminado largo da matriz e beijavam-se demoradamente com um amor começado. Despediam-se nas proximidades da casa de Cecília porque ela ainda não se dispusera a notificar seus pais sobre o namoro. Tuta sentiu-se amado. Cecília passou a ser boa companhia também quando à noite ele retornava sozinho para a vila. E isso lhe fazia bem. Nem mais se incomodava com o escuro ou quando notava que lâmpadas haviam sido novamente quebradas por meninos vadios. Pretendia encontrar-se com Irene quando estivesse andando de mãos dadas com Cecília para cumprimentá-la de longe com um sonoro *oi*. Não caminhava mais pela avenida central.

Em seu quarto, enquanto seu irmão não chegava, abriu o único guarda-roupas e remexeu em seus papéis e guardados

conservando uma cuidadosa quietude. Encontrou o poema dedicado a Irene, tomou-o nas mãos, releu e tornou a guardá-lo, não confirmando a primeira vontade que teve de rasgá-lo. Achou que agora ele era mais seu do que dela. Apagou a luz, deitou-se de costas pondo as duas mãos em concha apoiando a nuca, fechou os olhos e deixou-se viajar pelas lembranças que naturalmente surgiram como nítidas imagens no fundo escuro de seus olhos fechados. Mesmo sem pretender, visualizou Irene entre essas imagens, na espontaneidade de seu alegre caminhar pela avenida bonita e com seu sorriso de menina feliz. Forçou as pálpebras como se necessário para mudar de cena e localizou Cecília no corredor do Instituto olhando-o de forma insinuante e interessada, emoldurada por seu sorriso matreiro. Misturou as imagens sem compará-las e surpreendeu-se ao visualizar Augusto entre elas. Onde andar­á o menino com impigens que há muito ele não vê?

II

Na primeira visita que Juvelina faz à sua mãe desde que deixou a casa e passou a morar com Giácomo, ela não foi bem recebida. Ao entrar pela sala encontrou Ordália sentada pedalando sua velha Singer com a cabeça abaixada e os olhos fixados na sapatilha da máquina, acompanhando atentamente o correr do pano que costurava. Ordália não se prestou sequer a levantar seu olhar para fitar a filha que chegara, muito menos a responder a seu cumprimento. Ignorou-a por completo como se ninguém houvesse entrado em casa ou estivesse pretendendo falar com ela. Por um minuto Juvelina permaneceu em pé à frente da mãe, suportando a dolorida

indiferença e se mantendo em forçado silêncio. Não esperava ser recebida assim ou, melhor dizendo, não ser recebida. Inconformada e sem graça, foi até o quarto que um dia foi seu vendo-o do mesmo jeito em que o deixara. Retornou à sala, seguiu até a cozinha e saiu pelo pequeno quintal observando tudo o que nele ainda existia. Voltou disposta a insistir no pedido de acolhimento.

– Mãe, eu vim visitar a senhora porque eu não briguei nem *tô* de mal. Eu ainda sou sua filha...

Debalde tentativa e infrutífera espera. Ordália não se dispôs a fazer um só gesto que demonstrasse ter ouvido a fala da filha, nem interrompeu seu trabalho quase que automático. Continuou impassível olhando a sapatilha e habilmente dirigindo com os dedos da mão esquerda o tecido que corria sob ela. Para Ordália não havia ninguém a seu lado. Não aprovava a união com Giácomo nem a estimulava a deixar sua casa para morar com ele. Dispusera-se a considerar a saída de Juvelina para viver com o velho italiano, nas condições em que isso se deu, como uma saída definitiva, sem volta. Continuou calada e indiferente. A filha amargurou-se e tornou a insistir.

– Mãe, a senhora não vai mais me receber aqui em casa?

Nenhuma reação, nenhuma resposta. Na sala apenas o som intermitente da máquina de costura. Ordália e Juvelina estavam próximas uma da outra, a segunda olhando para a primeira e tanto essa quanto aquela se mostrando absolutamente sozinha. Ordália não tinha ódio da filha, mas não queria estar com ela nem reatar uma convivência que entre elas nunca chegou a ser sequer amistosa. Para ela, Juvelina havia saído em definitivo da família e o italiano não era seu genro. Durante o tempo em que conviveram sob o mesmo teto Ordália só a via como uma pessoa omissa e inútil que nunca conquistou sua benquerença, isso sem reconhecer que era ela

própria quem impedia a aproximação da filha através de uma contínua minimização de seus valores. Juvelina se mantinha isolada porque lhe era imposto um distanciamento da mãe. Verdade que tentava impor sua presença e vontade, por vezes até com certa arrogância e com afronta à mãe como se independente fosse, porém, esse comportamento nada mais era do que uma reação ao indigno tratamento recebido de Ordália. Agora ela estava de pé ao lado da mãe e segurando-se para não dizer coisas das quais poderia arrepende-se depois. Antes nunca suportara calada as nem sempre justas reprimendas recebidas de Ordália, replicava-as com respostas imediatas ainda que desaforadas e até mesmo com blasfêmias. Agora tudo era diferente. Agora ela estava retornando à casa da mãe na condição de uma visitante que esperava ser recebida e que não o foi. Não se via mais no direito de exigir nada nem de protestar. Desistiu. Virou-se em silêncio, dirigiu-se para o portão e deixou a casa regressando a pé para o centro. Ordália não a acompanhou nem com o olhar e continuou costurando seus panos como se ninguém tivesse estado ali.

Em casa, Giácomo esperava-a e ouviu a narrativa do encontro que não houve, seguida da raivosa afirmação de Juvelina de que nunca mais poria os pés na casa da mãe. O bom italiano discordou.

– Não senhora! Sua mãe ainda está magoada e tem lá suas razões. Dia desses você volta lá e tenta de novo uma aproximação. Você vai fazer isso quantas vezes for necessário até que ela a receba. Afinal ela é sua mãe. Uma filha não pode viver divorciada da mãe!

Juvelina lançou um olhar suplicante para o companheiro sem contestar. Recolheu-se em seu quarto e ali choramingou baixinho. Pensava em nunca mais voltar à casa da mãe, com quem não tinha a menor afinidade, e porque não queria

passar de novo pela humilhação que passara. Lembrou-se de que no dia em que deixou a casa sua mãe não se despediu dela, numa clara reprovação a seu ato, e sabia que ia ser difícil ela recebê-la de volta como se nada tivesse acontecido. Sabia que para Ordália seria quase impossível reconsiderar. Giácomo veio até ela e a confortou com palavras de conciliação. A união com Juvelina o obrigava a buscar o melhor convívio possível com seus pais.

Casara-se em primeiras núpcias no ano de 1930, ano em que Juvelina nasceu, e vivera com a primeira mulher por longos vinte e três anos, durante os quais mantivera fraterna aproximação e boa convivência com seus sogros, sempre em volta em muito respeito, estima e carinho mútuos. Não teve filhos, mas ganhara uma maravilhosa família durante esse primeiro e duradouro casamento. Estava viúvo e sozinho há oito anos e agora o que mais desejava era ganhar uma nova família com a qual pudesse conviver em perfeita harmonia. Forçaria Juvelina a insistir na reaproximação com a mãe até que essa resolvesse acolhê-la em casa.

A mando de Giácomo, duas semanas depois Juvelina retornou à casa dos pais e a cena com Ordália se repetiu. A mãe novamente a ignorou como se ela não existisse. Não lhe retribuiu nem um olhar. Permaneceu na cozinha lavando suas louças e intencionalmente dando as costas para a filha que chegou. Juvelina suportou outra vez a indiferença e a desfeita por pouco tempo. Desistiu sem falar nada mais do que o tentado cumprimento inicial, retornando à sua casa para ouvir de Giácomo as mesmas recomendações de antes.

– Não reclame! Daqui a algumas semanas você vai voltar lá e tentar de novo. Mais dia menos dia sua mãe vai acabar entendendo que o que você quer é conviver em paz e vai receber você de volta. Agora não adianta chorar!

No final do dia, quando Coutinho chegou, Ordália lhe noticiou sobre a segunda vinda de Juvelina e de sua inamovível recusa em recebê-la. Coutinho se fez pensativo e acabrunhado, não vendo na visita da filha nenhum problema novo para a família nem como um fato a ser evitado ou repellido. Achava que a união de Juvelina com o italiano já tinha passado a ser coisa definitiva e que a partir de então todos deveriam conviver sem encrenca um com o outro. Desaprovou a atitude de Ordália arguindo que Juvelina tinha todo o direito de visitar os pais e devia ser recebida com educação. Em contraponto ouviu Ordália bradar em tom raivoso.

– Não quero ela aqui em casa com aquele italiano que eu nem sei quem é. Ela saiu porque quis e agora que fique por lá e viva sua vida longe de mim! Não quero mais saber dela.

Inconformado Coutinho não retrucou. Conhecia muito bem a mulher que tinha para saber quando é que devia ficar calado. Ordália nunca dava o braço a torcer. A conversa encerrou-se por aí e nas semanas seguintes o nome de Juvelina não voltou a ser citado nem por um nem por outro. Ninguém mais tocou no assunto sobre sua união com Giácomo.

III

Terminado o período de prestação do serviço militar obrigatório no Tiro de Guerra local, Tônico mudou seus planos e informou ao pai que pretendia ir para a capital e prestar exames para ingresso como soldado na Força Pública, intenção bem diferente de uma vontade anterior que era a de lá empregar-se como auxiliar de farmácia. Fora influenciado por um amigo seu, soldado do Destacamento Policial de Cruz

das Almas que trabalhava como guarda de trânsito nas ruas da cidade. Ao notificar os pais não encontrou nenhuma oposição da parte de Coutinho, até mesmo porque era o filho mais velho e de há muito independente, tendo-se mantido em um bom emprego desde os quatorze anos e que agora era maior de idade e dono de sua vontade. A novidade fez com que o velho pai se lembrasse de seus tempos de moço, quando tivera vontade de se alistar no exército e tornar-se um soldado brasileiro, para conhecer novas plagas e deixar a roça de que não gostava. Estimulou Tônico a seguir a carreira militar, contentando-se com a notícia. Antes soubera que um dos filhos dos Romualdos, antigos moradores da região de Itaiporã, tinha se mudado para a capital e se incorporado na Guarda Civil de São Paulo o que para Coutinho já era um motivo de admiração. Bem ao contrário, Ordália não se entusiasmou com a novidade contada pelo filho. Começou a temer pela sua vida por achar que um policial está frente à sabida violência de criminosos da capital e que isso pode ser um perigo para quem trabalha nas ruas. Nunca teve por essa carreira a mesma admiração de Coutinho, mas conformou-se por não ser ela quem iria tentar demover o filho dessa ideia.

Seja lá o que Deus quiser!

Tuta foi o último da família a saber do novo plano do irmão mais velho. O próprio Tônico lhe contou relatando imaginados detalhes de uma vida futura, festejando sua decisão. Não se empolgou com a escolha da profissão feita pelo irmão, embora sentisse a mesma vontade de sair de Cruz das Almas e mudar-se para a capital assim que concluísse o curso médio. Mantinha seu sonho de ingressar na Universidade, mas ainda teria que esperar por quase dois anos. Estava seguro de que um dia também deixaria a casa dos pais e seguiria para a cidade grande que não conhecia e sobre a qual tinha

ouvido algumas histórias. Contaram-lhe do prédio Martinelli, o mais alto da cidade e o preferido dos suicidas; dos pun-guistas que atuam principalmente nos arredores das estações rodoviária e ferroviária fazendo de incautos interioranos suas vítimas prediletas; do “*bom ladrão*” Meneguetti e suas espetaculares escapadas pelos telhados das casas como se fosse um gato; do *Sete-Dedos*, um também ladrão frio e calculista que sorrateiramente invadia as casas durante a noite e roubava tudo o que podia enquanto os moradores simplesmente dormiam; de um túnel por onde passam carros varando o seio de um monte; do grande estádio do Pacaembu, seu conhecido através das transmissões de jogos ouvidas pelo rádio; das largas avenidas, seus monumentos e praças; da famosa Escola Politécnica; da Escola de Jornalismo Cásper Líbero e da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, sobre a qual ouviu um professor dizer que é dali que saem grandes poetas, escritores, políticos, diplomatas e até advogados. Sonhava poder estar nessa cidade grande, perder-se nela andando à solta por suas ruas intrincadas, descobri-la aos poucos para saber de seus segredos e mistérios, ainda que não possa ver seus horizontes em face da enormidade de seus edifícios. Sem ter nenhum parâmetro imaginava-a como sendo o formidável gigante Adamastor, popularizado por Camões na epopeia *Os Lusíadas*, para quem sua figura se desfazia em lágrimas salgando os mares do Cabo das Tormentas e cuja única fraqueza era um amor impossível, doença benigna da qual sempre padecia. Alegrou-se por imaginar que a ida de seu irmão antes da sua poderá lhe servir amanhã como um importante apoio quando for ele o viajante novato

Na última semana do mês de fevereiro de 1961, Tunico aprontou uma pequena mala com algumas poucas trocas de roupas, acomodou entre elas sua certidão de nascimento e a

pública-forma de seu diploma comprovante da conclusão do curso primário, únicos documentos pessoais que então possuía, e seguiu acompanhado pelo pai até a velha estação do ramal ferroviário que o levaria a uma cidade vizinha, para embarcar num imponente trem a diesel e seguir rumo à capital. Não se despediu da mãe Ordália porque tão logo ela soube da hora de sua partida preferiu ausentar-se de casa para não vê-lo partir. Por um tempo Coutinho permaneceu sozinho parado na plataforma da velha estação, olhando tristemente a fumacenta locomotiva afastar-se levando seu filho. Sentiu bater-lhe uma vontade de seguir junto para conhecer a capital, mas sabia que não era dessa vez.

Na carteira, Tônico levava pouco dinheiro e um pequeno papel no qual fora assinalado um roteiro indicativo de como chegar ao local de destino a partir da grande estação ferroviária da capital. Na alma levava uma enorme esperança. Ficaram para trás estimados amigos que durante anos trabalharam juntos como auxiliares em farmácias e com os quais formara uma boa turma. Deixou uma cidade de que ele nunca aprendeu direito a gostar porque ela pouco lhe oferecera. Jam consigo muitas lembranças de uma adolescência cheia de frustrações inconfessadas; de um velado preconceito social com relação aos jovens que não eram estudantes; de anseios inatingidos e de uma namorada pela qual ele jamais se apaixonou verdadeiramente. Tônico viajava ansioso, porém sem nenhum receio de enfrentar o mundo desconhecido que o aguardava. Pela janela do trem viu-se deixando lentamente a cidade de Cruz das Almas como quem não mais vai voltar. Depois ficou a observar áreas com muitas terras não cultivadas, campos com trechos de matas preservadas, pequenos vilarejos fincados ao longo da linha férrea, casinhas isoladas na imensidão, fazendas com portais, mangueirões e sedes bem

cuidadas, bois em sua maioria brancos agrupando-se aqui e ali, cidades com nomes antes não sabidos, uma gente estranha que não parava de andar pelos vagões e o bem uniformizado Chefe de Trem que nos intervalos entre uma cidade e outra surgia anunciando a próxima parada com um vozeirão troante a exigir que lhe fosse apresentado o bilhete de cada um dos passageiros para novamente picotá-lo. Mesmo mal acomodado num banco de madeira de segunda classe, adormeceu, apesar do burburinho interno. Chegou a seu destino pela manhãzinha, depois de onze horas e meia de cansativa viagem.

Durante os primeiros vinte dias na capital, inscrito como um candidato a soldado da Força Pública, Tunico foi submetido a uma bateria de sequenciais exames médicos, odontológicos, de suficiência física, escritos e psicotécnicos, dormindo em precário e improvisado alojamento de uma instalação da própria Corporação, convivendo com outros candidatos e também com pernilongos, pulgas e ratos. Seu dinheiro acabara na primeira semana e a única alimentação diária oferecida era parca. Repartiam entre si as poucas frutas obtidas às escondidas durante o almoço. Concluídos os exames e uma vez aprovado foi ele transportado num caminhão até a cidade de Sorocaba, onde ficou alojado e iniciou o curso de formação de soldados com duração de quatro meses, durante o qual passou a perceber salário mensal. Só retornaria a Cruz das Almas depois de formado, como soldado incorporado e envergando um belo uniforme para orgulho maior de Coutinho.

IV

Numa tarde de sol e à sombra de uma pequena árvore, Tuta estava deitado na grama do parque em frente ao Instituto e na companhia de Cecília, cada um deles lendo seu livro. Ele deliciando-se com as crônicas de Paulo Mendes Campos, ela entretida na leitura de *A Cidadela*, do médico e escritor escocês A. J. Cronin. Falavam pouco entre si, exceto quando Tuta interrompia a leitura de Cecília para tecer comentários sobre uma ou outra passagem que julgava mais interessante da crônica que lia. Cecília se encantava com os comentários de Tuta e sorria docemente ouvindo-o ler em voz alta a passagem por ele selecionada. Estavam felizes. Não havia nada nem ninguém que os incomodasse na quietude da tarde e do parque.

Subitamente Augusto surgiu à frente de Tuta como se fosse um homenzarrão, vez que visto de pé por quem estava deitado. Sua figura se pôs contra a luz do sol e por instante Tuta não o reconheceu. Fitou a silhueta daquele que chegou de repente, abandonou o livro ao lado de seu corpo, levantou seu dorso num movimento único e rápido, apoiou-se nos cotovelos e olhou irritado para o depois reconhecido menino com impigens no rosto, vociferando em tom de censura.

– Outra vez você interrompe minha leitura?

Cecília assustou-se com o brusco movimento de Tuta e não entendeu o porquê daquela fala repentina, desmotivada e sem sentido. Não havia ninguém à volta deles. Nem ela nem ninguém interrompera Tuta em sua silenciosa leitura. Virou-se para o namorado, viu-o com os olhos esbugalhados olhando meio para o alto e estranhou o comportamento de quem estava falando sozinho.

– Você está se escondendo de mim, Tuta? – perguntou Augusto, então visto à frente desse.

– Não! Quero ficar sozinho comigo mesmo.

Cecília ouviu essa segunda fala de Tuta e o interrogou incomodada.

– *Tá* falando com quem, Tuta? Quer ficar sozinho por quê? Que é que está havendo?

Tuta continuava olhando em direção ao rosto de Augusto e depois o viu afastar-se dali não sem antes notar que ele estava novamente com a mesma roupa que um dia disse ter ganhado de Papai Noel: uma calça comprida clara, uma cinta de couro, uma camisa escura riscada de fios brancos e sapatos novos. Ouviu a intervenção de Cecília e como se caísse em si e somente então se desse conta de que ela estava a seu lado buscou se justificar.

– Desculpa, Cecília. É que Paulo Mendes de Campos diz aqui num trecho de sua crônica que “...uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba...”, e eu não sei porque me senti imediatamente interrompido em minha leitura e falei que quero ficar sozinho. Desculpa, não tem nada a ver com você. Esquece.

– Que coisa estranha! Por que é que essa estória de carta te incomodou tanto?

Era necessário explicar melhor o fato. Pela primeira vez Tuta tinha sido surpreendido falando com Augusto que só por ele era visto. Percebeu que Cecília ficou assustada e que ele não só precisava ser mais persuasivo para convencê-la de que não havia nada de anormal em seu comportamento, como também precisava livrar-se dessa incômoda e comprometedor situação. Olhou para os lados como se procurasse por alguém e ainda avistou Augusto já bem distanciado caminhando pela calçada da rua do Instituto em direção ao

centro. Ensaíou em pensamento uma resposta a ser dada e complementou com voz baixa, pausada e propositadamente embargada.

– Sabe de uma coisa, Cecília? Em toda minha vida eu só recebi uma carta e ela me aborreceu muito. Veio com más notícias que me causaram mal e quando me lembro disso eu me enervo. Chego a perder o controle, às vezes com reações impulsivas ou até falando sozinho como se alguém estivesse me importunando. Não se preocupe não. Não foi nada! É coisa minha.

– Mas que más notícias foram essas que te afetaram tanto assim? Perguntou Cecília.

– Por favor, Cecília. Não quero falar sobre isso. Se eu contar de novo isso vai me fazer mal outra vez. Podemos mudar de assunto e continuar a leitura?

Cecília calou-se momentaneamente concordante voltando-se para seu livro, embora não de todo convencida de que aquilo tivesse sido uma simples reação instintiva ou pudesse ser considerado como uma coisa normal. Tuta tornou a se deitar na grama, pouco aliviado com a suposta solução que teria dado ao ocorrido. Julgou que se Cecília não viu o menino Augusto o melhor é não confessar que ele o viu e muito menos falar sobre ele. Retomou a leitura de seu livro.

Ainda pensando na estranheza do comportamento de Tuta, Cecília não conseguia se concentrar para o reinício de sua leitura, inconformada com o que viu e ouviu. Não se satisfez com a explicação dada por Tuta. Minutos depois ela novamente fechou o livro, virou seu corpo para o lado do namorado para vê-lo e ouvi-lo melhor e tornou a questionar.

– Tuta, sabe o que é que eu acho esquisito? É o fato de você, que estava lendo um livro tão calmamente, ter ficado irritado assim de repente, levantado de maneira brusca e ter

falado com alguém que você parecia estar vendo à sua frente. Conta para mim, você estava vendo alguém aqui?

Um silêncio demorado ocupou o lugar de uma resposta imediata. Tuta fingiu que prosseguia na leitura enquanto pensava como responder da forma mais adequada. Se Cecília não viu Augusto chegar ali e falar com ele, nem o ouviu, por que confessar que ele o viu? Ensaiou um tom conciliador e calmo e falou pronunciando vagarosamente cada palavra, mesmo sem conseguir esconder um perceptível nervosismo e uma indisfarçável agressividade.

– Não! Como é que eu poderia ter visto alguém se não havia ninguém por aqui? Eu já não lhe disse que foi uma reação instintiva e que fiquei irritado e nervoso? Acho que devemos encerrar esse assunto, tá bom?

Cecília ainda não se satisfez. Estava assustada com o estranho comportamento do namorado e percebia que sua fala ganhava cada vez mais um tom de insegurança e de pouca credibilidade. Tuta demonstrava apreensão e a olhava com ar de mando como se necessitasse disso para sua defesa. Cecília não aceitou a recusa em tratar do assunto. Sempre o considerou como um jovem resoluto e sincero, altivo e verdadeiro, digno de ser admirado exatamente por essas qualidades. Contudo, agora ela o via como um menino inseguro, carente de disfarces, relutante e frágil. Supôs que nem mesmo ele era suficientemente capaz de acreditar em suas próprias explicações tal o desencontro que existia entre o que dizia e o que realmente acontecera. Não podia aceitar esse fato como algo normal e comum, principalmente provindo de uma pessoa inteligente como Tuta.

– Sabe de uma coisa Tuta? Você tem todo o direito de não querer me contar nada sobre o que é que se passa com você, mas eu não estou de acordo nem gostando nada disso.

O que você me diz não parece ser verdade. Eu continuo achando que você está me escondendo alguma coisa e isso me assusta.

– Pode achar o que quiser. Eu já lhe expliquei tudo o que tinha que explicar.

Aumentava a agressividade na fala de Tuta e Cecília se assustava cada vez mais. Não quis mais ficar em sua companhia.

– Sabe de uma coisa? Eu vou é embora daqui.

Fechou seu livro, apanhou sua bolsa levantou-se e aprontou-se para deixar o parque sem mais dizer. Tuta só teve uma reação.

– Faça o que você quiser! Pode ir!

– Tchau.

A maneira com que Cecília deixou o parque com passos decididos e apressados, sem olhar para trás e abandonando Tuta deitado ali, foi uma clara indicação de que o namoro que até aqui durara pouco mais de três semanas tinha sido rompido. Para Cecília havia motivos o bastante para isso. Para Tuta, era algo contra o que ele não podia lutar. Iniciara um namoro e o mantivera de maneira respeitosa e bem cuidada e ainda que tenha perdurado pouco não podia deixar de reconhecer que tivera momentos felizes ao lado de Cecília, sem nenhuma questiúncula que os incomodasse ou os incompatibilizasse. Deram-se muito bem e ele a tratara com carinho durante todo o tempo. Mantiveram conversas adultas porque tinham gostos comuns e divertiram-se muito, a eles parecendo que o tempo parava quando estavam juntos. Ela lhe fez um bem enorme, levando-o a esquecer-se de Irene durante o tempo desse namoro. Se ela desistiu não será ele quem vai forçar o reatamento. Deu-lhe razão e reconheceu que não era possível se explicar melhor sobre o aparecimento de Augusto, como por ela exigido. Nem havia como explicar

o inexplicável. Lembrou-se que quando caminhou junto com Irene para buscar um livro na casa de uma amiga, Augusto se mantivera o tempo todo caminhando ao lado deles, mas Irene não se apercebera disso porque naquela ocasião ele não falou com esse menino. Nem o enfermeiro que abruptamente entrou no quarto do hospital onde ele esteve internado chegou a se dar conta de que Augusto estava ali bem próximo dele, sentado numa cadeira a seu lado. Só agora é que, pela primeira vez, alguém o ouviu falar com aquele que só ele via.

Nos dias seguintes Tuta não voltou a estar com Cecília durante os intervalos de aulas, nem se dispôs a se enturmar como recentemente havia começado a fazer. Cecília também não o procurou, voltando a se fazer acompanhada da amiga de sempre. O filho de Ordália tornou a se isolar, muita vez permanecendo na sala de aula durante o tempo de recreio. Quando saía, andava pelos corredores caminhando sozinho pelo pátio ou ia até D. Eulália para vê-la escrevendo suas crônicas diárias e ouvir dela a sonoridade de suas palavras bonitas. Não se abateu emocionalmente com o fim do namoro porque nem chegara a se apaixonar por Cecília, embora em seu caderno espiral tivesse iniciado a composição de um pensado poema que um dia talvez viesse a lhe ser dedicado. Desse poema restou escrito tão somente o verso inicial que por longo tempo não conheceu continuação.

“Sonhei que amava Cecília num sonho maior que a noite.”

A arborizada avenida central com suas calçadas forradas de florezinhas amarelas voltou a receber sucessivas passagens de Tuta, que por ela tornou a caminhar olhando discretamente para o terraço da casa de Irene. Após o rompimento com Cecília ele sentiu necessidade de reaproximar-se, o mais breve possível, da menina de sorriso feliz para não

ficar solitário de vez. Arrependeu-se de ter evitado um novo encontro com ela desde o dia em que a viu com o namorado. Pretendera *fazer fosquinha* mostrando-se acompanhado e de mãos dadas com Cecília, o que não chegou a acontecer, mas era difícil supor que Irene não tivesse sabido de seu namoro. Nada do que ocorria em Cruz das Almas deixava de ser logo sabido e comentado de boca em boca entre os estudantes, cidade pequena onde se sabe de tudo sobre todo mundo. A decepção que tivera quando do recebimento daquela carta formal e a desilusão íntima que o atingiu quando viu Irene de mãos dadas com aquele rapaz haviam sido amenizadas ao longo das últimas semanas em que estivera com Cecília. Agora desejava reencontrá-la ainda que fosse apenas como amigo, sem qualquer outra pretensão. Nas caminhadas noturnas quando retornava à vila era Irene quem voltava a ser a doninha de seus pensamentos.

V

Ordália vivia preocupada com a falta de notícias de Tônico. Embora não gostasse de receber carta por sempre temer ser ela portadora de má notícia, esperava que ele lhe escrevesse para contar como estava. Já haviam se passados quase três meses desde que ele deixara a casa paterna e uma angústia apertava-lhe o coração por não saber se o filho havia sido ou não aprovado nos exames de ingresso na Força Pública, se arrumara outro emprego para ficar e sobreviver por lá, ou como estaria vivendo na cidade grande. Corroía-a por dentro a natural preocupação de mãe que pela primeira vez via um filho deixar a casa e aventurar-se sozinho pelo mundo.

Sentada junto à sua máquina, aberta a porta da sala, olhava de minuto a minuto para a rua, alerta ou às vezes tomada de uma série de alucinações em que se sucediam: um acidente, um desaparecimento ou coisa ainda pior. Tentava imaginar o lugar onde estaria o filho como se pudesse deslocar-se até lá e examiná-lo em pensamento. Porém, não o encontrava em sua imaginação.

Mas não era exatamente da presença de Tônico que Ordália sentia falta maior, pois esse filho pouco ficava em casa. Saía pela manhã, por vezes almoçava ou tomava um lanche na cidade e só retornava à noitinha para jantar. Ficava sempre à sua espera e sabia direitinho a hora certa de sua chegada como se o acompanhasse em sua volta. Para ele, quando chegava, estava posta a mesa da cozinha, com uma toalha limpa, seu prato e talheres. Ordália esquentava seu jantar como se fosse servi-lo a uma visita. De uma forma bem diferente da que dispensava a Tuta. Para esse, o almoço ou o jantar era deixado sobre a tampa do fogão a lenha em um prato feito. Tuta que o requentasse se assim preferisse. Ao caçula, estudante sem emprego, Ordália nunca fez deferência especial. Tuta não era uma visita a quem devesse ser posta uma toalha na mesa para suas refeições. Ele é de casa, como se dizia, diferente de Tônico, quem supunha chegar cansado do trabalho e parecia lhe impor exigências.

Não era todo o dia que Coutinho puxava assunto sobre Tônico. O pai continuava sendo de pouca prosa, quando muito, vez ou outra, deixava escapar um pensamento em voz alta, principalmente quando no final do dia vinha se sentar na mureta do pequeno terraço da sala, apanhava seu canivete para picar um toco de fumo e preparar um cigarro de palha, enquanto lançava um olhar perdido que subia pela rua e ia em direção ao longe.

– Que será que o Tônico *tá* fazendo numa hora dessas?

Ordália escutava o dolorido murmúrio de Coutinho e primeiro se aquietava. Olhava-o com certa pena, achando-o já velho e cansado e, sem interromper o pedalar de sua máquina de costura, completava mais para si mesma do que em resposta ao pensamento do marido.

– Bem que ele podia mandar notícias! Sabe-se lá se aconteceu alguma coisa de ruim!

O filho de Izidoro Couto, antigo dono do sítio Inhaúma, continuava olhando para o distante da rua. Baforando seu cigarro e soltando enormes tufos de fumaça acima da linha da cabeça, virou-se para Ordália parecendo pensar fundo no que ia dizer e depois respondeu como se também fosse para ele mesmo.

– Deve *tá* tudo bem! Notícia ruim chega logo.

Ao longo desse período de afastamento do irmão, Juvelina não tentou nova visita à mãe, mas não era com ela que Ordália se preocupava mais, embora também dela não recebesse a menor notícia. Vinha observando que Tuta andava meio estranho nessas últimas semanas, falando cada vez menos, mantendo cara de poucos amigos, retornando para casa mais cedo do que de costume, trancando-se aquietado e não deixando acesa a luz de seu quarto até altas horas da noite como usualmente fazia, o que significava ter ele reduzido seu tempo de leitura. Ordália preferiu não perguntar nada, para não importuná-lo, achando não ser de sua conta. Não era ele quem lhe trazia preocupações. Sabia que tinha deveres escolares e que ele os cumpria com seriedade. Achava que um dia ele será alguém na vida, inteligente e estudioso como sempre foi, com ambições definidas e sempre disposto a lutar para vencer. Acreditava que um dia ele seria um doutor. Ela já o ouvira dizer que era isso que ele queria. Disse que um

dia irá trabalhar de terno e gravata, ter um escritório bem mobiliado, uma estante com muitos livros e seu nome escrito numa placa afixada do lado de fora de sua porta: *Dr. Tulliano dos Anjos Couto*.

Poucas semanas depois, numa sexta-feira, final de tarde, o carteiro bateu palmas à beira do portão da casa e Ordália saiu ansiosa e apressada para recebê-lo, já imaginando que devia estar chegando uma carta de Tônico. E era isso. Recebeu-a com as mãos trêmulas, agradeceu ao moço do correio e, como estava sozinha em casa sem ninguém que pudesse ler a carta, foi até a cerca de balaústres que limita o quintal e chamou por Uasna a quem pediu ajuda, sabedora de que sua vizinha tinha mais leitura do que ela. Uasna, porém esquivou-se, temerosa de não conseguir ler direito, pedindo à sua filha mais velha que abrisse o envelope e procedesse à leitura da carta de Tônico. Estava destinada ao pai Aristeu Couto e fora postada em Sorocaba, o que causou inicial estranheza em Ordália, mas aliviou-se com as boas notícias que nela chegaram.

Pouco letrado, tendo apenas o curso primário e sem jamais ter lido um livro ou ter o hábito da leitura de jornais ou de revistas, essa foi a primeira carta que Tônico escreveu em sua vida e ele o fez com extrema dificuldade. Curta, mais se assemelhando a um bilhete, com caligrafia desenhada e insegura, tinha o estilo ditado por manuais baratos que pretendem ensinar como escrever cartas. Suas frases iniciais vieram com conhecidos e brutais chavões. Prosseguiu com garranchos e muitos erros ortográficos e gramaticais noticiando que passara nos exames de ingresso e que agora frequentava o curso de formação de soldados na cidade de Sorocaba. Acrescentou que recebera seu primeiro salário com dois meses de atraso e que estava podendo comprar algumas coisinhas de que precisava. Disse que estava com saudades de casa e que logo

estaria de volta, pedindo que não se preocupassem com ele. Perguntou pela mãe, por Juvelina e a subscreveu. Ao final da leitura Uasna e Ordália se entreolharam felizes. Ordália agradeceu à vizinha e retornou para seus panos de costura com um leve sorriso estampado no rosto.

Coutinho foi o primeiro a chegar, no começo da noite, e desde o portão percebeu a cara alegre de Ordália como se vestida de boas novas. Recebeu as notícias da carta de Tônico e se riu por fora e por dentro, aliviado e orgulhoso. Nunca escondera que Tônico era seu filho predileto. Contentou-se com o relato de Ordália sem nem pedir para ver a carta. Antes de seguir para a cozinha ficou um pouco ao lado da máquina de Ordália, mostrou a ponta da língua em sinal de contentamento, sorriu e resmungou.

– Eu não falei que tudo ia dar certo?

Capítulo 5

I

Houve uma recomendação de Ordália para que Tuta se apresentasse e aceitasse empregar-se numa alfaiataria recentemente aberta na cidade sob a direção de dois irmãos seus conhecidos, aparentados de longe a Coutinho. Imaginou que por Tuta, desde menino, tê-la ajudado em muito nas costuras, ter aprendido a casear camisas, a pregar botões, passá-las a ferro e dobrá-las cuidadosa e corretamente para a entrega, ele devia estar familiarizado com agulhas, chuleios e confecções, podendo ser útil como auxiliar numa alfaiataria. Além disso, passaria a ganhar um dinheirinho para suas necessidades pessoais. Porém, Tuta não se empolgou com essa ideia. Recusou-se a aceitar esse emprego, para o desconforto da mãe que já havia contactado os alfaiates e acertado a admissão do filho para um trabalho em meio turno. Tuta não conseguia se imaginar sentado a tarde inteira dentro de uma pequena sala, agulha na mão, chuleando tecidos enquanto assistia a vida passar lá fora. Embora fosse capaz de desempenhar a função oferecida e bem soubesse executar tarefas que poderia ter à frente, não era esse o trabalho que almejava obter.

Tempo depois, por iniciativa própria, inscreveu-se para testes de locução comercial na rádio local, tornando-se um dos dois finalistas e iniciando estágio não remunerado de três

meses. Orgulhou-se do que passava a fazer e empenhou-se muito na disputa pela única vaga existente. Não logrou obtê-la, mas seu tempo de estágio lhe propiciou importantes amizades e conquistas. Ganhou do proprietário da rádio, então eleito presidente do Clube Social da cidade, uma carteirinha de sócio que lhe permitiu frequentá-lo, passando a fazê-lo mesmo sem o pagamento de mensalidades; conheceu a tipografia onde se imprimia um pequeno jornal semanal também do mesmo proprietário e empolgou-se quando se viu auxiliando na separação dos tipos móveis da composição gráfica, opinando sobre a paginação, fazendo a revisão de textos impressos e por vezes escrevendo uma ou outra pequena matéria ou publicando seus poemas, com o cuidado de usar o pseudônimo de *Jonathas* quando neles incluía nomes de pessoas passíveis de serem identificadas, como *Irene*, *Catarina*, *Inês* ou *Cecília*. No mais, usava seu próprio e conhecido apelido: *Tuta*.

Chateou-se quando após entregar um poema para ser publicado na primeira página, às vésperas do Natal, originariamente titulado *Credo Deum Esse*, o diretor do jornal equivocadamente alterou esse título para *Credo in Deo* por desconhecer que aquela expressão latina era uma oração infinitiva, ou seja, uma oração subordinada que exigia estar seu sujeito no acusativo e o verbo no infinitivo. As dificuldades que Tuta tivera com o Latim em todo seu tempo de Ginásio haviam cobrado dele intensos estudos para obter aprovação nessa disciplina com notas máximas nos exames de segunda época da última série ginásial. De modo que se tornara habilitado para reagir contra a equivocada mudança do título de seu poema.

O ingresso na Rádio, ainda que temporário e meramente como estagiário, mudou completamente seu cotidiano. Mantido em treinamento por duas horas diárias de locução, à

tarde ou no começo da noite, sentia-se importante e feliz por estar fazendo o que gostava, a despeito de reconhecer possuir grave defeito relativo à sibilização na pronúncia de palavras que começavam ou que continham sílabas com *esses*. Para ele era um tormento ler um texto que dizia “...*seus sapatos são sempre seu melhor cartão de visita...*”. Em casa praticava sozinho empíricos exercícios de dicção e de imitação lendo em voz alta notícias de jornal ou trechos de livro que lhe caíam nas mãos. Só anos mais tarde, quando já na capital, é que viria a saber que não foi esse o problema que o impediu de ser contratado, mas tudo valeu a pena. Acentuou a vontade de encaminhar-se para a área de comunicação com pretendido ingresso em Escola de Jornalismo.

Aos domingos pela manhã Tuta passou a comparecer ao costumeiro aperitivo oferecido pelo Clube da praça e ficava orgulhoso observando os ocupantes das mesas lerem o jornalzinho semanal ali distribuído, em edição que ele ajudara a compor e no qual se via publicado um poema seu. Tornou-se conhecido além dos muros escolares. Faltava pouco mais de um ano para concluir seu curso médio e o dia de sua ida para a capital estava cada vez mais próximo.

Foi numa dessas manhãs de domingo no Clube que Irene o reencontrou e veio até ele, estando ela desacompanhada e ele sentado sozinho junto a uma das mesas no salão. Acercou-se dele chegando com seu sorriso de menina feliz, festejando o reencontro como se por ela fosse esperado há tempo, sem saber que por ele também isso era ansiosamente aguardado. Tuta se entusiasmou ao revê-la, convidando-a para sentar-se a seu lado, enquanto o líder de um conjunto local dedilhava o piano do Clube executando uma seleção de canções românticas. Irene estava radiante e descontraída, fitando-o no fundo dos olhos como se dele pretendesse estar

bem mais perto. Parabenizou-o pelo poema publicado na edição do Jornal desse domingo que tinha como título *Um dia que não quis nascer* e começou a falar sobre aquele que recebera em sua homenagem. Tuta a interrompeu educadamente para lhe antecipar que não ficara nada feliz com o teor de sua carta por tê-la considerado formal e fria. Ela tentou explicar-se.

– Ah, Tuta, não diga isso! Eu achei lindo seu poema e fiquei muito feliz pela homenagem que você fez para mim! De verdade! Achei que devia fazer uma análise dele até mesmo em respeito a seu trabalho. Foi isso que eu quis fazer. Não fui formal nem quis ser fria ou indelicada. Por favor! Eu gostei muito dele! O que é que você gostaria que eu tivesse dito?

– Sei lá! Acho que você devia ter percebido que o poema foi dedicado a você e que através dele eu estava querendo dizer que te gosto. Eu não esperava uma mera crítica literária. Desculpe. Sei lá. Acho que fui bobo e que esperei demais! Aliás, outro dia eu vi você com seu namorado.

Irene observava a expressão de Tuta, seus gestos indecisos que demonstravam indisfarçada insegurança e timidez, e o via intimamente ferido e triste. Primeiro bateu-lhe um sentimento de pena pelo que ela percebia, depois veio um desejo de acarinhá-lo como se lhe devesse um conforto. Não pretendia magoá-lo e nem poderia supor que sua cartinha viesse a frustrá-lo. Foram tão poucos os encontros que tiveram antes que jamais teria imaginado que ele tivesse passado a gostar dela a ponto de desejar algo mais do que o que a carta continha ou de enciumar-se por vê-la com namorado. Pôs levemente sua mão sobre o dorso da mão de Tuta, pousada sobre a mesa, e disse com jeito brincalhão.

– Mas eu também soube que você arrumou uma namoradinha e que você até se esqueceu de mim! Você nem passou mais pela minha rua. É ou não é verdade? Você gosta dela?

Tuta sentiu o pousar da mão de Irene sobre sua mão e isso lhe trouxe um prazer enorme. Arrepiou-se como se Irene estivesse tocando em seu corpo inteiro e flutuasse com ela, assim de mãos dadas, deixando-se levar num passeio romântico pela bela avenida que tem calçadas forradas de florezinhas amarelas, exatamente como sonhou logo após o primeiro encontro. Junto com a resposta foi seu pensamento com um forte pedido no sentido de que ela não afastasse sua mão da dele.

– Não, não foi por isso que eu deixei de passar por lá. E depois ela já me deu o fora. Não estou namorando mais. Foi um namoro curto e passageiro. Não sobrou nada dele.

– *Xi!* Essa menina não sabe o que está perdendo. Por que é que ela desistiu de você?

– Sei lá! Por uma bobagem à toa. Eu nem entendi direito. E você com seu namorado?

– Ah, não! Deixa isso pra lá. Minha família é contra.

– Por quê?

– Porque a família dele não é daqui, porque ele mora sozinho numa pensão, não é estudante e porque mantém os cabelos muito compridos, parecendo um play-boy.

– Mas você gosta dele?

– Gosto! É meu primeiro namorado! É um bom rapaz e gosta de mim.

– E você vai ficar com ele mesmo com sua família contra?

Irene recolheu vagorosamente sua mão antes de responder, deixando no ar segundos de espera. Tuta debruçou seu olhar no rosto de Irene como criança amedrontada esperando pelo menos o benefício da dúvida. A resposta de Irene chegou sem demonstrar certeza sobre o que exatamente esperava que acontecesse.

– Não sei. Vamos mudar de assunto?

Passava das onze horas e o salão do Clube começava a se esvaziar com a saída dos frequentadores do aperitivo matinal. O pianista encerrou sua apresentação e os garçons começaram a recolher garrafas, copos, pratinhos, jornal amassado e cinzeiros das mesas antes ocupadas. Tuta e Irene deixaram o Clube e caminharam juntos em direção à avenida central onde ela morava. Ele exultante de alegria por tê-la a seu lado, sentindo-a mais próxima do que realmente ela estava, o que provocava nele uma sensação febril. Existia algo em Irene que o atingia fundamente, ainda que ela não o tocasse. Sentira isso desde a primeira vez que a viu e a ela foi apresentado na casa da amiga comum. Seu sorriso era um aceno de paz, como se ambos estivessem em campos libertos de todas as maldades humanas e em tempos de eterna primavera. Seu olhar era um doce chamamento para aconchego irresistível que não reclamava palavras para ser prontamente atendido. Nem mesmo ele sabia bem o que isso era. Apenas o sentia como algo diferente e único.

Irene caminhava levemente, sua fala continuada denunciando aguçada curiosidade sobre tudo o que dizia respeito a ele, sem deixar que nenhum assunto entre eles se esgotasse. Formulava seguidas perguntas às quais Tuta oferecia alongadas respostas porque relativas a seu cotidiano ou a seus ideais futuros. Contou que estava gostando do trabalho na Rádio, embora ainda sem remuneração, e da oportunidade de poder participar da composição do jornalzinho semanal, o que lhe despertou maior interesse de matricular-se numa escola de Jornalismo; do prazer que lhe dava ter aonde ir e ficar horas fazendo o que gosta na companhia de pessoas interessantes; de sua intenção futura de mudar-se para a capital assim que concluísse o ensino médio e de tentar o ingresso na escola de Jornalismo da Cásper Líbero ou na Faculdade de Direito do Largo

São Francisco. Esse era seu sonho. Antes, porém, lembrou que teria que prestar o serviço militar obrigatório no Tiro de Guerra local, coisa da qual não podia se esquivar e que não lhe agradava nem um pouco. Falava mais de si porque era questionado por Irene, que mal lhe dava tempo de formular suas próprias perguntas. Quando intentou retomar o assunto sobre o namoro da menina de sorriso feliz houve dela uma segunda esquivia, dizendo depois de um estalar de lábios.

– Vamos falar da gente que é bem melhor!

À frente da casa da avenida pararam junto ao portão. Nesse final de manhã de domingo pouquíssimas pessoas transitavam pelas ruas de Cruz das Almas. Irene voltou-se para Tuta com seus olhinhos curiosos, aprontando-se para se despedir. Não falaram enquanto parados ali. Apenas se olharam como se não devessem falar. Tuta permaneceu imóvel fitando-a com ar sonhador. No minuto desse enlevo veio-lhe à mente todo o encanto imaginário de tê-la nos braços e de beijá-la com fervor interminável. Conteve-se para não fazer isso, o que era de seu desejo, por saber que seria um enorme e imperdoável atrevimento. Sorriu e respondeu baixinho quando ela lhe disse *tchau* seguindo sozinho pela calçada forrada de florezinhas amarelas e levando-a em pensamento até a casa pobre da vila.

II

“Mãe, eu tô grávida.” Foram essas as palavras que Juvelina pronunciou na sala onde Ordália estava, depois de ter aguardado minutos na espera de que sua mãe pelo menos a olhasse de frente, o que ainda não se dera. Pela terceira vez ela tentava

visitar e falar com Ordália desde que deixou a casa materna para morar com Giácomo há cerca de cinco meses. Nesse início de tarde de sábado Tuta estava em casa e pela primeira vez ele reviu a irmã desde que ela saíra. Cumprimentou-a sorridente e de forma acolhedora, porém à distância sem lhe estender a mão.

Ordália ficou paralisada com a notícia que ouvira. Com a mão direita bloqueou a roda da máquina de costura e fez com que tudo parasse naquele instante e naquela sala. Levantou vagarosamente a cabeça, olhou para frente sem se virar para Juvelina, que permanecia a seu lado, e manteve um olhar apagado e frio voltado para o nada, como se tivesse ouvido um insulto ao que devesse retrucar. Com a rapidez do vento passaram pela sua mente todas as observações que antes fizera quanto à não aprovada união da filha com o velho italiano. O que lhe foi noticiado era um resultado previsto e ela sabia ser esse um sério problema futuro para quem não tinha nem casa própria para morar. Permaneceu estática remoendo-se por dentro. Não aceitava o retorno da filha, mas como deixar de recebê-la agora que ela estava grávida? Se vier a ficar viúva como é que ela vai criar sozinha essa criança? Benvinda ainda não tivera filho, Ordalina tinha um casal e Esmáide um, nascido com síndrome de Down. O de Juvelina será seu quarto neto. O rosto de Ordália pareceu envelhecer em minutos. Crisparam os músculos da face acentuando rugas que ainda não lhe eram marcantes, com o pressentimento da chegada de dias amargos. Sua recusa em não receber Juvelina em casa não era apenas superficial, ocultando antigos e profundos ressentimentos. Sentia as mágoas que se acumularam ao longo de anos como se ainda a ferissem agudamente toda vez que se recordava do áspero, desrespeitoso e agressivo tratamento que Juvelina lhe dispensava. Não obstante, em

seu pensativo silêncio, Ordália buscou persuadir-se de que deveria recebê-la. Virou-se para a filha, olhou-a com o cenho carregado e só então lhe dirigiu a palavra.

– Não é uma notícia boa e você sabe disso! De quanto tempo você *tá*?

– Três meses e pouco.

– E como é que você *tá* passando?

– *Tô* bem, mãe! Até agora não tive problema.

Juvelina se alegrou com o fato da mãe ter lhe olhado de frente e falado com ela. Compreendeu que só isso já era a tão esperada demonstração de que estava havendo seu recolhimento na casa dos pais depois de cinco meses sem absolutamente nenhuma comunicação entre elas. Em pensamento tributou essa conquista a Giácomo, que sempre insistiu e a obrigou a suportar as várias desfeitas sofridas e tornar à casa da mãe tantas vezes quantas fossem necessárias até que ela a recebesse. Ordália se levantou e as duas mulheres ficaram frente a frente, face a face, olhos nos olhos, enquanto o pequeno mundo da desarrumada sala de trabalho retomava seus movimentos como por encanto num estímulo irresistível para o abraço de reencontro.

Ordália cedeu a seus impulsos de mãe e acolheu Juvelina demoradamente. Suas lágrimas misturaram-se às da filha e a paz pediu assento naquela sala. Quem pode dizer que realmente se conhece? A austera e inflexível Ordália que nunca se esquecia de nenhum mal que alguém lhe fez, passando a viver em aquietada espera de um dia ver semelhante mal recair sobre quem a magoou, mesmo sem ter consciência de que no íntimo alimentava vingança, era agora quem se desmanchava fragilizada, abraçando a filha. Juvelina que bem sabia ter relegado a mãe à vala comum de uma odiosa indiferença e que ostentava agressiva superioridade pessoal

da qual nunca chegou a ser detentora, era agora nada mais do que uma criança indefesa buscando colo. Ordália e Juvelina reencontraram-se porque as dificuldades da vida indicaram a uma e a outra o caminho do entendimento e da reconciliação. Só o tempo é dono da verdade e com seu passar desnudam-se os vilões antes considerados como heróis e os que antes eram tidos como embusteiros passam a ser vistos como exemplos do bem. A razão não está com uma ou com outra, está no tempo, avaliada e reconhecida sob circunstâncias diferentes. Não havia erro ou acerto em Ordália ou em Juvelina, o que só havia era uma razão que se fez imperiosa nessa hora do tempo. Mãe e filha permaneceram em pé unidas na cena de um abraço até que Tuta retornasse à silenciada sala e as despertasse.

– Que bom! Vejo que fizeram as pazes.

Quando elas se desençaram foi como se o tempo houvesse retrocedido a minutos atrás e Juvelina tivesse acabado de chegar. Ordália a convidou a sentar-se, puxou de outra cadeira para acomodar-se a seu lado tudo embora ainda sem demonstrar ser mãe apaixonada nem ostentar amor maternal. A grande diferença é que agora ela estava desarmada, sentimento aberto, acessível e disposta a retomar o convívio com a filha grávida. Era o coração de mãe que falava mais alto, querendo ver Juvelina sob nova imagem, a de uma filha que regressava à casa materna como uma aliada ou, no mínimo, como quem necessitava de ajuda que não podia de maneira alguma ser negada por uma mãe. No tempo em que estiveram separadas, Ordália havia deixado de desfiar queixas cotidianas e até supôs tê-la esquecido, não sentindo sua falta nem se importando com sua ausência, como se Juvelina jamais houvesse habitado aquela casa. Agora a recebia de volta, sem muito agrado, mas importando-se com ela.

– Você já foi ao médico?

– O Giácomo me levou no Dr. Crispim. Ele disse que tá tudo bem.

Ao ouvir o nome do companheiro da filha, Ordália desviou seu olhar e lentamente baixou um pouco a cabeça. Percebeu-se nela um constrangido recolhimento e Juvelina, notando essa reação, a provocou.

– Mãe, meu marido quer vir comigo aqui em casa para a senhora conhecer ele. A senhora permite?

Como não permitir se agora a filha está sendo recebida de volta e se o italiano é o pai do neto que vai nascer? Sua desaprovação nunca esteve dirigida à pessoa do velho italiano, mas sim à união que ela sempre considerou desajeitada. Nunca teve qualquer coisa pessoal contra Giácomo até mesmo porque nem bem o conhecia. A partir de agora ela não só se obrigava a recebê-lo como precisava conhecê-lo de perto.

– De certo que sim, filha. Da próxima vez que você *vim* aqui, traz ele! Teu pai também vai gostar de conhecer ele. Bom vai ser se ele gostar de uma boa prosa.

– Ele vem sim, mãe. Obrigado. Então já vou indo. *Bença* mãe. Fica com Deus!

– Deus te abençoe *fia*. E olha: vê se se cuida, *hein?* Vai com Deus.

Juvelina encaminhou-se para o portão e ali se despediu de Tuta, que gentilmente a acompanhou. Convidou-o para visitá-la em sua casa e recebeu do irmão caçula a promessa de que iria. Nesse instante não eram mais duas pessoas que antes viviam próximas, mas que se repeliam, que se estimavam e se respeitavam na mesma dimensão em que se odiavam e se agrediam. Não, agora eram dois irmãos que tinham entre si o equilíbrio da sobriedade, da sensatez e da razão.

III

Tia Natália voltou a ter problemas com o marido João Eliodoro, que depois de anos de abstinência tornou a se entregar à bebida a ponto de não poder mais administrar o bar que possuía. Diferentemente do que ocorria quando morava no patrimônio de Itaiporã, dominado pelo álcool Eliodoro não mais se transformava no valentão desafiador, armado de faca e puxando encrenca, pois nem faca ele carregava na cintura e seus fregueses eram pessoas desconhecidas que com ele não haviam convivido ao longo de anos como os moradores daquele patrimônio. Sentia-se velho e alquebrado, com dores nas costas, insegurança nas pernas, parecendo adoentado e não mais suportando fadigas. Mesmo quando ingeria pouca bebida alcoólica, acomodava-se onde estava, deixando de atentar para o que se passava a seu redor e ali mesmo adormecendo. Não podia ficar sozinho no bar. José Carlos e Paulinho eram os filhos que de quando em vez tinham que substituí-lo no balcão enquanto aguardavam que o estabelecimento viesse a ser vendido.

Ao saber do caso, Tuta informou a mãe e Ordália foi visitar a irmã, encontrando-a abatida e preocupada com o retorno dos problemas dados pelo marido, vendo-a envelhecida com seus cabelos filetados de branco, sua boca murchada pela falta de dentes e os olhos afundados na face como se também murchassem. A notável diferença entre a aparência das duas irmãs não contava que Ordália era apenas quatro anos mais nova. O tempo e o sofrimento pesavam impiedosamente na aparência de Natália. Confortou-se, sem dizer, lembrando que pelo menos não estava voltando ao tempo em que o marido chegava bêbado em casa, furioso e agressivo,

ameaçando matar a família inteira com uma faca na mão, obrigando todos a se trancarem num dos quartos e a rezarem para que a taramela da porta fosse forte o bastante para impedir que ele a arrebetasse. Ela não estava revivendo aqueles dias de terror, temia tão só pela saúde de Eliodoro, que vinha se definhando aos poucos e que mesmo quando sóbrio parecia estar entregue sem nenhum brilho de vida. Alimentava-se mal, recusava verduras e legumes e tomava um mínimo de água durante o dia. Todos os seus movimentos passaram a ser lentos, demonstrando um cansaço permanente. Caminhava curvado, cabeça baixa, olhando o chão próximo a seus pés como se receasse um falseio do passo. Levantava-se diariamente bem cedo, tomava uma xícara de fraco café preto e seguia com dificuldades para vencer o trajeto entre sua chácara, às margens do riacho São Lourenço, e as proximidades do campo de jogo de bola da vila, onde ficava seu bar. Cada dia que passava, essa caminhada de quilômetro e pouco ficava mais difícil e nos últimos dias Natália não deixava mais que ele fosse sozinho, exigindo que José Carlos, Zulmira ou Paulinho lhe fizesse companhia. Às vezes só um de seus filhos ia abrir o bar e Eliodoro permanecia silencioso sentado na varanda de casa sem ter o que fazer.

Durante a noite seu sono era inquieto, incomodado por uma tosse seca que o fazia virar-se na cama por diversas vezes. Não dormia direito e não deixava Natália dormir a sono solto. Resmungava enquanto dormia. Durante o dia mantinha-se calado na maior parte do tempo, ainda que cumprindo, a duras penas, suas poucas e pequenas obrigações cotidianas. Foi sobre o temor pela saúde do marido que Natália falou à irmã, procurando, como de costume, ser discreta quanto a desacertos familiares. Nunca foi de lastimar-se da vida que levava nem de confidenciar problemas íntimos a

ninguém. Nem mesmo à sua irmã. Ordália observava-a com sentimento de pena, entristecida ao ver que Natália deixava-se acabar aos poucos, distanciada, e muito, dos tempos em que era a filha mais bonita da família de Calimério dos Anjos. Olhou-a com carinho e lhe recomendou:

– Acho bom você levar ele pra Santa Casa e pedir *prum* médico examinar ele. Ficar assim como *tá* é que não pode! Você não acha?

– Não sei, Ordália. Se eu falar nisso é bem capaz dele dizer que não tá doente e não querer ir. Você sabe o turrão que ele é.

– Então pede *pros* meninos falar com ele e levar ele lá. Aí ele obedece e vai.

– É. Quem sabe? Vou pedir para o Acácio ou o Anibal falar com ele.

– Faz isso, minha irmã. Ele precisa tomar remédio e tem que entender isso. Afinal ele não é mais nenhuma criança. Escuta aqui, se for preciso eu falo com o Coutinho e ele vai junto, *tá* bom?

– *Tá* bom. *Brigado!*

Ordália deixou a casa de Natália e retornou caminhando devagar, enquanto lhe vinham à mente pensamentos que revisitavam o vasto mundo onde viveram juntas em Itaiporã e Inhaúma e quando as dificuldades que tiveram estavam agora a lhe parecer bem menores dos que as atuais. Achava que o envelhecer era um contínuo colecionar de perdas e de limitações, com os problemas que antes eram pequenos e que agora ressurgiam agigantados, surpreendendo, assustando e deixando cada vez mais curto o tempo para assimilá-los e resolvê-los. Percebia que as forças para suportar as dificuldades esgotavam-se com maior brevidade. Reconhecia que o ímpeto da valentia havia ficado lá atrás, nos idos de uma

distante mocidade, ainda que àquela época pouco se soubesse quanto à gravidade dos problemas ou quanto à realidade da vida. Quando a velhice vem chegando, a ousadia é gradativamente substituída pela prudência e sensatez, e as experiências adquiridas ao longo do tempo outra coisa não trazem senão o reconhecimento da finitude e uma profunda sensação de incapacidade. Ordália beirava os cinquenta, não se sentindo nem um pouco velha, embora já pensasse sobre a velhice. Foi assim que ela viu Natália com problemas que sabia serem menores do que aqueles que a irmã já havia enfrentado e vencido, mas que agora a abatiam com maior intensidade. Era assim que ela também, vez ou outra, via Coutinho quando esse se punha quieto em seu recolhimento, principalmente depois da morte de seu cachorrinho. Imaginava que o tempo que passa vai fazendo com que as pessoas de idade avançada padeçam mais com as dores e com os males que as afligem porque sofrem em silêncio, reclamando menos, por terem adquirido o hábito da *suportação* enquanto se esforçam para manter um fio de esperança de que o dia de amanhã venha a ser melhor.

Ordália sabia que nem sempre esse dia vai chegar assim como aguardado. À medida que a idade avança, retirando a cor dos cabelos, enfraquecendo os ossos e impondo um continuado declínio físico, a pessoa vai ficando cada vez mais só, recolhida em si mesma, vivendo mais de seu passado e sabendo cada vez menos do presente que vive, enquanto busca sobreviver por conta própria até o dia de enfrentar, sempre sozinha, sua própria morte. É bom viver bastante, pensou Ordália, concluindo para si mesma que se é assim que tem de ser há que se trazer na alma todo o frescor da juventude e, se possível, ter consigo pelo menos uma parte da infância para temperar a velhice com uma boa dose de irresponsabilidade.

Para Ordália, não se morre de velhice, morre-se de vazio, do não ser. Por isso é preciso desafiar o tempo, ousar e querer viver mais.

Achava que era preciso sorrir sempre, ainda que sem motivo; curtir o sol da vida a cada dia que nasce; querer ir mais longe mesmo que não possa sair do lugar em que está; soltar a imaginação na liberdade descompromissada que só os velhos sabem possuir; abandonar qualidades inúteis que não servem mais para nada; fazer com que só lembranças de dias felizes venham a lhes fazer companhia, esquecendo-se das coisas ruins para não se enfadar na solidão ou amofinar-se consigo mesmo; pensar num amanhã melhor, imaginado como devendo ser esse um dia cheio de luz que estimula a vida; sentir cada momento dos dias que lhe restam olhando fundo nos olhos das crianças para imaginar-se sendo uma delas e, sobretudo, amá-las todas como se seus filhos fossem. Os velhos e as crianças hão de se aproximar, darem-se as mãos e caminhar juntos trocando entre si o conhecimento da vida e a alegria do viver.

Foi assim, enlevada por esses pensamentos, que Ordália nem se deu conta de que já estava chegando em casa, onde Coutinho a esperava sentado na mureta do pequeno terraço, com um olhar que há tempo se pusera subindo pela rua descalça até conseguir visualizá-la bem ao longe em sua caminhada de volta. Um vento brando mexia com os cabelos de Ordália e quando ela chegou, a barra do céu da tarde começava a ser colorida pelo sol poente.

– *Ué*, Ordália, onde é que você teve que demorou tanto?

– Não foi tanto tempo assim, Coutinho! Até que não demorei nada. Eu *tava* na casa da Natália. Fui saber do Elio-doro, que não anda bem.

– Que é que ele tem?

– A Natália falou que ele *tá* muito entregue, fraco e abatido. Contou que ele voltou a beber.

– E ela, como *tá*?

– *Tá* lá, preocupada como ela só. Nem sabe bem o que fazer. Falei pra ela levar o Eliodoro no médico, mas acho que ele não vai.

Coutinho parou um pouco mergulhado numa pensativa aquietação, lançou seu olhar vazio pela longa distância da rua e depois de uma funda tragada em seu cigarro de palha acrescentou baixinho.

– Pois é! A gente vai ficando velho e o corpo desarranja de vez. Vira uma *muxiba*. Se cair no hospital então é o fim. Aí começam a mexer em tudo, tira uma coisa daqui, bota outra coisa ali. Depois a gente nem sabe se sai de lá vivo ou inteiro.

Ordália sentou-se também na mureta do terraço antes de entrar e ficou olhando demorada e carinhosamente para o marido, tornando a observar seu rosto de ossatura longa, seus ombros largos, seus braços compridos e fortes, suas mãos enormes e a postura de quem sempre está com o queixo erguido como se espiando o mundo à sua frente. Tudo à semelhança do que foi o pai dele, o velho Izidoro Couto. Lembrou-se de que quando de seu casamento, em 1926, ela era uma menina com apenas quatorze anos, irreverente e brincalhona, e que naquela época via o sogro como se ele fosse um homem velho. Hoje ela sabe que o patriarca Izidoro Couto só tinha 48 anos àquela época. Portanto reformulava seu conceito de velhice e quando olhava para Coutinho, que estava com 56, ela o via longe de ser um homem velho.

IV

Passados uns três anos desde o dia em que foi embora para Ribeirão das Onças, onde foi morar com a avó, Jandira fez sua primeira visita à *tia* Ordália. Reencontrou-se com Tuta. Ela uma bela adolescente em seus saudáveis quinze anos, longos cabelos alourados, mostrando estarem bem cuidados, e ainda com seu rostinho de criança. Ele um rapagão de boa aparência, chegado aos seus dezessete anos. A alegria desse reencontro foi de todos. Ordália se animou com a visita e quis saber de tudo sobre a menina que um dia cuidou como se fosse sua filha. Sentaram-se junto à mesa da cozinha e prolongaram uma conversa até o final da tarde, quando Coutinho chegou e se uniu a eles. A fala de Jandira vinha acompanhada de uma alegria de menina e nem por um só instante mostrou descontentamento por morar na zona rural. Bem ao contrário, disse que lá ela era livre para caminhar pelos campos, andar a cavalo, ver os passarinhos e ouvir seus cantos, tomar chuva fina, subir nas árvores, aprender a cozinhar com a avó e inventar brincadeiras sadias com amiguinhas de sítios vizinhos. Contou que estava feliz por ter a companhia dos irmãos menores e de uma tia solteira; sentia-se querida por todos e sua avó a tratava com muito carinho, vivendo no sítio uma liberdade que não teria na cidade. Amava a natureza e os animais, divertia-se com seus gatos e cachorros, via as plantinhas nascendo e tinha frutas à vontade.

Quando perguntada, respondeu a Ordália que não queria voltar a morar na cidade apesar de ter gostado muito do bom tempo em que viveu aqui. Tuta a observava admirando a fluência e correção com que ela falava. Perguntou sobre seus estudos e Jandira respondeu não sentir falta da escola e que

no sítio aprendia com a vida e com seu mundo sem limitações, sem turbulências e sem perigos. Lá ela podia observar melhor as coisas, o nascer do dia, o entardecer colorido, a noite estrelada e sentir a vida estando no meio da natureza. Não queria mais estudar. Estava feliz. Encerrou dizendo que aprendeu muito com tia Ordália, que lhe ensinou como vestir-se, como sentar-se, cuidar dos cabelos, usar os talheres e guardar bem suas coisas. Ordália interveio.

– Falando nisso, minha filha, tem coisas suas aqui em casa que tão bem guardadinhas, do jeito que você deixou. Se você quiser pode levar.

– *Ih*, tia, acho que as roupas nem me servem mais! E o Moleque, cadê ele?

Ordália não quis dar detalhes sobre a morte do cachorrinho Moleque pelo que simplificou a informação.

– Nem fale filha! O coitadinho morreu. Tá enterrado ali no quintal.

– Que pena, tia! Quando eu estava vindo pra cá eu me lembrei dele. Eu gostava muito dele.

Mesmo sem que Jandira houvesse perguntado, Ordália lhe contou que Juvelina havia deixado a casa e estava morando com um italiano que ela não chegou a conhecer quando estava aqui. Noticiou que Juvelina estava grávida. Jandira ouviu sem formular nenhuma pergunta sobre isso. Voltou-se para Tuta e quis saber se ele tinha namorada. Tuta sorriu meio encabulado.

– Namorei um pouco uma menina que é colega minha do Instituto, mas agora estou sozinho de novo.

A conversa encerrou-se quando Ordália levou Jandira para ver suas coisas guardadas num gavetão da cômoda de seu quarto. Tuta aproveitou-se disso, despediu-se de Jandira, saiu e caminhou sozinho em direção ao centro, pretendendo

encontrar-se com Irene nesse começo de noite. Quando alcançou o asfalto, na altura do pátio da Prefeitura, visualizou à sua frente, ainda à distância, a figura de Augusto, parado na calçada, encostado na parede, como se o esperasse passar por ali. Mesmo de longe Tuta conseguiu ver que Augusto estava vestido com a mesma roupa que usava no último dia em que por ele foi visto, na ocasião em que lia um livro ao lado de Cecília, ambos deitados no parque: a calça comprida clara, a cinta de couro marrom, a camisa escura riscada de fios brancos e os sapatos novos. O encontro anterior se dera há cerca de três meses.

Não pretendendo permitir que Augusto o interpelasse, nem querendo que ele viesse a estar em sua companhia sem dada permissão para tanto, Tuta apressou os passos e passou rápido pelo menino de impigens simulando não tê-lo visto, embora ao passar por ele tenha sentido uma desagradável sensação de algo que lhe provocou um arrepio que percorreu todo seu corpo. Augusto o deixou passar sem interceptá-lo. Tuta prosseguiu caminhando apressado pela calçada sem olhar para trás nem para os lados e diferentemente do que ocorrera em vezes anteriores, não se sentiu seguido à medida que se afastava dali. Só quando já distanciado foi que se virou e olhou para trás, não vendo Augusto ou ninguém à sua retaguarda. Reconheceu terem ocorrido dois fatos distintos. Primeiro o de que quando passou ao lado de Augusto esse não o interceptou nem forçou sua companhia para provocar diálogo, o que até aqui sempre era o usual e esperado. Segundo, o de que ele não o seguiu para alcançá-lo depois, ainda que sem permissão, o que também era de seu hábito. Alguma coisa estava diferente na relação entre eles. Teria sido mesmo Augusto o menino parado lá? Tuta estava seguro de que sim, pois continuava sendo capaz de reconhecê-lo até mesmo à

distância. Lembrou-se de que nas duas últimas vezes que se encontraram ele rechaçou sua companhia, censurando-o por querer acompanhá-lo até a vila e por ter interrompido sua leitura no parque.

Teria aquele estranho menino se convencido de que não mais devia incomodá-lo forçando sua companhia ou impondo sua presença? Há meses que ele não se aproximava de Tuta e na penúltima vez em que isso se deu Augusto demonstrou não adivinhar mais seus pensamentos e nem saber de nada do que se passava com ele. Não sabia da reação de Tuta quando recebeu a carta de Irene e tampouco sabia da existência dessa carta. Seriam as amadurecidas segurança e certeza adquiridas por Tuta ao longo do tempo que agora o afastavam de si, ou seria o recrudescimento das forças de influência desse estranho menino que não mais o capacitavam a impor-se à vontade de Tuta?

No primeiro encontro que tiveram, quando na estrada da Barreira dos Cipós, Augusto o atraiu com um magnetismo irresistível a ponto de Tuta ser por ele conduzido, tornando-se incapaz de decidir por si mesmo quanto ao rumo a ser tomado. Naquela ocasião, Tuta o admirou e chegou a invejar sua coragem. Atendeu sem esquivas a seu chamamento indutivo, sentindo não possuir a valentia nem a coragem que o menino demonstrava ter. Nas vezes seguintes o estranho amiguinho passou a lhe criar dúvidas e a lhe impor receios, assustando-o com suas adivinhações, com seus inesperados aparecimentos onde quer que Tuta estivesse e sobretudo com suas premonições. Mais tarde, tornou-se no consultor e conselheiro para Tuta, como se detivesse avançado conhecimento sobre todas as coisas e pudesse explicar como e porque se deram estranhos fatos como o da incorporação do espírito de uma morta no corpo da filha ou a morte coletiva e

simultânea dos bichos da casa de Abigail. Depois, esse menino passou a ser uma presença por vezes inconveniente ou uma companhia inoportuna, provocando a reação de Tuta no sentido de que o deixasse só e em paz. Agora, pela vez primeira, Augusto não o interceptou quando passara por ele, não o seguiu e nem o incomodou, como se não tivesse conseguido chegar-se ou não mais pretendesse isso. Pelo menos por ora Tuta não se importou em analisar o fato dele não o ter assediado. Continuou a caminhar apressado alcançando a avenida central onde mora Irene. Esse encontro que não se deu trouxe-lhe um alívio porque Tuta não queria mais estar com Augusto.

Chegou ao centro e entrou no prédio da Rádio, onde se encontrou com o Diretor que se tornara seu amigo. Os dois vinham mantendo longas, interessantes e inteligentes conversas sobre assuntos os mais diversos, inclusive com desafios de composição de textos sobre temas variados, sempre sugeridos pelo Diretor e com fixação de prazo para entrega. Ambos já haviam escrito sobre *A ponte*, *Se aos pés de Deus eu me postasse um dia*, *O prego*, *Decadência* e *O intruso*, entre outros tantos títulos. Tuta gostava desses desafios literários com temas inusitados e quando as crônicas ou as poesias temáticas ficavam prontas elas eram trocadas para que o outro as lesse, avaliasse e criticasse. Considerava ser esse um ótimo exercício. Dessa vez o tema proposto pelo Diretor foi *O amigo oculto*, vez que Tuta lhe confidenciara que algumas vezes se comunicava com um amigo imaginário. Tuta aceitou a proposta e supôs ter inesgotável fonte para se inspirar sobre esse tema. O prazo era de uma semana.

Não tendo visto Irene quando da vinda, Tuta demorou-se na Rádio e só retornou bem tarde, acompanhado pelo Diretor e tornando a passar em frente à casa da bela avenida

central, onde não havia ninguém no adormecido terraço. Depois caminhou sozinho na noite escura em direção à vila, deixando que sua imaginação o conduzisse para lugares desconhecidos e uma sucessão de fatos impossíveis.

Por Augusto não o ter interceptado nem forçado sua companhia no quase encontro de hoje, Tuta estava leve e solto para dar asas à sua imaginação. Viajou em pensamento pelo espaço e pelo tempo, no compasso de seus passos, e imaginou Irene dormindo enquanto ele velava por seu sono dentro de uma escuna à deriva levada pelas ondas de um mar azul-escuro; beijou-a com ternura em seus pensamentos, sentindo-se envolvido num abraço que unia seus corpos ardentes sem nenhum recuo ou recusa; supôs estivesse carregando-a nos braços enquanto corria descalço pelas areias quentes de um deserto, em alucinante fuga de temíveis cavaleiros tribais que os perseguiam; imaginou vê-la isolada no alto de um rochedo a gritar por seu nome, enquanto um bando de aves de rapina ameaçava atacá-la; via-a com seu sorriso de menina feliz a chamá-lo para apreciar as libélulas tocarem de leve as águas quietas de um lago no fim do mundo, formando nele círculos concêntricos que se expandiam; pensou na existência de uma casinha na lua, uma casa de uma porta só, onde moravam uma menina e um menino e que um dia o riacho não contou que de um passeio o menino não voltou; ideou um gatinho com fome miando seu nome por estar perdido na rua de uma cidade fantasma com casas semidestruídas pelo vento e pelo tempo; avaliou a possibilidade de haver uma tocaia armada por malfeitores empoleirados no alto de árvores que têm florezinhas amarelas, iguais às de sua rua bonita, esperando Irene passar por ali para roubar-lhe o sorriso e fantasiou ver uma casa grande e bonita com amplo jardim florido e curvos caminhos de pedra no quintal feitos para que Irene

andasse por entre flores. Enquanto seguia assim pelo escuro da rua da vila o olhar de Tuta se perdia no adiante que não via, mas em tudo sentia a presença de Irene, enquanto seus passos continuavam ditando o ritmo de sua fértil imaginação. Em casa, antes de adormecer, ainda assistiu ao desfilarem de imagens bonitas projetadas no fundo escuro de seus olhos fechados conduzindo-o de volta ao mundo infinito de sua infância.

V

D. Eulália, a coordenadora pedagógica do Instituto, mandou chamar Tuta para que ele fosse até sua sala. Mais do que depressa ele atendeu ao chamado, deixando a sala de aula ansioso para saber qual seria o motivo. Ela o recebeu com alegria estampada em seu rosto saudável e o cumprimentou com um carinho de mãe amorosa. Mandou-o sentar-se na cadeira à frente de sua escrivaninha, fitou-o com admiração e observou a ansiedade da qual ele se vestia. D. Eulália obtivera informação dando conta de que Tuta sempre fora um dos melhores alunos de Matemática do Instituto e por isso resolvera convidá-lo para ser seu auxiliar em aulas particulares que ministrava em sua residência. Tuta aceitou o convite, envidado por ter sido lembrado como podendo ser capaz para tanto. Foi informado de que as aulas de Matemática seriam ministradas duas vezes por semana, durante duas horas por dia, e que as alunas eram as que frequentavam as terceira e quarta séries ginasiais. Acertaram que isso se daria a partir das quatro da tarde. Em tudo a tarefa lhe pareceu altamente prazerosa e, como combinado, no dia seguinte Tuta compareceu

à casa de D. Eulália para receber dela as primeiras orientações sobre os pontos a serem abordados com as alunas. Subiu por uma escadaria semiespiral com um corrimão dourado que o conduziu à porta de entrada e ali foi recebido por D. Eulália.

Ao entrar pela primeira vez na residência de sua *madrinha* ele o fez com a timidez típica dos que moram em casas pobres situadas nos arrabaldes da cidade. Olhou com cuidado onde pisava, seus olhos percorreram os detalhes da sala, como se devesse vê-los todos de uma só vez. Observou admirado o luxo dos estofados, o imponente tapete da sala, as elegantes cortinas, o lustre de cristal que encimava uma mesinha de centro ricamente decorada com pequenos objetos e peças de arte, os dois belos quadros de óleo sobre tela dispostos na parede maior e a belíssima cristaleira que foi o móvel que mais o atraiu. Encantou-se com a beleza de uma casa nunca antes por ele visto igual. Sentiu-se pequeno dentro dela como se não pudesse nem devesse estar ali. Imaginou quão feliz devia ser a família de D. Eulália. Sentou-se timidamente num dos sofás e ouviu atencioso o ditar de uma relação de pontos que seriam tratados, primeiramente com as alunas matriculadas na terceira série. Quando deixou a casa, Tuta teve a agradável sensação de que vencera mais um obstáculo em sua vida.

Na tarde do dia seguinte estava novamente a caminho da casa de sua *madrinha*, agora devidamente preparado para iniciar seu trabalho docente, tendo revisto seus velhos cadernos de matemática da terceira e quarta séries para atualizar-se com as matérias e fórmulas utilizáveis. A maioria das alunas que tomavam aulas particulares com D. Eulália era formada por jovens adolescentes suas conhecidas desde os anos ginasiais e o que ele achou curioso era não haver entre elas nenhum aluno.

Passou a ficar cercado de garotas bonitas, filhas de famílias de posses que podiam pagar por aulas particulares de reforço ao ensino regular. Não perguntou se ganharia algum dinheiro pela sua colaboração, sequer tendo se lembrado de importar-se com isso. Entusiasmou-se com a nova função e sentiu-se feliz por poder transmitir o que sabia ao tempo em que aprenderia mais a cada vez que ensinava. Demonstrava sensibilidade e respeito no trabalho docente, nunca considerando suas alunas como quem soubesse menos do que ele. Conseguia fazer com que exercícios matemáticos aparentemente complexos e difíceis fossem vistos e compreendidos como coisas fáceis de serem resolvidas. Concebia-os da forma mais simples, importando-se em explicar os porquês de cada passo para evitar solução de continuidade no entendimento e quando via suas alunas alcançarem a devida compreensão dos problemas, descobrindo-se capazes de resolvê-los, alegrava-se e festejava com elas como se a vitória também fosse sua. Surpreendeu-as positivamente, inclusive à própria D. Eulália que antes não conhecia a qualidade docente de seu *afilhado*.

Foi nessas aulas na residência de D. Eulália que Tuta se fez conhecido e cativou Helena, uma bela jovem da quarta série ginásial, menina elegante e bem educada, filha de comerciante do ramo de calçados, com quem passou a se encontrar nas noites das sextas-feiras durante o *Programa do Estudante* ou aos domingos pela manhã no *Aperitivo* semanal do Clube. Era ela quem sempre o abordava a toda vez que o via e onde quer que ele estivesse, o que a princípio foi tido por Tuta como um assédio que o constrangia um pouco pelo fato de ser ela uma sua aluna em aulas particulares. Julgava que tal condição devesse ser incompatível com um relacionamento mais íntimo entre eles. Mantinha-se sério e reservado durante as abordagens de Helena, limitando-se a tratá-la de

forma respeitosa sem deixar que nenhum ato ou palavra sua insinuasse interesse em tê-la como namorada. Supunha que um namoro com aluna, conhecida dentro da residência de D. Eulália, pudesse comprometer a seriedade e a discrição de seu trabalho. Talvez até um desrespeito ou abuso de confiança com relação a D. Eulália.

Por outro lado, estando no Clube, continuava a esperar a chegada de Irene, preferindo estar ali só para isso. A companhia de Helena poderia ser um empecilho para receber a esperada menina de sorriso feliz. Sem ser desatencioso, sustentou diálogos com Helena, porém olhava seguidamente para a porta de entrada no aguardo da possível chegada de Irene e de sua vinda até ele. Helena conhecia Irene e não se demorou em perguntar.

– Eu tenho visto você na companhia da Irene. Vocês estão namorando?

– Não. Por enquanto nós somos apenas bons amigos.

– “Por enquanto”? Isso quer dizer que você tem intenção de namorar ela?

– Por enquanto não. Ela tem namorado. Gosto dela, mas é só amizade. Acho que um namoro acaba conduzindo a briga boba e daí você pode até perder a boa amiga.

Ouvindo isso, Helena pareceu animar-se em cortejá-lo. Ela nunca tivera um namorado e até se tornar sua aluna conhecia Tuta apenas de vista, sabendo ser ele um aluno de forte presença no meio estudantil, autor de alguns pequenos poemas publicados no jornalzinho da escola e de outros no jornal semanal da cidade, afora ter regulares participações no *Programa do Estudante* às sextas-feiras e atividades junto ao Grêmio do Instituto. Não o considerava um jovem bonito nem atraente, mas impressionava-lhe sua atuação em movimentos estudantis com marcante liderança. Admirava sua

inteligência. Não conhecia sua família nem sabia de sua origem. Buscou saber mais sobre ele.

– Por que esse apelido de Tuta?

– Isso é coisa de minha mãe. Desde cedo fui chamado assim. Ela conta que foi porque eu não aprendi a falar “pá-pá” como toda criança. Comecei falando “Tu-tá”. Foi isso.

– E você gosta de ser chamado assim? Qual é o seu nome?

– Eu não me importo. Passei a ser o Tuta e é assim que me conhecem. Meu nome é Tuliano dos Anjos Couto. Acho que é de Tuliano que veio o Tuta. Sei lá!

– E se eu te chamar de Tuliano?

– Pode chamar. É meu nome. Mas eu vou achar um pouco estranho. Gosto mais de Tuta. Até as coisas que eu escrevo eu assino como Tuta.

Tuta imaginou que logo Helena iria lhe perguntar onde ele mora e o que faz seu pai, como se informações dessa natureza fossem indispensáveis para uma jovem se deixar acompanhar por um rapaz. Até Irene fez isso quando de seu primeiro encontro. Preparou as respostas enquanto observava a porta de entrada do Clube na expectativa de ver a menina de sorriso feliz chegar. Aguardava-a com a ansiedade de todas as manhãs de domingo pretendendo novamente caminhar a seu lado até a avenida central. Uma das perguntas imaginadas logo veio.

– O que é que teu pai faz?

Tuta tinha a resposta pronta e antecipou informação sobre o que possivelmente seria perguntado a seguir.

– Trabalha com máquina de beneficiar arroz que fica depois do pátio da Prefeitura. Temos uma casa por lá.

Passava das dez horas da manhã e nesse horário os frequentadores do Clube ainda estavam chegando para o

aperitivo. O porteiro era um seu conhecido, morador da vila e seu vizinho de poucas quadras, que jamais lhe cobrou a exibição de comprovante de pagamento atualizado de mensalidade, coisa obrigatória para ingresso nos eventos sociais. Sempre com um ar de cúmplice estampado no rosto, cumprimentava-o chamando-o de “*professor*”, por saber estar ele concluindo o curso de magistério. Tuta continuava a observar a porta quando viu chegar quem ele não esperava nem pretendia rever.

Trajando a mesma calça comprida clara bem passada a mostrar os vincos nas pernas, a cinta de couro marrom, a camisa escura riscada de fios brancos e os sapatos ainda aparentemente novos, foi Augusto quem entrou no Clube como se o acesso lhe estivesse franqueado. Passou pela portaria como se ali não existisse porteiro. Aproximou-se de sua mesa, entreolharam-se sem reação notada de um ou de outro e sentou-se à frente de onde Tuta estava em companhia de Helena. Fitava-o de maneira direta e ostensiva. Tuta incomodou-se com essa fixação, pediu licença a Helena, levantou-se e com passos de autônomo foi até a mesa de Augusto sentando-se a seu lado. No palco ao fundo o pianista do Clube executava *Fascinação* e como quase todas as mesas estavam ocupadas com as pessoas conversando em voz alta ouvia-se com dificuldade o que se falava na mesa ao lado. O diálogo com o menino com impigens não foi nem um pouco amistoso.

– Desde quando você passou a frequentar o Clube? – perguntou Tuta com agressividade bem maior do que uma simples interrogação.

– Entrei aqui para me encontrar e falar com você – respondeu Augusto sem deixar de fitá-lo ostensivamente.

– Falar sobre o quê?

– Sobre você. Afinal de contas faz um bom tempo que a gente não se encontra e eu não tenho notícias suas!

A cena entre os dois não exteriorizou dúvida nem timidez, antes uma altiva segurança da parte de Tuta, que desejava não prolongar o diálogo e tinha vontade de expulsar dali aquele menino. Definitivamente resolvera não mais ouvir nada que dele proviesse, vez que progressivamente sua presença vinha se tornando inoportuna e seus inesperados aparecimentos em hora e local indesejados já lhe tinham causado aborrecimentos. Olhou para Augusto com um misto de repreensão e de impaciência pretendendo livrar-se de sua companhia antes que essa lhe trouxesse novo transtorno. Havia pensado que não mais viesse a ser procurado desde o dia em que passou por ele na calçada sem ser abordado.

– Escuta aqui Augusto, eu não quero mais estar nem falar com você e gostaria que você me deixasse em paz e não mais me procurasse. Deu para entender?

Augusto ensaiou um cínico sorriso no canto de seus lábios finos, parecendo devorar com os olhos aquele que estava à sua frente. Por sobre os ombros de Tuta avistou Helena aquietada a uma pequena distância e por instante deu a impressão de que ia se levantar e deixar a companhia de Tuta, que estava sentado de costas para a porta de entrada do Clube e também com relação à mesa de Helena. Voltou a olhar para Tuta esforçando-se para se manter calado e ao final profetizou.

– Da próxima vez em que vamos estar juntos será porque você veio me procurar.

De onde estava discretamente e com o canto dos olhos Helena observava Tuta acomodado sozinho na mesa próxima a lhe parecer que mantinha uma conversa com alguém, se considerados os gestos que fazia com as mãos e os

braços. Embora pequena a distância entre eles, não lhe era possível ouvir o que naquela mesa estivesse sendo falado.

Levantou-se lentamente e caminhou até onde ele estava, pousando levemente a mão em seu ombro.

– Algum problema Tuta?

O filho de Ordália teve um sobressalto ao ser tocado, levantou-se tão rapidamente quanto uma pessoa surpreendida em esconderijo secreto. Estava assustado, olhos em movimentos acelerados como se procurassem ou acompanhassem alguém em fuga. Augusto não mais estava ali. Ausentara-se assim que Helena se aproximou da mesa onde estava, esgueirando-se rapidamente e deixando o Clube. Tuta ainda o viu através dos vidros laterais quando ele caminhava pela rua da frente. Recompôs-se e voltou à mesa anterior acompanhado de Helena. Não foram tantos os segundos de seu afastamento, embora a ele tivessem parecido uma eternidade. Seus pensamentos estavam dispersos vagando desde a tarde em que retornava caminhando sozinho pela estrada da Barreira dos Cipós até a recente fala de Augusto, que lhe soou como uma ameaça. O menino com impigens no rosto continuava a incomodá-lo, mesmo não mais estando ali. Existindo ou não existindo, sendo ou não sendo, estando ou não estando, Augusto não lhe dava descanso e era como se ele ainda pudesse tocá-lo com as mãos, embora jamais o tivesse tocado. Exercia forte influência em seu estado de espírito, por vezes comprometendo-o quando surgia sob circunstâncias de momento que o obrigavam a negar sua presença por estar na companhia de quem não sabia de sua existência, como quando estava no parque com Cecília ou como agora, que estava com Helena. Até quando terá que aturar esse incômodo tendo que buscar explicações não convincentes para justificar que não estivera nem falara com ele? Helena mostrou-se intrigada

com o comportamento de Tuta, mas não se viu no direito de questioná-lo a respeito. Convidou-o a acompanhá-la até o final da rua do meio onde ela mora. A contragosto Tuta aceitou o convite e deixou o Clube, a partir daí não querendo que Irene o visse com Helena. Caminharam juntos quase sem falarem. Ele levando consigo profundos pensamentos sobre a menina de sorriso feliz que não lhe aparecera como esperado. Estava muito mais com Irene do que com Helena e essa sua aluna apercebeu-se de vez que Tuta não se disporia a aceitá-la como namorada.

VI

Num começo de tarde de domingo, após terem almoçado na companhia de Tuta, Ordália e Coutinho recolheram-se para uma soneca enquanto o filho deixou a casa e seguiu em direção ao centro. Contudo, eles não tiveram tempo para adormecer. Ouviram o barulho de um carro estacionando supostamente à frente de sua casa, batidas de fechamento de suas portas e palmas junto ao portão. Ordália foi a primeira a se levantar, já imaginando quem deveria ser. Abriu a porta da sala e viu Juvelina chegando em companhia de Giácomo Salvatori. Ela sorridente, cumprimentando a mãe antes mesmo de entrar. Ele seguindo Juvelina, inicialmente sério e pouco à vontade, mas deixando ver que vinha em paz. Seu corpanzil se enormizou ainda mais quando venceu os dois degraus do pequeno terraço e se postou bem à frente da diminuta Ordália. Com seu vozeirão troante cumprimentou-a de maneira cavalheiresca, curvando-se um pouco ao tomar de sua mão como se fosse beijá-la.

– Muito prazer em conhecê-la. Como vai a senhora, Dona Ordália?

Juvelina interveio.

– Mãe, Giácomo estava ansioso pra conhecer a senhora.

Ordália recebeu-o bem e nem poderia ser diferente. Jamais destrataria alguém em sua casa. Era de sua educação.

– Prazer, Seu Giácomo. Vamos entrar pra dentro. Eu vou chamar o Coutinho que tá lá no quarto, mas não tá dormindo não.

Juvelina conduziu Giácomo para o interior da pequena casa e cuidou de lhe mostrar aquele que era seu quarto, enquanto Ordália estava chamando Coutinho. Sentaram-se ao redor da mesa da sala, bem arrumada nesse domingo por não apresentar panos diversos e dispersos jogados por ali, nem linhas e retalhos caídos pelo chão como era comum nos dias em que Ordália ficava em seu trabalho de costura. Coutinho apareceu na sala ainda se mostrando meio sonolento, com um acolhedor meio sorriso no rosto, pretendendo, como de hábito, falar o menos possível. Olhou primeiro e diretamente para Giácomo, estendendo-lhe a mão para cumprimentá-lo. Giácomo levantou-se com cuidado, afastando sua cadeira sem arrastá-la. Eram dois homens enormes que aparentavam ser de uma mesma geração. Dois velhos se vistos por um jovem como Tuta.

– Boa tarde, Seu Coutinho. É um prazer conhecer o senhor.

– Tarde. Então *tá* bom. Vamos sentar pra conversar um pouco. Como é mesmo o nome do senhor?

– Giácomo, Seu Coutinho. Giácomo Salvatori.

– Ah! Esse é um nome diferente que nós não *tamos* acostumados, Seu *Giaco*. É italiano, né? O senhor veio de lá ou nasceu aqui mesmo no Brasil?

Giácomo se encantou com a simplicidade e pureza de Coutinho. Sorriu olhando-o com carinho e já se sentindo cativado pelo sogro. Apercebeu-se de que tinham em comum a espontaneidade da fala sem reservas e, por certo, também a sinceridade e o uso incondicional da verdade. Desde logo imaginou que iriam se dar muito bem.

– Nasci aqui no Brasil, Seu Coutinho. Sou brasileiro. Meus pais é que são italianos nascidos em Trento, uma pequenina cidade do norte da Itália. Vieram para cá no começo do século. Mas já morreram faz tempo. Eu nasci aqui no final de 1904, numa fazenda de café próxima da capital.

– Pois então nós dois temos a mesma idade, Seu *Giaco*. Eu nasci no começo de 1905, aqui mesmo, numa fazenda em Santo Antônio que era do meu pai. Mas essa não era uma fazenda de café, não. Era mais de plantação de arroz, milho, feijão e de criação de porcos e de gado. Meu pai nunca lidou com café.

Riram-se quando Giácomo acrescentou ser alguns meses mais velho e que por isso devia ser respeitado. Coutinho sentiu-se à vontade desde a primeira fala que teve com o genro que só agora passava a conhecer. Ordália interrompeu.

– Fica aí conversando que eu e a Juvelina vamos lá pra cozinha preparar um cafezinho.

Giácomo e Coutinho animaram-se numa conversa prolongada até que Ordália a interrompesse para o café. Os assuntos brotaram de questionamentos feitos ora por um ora por outro e versaram principalmente sobre o que cada um deles fizera ao longo da vida. Giácomo falou de seu primeiro casamento e contou da boa relação que mantivera com a família de sua primeira esposa durante os longos vinte e três anos em que estiveram juntos, acentuando que considerava importante a permanente reunião dos membros da família.

Sem ser perguntado detalhou que não tivera filho e que sua esposa anterior falecera depois de ano e meio de terrível luta contra um câncer ósseo. Contou de sua atividade profissional anterior no ramo comercial e sobre o trabalho atual numa pequena olaria de sua propriedade.

Coutinho deu um sorriso maroto, mostrou a ponta da língua e se galanteou dizendo ter mais tempo de casado do que Giácomo. Fez as contas nos dedos das mãos e concluiu que já haviam se passado 35 anos desde que se casou com Ordália, em 1926. Giácomo o parabenizou por isso, salientando que o casal se mantinha muito bem conservado a despeito desse tempo todo. Disse que Dona Ordália se mostrava espantosamente jovem, detendo um porte esbelto e uma simpatia cativante e que ele ainda estava esbanjando saúde, nem parecendo ter a idade que tem.

Coutinho ouviu essa afirmação, desviou o olhar baixando um pouco a cabeça como se não fosse merecedor do elogio e ao tornar os olhos para Giácomo acrescentou que em toda sua vida nunca soube o que é doença, nunca perdeu um só dia de trabalho por indisposição, nunca bateu às portas de hospital, não tinha câibras, nem dor de cabeça ou calo no pé. Quando muito uma gripezinha que chega e passa sem que ele tome remédio algum. Não gosta de tomar remédios, muito menos de injeção. Aludiu aos tempos vividos em Inhaúma, confidenciando a Giácomo que naquele seu sítio a vida era de mais fartura do que a que hoje tem na cidade. Omitiu sua atual condição de empregado na máquina de beneficiar arroz, pertencente à família Vidotti, limitando-se a dizer que trabalhava nesse ramo.

Não falaram sobre Juvelina e não tocaram no assunto de sua gravidez, embora Giácomo tenha tido a elegância de a ela se referir para elogiá-la ao pai dizendo ser ela uma

excelente esposa e zelosa dona de casa. Disse que estava muito feliz com essa nova união e que esperava manter boas relações com a família. Coutinho dirigiu a conversa de volta às particularidades pessoais.

– Seu *Giacó*, pode me dizer se...

Ordália chegou com o café, interrompendo e corrigindo a fala de Coutinho:

– Não é “Giacó”, Coutinho. É Gi-á-co-mo!

– *Ara*, Ordália, ele tá me entendendo!

– Deixa ele, Dona Ordália – interveio Giácomo com moderação e respeito.

– Meu marido tem a mania de trocar o nome das pessoas. Ele chamava o Presidente Juscelino de “Juvelino”. Completou, rindo-se.

Enquanto servia o café, Ordália perguntou ao genro se eles já pensaram no nome que vão dar à criança que vai nascer. Coutinho se incomodou, franziu o cenho em visível censura à pergunta de Ordália. Esse era um assunto do qual ele não pretendia tratar. Giácomo direcionou um olhar demorado e expectante para Juvelina como se pedisse que a resposta fosse dada em conjunto.

– Ainda não decidimos, Dona Ordália. Estamos escolhendo dois nomes. Um de menino e outro de menina. Juvelina está querendo Magda ou Marcelo, eu estou propondo Cláudio ou Daniela. Vamos ver!

– São nomes bonitos. E você está esperando *pra* quando, Juvelina? – emendou Ordália.

– Pro fim do ano, mãe. Final de novembro ou começo de dezembro. Agora eu *tô* de cinco meses.

Coutinho se aquietou emudecido. Como se tivesse sido apoquentado por esse assunto, levantou-se lentamente da cadeira e foi se sentar na mureta do pequeno terraço. Ali, num

ritual que lhe era costumeiro, abriu seu canivete, picou um toco de fumo de corda e começou a preparar seu cigarro de palha enquanto de esguelha espiava o interior da sala. Aguardou Giácomo vir até ele para reiniciarem a conversa. Sem demora o genro veio e sentou-se a seu lado, também na mureta do terraço.

– Tão morando aonde? – perguntou Coutinho, enquanto lambia a borda final da palha de seu cigarro para melhor assentá-la.

– Na rua da ponte, logo um pouco abaixo da praça. É uma casa pequena, só para nós dois, mas acolhe bem. Estamos esperando a visita do Senhor lá em casa qualquer dia desses. Vai nos dar muito prazer – respondeu Giácomo animado.

– Tá bom, qualquer dia eu vou lá ver! – arrematou Coutinho, acendendo o cigarro, baforando-o profundamente, virando um pouco a cabeça e soltando um tufo de fumaça para o lado.

VII

Dois meses depois do dia em que estivera com a irmã, quando soube que a saúde de Eliodoro não andava bem, Ordália recebeu a esbaforida visita da sobrinha Zulmira, que veio noticiar que o pai morreu enquanto tomava seu café da manhã. Ordália soube depois que nos últimos dias Eliodoro não havia sofrido nenhum visível agravamento de sua saúde, bem ao contrário, abstivera-se de bebida alcóolica – até mesmo porque não mais permanecia sozinho no bar. Sua tosse noturna amenizara e ele passara a dormir um melhor sono,

pelo que se recusou a ir ao médico por não se considerar doente. Prometera à Natália que só iria se sua saúde piorasse, ou quando não pudesse mais andar. Havia voltado a caminhar com melhor desenvoltura, não mais sentindo dores no corpo e seus olhos começavam a retomar o brilho que tinham antes.

Na manhã em que morreu, ele havia dito à Natália que não estava com vontade de ir até o bar e que preferia ficar em casa descansando. Não demonstrava nenhum mal-estar ou desconforto, estando aparentemente bem. Levantou-se sem dificuldade, vestiu-se normalmente e foi à cozinha beber seu café preto. Sentou-se à mesa, olhou pela janela e chegou a comentar que o dia estava nascendo bonito com um sol já brilhando forte lá fora. Pediu que um de seus meninos fosse abrir e cuidar do bar. Mantinha os dois antebraços apoiados na mesa da cozinha quando de repente deixou cair a cabeça e o tronco sobre ela, morrendo ali mesmo, na hora, sentado como estava. Seu coração, que bateu por 55 anos, parara de vez.

Ordália encontrou a irmã isolada num recuo da cozinha, mão esquerda no queixo, cotovelo apoiado na palma da outra mão, com olhar perdido e triste lançado no vazio, como se viajando em pensamentos que a reconduziam a tempos longínquos guardados na memória. Nenhuma lamúria ou choro audível. Natália sempre fora a perfeita imagem da resignação, sustentada por uma fé religiosa que sempre a mantivera de pé e que a conservava para a difícil continuidade da vida nos dias do amanhã. Chorava para dentro. Para ela, a morte do marido era ato da vontade divina e assim devia ser recebida, apesar da profunda dor que lhe dilacerava o peito. Vivera 31 anos ao lado de Eliodoro, com quem teve onze filhos. Juntos suportaram duras etapas de uma vida que desenhava velhice em suas faces por anos e anos de carências, alquebrando seus

corpos e minando suas forças. Enfrentaram turbulências sucessivas vencendo-as uma a uma, porém sem nenhum tributo ou premiação a não ser a permissão concedida para continuarem vivendo da forma como Deus sempre quis. Recebeu o acarinhar de Ordália e apenas essa deixou verter lágrimas enquanto a confortava. O frágil corpo de Natália não contava a enorme força interior que ela possuía. Com os olhos fechados balbuciou uma ou outra palavra ainda debruçada no ombro de Ordália, dolorida em seu interior. Pouco depois, ambas se recompuseram como por encanto e num momento mágico elevaram suas cabeças e lançaram seus olhares à frente como se renascessem das cinzas, tornando-se numa só a se dizerem prontas para enfrentar tudo o que ainda houvesse por vir.

Natália pensava nos filhos menores, mas sabia que os mais velhos a ajudariam a terminar de criá-los, porque deles jamais faltou auxílio, desde os tempos em que tinha pequeninos nascidos em Itaiporã ou desde quando assistia o empenho coletivo e o esforço comum dos braços irmãos na lida da lavoura para garantir a sobrevivência da família. A morte não a intimidava, apenas fazia doer seu peito porque era a de um ente querido e não a sua. Estava ao lado de Eliodoro quando ele se debruçou sobre a mesa e entregou-se a Deus. Se houve dor essa deve ter sido tão efêmera que Eliodoro sequer teve tempo de senti-la. A morte apaga tudo e não há mais dores. Sempre acreditou que bem diferente da dor que a vida lhe impõe de forma contínua no dia a dia, tendo que carregar pesado fardo nos ombros, morrer não dói. Só dói em quem fica assistindo a morte chegar e levar pessoa querida da família.

Pela quinta vez Tuta assistia a presença da morte. Contornou a casa para não passar pela sala maior, onde estava exposto o caixão com o corpo do tio, por não querer vê-lo

morto. Preferiu guardar a última imagem dele vivo. Lembrar-se de seus olhos miúdos que lhe pareciam escondidos atrás de grossas sobranceiras; de sua fala lenta que sempre lhe soou apaziguadora; do vitiligo que descoloriu parte de suas mãos e braços, com o que ele jamais se importou, e da simpatia de seu meio sorriso demonstrando sempre estar disposto a acolher o sobrinho com a doçura de um tio amoroso. Agora tudo estava adormecido e triste dentro daquela casa porque a morte impôs nela um fúnebre silêncio.

Não mais havia a contagiante alegria dos primos em costumeira algazarra feliz, indo e vindo pelos estreitos corredores da casa, esbarrando-se uns nos outros, sem revides ou reclamos, nem o concordante sorriso às vezes mantido pela mãe Natália quando se encolhia num canto da cozinha para não ser identificada como a cúmplice das muitas brincadeiras arquitetadas pelos filhos maiores. Não havia mais os ponteios de viola cujo som percorria todos os cômodos da casa anunciando estar presente uma felicidade espontânea, nem mais se ouvia Zulmira cantarolar modinhas sertanejas, repetindo os estribilhos durante o dia inteiro enquanto executava trabalho doméstico. Não mais havia nenhuma voz dentro daquela casa e no quintal nenhum vento balançava as folhas das árvores. Não mais se ouvia o borbulhar do riacho São Lourenço que serpenteava a poucas braças dali e nem mais se viam pássaros voando porque o mundo todo se aquietara com a chegada da morte. Até o velho cachorro da família espojou-se no terreiro e não quis mais latir. A morte fez o tempo parar. Dentro da casa ela estava na sala maior e à volta do corpo de Eliodoro todos o velavam em silêncio.

Desolado, Coutinho se pôs pensativo ao lado do caixão, olhando o rosto do amigo e companheiro de longos tempos. Não sabia o que dizer perante a morte. O que é que

se pode falar numa hora dessas? Que as pessoas de sua classe, como José Agripino, o marido de D. Uasna, e agora Eliodoro, seu conchunhado, estão indo embora e que ambos morreram muito cedo? Aquele com 51 e esse com 55 anos? Coutinho tinha 56 e, portanto, já havia motivo para pensar que talvez a morte estivesse começando a espreitá-lo, escondida numa das curvas do dia ou nas sombras da noite. Ele vivia sem lembrar que poderia morrer amanhã. Seu pai Izidoro Couto morreu com 92, mas quem é que pode assegurar que ele viverá tanto tempo assim? A saúde de hoje não é garantia de vida no amanhã, podendo morrer de repente como José Agripino e Eliodoro. Achava que era preciso treinar a vida inteira para enfrentar a morte, acostumar-se com ela, evitar estar onde ela estiver, procurando, se possível, não estar em nenhum lugar. Mas como, se a morte está em todos os lugares durante o tempo todo? Nem o moço está livre dela, nem o velho está em sua antessala! Pode-se ensaiar a vida, mas morrer não é um ensaio. É o último e definitivo ato antes de fecharem-se as cortinas do tempo. Sem reprise nem aplausos porque ela nunca é bem-vinda. Aplauda-se o morto, não a morte.

Ordália ficou o tempo todo ao lado de Natália, ambas falando baixinho como se preferissem segredar seus sentimentos. Ficaram recolhidas a sós na cozinha, por vezes se aproximando do fogão mantido aceso com pequenos tocos de lenha, com um bule de café esmaltado com desenho de folhagens verdes deixado sobre a taipa, por outras vezes olhando ambas, demoradamente, pela janela que dá vistas para o fundo do terreiro sem se fixarem em ponto nenhum. Buscavam esconder a tristeza através de uma tentada aparência de consolo sem fazerem nenhuma referência à morte. Falavam do ontem, não do hoje, nem do amanhã. Numa fração de segundo passou por suas cabeças todo o tempo em que viveram

juntas. Vieram-lhes à memória os muitos momentos alegres de uma infância travessa que tiveram nos quintais do pequeno mundo de Itaiporã. Tempo que dista quase cinquenta anos do agora e que se assemelha ao das crianças que chegavam à casa de um morto e começavam a correr pelo quintal, brincando como se ali fosse dia de festa. Natália encostou-se na parede, pôs-se pensativa e voltou à realidade.

– Sabe, Ordália? Ontem o Eliodoro me falou que queria vender o bar porque só *tava* dando trabalho e aborrecimento pra ele. Queria arranjar outra coisa pra fazer, mas não disse qual. Eu acho que é bom vender mesmo porque nenhum dos meninos vai querer tomar conta daquilo. Comentou e concluiu.

– *Ara*, minha irmã! Você não tem que ter preocupação com isso. Nem pense nisso. Deixa que os meninos resolvem. Eles sabem mais das coisas do que nós duas juntas. Apaziguou Ordália.

– Pois é. Mas você vê como são as coisas, Ordália? Ontem *tava* tudo de um jeito que nós *conhecia* e já *tava* acostumado. Tudo andando direitinho nos trilhos. Hoje não! De repente muda tudo! Eu até fico pensando que nem adianta a gente se encabular com o que é que vai acontecer amanhã, porque não sabemos nem se vamos estar vivos. Que coisa, né? Só Deus é que sabe e que pode ajudar a viver. Bom mesmo é ser criança, tendo a vida inteirinha pela frente sem preocupação com nada. Só brincar. A gente cresce e vai ficando cada dia mais difícil de viver.

Ordália deu um meio sorriso, olhou docemente para o envelhecido rosto da irmã e a convidou a recordar.

– Você se lembra como era bom aquele tempo em que *nós era* criança lá em Itaiporã, hein?

– Nem se fala, Ordália!

No dia seguinte, uma manhã clara de primavera com um sol bonito aquecendo as almas, o enterro de Eliodoro saiu em direção ao distante bairro dos Eucaliptos com poucos e entristecidos acompanhantes: seus filhos e filhas, Coutinho, Giácomo, Juvelina, Tuta e alguns amigos frequentadores de seu antigo bar. Ordália ficou fazendo companhia à irmã, que estava de volta ao seu recolhimento num canto da cozinha. No primeiro trecho o humilde caixão passou bem no meio do bairro das putas, que se deixaram ver em número bem maior do que se supunha existir, postando-se silenciosas junto às portas de suas casas e persignando-se à passagem do cortejo apesar das roupas indecorosas com as quais se mostravam. Durante o lento e longo caminhar do cortejo Tuta observava os diferentes olhares dos que paravam nas calçadas em sinal de respeito a um morto desconhecido. O olhar de piedade de uma senhora que tinha o filho no colo e a quem apontou o cortejo dizendo alguma coisa; o olhar de curiosidade de um grupo de meninas que estavam com uniforme do Grupo Escolar e que deixaram escapar risinhos entre si; o profundo e pensativo olhar de um idoso que se apoiou numa bengala e demorou a retomar seus passos; o olhar quase indiferente de um moço bem vestido que carregava uma velha pasta de trabalho e aparentava estar com pressa e o de um menino que sozinho na calçada que ficou parado por instantes com olhar interrogativo.

A morte de João Eliodoro não conseguiu reter mais do que poucos segundos da atenção daqueles que assistiram ao passar vagaroso de seu caixão, acompanhado de reduzido número de familiares e de amigos. As pessoas continuavam a ter pressa de viver.

Capítulo 6

I

Era de manhãzinha quando Tónico desembarcou na velha estação do ramal ferroviário de Cruz das Almas sem nenhum prévio aviso à família. Deixara a capital bem no final da tarde do dia anterior e sua viagem durara cerca de onze horas. Chegou trajando um alinhado uniforme de cor amarronzada, inspirado no antigo fardamento da precursora missão francesa que influenciou na formação da Força Pública de São Paulo: uma túnica com reluzentes botões dourados, uma camisa bege, a gravata e o quepe de uma cor azul-escuro, destoando da cor geral do conjunto, e sapatos pretos bem lustrados. Trazia nas mãos uma pequena maleta contendo duas ou três mudas de roupa, além de objetos de higiene pessoal. Terminado o curso de formação de soldado ele ganhara dois dias de dispensa do serviço, que somados aos dias do final de semana lhe permitiriam ficar por quatro dias em Cruz das Almas. Tinha os cabelos aparados com típico corte de militar americano, caminhava com porte altivo e com olhar seguro à frente, como se detivesse autoridade julgada maior do que a que realmente detinha.

Desde o largo da estação até a vila onde moravam seus pais era uma boa distância e a caminhada demoraria cerca de cinquenta minutos. Ele era o jovem *Soldado Couto*, nome de

guerra que lhe impuseram no curso, orgulhoso do uniforme militar que pela primeira vez vinha exhibir em sua terra natal. Retornou após ter estado ausente por mais de cinco meses e agora revia Cruz das Almas com algumas modificações. A reforma na rua próxima à ponte, soterradas as tubulações de água e de esgoto que antes eram deixadas à vista naquele trecho; a grande praça central mostrando canteiros de flores bem cuidados e árvores recentemente podadas; o recapeamento asfáltico das principais avenidas do centro, esburacadas quando ele deixou a cidade; algumas das casas mais nobres das avenidas principais com fachadas remodeladas ou com novas pinturas; a rua do comércio com sinalização horizontal renovada; a farmácia onde trabalhou durante sete anos, ainda fechada nessa manhã, porém com seus letreiros frontais repintados e na vila algumas pequenas casas recém-construídas indicando que novos moradores haviam se mudado para lá.

Ordália acabara de preparar o café da manhã. Coutinho estava pronto para ir ao trabalho, Tuta separara seu material escolar e estava sentado à mesa tomando seu café com leite. Todos estavam em silêncio quando de repente Tônico surgiu pelo quintal e os apanhou de surpresa no interior da cozinha, pregando um susto enorme em Ordália. O coração da mãe disparou quando viu aquele policial uniformizado entrando pela porta de sua cozinha.

– *Bença*, mãe! – pediu Tônico sorrindo e tirando seu quepe azul.

– Ô meu filho, Deus te abençoe. Não sei se *tô* tremendo de susto ou é por causa da alegria de te ver aqui. Meu Deus do céu! Veja como ele *tá* bonito Coutinho! Senta aqui pra tomar café! Mas que bom você estar aqui! Que surpresa boa, meu filho!

Coutinho também recebeu um longo abraço de Tônico e deixou perceber duas lágrimas escorrendo lentamente pelo seu rosto envelhecido. Tuta festejou a chegada do irmão, palpando-lhe o peito como se examinasse com as mãos a textura de seu uniforme.

– Bela farda, hein, Tônico?

Nessa manhã ninguém saiu de casa. Coutinho não seguiu para o trabalho, Tuta não foi às aulas. Ordália coou novo café e todos continuaram reunidos na cozinha por horas a fio ouvindo os relatos de Tônico, que detalhavam fatos de sua aventura desde sua chegada à capital, com a precária acomodação num desconfortável alojamento destinado a candidatos; sua submissão aos rigorosos exames seletivos, inclusive os de capacitação física, que quase esgotaram suas forças porque não estava preparado para tamanho esforço; sua frequência ao Curso de Formação de Soldados por um período de quatro meses num quartel da cidade de Sorocaba, para onde fora transportado na carroceria de um caminhão militar, até sua aprovação final nesse curso e, por fim, já como soldado pronto, engajado e juramentado, sua transferência para a Unidade de Trânsito da Capital, onde a partir da semana seguinte estará prestando seus serviços.

Coutinho punha-se atento para ouvir a narrativa do filho querendo reconhecer-se no soldado uniformizado que estava à sua frente. Fitava-o bem de perto, quase que imobilizado. Queria saber das muitas coisas que um dia sonhou pudesse ter sido sua vida, quando esperava ser sorteado para deixar a lavoura em Santo Antônio e engajar-se como um soldado do Exército brasileiro para conhecer outros rincões. Formulou seguidas perguntas ao filho: como é o dia a dia dentro de um quartel? A que horas um soldado se levanta? Quanto ganha por mês? Ele pode sair à noite para passear sozinho?

O Soldado Couto respondia a cada uma das perguntas do pai, por vezes se rindo dos detalhes que relatava. Informou que acordava às seis horas da manhã, quando o corneteiro dava o toque de *alvorada* e ninguém mais podia ficar deitado. Cada um dos recrutas tinha que arrumar sua cama, alinhando-a criteriosamente com as demais do alojamento, inclusive fazendo com que também os cobertores dobrados sobre elas ficassem com suas listas devidamente alinhadas com as dos outros. Qualquer peça em desalinho resultava em penalização disciplinar ao descuidado. Às sete horas da manhã todos deviam estar formados no pátio para a primeira revista do dia. Não se admitia ausência ou atraso, a menos que o faltoso obtivesse uma justificativa oficial para tanto, dada exclusivamente por um médico da Formação Sanitária Regimental do próprio quartel. Um sargento, com não disfarçada arrogância e intencional austeridade, examinava um a um dos recrutas, verificando de perto se estavam bem barbeados, se os cabelos estavam regularmente cortados, se os sapatos ou os coturnos foram bem engraxados, se o uniforme estava impecavelmente limpo e bem passado, se a fivela do cinto estava polida e se não havia falta de nenhum botão no fardamento. Nada passava despercebido nessa revista. Uma pequena irregularidade detectada podia significar desde a simples anotação da falta em caderno de conduta individual, com decorrente redução da nota escolar mensal, até a cassação da licença de saída no próximo final de semana.

Após essa inspeção seguiam para o rancho onde tomavam o café da manhã e depois se encaminhavam para aulas teóricas em sala, para exercícios de ordem unida no pátio, para as oficinas onde aprendiam a desmontar e montar armamentos, ou para a prática matinal de educação física – independentemente de frio ou de chuva, já que uma das primeiras

lições impostas ao recruta era a de que “o soldado é superior ao tempo”. Ao meio dia era servido o almoço e depois havia um pequeno tempo livre para pequeno repouso no alojamento, reiniciando-se as atividades escolares a partir das duas horas da tarde e indo até às seis, quando nova revista de final de expediente era feita com o mesmo rigor e severidade. Tornavam ao rancho para o jantar e passavam a ter atividades livres dentro do quartel até as dez horas da noite, quando o corneteiro executava o toque de *silêncio*, obrigando a todos cessarem a movimentação pelo pátio ou pelos corredores. Depois desse toque ninguém mais podia sair ou entrar na Unidade. Era hora de recolherem-se ao alojamento para dormir, proibidas as brincadeiras ou qualquer barulho. Não havia permissão para que recruta nenhum deixasse o quartel à noite, exceto aos sábados e domingos, isso se por falta cometida durante a semana a permissão não houvesse sido cassada, parcial ou totalmente.

Coutinho entusiasmava-se enquanto ouvia a pormenorizada narrativa do filho, como se anotando na memória cada um dos detalhes informados. Imaginou-se sendo ele próprio o jovem e arrojado soldado que sempre desejou ser nos idos tempos de uma juventude que hoje são apenas longínquas e esmaecidas lembranças. Quem dera ter sido ele quem pudesse ter se apresentado aos pais assim com tão garboso uniforme que agora ele vê em Tônico. Fez pequena pausa e reformulou pergunta já feita.

– E você ainda ganha dinheiro *pra* estudar?

Tônico respondeu deixando a impressão de que não compreendera o exato sentido da pergunta feita pelo pai.

– *Chi*, pai! A gente trabalha muito lá dentro, fazendo verdadeiros mutirões. Tem dias que os alunos são obrigados a executar serviços de pintura de paredes, de varredura geral

em toda a área do quartel, de plantio de grama, de poda de árvores e até lavando pratos ou descascando batatas na cozinha.

Tuta acompanhava o relato do irmão sem interrompê-lo, embora seu interesse fosse por pontos ainda não abordados como, por exemplo, quais matérias compunham o currículo do curso que ele frequentou. Perguntado sobre isso, Tônico esclareceu que o curso priorizou aspectos tipicamente militares como Ordem Unida, Armamento Material e Tiro, Educação Física, Ataque e Defesa Pessoal e outras afins, embora tivesse mantido alguns enfoques sobre atividades policiais como Rádio Patrulha, Teoria e Prática de Policiamento, Trânsito e Relações Públicas, sem contar as aulas de Matemática, Português e História, essas em nível médio. Confessou que aprendera muita coisa e que se achava preparado para começar a trabalhar como policial nas ruas da capital.

– Você tem arma? – pergunta o pai Coutinho.

– Tenho um revólver calibre 38, mas não é meu de todo. É da Corporação, mas fica comigo. Quer ver, pai?

Ordália interveio e repreendeu Coutinho, afirmando que isso era coisa para depois e que agora ninguém estava interessado em ver revólver na cozinha. Disse que há tempo e lugar melhor para isso. O que ela queria era continuar a conversa falando sobre o filho. Tuta concordou com a mãe e se dirigiu ao irmão emendando.

– Você fica aqui até quando?

– Eu vou embarcar de volta no domingo à tardinha. Segunda de manhã tenho que estar lá me apresentando num quartel de trânsito da capital. É quando começa meu trabalho!

– Foi você que escolheu trabalhar num quartel de trânsito? – insistiu Tuta.

– Não. Eles é que dizem para onde cada um vai. Só o primeiro colocado da turma é que tem direito de escolher onde quer servir. E isso se tiver vaga onde ele quiser. Pode ir ser um bombeiro, um policial rodoviário, trabalhar num destacamento do interior ou então ficar na administração de algum quartel da capital.

Esse encontro manteve a família reunida na cozinha e a conversa se estendeu até às dez horas da manhã, com Ordália sorridente e feliz, estimulando Tônico para contar outras novas. Ele quis saber das irmãs e recebeu a notícia de que Juvelina estava grávida, esperando o filho para o final do ano, e que era bom o relacionamento dos pais tanto com ela quanto com Giácomo. Ordália informou que via Esmáide muito pouco, porque não é sempre que ela vai ao sítio da Barreira dos Cipós ou a filha vem visitá-la, mas sabe que ela está bem. Tônico lastimou-se ao saber da morte do tio Eliodoro e disse querer visitar tia Natália e encontrar-se com seus antigos colegas de farmácia. Levantou-se e falou que ia pôr um *paisano*, o que significava trocar seu uniforme militar por roupas civis. O pai achou um pouco estranho o uso desse termo, sorriu de forma desenxabida e pouco depois viu Tônico sair em direção ao centro na companhia de Tuta, coisa que não se dava desde os tempos em que ambos eram adolescentes, quando cada um deles seguia sozinho por rumos diferentes.

Tuta não permaneceu muito tempo como acompanhante do irmão mais velho. Deixou-o quando esse revisitava a farmácia onde trabalhara e resolveu ficar conversando com um ex-colega de trabalho. Embora numa relação então bem mais séria e respeitosa do que antes havia, a comunicação entre os dois irmãos ainda se verificava dificultada, fosse pela enorme diferença na maneira de pensar, sentir e de agir de cada um deles, fosse pela acentuada distância que existia

entre as diferentes aspirações individuais. Esgotaram-se os assuntos sobre a carreira militar, aos quais Tuta dispensou menor interesse, e as poucas informações trazidas por Tonico sobre a cidade grande lhe foram frustrantes. Preferiu continuar imaginando a capital sob suas próprias perspectivas, ou seja, como um grande centro onde borbulham milhares de pessoas andando apressadas num vai-e-vem incessante; com seus jardins em praças românticas recomendando encontros; seus arranha-céus surpreendentes escondendo horizontes; suas largas avenidas avançando distâncias; sua vida noturna guardando segredos e suas tradicionais faculdades, museus e casas de espetáculos. Tuta seguiu para o centro e de lá só voltou quando os bares da praça fecharam.

No dia seguinte, no final da tarde, Tuta novamente saiu em companhia do irmão em direção à casa de tia Natália, o primeiro dos destinos por eles pretendidos. Lá os primos se juntaram para ouvir Tonico recontar suas aventuras pela capital, repetindo-se o detalhamento de uma vida em quartel e noticiando o soldo recebido por um soldado – o que levantou cobiça nos primos mais velhos que ganhavam bem menos em seus respectivos empregos. Tia Natália ouvia tudo como que se transportando em silêncio para um mundo por ela nunca imaginado. Orgulhou-se de ver o sobrinho bem sucedido. A dor pela morte do marido já havia sido superada e dentro daquela casa retornara o costumeiro barulho a toda vez que a família se reunia, envolvendo-se numa alegria contagiante mesmo sem ter especial motivo. O bar fora vendido por uma ninharia, dinheiro que mal deu para se sustentarem por alguns meses. Tuta e o primo Paulinho puseram-se à volta do grupo, cochichando travessuras que era de costume serem provocadas em casa. De quando em vez um ou outro dos primos posicionava uma cadeira com uma das pernas

quebrada para se divertirem com a queda de quem nela viesse a se sentar ou soltava dentro da sala uma ratazana capturada no quintal para assustar a todos, principalmente Zulmira, a filha mais nova e mais medrosa, que se esganiçava enquanto procurava onde se empoleirar. Tia Natália não se cansava de rir baixinho, tapando a boca com uma das mãos.

Os dois irmãos deixaram a casa de Natália quando anoitecia de vez, seguindo em direção ao centro com a intenção de visitar Juvelina e Giácomo. Caminharam pelo meio do bairro das putas, onde já se viam acesas pequenas luzes vermelhas encimando cada uma das casas, penduradas em seus dosséis. Nesse começo de noite poucos homens transitavam por ali, o que fazia com que as mulheres da vida se dispusessem junto às portas de suas casas para esperá-los ou para convidar eventual passante a entrar. Por vezes Tônico deixava o meio da rua e buscava passar rente à porta de cada uma delas para ver bem de perto as que se exibiam, trajando saias curtíssimas e blusas com generosos decotes a mostrarem grande parte de seus seios fartos. Ao passar por elas Tônico as media de cima em baixo com um olhar malicioso dirigindo-lhes gracejos. Tuta as observava sem nada dizer, ficando mais inseguro do que estimulado a ter contato com elas. Ele as via por demais grandalhonas, aparentando serem mandonas e dominadoras, pelo que preferia evitá-las.

Tônico foi reconhecido e chamado pelo nome não apenas em uma das portas das casas, mas em várias delas, como se dali ele fosse um assíduo frequentador. Delas ele era conhecido como o *Tônico da Farmácia*, aquele que com frequência comparecia à *zona* para aplicar Benzetacil em mulheres contaminadas pela bactéria causadora da gonorreia ou outros medicamentos injetáveis para as que caíam de cama com suspeita de tuberculose ou vitimadas por gripe forte,

além de levar cremes e loções para combater infestação de *chatos*. Nessas visitas de trabalho não raro acontecia de Tônico ir para a cama com uma ou outra das mulheres a preço pechinchado.

Na última das casas, vista por quem vinha dos fundos do bairro, ou a primeira para quem entrava no bairro vindo da cidade, uma única mulher se mostrava junto à porta, vestida com certa discrição, aparentando ter pouco mais de vinte anos, corpo amiudado, cabelos curtos e pretos, pele clara, lábios carnudos e um rosto sereno bem diferente das outras mulheres que se ofereciam para uma relação com o primeiro casual freguês. Não estivesse parada ali junto à porta de uma casa com luzinhas vermelhas acesas poderia até não ser tida como uma mulher da vida. Tônico sabia quem era ela, informando a Tuta tratar-se de uma das recentes aquisições daquela *zona*, oriunda de pequena cidade do norte do Paraná e ali chegada há menos de um ano. Era conhecida como *Portuguesinha*. Tuta a viu de forma diferente, curioso e atraído, porém compadecendo-se por ver aquela ainda menina entregue a essa vida. Deixou-se aproximar da porta acompanhando o irmão e entraram pela casa sendo recepcionados pela Portuguesinha.

No interior via-se primeiramente um enorme salão com mesas redondas distribuídas pelos cantos e nas laterais, deixando livre o espaço do meio, transformado em pista de dança. Um antigo lustre com lâmpadas em forma de velas pendia do centro do salão oferecendo precária e proposital pouca iluminação ao ambiente. Ao fundo, um balcão atrás do qual viam-se garrafas de bebidas dispostas numa improvisada prateleira e sobre ele uma pequena vitrola que tocava discos com músicas do estilo então chamado de *dor-de-cotovelo*. Depois, um estreito corredor que saía do salão e certamente deveria

conduzir frequentadores até pequenos quartos dispostos em fila de um e de outro de seus lados. Tônico e Tuta sentaram-se num dos cantos do salão enquanto Portuguesinha cuidou de buscar e lhes servir cerveja, sentando-se na companhia deles e os acompanhando na bebida com um brinde, tendo nas mãos um “*batizado*” copo de Cuba-Libre. Até àquela hora eram eles os únicos frequentadores dali e a vitrola tocava um disco com canções boêmias de Nelson Gonçalves. Era a primeira vez que Tuta entrava em uma casa daquela zona, antes por ele nem tentado – fosse por ser menor de idade, o que representava o risco de ser apreendido pelo Comissário de Menores, fosse porque jamais tivera dinheiro o bastante para custear as despesas que isso acarretaria. Nessa noite não havia esse risco porque estava ele sob a proteção do irmão, um policial, e porque as despesas seriam pagas por este.

Calado, Tuta limitava-se a olhar atentamente para todos os detalhes à sua volta como se devesse memorizá-los para relatar depois com todas as minúcias. Observou a debochada postura das três corpulentas mulheres, maduras e cansadas de guerra, que se encostavam preguiçosas no balcão ao fundo, tagarelando entre si e rindo-se à toa porque não tinham outra coisa a fazer; uma ou outra mulher que de quando em vez surgia vindo do corredor, sumariamente vestida, olhando de soslaio para a mesa onde ele estava e retornando pelo mesmo corredor sem contar a que veio nem lhe dar maior atenção; duas lâmpadas queimadas do lustre central reduzindo ainda mais a já parca iluminação do salão; diversas manchas que escorriam pelas paredes do salão provocadas por infiltrações a reclamarem reparos em sua pintura de um marrom esmaecido; o incômodo chiado provocado pela velha vitrola ao tocar surrados discos de vinil, e as pequenas e delicadas mãos da Portuguesinha vistas de perto com unhas

bem cuidadas e esmaltadas com um vermelho gritante. Embora com duas grandes janelas mantidas abertas, naquele salão respirava-se um ar pesado, com odor de perfume barato às vezes se confundindo com um acre cheiro de sexo. Tomando vagarosamente seu copo de cerveja mal gelada, Tuta sentia-se pouco confortável sentado ali, ainda que a companhia de Portuguesinha não chegasse a lhe ser desagradável. A fala dessa jovem era tão pequena quanto ela, soando como confidência segredada em mesa de bar, um riso curto sempre interrompido por rápido movimento de cabeça para retomar a seriedade em seu rosto de menina. A cada vez que levava seu copo à boca desviava um olhar melancólico para o lado de Tuta. O Soldado Couto havia se posto à vontade na casa conhecida e tagarelava com Portuguesinha observando com zelo responsável o comportamento do irmão caçula.

Quando ali entraram dois outros homens, chegados já aparentemente bêbados, as mulheres do fundo do salão deixaram o balcão e vieram até eles para encontros intencionalmente barulhentos e escandalosos. O comportamento dos recém-chegados era diferente: falavam alto, gargalhavam soltos e gesticulavam muito, como se pretendessem dar continuidade a alguma comemoração festiva iniciada lá fora ou por algo ali não contado. Em segundos a algazarra atraíu as mulheres antes acantonadas nos quartos do corredor, passando a somarem seis delas no salão, contando com a aquietada Portuguesinha.

A agulha da vitrola tropeçava num riscado disco de Ângela Maria com mais chiado do que o anterior e nas mesas ocupadas no lado oposto à dos irmãos o barulho impedia que se ouvisse a voz da cantora. Portuguesinha parecia se desculpar pelo que não fizera. Tônico seriou passando a fitá-los continuada e ostensivamente. Tuta silenciou de vez tentando

ignorá-los sem o conseguir. As palavras gritadas pelos dois homens e suas gargalhadas sem razão ecoavam como anarquia pelo salão. Um caos no mundo daquele pequeno espaço. Mãos ensandecidas percorriam coxas e amassavam os seios das mulheres oferecidas enquanto os homens bebiam desvairadamente, levados a viver rápida e furiosamente antes que a noite os engolisse sem que pudessem se despedir da vida. Um irresponsável atropelo de vontades inconsequentes.

Menos de uma hora depois esses homens deixaram a casa cambaleando entre mesas e cadeiras e com o mesmo estardalhaço feito quando da chegada. “Vão prosseguir em outra casa”, observou Portuguesa, acrescentando que eles são arruaceiros que se aproveitam das mulheres, gastam pouco e nunca vão para a cama com nenhuma delas. A ordem retornou ao salão tornando possível ouvir o canto lamurioso de Maysa. Tuta olhou para Portuguesa e seu olhar significou um convite para que deixassem a mesa e seguissem para o quarto. Antes Tunico havia lhe sinalizado de forma discreta estimulando-o a isso e lhe dando garantias de que arcaria com as despesas. Tunico pediu mais uma cerveja, chamou à mesa uma das mulheres que haviam voltado a se encostar no balcão ao fundo e pouco depois também seguiu com essa para um dos quartos da casa.

II

Tuta estava ansioso e tenso por ser essa a primeira vez que estava indo para a cama com uma mulher experiente na arte do sexo. Sua iniciação sexual dera-se quando nem bem completara dezesseis anos e foi de forma tumultuada e incompleta

com uma moça da vila, bem mais velha do que ele e que vez ou outra frequentava a casa de sua mãe levando pequenos serviços de costura.

Provocativa e insinuante, sobre ela Tuta ouvira dizer ser habituada a ficar no portão até tarde da noite na companhia de rapazes avulsos e sempre mais novos do que ela. Era tida como uma mulher fácil, dita como mulher de rolo. No começo de uma noite chuvosa, quando ela devia retornar à sua casa Tuta, ofereceu-se para acompanhá-la, segurando um só guarda-chuva, o que fez com que caminhassem juntos pelas escuras ruelas da vila. Pararam ao lado do portão de sua casa e ali mesmo se entregaram a abraços e amassos num êxtase incontrolável. Por vezes foram obrigados a se desenlaçarem e a se recomporer por força da aproximação de um passante por ali. Mas foi assim que Tuta viveu a primeira oportunidade de conhecer uma mulher por inteiro. Sugava seus seios entumecidos, os bicos pontudos; mordia-lhe o pescoço excitando-a ainda mais, enquanto a estocava contra o portão a ponto de ela querer morrer em seus braços. Sob a saia pegava em suas nádegas puxando seu corpo contra si; tateava seu sexo umedecido levando-a a loucura em sua voluptuosidade; tentava penetrá-la mesmo estando ambos em pé o que só não se deu por tê-la exaurido e a deixado entregue em seu gozo antecipado. Por mais algum tempo Tuta ainda se manteve contínuo entre suas coxas até que também gozasse e as banhasse com ejaculação abundante.

Voltou a estar com essa mulher por mais vezes, sempre à noite, afoito junto ao mesmo portão porque outro lugar não havia para se encontrarem. Desde a segunda vez em que se encontraram a relação passou a ser completa, penetrando-a a fundo, o que depois o levaria a se auto examinar por longos quinze dias seguintes, temeroso de ter contraído gonorreia,

o que não se deu. No mais masturbava-se com frequência estimulado por seu imaginário erótico.

Tuta seguiu calado em direção ao quarto com uma das mãos sobre o ombro da Portuguesinha, perceptíveis a ansiedade e o nervosismo de quem pela primeira vez iria se deitar com uma profissional do sexo. O pequeno quarto mostrava uma pobreza franciscana. Uma cama simples, muito baixa, com um colchão afinado, um lençol encardido, uma colcha rala, dois travesseiros amassados, nenhum criado-mudo ou abajur, sem cortina na pequena janela, sem banheiro privativo e tendo apenas um cabideiro de madeira num de seus cantos onde ele e ela dependuraram suas roupas. Do centro do teto pendia um fio envolto em picumã suportando uma lâmpada de poucas velas. Portuguesinha não disse uma só palavra enquanto pateticamente se despia sem nenhuma graça ou charme. Tuta a observou o tempo todo, porém também quedado em silêncio.

Viu à sua frente o belo corpo da pequena prostituta, com suas curvas bem delineadas, seus seios empinados com bicos cor-de-rosa, o pequeno triângulo de seus pelos pubianos, suas pernas elegantes e suas nádegas perfeitas. Mas tudo ainda não o excitara o bastante para sentir-se pronto para se dispor ao que viera. Sentiu que lhe faltava algo. Antes de se deitar, Portuguesinha apanhou do chão um velho exemplar da revista *Grande Hotel*, deitou cobrindo-se com a colcha rala, e sem olhar para Tuta passou a folheá-la lentamente, como se estivesse sozinha naquele quarto e naquela cama, sem se incomodar com o homem que se deitara a seu lado. Perdurou um silêncio enquanto a jovem prostituta folheava a revista. Nem um nem outro ensaiou iniciação. Não havia uma busca, apenas uma espera num incômodo desencontro. Para Tuta, uma relação sexual teria de ser a natural confluência dos desejos

equivalentes de um homem e de uma mulher e necessariamente deveria ser antecedida por um ritual de acasalamento do qual depende a plena satisfação do casal. Deveria requerer um mínimo de comunicação entre eles. Haveriam de estar juntos, olhando-se, vendo-se, excitando-se mutuamente, ambos querendo o mesmo querer na mesma ânsia tresloucada de fazer sexo. Deveria haver contatos e carícias preliminares a servirem como aquecimento ou preparação para a agradável incursão no universo erótico do outro, não podendo ser a mera vontade de uma só parte, sob pena de só uma delas vir a ser a beneficiária de um prazer alcançado com o simples uso do corpo da outra. Que prazer existirá se a entrega for de um só? Uma masturbação? Tuta esperava que esse viesse a ser um encontro prazeroso, mas até então sentia-se sozinho ali, deitado ao lado de uma mulher desconhecida, distante e indiferente. Havia uma lacuna de tempo naquele espaço do quarto, um silêncio que descia sobre eles e sobre tudo, além de um vazio no qual os instintos e os sentidos ainda não haviam sido corretamente provocados. Portuguesinha entretida a folhear sua revista e Tuta incomodado com o desencontro.

– O que é que você está lendo? – perguntou ele com voz amena.

– Nada. Só *tô* olhando as figuras. Eu não sei ler! – respondeu a jovem prostituta sem tirar os olhos da revista.

A sensação de desconforto que até então dominava Tuta cedeu lugar a um sentimento de pena da pequena prostituta. Não era ela uma profissional que bem soubesse vender seu corpo usando de malícia, de artifícios ou de técnicas eficazes para acender o fogo num homem. Passou a vê-la como uma mulher inexperiente, frágil, vítima de sua ignorância e de seu desconhecimento em tudo na vida. Comparada com a mulher do portão com quem ele se iniciara e que avançava

sobre ele como uma fêmea no cio sedenta de sexo, a Portuguesa não passava de uma criaturazinha fria e passiva, uma iniciante na arte do sexo que talvez nem estivesse querendo, embora fosse obrigada a se dar porque era de sua profissão. Tuta achegou-se um pouco mais a ela e enquanto fitava seu rosto de menina deixou seu braço direito pousar sobre seu colo tocando seus rígidos seios túmidos. Pensou ser necessário inverter as posições, julgando melhor passar a ser ele quem devia se dar a ela e não o contrário.

– Vamos esquecer essa revista um pouquinho! Sugeriu de forma delicada.

Portuguesinha deixou a revista cair ao lado da cama, virou-se e deitou seu olhar melancólico na direção do rosto de Tuta, sem nenhum outro movimento e sem nada dizer. Segundos depois acarinhou levemente a face do homem deitado a seu lado como se só a partir de então tivesse ela passado a vê-lo ali e o estivesse cumprimentando. Foi a primeira comunicação entre eles, tão esperada por Tuta. Ele deixou de compará-la com a mulher do portão e passou a considerá-la como uma menina carente, assim como Jandira em sua timidez e seu medo de ser descoberta, ou assim como a dispersiva Irene, sempre numa continuada fuga por entre os troncos das árvores da avenida que espalham seus pólenes pela rua central forrando-a de florezinhas amarelas. Não mais queria vê-la como uma prostituta, mas como uma pessoa a quem devesse dedicar devido respeito.

Bem de perto, Tuta a fitou com ternura sem pressa, aprontando-se para fazê-la feliz, sem atropelos. Beijou-lhe a face mantendo os olhos abertos para observar a textura de sua pele, tateou seu corpo todo, mordeu os bicos de seus seios, manipulou seu sexo e deitou-se sobre ela penetrando-a com a hígidez típica de um adolescente. Portuguesa cor-

respondeu sem gemidos ou barulho, apenas deixando ser possuída como se tudo devesse ser daquele jeito. Naquele quarto ouviu-se a respiração ofegante de ambos e depois nele só restou um extenuante cansaço.

No salão, após o acerto das contas, Tonico esperava por Tuta para se irem. O adiantado da hora fez com que suspendessem a visita à casa de Juvelina. Voltaram para casa comentando a aventura.

– E aí, Tuta? Gostou da Portuguesinha?

– Gostei. Mas ela não é uma mulher experiente. É tímida e não se comunicou comigo. Tive pena dela. Coitadinha.

– Coitadinha coisa nenhuma. Ela é só uma putinha e você pagou pela trepada.

– Não acho que ela seja só uma putinha! Ela é uma jovem analfabeta jogada no mundo e nem seu ofício ela sabe fazer direito. Deu dó!

Antes de Tonico retornar à capital os irmãos tornaram a sair juntos. No sábado visitaram Juvelina e Giácomo e à noite foram ao cinema. No domingo, Tonico reuniu-se com o grupo de amigos que trabalhava em farmácias e seguiram todos para as margens do rio Itaguaí, num conhecido e frequentado ponto bem antes da chegada em Cruz das Almas. Ali o rio se alargava numa sossegada curva como se devesse fazer uma grande parada para descansar junto às margens e à sombra da mata ribeirinha. Aquietava-se com suas águas límpidas e profundas, convidativas para um bom mergulho ou para uma travessia com braçadas lentas. Não raro ali compariavam algumas putas da zona, levadas por comerciantes seus protetores, e nadavam só de calcinhas. Em tarde de domingo com sol quente a frequência naquela parada era maior do que a que se verificava no Clube Náutico junto à cidade. Tuta, Tonico e os amigos ficaram por lá até o meio da tarde.

No fim do dia o Soldado Couto tornou a envergar seu garboso uniforme militar e desfilou sozinho até a estação do ramal ferroviário, onde embarcou de volta para a capital.

III

Com a proximidade do final do ano escolar e realizadas as últimas provas bimestrais do Ginásio, cessaram as aulas particulares de reforço dadas em casa de D. Eulália. Tuta deixou de estar com Helena e suas outras alunas, bem cedo vindo a sentir falta desses encontros semanais. Gostou de ter aquele compromisso com hora marcada, da obrigação de preparar-se para bem cumpri-lo e da satisfação pessoal que ensinar lhe dava. No último dia de suas aulas emocionou-se com as palavras de agradecimento ditas por D. Eulália, com o presente recebido – um exemplar do livro *As vinhas da ira*, do escritor americano John Steinbeck – e com os aplausos de suas alunas. Orgulhou-se de si mesmo e engrandeceu-se no seu íntimo.

No último ano do ensino médio Tuta foi forçado a acumular seus estudos com a obrigatória frequência ao Tiro de Guerra local, por vezes perdendo aulas quando a instrução se dava pela manhã, tendo de participar das pouco inspiradas simulações de manobras militares em vizinhas áreas rurais, com estudo sobre a batalha que não houve e preparativos para uma guerra que nunca virá. Os jovens atiradores se apresentavam portando superados fuzis Mauser M-1908, muitos deles até mesmo sem ferrolho, mal servindo para serem exibidos nos ombros dos atiradores quando no tradicional desfile do dia da independência. Nesse ano, o estilo de

vida, moda, atitudes e linguagem viam-se fortemente influenciados pelo *rock'n'roll*, com os jovens se entregando a passos de uma dança aloucada, balançando e rolando com sensualidade nos salões dos Clubes e reproduzindo protestos contra a segregação racial e a guerra do Vietnã. Com o surgimento dos *Beatles* os jovens passaram a usar cabelos longos ou ainda mantinham seus topetes ao estilo Elvis Presley, armados à base de brilhantina. Tuta foi forçado a cortar e a manter os seus no tipo *escovinha* enquanto prestava o serviço militar.

Recebeu seu fardamento verde-oliva, coturno, cinto e bibico, passando a envergá-los por obrigação, sem nenhum entusiasmo ou orgulho. Observava o arrogante sargento instrutor, crâneo com linhas retas e rosto equino, comandando o pelotão com pose de oficial alemão a buscar vítimas entre os alistados. Do alto de sua prepotência, desafiava a precária capacitação física dos recrutas humilhando-os com insultos pessoais diretos, chamando-os de frangotes, de maricas ou de veadinhos sem que ninguém se encorajasse a retrucar. Ninguém exceto Tuta, que um dia não conseguiu engolir a absurda afirmação desse sargento de que sua mãe vendia ovos para que ele pudesse levar a namoradina ao cinema. Não admitiu ser possível tamanha ofensa durante uma instrução, mesmo que houvesse existido motivo para admoestação ou reprimenda por eventual falha cometida.

Sendo um *professorando*, Tuta estudava Psicologia Educacional, Prática de Ensino e Didática e, tendo base no que aprendia, discordou frontalmente do tratamento dado aos alunos durante a instrução militar. No final da aula procurou pelo instrutor e o encontrou sozinho em sua saleta na casa-sede do Tiro do Guerra, dirigindo-se a ele de forma disciplinada, em tom educado, porém de maneira altiva e com voz segura.

– Seu Sargento, eu acho que o senhor tem todo o direito de punir quem comete uma falta durante a aula, mas acho que o senhor não pode ofender ninguém moralmente, muito menos falar da mãe dos outros. Eu não aceito isso!

Foi como se um abalo sísmico houvesse feito tremer tudo o que havia dentro daquela saleta. O agigantado sargento levantou-se de forma estabanada e turbulenta tanto que ao empurrar sua cadeira a fez cair atrás de si. Enveredou para a porta onde estava Tuta com tal furor e com a face avermelhada por uma ira descontrolada que pareceu que iria agredi-lo. Bem de perto esbravejou.

– Como é que é, seu moleque? Quem é você para dizer na minha cara que aceita ou que não aceita alguma coisa aqui? Quem você pensa que é, seu merdinha?

Ao ver o instrutor chegando-se a ele, Tuta receou ser fisicamente agredido, mas não tinha como recuar. Fardado, manteve-se de pé ensaiando respeitosa posição de *sentido*, como convinha a um subordinado. Havia dito o que queria dizer, nada mais lhe restando senão suportar a consequência do que dissera. O colérico sargento aproximou-se dele com o dedo em riste, quase tocando seu nariz, e dali o expulsou aos berros.

– Cai fora daqui seu fedelho atrevido! Suma da minha frente!

Foi o que Tuta fez, reconhecendo que acabara de criar sua primeira encrenca na vida e logo com quem podia lhe impor sérias retaliações ao longo da prestação de seu serviço militar, que ainda deveria perdurar por umas trinta semanas. Lembrou-se de que nos idos tempos do Grupo Escolar, assim que se mudou para Cruz das Almas, ele e o irmão sofreram perseguições diárias de colegas de classe que os insultavam e os desafiavam só por serem eles dois tímidos caipirinhas

oriundos da zona rural. Mais tarde, nos primeiros anos ginasiais, voltaria a sofrer insultos contínuos de alguns rapazes que formavam um grupo do asfalto e insistiam em cercá-lo à saída do Ginásio para instigá-lo a brigar com um ou outro escolhido integrante desse grupo, num desafio sem nenhum sentido, razão ou motivo. Quando no Grupo Escolar, ele e o irmão simplesmente fugiam correndo dos potenciais agressores para evitar confrontos que lhes seriam desvantajosos. No Ginásio, contudo, não havia como evitá-los, tendo que enfrentá-los sempre sozinho, sem reagir, mantendo-se simplesmente na firme negativa de aceitar enfrentamento ou medição de forças físicas com quem quer que se apresentasse (gratuitamente) como seu contendor. Essa passividade acabou por estimular os desafiantes a continuar assediando-o em anos seguintes. Tuta temia envolver-se em briga de rua, menos por medo do desafiante (se fosse ele um só) e mais por saber que qualquer que fosse o resultado da briga, teria ele que enfrentar o pior quando chegasse em casa. A mãe Ordália jamais aceitou que filho seu se envolvesse em briga de rua, surrando-o se disso viesse a saber.

No Tiro de Guerra, as consequências do confronto com o sargento apareceram logo na instrução do dia seguinte, vindo elas não sob a forma de um generalizado e comum xingamento, nem com ofensas dirigidas a um ou a outro atirador em particular, mas sob uma pouco disfarçada e afiada ironia do instrutor sempre visando a atingir Tuta. Todos sabiam da reclamação feita por ele e do entrevero havido com o sargento. Na primeira aula em campo aberto, o sarcástico instrutor fez questão de informar aos atiradores que por reclamação de um deles não mais poderia chamá-los com termos ofensivos como maricas, frangotes ou veadinhos para não ferir a sensibilidade de um ou de outro que não aceitava ser chamado

assim. Sua ironia foi mais além. Acrescentou que a partir de então deveria chamá-los de *senhor soldado*, de *professor* ou de *cidadão*, quem sabe por terem sangue azul ou serem filhos de famílias muito importantes. Tuta ouvia o irônico sargento ficando apenas sério, enquanto percebia discretos risinhos de seus companheiros. Durante semanas ele não mais veio a ser chamado para nenhuma atuação específica, embora fosse ele o atirador de melhor aproveitamento profissional, com habilidades que o levaram a ser o porta-bandeira da turma e o melhor comandante de grupo nas encenações de combate. Esse isolamento não lhe fez nenhum mal, ao contrário, serviu até para que as ironias do sargento fossem se tornando ineficazes e mais escassas, até cessarem de vez. No mês de abril Tuta foi escolhido pelos colegas atiradores como o representante da turma para, em cerimônia simples, fazer uma saudação ao sargento, então promovido, e colocar na platina de seu uniforme as novas insígnias de subtenente.

Nesse dia reestabeleceu-se a paz entre eles.

IV

Na segunda semana do mês de abril as noites começavam a se tornar frias, por vezes chegando acompanhadas de uma garoa fina que obrigava a retirada de agasalhos do armário e seu uso para evitar possível gripe. Em Cruz das Almas mantinha-se o hábito da ida ao cinema às quartas-feiras, ainda que o tempo viesse a ser adverso. Era a noite em que a Companhia programava a exibição de um dos melhores filmes da semana, sem contar com o especial de domingo, este reprisado na noite de segunda. A exemplo do que ocorria aos

sábados e domingos, também às quartas-feiras formavam-se longas filas nas calçadas da rua do cinema para a compra de ingressos, andando lentas em direção às duas pequenas bilheterias. Nelas viam-se professores do Instituto, senhores do comércio, portentosos donos de muitas terras dedicados à agropecuária, idosos e tradicionais moradores da cidade, todos com as respectivas esposas bem trajadas como se estivessem indo a importante compromisso social. Nelas os comerciários e estudantes, nem sempre vistos juntos com suas namoradinhas já que muitas dessas compravam seus próprios ingressos, entravam sozinhos e cada um deles guardava um lugar a seu lado.

Nas filas percebiam-se conversas sussurradas entre os que chegavam juntos, discretos cumprimentos aos que ali se encontravam e pouco a falar sobre o filme a ser visto, como se devessem ocultar o maior ou menor interesse em vê-lo. Todos se mantinham discretos em disciplinada espera, igualando-se sem distinção de classes, enquanto a todos se impunha uma ordem natural e observava-se um respeito aos direitos de cada um na democrática comunidade em que todos os anseios e desejos se assemelhavam. Um respeito que os aproximava, mas com uma notável indiferença que os distanciava. Cada um avançando passos na fila como se conduzido por um maestro a ditar-lhe um ritmo lento. Sem nenhum vozerio. Nem os mais jovens promoviam alarido. Esses pensavam no daqui a pouco quando a sessão começaria e as luzes do cinema seriam apagadas deixando-os livres e soltos para abraçarem e beijarem suas namoradas como se no escurinho estivessem sozinhos. Para esses às vezes assistir ao filme era o que menos importava.

Tuta chegou sozinho e silencioso, ocupando seu lugar no final de longa fila. Enquanto seguia vagarosamente, tornou

a admirar os bem cuidados jardins à frente das boas casas a seu lado esquerdo, observou algumas pessoas rindo felizes nos terraços iluminados e imaginou como deveria ser o interior daquela casa toda murada que só deixava ver sua garagem lateral, tendo nela um luxuoso carro importado. Estava ansioso para rever Ingrid Bergman, sua atriz predileta, no programado filme *A morada da sexta felicidade*. Apaixonara-se pela beleza e pelo charme dessa atriz sueca desde que a vira pela primeira vez em *Casablanca* e depois em *Por Quem os Sinos Dobram*, para ele sendo inesquecível a cena em que depois de beijar Gary Cooper ela confessa que antes não sabia onde ficaria seu nariz durante o beijo. Dentro do cinema Tuta irá se sentar no mesmo lugar de sempre, circunspecto, sem olhar nem falar com quem lhe estiver próximo. O cinema o conduzia a outro mundo e ele se entregava por inteiro, como se pertencesse a esse maravilhoso e fantástico mundo ,a ponto de lastimar-se quando, no final do filme, o acender das luzes o arrebatava de volta à sua nua realidade. Na fila sentia frio, porque estava sem nenhum agasalho.

Pouco antes de alcançar a bilheteria deu-se uma agradável surpresa. Irene surgiu à sua frente com seu sorriso de menina feliz, pedindo-lhe que comprasse seu ingresso, dando-lhe dinheiro para tanto. Visível contentamento aqueceu a alma de Tuta ao vê-la desacompanhada. Quem sabe ele não poderá entrar e sentar-se a seu lado para juntos assistirem ao filme? Essa ideia dominou-o por inteiro provocando nele uma antecipada felicidade como se tudo o mais a seu redor de repente perdesse importância. Não seria a primeira vez que estariam juntos numa sessão do cinema, mas jamais estiveram a sós, sem a companhia de uma ou outra das muitas amigas de Irene. Ainda na fila, Tuta observava-a enquanto ela o aguardava ao lado da bilheteria, deixando transparecer não

estar ela em busca ou à espera de nenhum acompanhante. Ao entregar-lhe o ingresso formula a pergunta para a qual esperava receber uma só resposta. E essa veio como ele desejava.

– Cadê seu namorado?

– Nós terminamos, estou sozinha.

Tuta alegrou-se com a resposta e passou a imaginar que esse encontro poderia ser a tão aguardada oportunidade de estar a sós com Irene. Acompanhou-a bem de perto sentindo seu perfume, desceram os degraus que os conduziam do hall para a plateia, ultrapassaram as grossas cortinas vermelhas que separavam esses dois ambientes e seguiram à busca de bons lugares. A ansiedade de Tuta lhe retirou o domínio sobre suas próprias pernas tendo que conduzi-las como se essas não mais pudessem conduzi-lo. Sentou-se ao lado de Irene e logo todos os lugares próximos a eles foram ocupados, nenhum desses por amiga ou conhecida de Irene. Sentiu-se colado na poltrona de madeira do velho cinema evitando movimentar-se desnecessariamente. Mais do que as fracas luzes ainda acesas, era uma felicidade radiante que iluminava seu rosto moreno. A princípio nem ele nem ela diziam palavra. Irene levantou-se um pouco, vagou seu olhar pelos diversos setores da plateia como se procurasse por alguém entre os presentes, porém não se fixando em nenhum deles. Reacomodou-se na poltrona e ao se virar encontrou-se com o olhar de Tuta que a admirava em silêncio. Para ele não era mais um tempo de espera pelo início do filme, mas sim o instante de um agradável encontro.

– Que é que você está olhando? – perguntou Irene.

– Você. Eu gosto de te olhar, você é muito bonita - respondeu Tuta.

– Ah! Para com isso, vai! – desvencilhou-se Irene, sorrindo seu sorriso feliz.

Apagaram-se as luzes e a sessão começou com a projeção de antigas notícias da política brasileira, de uma insípida reportagem sobre o Grande Prêmio Brasil no Hipódromo da Gávea e das belíssimas imagens de um jogo do Flamengo no Maracanã, um verdadeiro balé, todas trazidas à tela pelo Canal 100 de Carlos Niemeyer. Seguiram-se um e outro *trailer* de filmes pré-anunciados e, de presente, um desenho da Disney. Tuta e Irene mantinham-se calados. Ele com a cabeça ligeiramente voltada para a esquerda, buscando conservar a face de Irene dentro de seu campo de visão. Ela a lhe parecer um pouco distanciada, quase indiferente, apenas fixada na grande tela. Estavam lado a lado, mas não juntos. Tuta sentia a necessidade de melhor estabelecer sua companhia para fazer com que Irene se importasse com o fato dele estar ali a seu lado, ao alcance de seus braços e numa proximidade em que beijos se tornariam possíveis. Tocou-lhe o ombro com a mão direita, curvou-se um pouco para chegar-se mais a ela e provocou.

– Não se esqueça de que eu estou aqui, *heim?* Bem a seu lado.

– Ô, Tuta. O filme não é de terror, não! Eu não vou ficar com medo!

– É, mas se você se emocionar pode chorar nos meus ombros, *tá bom?* Quero estar junto com você.

– *Tá bom!*

O filme começa e conta a história real da pequena inglesa Gladys Aylward, interpretada por Ingrid Bergman, que às suas próprias custas viajou para a China para atuar como missionária cristã, tornando-se a “*virtuosa*”, uma autêntica heroína que visitou lugares os mais remotos de uma província ao norte daquele país e quando da invasão japonesa conduziu a lugar seguro uma centena de crianças órfãs para protegê-las

dos horrores da guerra. Tuta se impressionou com a coragem e a dedicação dessa personagem. Via nela um inamovível anseio e uma inarreatável motivação que se transformavam num poder pessoal capaz de fazer com que as coisas acontecessem como por ela desejadas. Era o poder da vontade. A persistência, sem renúncia. O fazer acontecer. Olhou para Irene e a viu emocionada com o drama das crianças chinesas enquanto vivia a vontade de abraçá-la e acarinhá-la, desejo só contido porque apesar de grande essa vontade ainda não era o bastante para lhe dar um poder capaz de impulsioná-lo a tanto.

Sentia-se tomado por um calor interno que fazia com que todo seu corpo conhecesse arrepios, reclamando aconchego. Olhava seduzido para Irene, com latente desejo de beijá-la sem que disso ela se apercebesse. No filme o rápido romance de Gladys Aylward com um oficial chinês foi avaliado por Tuta como não devendo ser assim o que ele pretendia ter com Irene. Nenhum outro propósito, ainda que nobre, poderia afastá-lo ou impedi-lo de estar e de ficar com a menina de sorriso feliz. Queria viver com Irene um amor permanente e eterno desde esse casual e não programado encontro. Desde a primeira vez em que a viu. Desde o antes e o depois. Nada em sua vida poderia ser passageiro. Seus sonhos e anseios não o eram. Nem sua enorme esperança de ser. E Irene era parte indissociável de seus sonhos. Era com ela que Tuta se imaginava caminhando por estreitos caminhos de pedras de um jardim todo florido numa casa do futuro. Queria acordar vendo-a dormindo serenamente a seu lado. Voar segurando suas mãos com destino ao bem longe, talvez para um lugar que possa ser a morada de sua felicidade com a promessa de jamais se separarem. A paixão lhe aquecia a alma e incendiava seus sentidos. Só sua timidez é que superava a

vontade que tinha de declarar-se à amada Irene e de tomá-la em seus braços antes que o filme terminasse. Mas as luzes do cinema voltaram a ser acesas antes disso. Saíram caminhando lado a lado na noite então mais fria do que antes.

– Você gostou do filme? – pergunta Tuta.

– Nossa! Se gostei! Que mulher extraordinária aquela, não? Ela se doou a uma causa renunciando a tudo. Isso é muito bonito.

– Até de seu amor pelo Oficial chinês. Você faria isso?

– Não sei, não. Acho que se eu estivesse apaixonada de verdade eu não iria abandoná-lo por nada desse mundo. Não tenho essa força dela não. Iria lutar por ele.

– Você se declararia a ele?

– Lógico! Mais do que depressa.

Caminhando devagar alcançaram as proximidades da arborizada avenida onde Irene morava. Tuta continuava desejando tê-la em seus braços, não mais suportando o desejo que o torturou durante todo o tempo do filme. Sugeriu sentarem-se um pouco num murinho junto à calçada antes de chegarem à casa e ali continuarem conversando.

– Você está bem? Parece que está tremendo. Está com frio? Pergunta Irene.

– Não. Junto de você eu não sinto frio! – respondeu com um sorriso que mais parecia uma súplica, enquanto olhava no fundo dos olhos de Irene. – Posso te contar uma coisa? – posseguiu.

– Pode. O que é?

Era chegada a hora. Não havia mais tempo para recuo nem volta. Sob o clarão de uma pequena luminária da rua, aquele era o momento ímpar para Tuta declarar-se à menina de seus sonhos, ainda que viesse a cometer uma insensatez da

qual se arrependesse depois. Tinha que contar de seus sentimentos antes que aquele instante se extinguísse. Falar dos penosos desejos que sempre o torturam quando está a seu lado. Dizer-lhe que toda vez que a deixa e segue sozinho para a vila ele a leva consigo na forma de um calor que lhe aquece o peito. Fazer saber que ela tem sido a dona de seus pensamentos nas noites de insônia ou nos dias solitários quando ele vaga à sua procura. Para tanto ele a olhou bem de perto e sem muito pensar confidenciou.

– Sabe de uma coisa? Eu tive vontade de beijar você lá no cinema. Acho que estou apaixonado por você.

Estavam tão próximos quando os olhares se encontraram e com tamanha emoção que nem um nem outro foi capaz de deles se esquivar. O tempo parou de repente para observá-los na quietude da imagem que formaram. Deixaram-se prender por imaginários laços ocultos como se os nós não mais pudessem ser desatados enquanto houvesse noite. Reinou entre eles a eternidade de um silêncio que perdurou pelos segundos em que apenas se contemplavam. Irene se entregando como que hipnotizada ou dominada por estranha força que a imobilizava. Mantinha seus olhos fixados no rosto de Tuta, procurando nele melhor explicação para o que se passava. A boca entreaberta e os lábios trêmulos, sem saber das palavras que lhe fugiam. Tuta a admirava também calado, sem retirar dela seu olhar penetrante. Aproximou-se mais e tanto que chegou a sentir sua respiração. Estava febril em sua sede de beijá-la como sempre desejou, nada mais havendo que precisasse ser dito. A menina de sorriso feliz encantou-se numa imagem de sonhos para ser vista ainda mais jovem e mais bela como antes jamais fora. Nada existia ao redor. Até as palavras bonitas ficaram guardadas no seio de cada um deles para só ecoarem quando o amor explodisse. Lentamente

as bocas se procuraram e os olhos se fecharam no desejado encontro que os fez flutuarem juntos pela avenida das calçadas forradas de florezinhas amarelas, exatamente como Tuta havia sonhado na primeira vez em que a viu.

Beijaram-se longamente para festejar o início dos tempos sob um amor que latejou por todos os poros e fez com que se descobrissem pertencentes um ao outro. Uma luz mágica os guiou pelo espaço, dentro do escuro da noite, na direção de um lugar desconhecido onde puderam estar a sós, expulsando tristezas, colhendo alegrias e recebendo a visita da felicidade. Para Irene dera-se o encontro que até então era tão só inconscientemente pretendido. Para Tuta era o Natal que chegava mais cedo, naquela noite fria do mês de abril.

Depois disso, quando caminhou sozinho de volta para a vila, Tuta levou consigo o calor de Irene ainda a incendiar lhe os sentidos, o gosto de seus beijos e a delicadeza de suas mãos pequenas a lhe tocaram a face. Novamente viveu vontade de não chegar. Quem sabe continuar caminhando solto pela noite até que um cansaço lhe abata? Deixar-se perder para ficar consigo mesmo maravilhando-se com momentos de sua alegria íntima. Ele havia chegado onde sempre desejou chegar. Só pensava em permanecer desperto por mais um pouco de tempo para desfrutar de seu próprio contentamento. Deitou-se nessa noite vendo nítidas figuras surgirem no fundo escuro de seus olhos fechados. Árvores frondosas deixando folhas e florezinhas amarelas caírem a seus pés; crianças correndo pelos campos com roupas esvoaçadas pelo vento; uma cidadezinha graciosa com ruas estreitas pelas quais ele podia andar livre em direção a um lugar não sabido; a mãe Ordália lhe sorrindo docemente enquanto louvava suas qualidades e seus méritos; a pequena nascente de um rio borbulhando suas águas entre ramas e pedrinhas brancas a

convidá-lo para matar a sede; a face de Augusto estampando uma alegria comemorativa e a sempre bela Irene com seu sorriso de menina feliz ainda lhe acariciando o rosto à espera de um novo beijo.

Tuta agasalhou-se em meio a seus devaneios e adormeceu mais feliz do que antes jamais estivera.

V

Após tudo, Irene recolheu-se em seu quarto ainda extasiada com o que lhe acontecera. Enquanto caminhara de mãos dadas com Tuta, desde o murinho no qual se sentaram até o portão de sua casa, buscou entender o que realmente havia se passado entre eles. Conhecia e convivia com Tuta há cerca de um ano e sempre apreciou sua agradável companhia, admirando-o pela inteligência, pelo talento e pela retidão de seu comportamento. Ele lhe fazia bem. Tinham o mesmo gosto pela literatura e amor pelas artes e sempre que estavam juntos deixavam fluírem conversas interessantes que os entretinham ou os divertiam. Gostava de ouvi-lo, falante como ele sempre fora, exceto em instantes nos quais ele se recolhia pensativo e flutuante como se procurasse palavras repousadas no espaço. Ela também se silenciava nesses instantes, aquietando-se a seu lado para observá-lo enquanto o acompanhava nessa sua procura. Havia uma enorme afinidade entre eles. Sentia falta de sua presença quando ele se afastava por semanas, como no período em que manteve pequeno namoro com Cecília. Embora até esta noite não o tivesse considerado senão como o amigo íntimo e querido, sem imaginar que um dia pudesse tornar-se sua namorada, sentia necessidade de estar com ele.

Até então, para ela o que havia entre eles era uma amizade respeitosa e bonita que deveria ser preservada assim em toda sua pureza, sem exigências, sem cobranças, sem ciúmes. Quando foi por ele homenageada com um poema, não supôs houvesse sido aquele um gesto de declaração de amor ou um pedido de namoro. Admitiu que se descuidara de melhor observá-lo e entendê-lo, tanto que nem por um momento se deu conta de que ele estava se apaixonando por ela. Para ela, ele sempre fora discreto quanto a seus sentimentos íntimos, por vezes mostrando-se tímido e reservado para não se deixar conhecer por dentro, como se devesse ocultar-se por temer ser descoberto por inteiro. Outras vezes falava de si mesmo com tal desenvoltura, desfiando mínimos detalhes de sua vida, que lhe permitia conhecê-lo a fundo como se tivessem vivido juntos desde a meninice. Contava de seus sonhos e de seus anseios fazendo-o com tamanha segurança que ninguém ousaria duvidar de sua capacidade de um dia realizá-los. Era o exemplo de otimismo. Sabia o que queria ser. Por certo virá a ser o que quer. Também por isso ela passara a gostar de sua companhia. Lembrou-se de que apenas uma vez ele disse gostar dela e isso se deu quando em encontro no Clube ele reclamou que sua carta de agradecimento pela oferta de seu poema tinha sido por demais fria e formal. Naquele dia, erradamente, ela interpretara sua reação mais como um simples reclamo e menos como o não reconhecimento de sua confissão de amor.

Nos muitos encontros que depois tiveram era ele quem sempre a fazia sorrir, na leveza de seus momentos felizes. Nunca pedia nada, conformando-se com o que lhe era oferecido, como se não precisasse de nada na vida. Transmitia ser possuidor de todas as coisas de que necessitava e sua autoconfiança era tudo o que precisava. Era assim que ela

o via até então. Porém, no repente daquele encontro, Irene dera-se conta de que Tuta havia se transformado num homem carregado de paixão, o que a princípio assustou-a por desequilibrar a pretendida estabilidade emocional de quem até então imaginava ser apenas uma sua amiga. Sentira-se elevada a outro plano, um imaginário ponto no espaço onde as emoções ficam mais fortes e falam mais alto. Ele a arrebatara de si mesma, afastando-a de um momento real para conduzi-la a um tempo imaginário e para um lugar não conhecido, totalmente dominada por um calor interno que ameaçou sua razão. Correspondera a seus beijos e se deixou ser feliz como nunca havia sido antes porque naquele encontro Tuta passou a ser seu novo encanto.

Quando em seu quarto, Irene sorriu levemente como uma menina feliz, imaginando que o dia de amanhã iria nascer com um brilho diferente e bonitos sons anunciando tempos novos. Retomou a leitura do livro *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo, tornou a pensar em Tuta ainda sentindo o calor de seus beijos e adormeceu serenamente com o livro aberto sobre seu peito, sem apagar a luz do abajur.

Capítulo 7

I

Chovia muito naquela tarde do mês de novembro quando, sozinha em casa, Juvelina começou a sentir dolorosas e irregulares contrações possivelmente prenunciando a chegada da hora do parto. Giácomo estava na olaria e não se supunha pudesse retornar tão cedo. Segundo sua conta ela estava com trinta e oito semanas de gravidez, o que indicava que a criança poderia nascer a qualquer momento. Tentou calcular com que frequência as contrações ocorriam, mas não conseguiu precisá-la. Por também sentir dores nas costas resolveu tomar um banho morno para aliviá-las, como recomendado por conhecidas que já passaram por isso. Lá fora o temporal criava enxurradas enormes que corriam pelo passeio em direção ao rio Itaguai. Depois do banho aprontou-se melhor, vestiu uma bata básica de mangas compridas, aproximou-se da janela lateral e chamou pela vizinha, a quem pediu ajuda.

Mandado pela mãe e protegido por um enorme guarda-chuva, o filho da vizinha caminhou por cinco quadras até o largo da matriz, onde carros de praça ficavam estacionados, retornando com um deles para conduzir Juvelina até a Santa Casa. Ela já tinha arrumado uma sacola, na qual colocara roupinhas de nenê que ela mesma confeccionara, algumas fraldas e vários cueiros, além de uma manta com bonitos bordados

na barra. Seguiu para o hospital acompanhada pela vizinha, que também cuidou de providenciar para que Ordália fosse noticiada sobre o caso. Quanto a Giácomo, que saía de manhã para o trabalho na olaria, não havia como avisar.

Assim que recebeu a notícia sobre a filha, Ordália deixou seus panos e suas costuras tudo como estava e com certa dificuldade, mas com disposição, caminhou debaixo de chuva até a Santa Casa, abrigada apenas por uma pequena sombrinha. Ninguém mais da família a não ser ela poderia fazer companhia à filha numa hora dessas. Não iria para ajudar, muito menos para encarregar-se do parto como por mais de uma vez fizera nos velhos tempos em que morava em Inhaúma e era chamada, transformando-se numa parteira improvisada, porém eficiente. Sabia da importância de sua presença ao lado da filha naquele momento. Encontrou-se com ela no quarto da Santa Casa cientificando-se de que Juvelina estava sendo muito bem atendida por uma enfermeira e vindo a saber que já havia recebido a visita do médico, segundo o qual ainda iria demorar horas para que a criança nascesse. Dona Odete, a vizinha, estava ao lado da cama de Juvelina. Ordália agradeceu.

– Obrigada por a senhora ter mandado seu filho me chamar. Com essa chuva toda até me esqueci de passar na máquina onde meu marido trabalha pra avisar ele que vem vindo outro neto aí.

– A senhora não precisa se incomodar, não! Eu não tenho nada o que fazer e posso ficar aqui com a Juvelina o tempo que precisar. Quero muito bem a ela. Completou a vizinha.

Ordália contemplou Juvelina com ar maternal achegando-se ao leito enquanto a filha se mantinha quietamente deitada. Acomodou-se à beira da cama e sorriu, enquanto lhe

dizia que tudo iria correr bem, com a graça de Deus. Juvelina retribuiu o sorriso, agradecida pela presença da mãe. Num gesto pouco comum entre elas, Ordália passou levemente a mão direita sobre os cabelos da filha e perguntou sobre a dor das contrações. Juvelina respondeu que desde que chegou ao hospital não mais as estava sentindo muito fortes e que o médico lhe dissera que o parto ainda poderia demorar. Dona Odete, a vizinha, acompanhou o diálogo sentada numa cadeira ao lado da cama sem fazer nenhuma intervenção. Veio à mente de Ordália que a filha não era mais nenhuma criança, estando já passada dos 33 anos e que nessa idade o parto pode ser demorado e mais difícil. De súbito lembrou-se também do dia em que Juvelina lhe disse que se viesse a ter um filho e esse fosse igual ao Tuta ela iria preferir que nascesse morto. Essa segunda lembrança fez com que um enorme arrepio percorresse todo o corpo de Ordália. Sua respiração se tornou difícil naquele quarto pequeno. Seu coração disparou como se quisesse saltar fora do peito e suas mãos se umedeceram com um suor frio. Passou a temer por uma fatalidade que imaginou estar sendo anunciada. Queria que tudo corresse bem para a filha e para o neto que iria nascer, embora também tivesse se lembrado da resposta que dera naquela ocasião em que Juvelina lhe foi gravemente ofensiva: *“Destá! Se é assim que você quer, é assim que vai ser!”*.

Bateu-lhe um estranho medo que por segundos lhe pareceram horas. Medo do que poderia estar por vir, do que estaria por acontecer naquele quarto, quem sabe em decorrência da resposta que dera à filha, ainda que jamais tivesse desejado aquilo que respondera. Era um medo paralisante que a tornava cada vez mais insegura e frágil. Um medo de si mesma, um temor íntimo só de imaginar que ela pudesse ser a causa do que pudesse ocorrer ali. De repente teve vontade

de sair correndo daquele quarto em busca de um abrigo seguro em qualquer outro lugar desse mundo, como se devesse fugir dela própria e como se isso lhe fosse possível. O quarto tornou-se pequeno demais para as três mulheres. Sufocava-a uma estranha sensação de que alguma coisa muito ruim rondava aquele ambiente e que ela não devia estar ao lado da filha pelo menos até que a criança nascesse; sentiu uma dor aguda na boca do estômago e sua cabeça começou a pulsar como se fosse explodir. Precisava sair dali o mais depressa possível. Levar para bem longe o mau agouro de suas lembranças; necessitava de ar puro; estar fora e distante o mais que pudesse para que nada do que antes se passara entre ela e Juvelina viesse a ser novamente lembrado. Apesar da gravidade do fato recordado, o longo tempo transcorrido desde aquele bate-boca com Juvelina havia feito com que elas se reconciliassem, passando a conviver em paz e com Ordália aprendendo, inclusive, a se dar muito bem com Giácomo, acolhido em casa como um novo e respeitado membro da família. Em pensamento Ordália começou a rezar um Pai Nosso e três Aves Marias pedindo a Deus que nada de mal acontecesse com sua filha ou com seu neto que estava por nascer. Contudo, aumentava sua vontade de deixar aquele quarto e andar sob a chuva para não poder pensar em nada, principalmente sobre maledicências. Olhou para Dona Odetete, a vizinha, e se desculpou.

– Eu não *tô* me sentindo bem e preciso sair pra tomar um pouco de ar. A senhora me desculpe, mas pode ficar aqui com minha filha? Eu volto logo!

– Claro! Pode ir sossegada que eu fico aqui. Não se preocupe, não. Respondeu a bondosa vizinha.

Ordália saiu caminhando com olhar perdido e passos incertos pela larga avenida onde se situava a Santa Casa, sem

saber exatamente para onde deveria ir. A chuva amainara um pouco, não mais molhando seus ombros nem a barra de seu vestido. Seguiu dominada por aquela estranha sensação que lhe apertava o peito e lhe punha um nó na garganta. Alcançou o largo da igreja matriz e julgou ter encontrado ali o lugar mais adequado para buscar a proteção e o conforto de que necessitava. Entrou na igreja quase vazia àquela hora, a não ser por estar acolhendo alguns passantes que dentro dela buscaram se proteger da chuva.

Ajoelhou-se em frente ao altar, persignou-se e iniciou o balucio de orações continuadas que se prolongariam por horas a fio, mantendo-se de joelhos. Pedia a Deus que protegesse sua filha e que seu neto nascesse perfeito e com saúde. Mirava enternecida a imagem de um São Sebastião todo flechado posto no centro do altar e rogava perdão a Nosso Senhor Jesus Cristo pelos maus pensamentos que eventualmente tivera em momentos de ira, pelos efêmeros desejos de vingança que às vezes faziam com que ela se voltasse contra quem a tivesse ofendido e por todos os erros e pecados antes cometidos. Suas orações eram sinceras, sentidas e profundas. Seus pensamentos de bondade cristã tinham força maior do que blasfêmias por ventura pronunciadas ao longo da vida. Em sua consciência Ordália jamais expressara nenhum desejo no sentido de que o filho de Juvelina devesse nascer morto. Não reconhecia ter lançado praga nesse sentido ou cometido tamanho desvario. Estava convicta de que não dissera nada que com isso pudesse se assemelhar, embora recordasse claramente dos termos da ríspida resposta dada ao pé do que a filha lhe dissera antes. Continuava tomada por um medo terrível até pelo que não tinha pensado naquela ocasião. Um medo que cortava sua respiração e lhe provocava arrepios, trazendo arrependimentos até do que nem bem podia atinar.

Suas súplicas se elevavam pela amplidão da nave e o silêncio reinante na igreja aos poucos lhe ofertava um conforto apaziguante. Prosseguiu desfiando com mãos trêmulas as contas de um antigo rosário retirado de sua pequena bolsa, semblante abatido por uma dor latejante na cabeça e uma vontade de voltar no tempo para recomeçar tudo de novo, refazer passagens reprovadas e alterar momentos nos quais os desencontros entre ela e Juvelina marcaram presença.

Lembrou-se de que foi nessa igreja que ela se casou com Coutinho, havia 37 anos, menina que era. Quanta felicidade! Há poucos anos foi nessa mesma igreja que ela veio a ser a madrinha de batismo do filho de Esmáide, que por ter nascido com Síndrome de Down recebera de um incauto médico a descabida informação de que não viveria muito tempo e que jamais teria uma vida normal. Quanta angústia! Essas lembranças a enlevaram por instantes sem confortá-la nem um pouco. Seus joelhos doíam. Deu-se conta de que lá fora a chuva cessava e um sol brilhante reapareceu, iluminando os vitrais da igreja que passaram a mostrar de forma mais nítida as estações da via sacra. Sentou-se por um momento para sem demora voltar a se ajoelhar e prosseguir com suas comovidas orações.

Pensou em Juvelina e no fato de ser ela uma mulher saudável, ter tido uma gravidez sem nenhum problema que possa ter comprometido a saúde da criança, estar sendo devidamente assistida dentro de um hospital, com socorro imediato caso ocorra uma emergência. Não sabia há quanto tempo estava ali. Talvez há mais de uma hora. Não sairia da igreja enquanto não viesse a saber que seu neto tinha nascido bem. Pensou em seus filhos, todos sadios, e que nenhum deles precisou de hospital nem de médico para nascer. Quando de seu primeiro parto ela era apenas uma menina mal chegada

aos quatorze anos e pariu sozinha numa tapera perdida no meio do nada, nas lonjuras das terras do Inhaúma, enquanto Coutinho ainda cavalgava por ter ido buscar a parteira. Sem saber como e o que fazer, agachara-se sobre um lençol posto no chão para que Benvinda nascesse e foi ela mesma quem cortou o cordão umbilical com uma faca, atando-o com um pedaço de *cordóné* e dando à filhinha os primeiros cuidados. Quando Coutinho chegou com a parteira, ela já estava na mina lavando o lençol, tendo deixado na cama sua pequenina filha embrulhada num pano limpo. Deus há de fazer com que tudo corra bem com Juvelina!

O dia voltava a se tornar claro naquele final de tarde e tinha agora um sol forte secando o asfalto. As ruas tornaram a receber transeuntes que caminhavam sem agasalhos, alguns ainda levando nas mãos seus guarda-chuvas fechados. Os que tinham se abrigado dentro da igreja saíam dela e só Ordália permaneceu ali, sem se aperceber de que ficara absolutamente sozinha.

II

No finalzinho do dia, quando voltou para casa, Tuta soube através da vizinha Uasna que a irmã estava internada para ter bebê e que sua mãe tinha ido para a Santa Casa. Depois de um banho rápido retornou à cidade para estar com elas, passando antes pela máquina de beneficiar arroz onde seu pai trabalhava. Noticiado do caso, Coutinho seguiu com o filho para o hospital. Quando chegaram à Santa Casa, Juvelina não estava no quarto. Pouco antes tinha sido transportada para a sala de parto e só Dona Odete permanecia ali.

Perguntada por Ordália, a vizinha informou que ela saíra há mais de horas sem dizer para onde ia e que ainda não havia voltado. Não sabia para onde ela fora nem onde estava. Coutinho se encabulou. Bem conhecia sua mulher, sempre cuidadosa e prestativa, estranhando o fato dela ter se ausentado do hospital num momento desses. Para ele não era normal uma mãe abandonar o quarto da filha quando essa está em trabalho de parto, mas nada havia o que fazer a não ser esperar. Tuta saiu pelo corredor do hospital buscando obter notícias da irmã, vindo a saber através de uma enfermeira que a criança já havia nascido, que a mãe estava passando bem e que logo ela estaria de volta ao quarto. Não soube nada a respeito da criança.

Pouco depois, Juvelina retornou ao quarto conduzida pela enfermeira e devidamente acompanhada pelo médico que a assistira. Coutinho e Tuta foram chamados ao lado e ouviram desse médico o relato sobre o resultado do parto. O pai decidiu permanecer na companhia da filha, enquanto o irmão saiu à procura da mãe, mesmo não tendo a menor ideia por onde começar a procurá-la. Seguiu até a casa de Juvelina, encontrando-a fechada. Caminhou de volta atravessando a praça central, constatando que não havia ninguém sentado em nenhum banco de seu jardim. Retornou pelo largo da matriz, perguntou a um motorista de praça se ele fizera alguma corrida até a vila levando uma senhora sozinha, preocupando-se ainda mais com o destino da mãe ao ouvir resposta negativa. Olhou para a igreja e lembrou-se da religiosidade de Ordália, supondo ser possível ela ter entrado ali. Desde a porta principal ele conseguiu divisar sua mãe ainda de olhos à frente do altar. Surpreendeu-a ao se aproximar e lhe tocar levemente os ombros, chamando-a bem baixinho. Ordália virou-se assustada, como se houvesse sido rispidamente

acordada de um sono profundo. Levantou-se num repente e olhou para Tuta com uma expressão que continha um misto de espanto e de súplica.

– O nenê já nasceu, Tuta?

– Já, mãe. Era um menino.

– Minha Nossa Senhora! “Era” por quê, meu filho?

– Porque nasceu morto, mãe.

Ordália sofreu um baque. Deixou-se cair sentada no duro banco de madeira da igreja, cobriu seu rosto com ambas as mãos e entregou-se a um choro convulsivo e incontrolável, cujos sons visitaram cada uma das imagens de santos e ecoaram por todos os cantos da nave. Dominada por uma angústia sem limites, sentiu como se seu coração houvesse sido vazado por uma flecha em chamas e explodido dentro de seu peito. Tuta tentou confortá-la abraçando-a carinhosamente, sem saber o que dizer. Ficaram assim por longos minutos.

– Vamos embora, mãe?

No quarto da Santa Casa Juvelina estava inconformada com a perda de seu bebê. Fragilizada, sentia uma dor sem nome que lhe doía só de pensar. Não estava preparada para isso. Nenhuma mãe está preparada para perder um filho. Não ouviu o choro de seu bebê porque ele nasceu morto, não ouviu nada, como se o tempo houvesse parado no momento do parto e a ela ainda parecesse que seu bebê estava por nascer. Via-se cercada pelo silêncio do pai e da vizinha, que ao seu redor não sabiam o que dizer. Não conseguia entender por que motivo a morte lhe roubara o tão esperado filho, que conviveu com ela por tanto tempo mexendo em sua barriga, fazendo-a sonhar tê-lo nos braços, amamentá-lo, sentir todo seu frescor, vê-lo crescer, sorrir e continuar sendo parte de sua vida. Não queria acreditar que sua morte fosse verdade. Sentia-se vencida, impotente e humilhada por não ter sido

capaz de trazê-lo à vida. Sequer sabia se desejava ou não ver seu corpinho inanimado, segurá-lo no colo e tocá-lo, embora soubesse que ele estava ali bem próximo de seu quarto e que poderia ser visto ainda que fosse para uma despedida silenciosa. Mas ele não é mais porque não nasceu com vida. Não é mais quem chutava as paredes de seu ventre; quem se alimentava de seu corpo; quem ouvia suas falas de carinho; quem passeava com ela pelo tempo dos sonhos e das esperanças; quem estava sempre colado a seu ser; quem sentia seu amor e quem vivia com ela. Seu bebê não veio à luz. Ficou no escuro profundo e eterno tornado ao nada que fora antes de ser concebido.

Quem dera pudesse ela também dormir um sono profundo para mergulhar nessa escuridão, inexistindo assim como ele, para com ele ficar ainda que sem poder vê-lo! Quem dera pudesse ser o universo inteiro ou um pequenino ser dentro do imenso vazio do espaço azul para descobrir como nasce a vida e trazê-la de volta a seu bebê, fazendo com que ele chegasse a esse mundo! Juvelina não chorava. Estava em choque, anestesiada, confusa, dopada. De que lhe adianta chorar, gritar, desabafar? Perdera um pedaço de si e só ela sabia o tamanho da dor dessa perda.

Acompanhada pelo filho Tuta e com os olhos inchados, Ordália chegou de volta ao quarto no momento em que o médico assistia Juvelina, ministrando-lhe um sedativo. Sem cumprimentá-lo olhou desolada para Coutinho, que se acomodara silencioso num canto do quarto dando de si apenas a presença confortadora. Viu o desconsolo de um abatido Giácomo, que chegara pouco antes e estava de pé ao lado da cama segurando a mão de sua mulher. Ordália abraçou-se com Juvelina e choraram juntas sem dizer palavra. Não era um reencontro, antes era o momento da dolorida despedida de

um pequenino ser que não conhecera a luz. Segundo o médico, o bebê morrera no parto por ter havido uma compressão do cordão umbilical que o deixou sem oxigênio quando seu ombro obstruiu a continuidade normal de seu nascimento. Era um menino robusto, cabelos negros e fartos, olhos claros do pai, mãos bem feitas com pequeninas unhas já crescidas, mas Juvelina preferiu não vê-lo morto. Quis levar dele a viva e eterna lembrança de que com ele convivera pelo tempo de sua gestação e com a certeza de que ele continuaria existindo para sempre em sua memória. Giácomo procurava confortá-la, falando baixinho que aquela tinha sido a vontade de Deus e que eles ainda poderiam ter outro filho, sem imaginar que no coração de uma mãe nenhum outro virá ser o substituto de um filho que ela gerou e zelou com tanto carinho e que não nasceu com vida.

Na manhã seguinte Juvelina obteve alta hospitalar e retornou para casa acompanhada pela mãe. Dolorido momento o da saída do hospital com as mãos vazias, batendo-lhe de novo um forte sentimento de humilhação e de tristeza por não ter conseguido dar à luz um filho vivo. Traumatizada por sair da maternidade sem seu bebê no colo, sentia-se sozinha com o forçado silêncio dos que a cercavam, porque esses pensavam ser proibido tocar no assunto. Nessa mesma manhã, Coutinho e Giácomo foram cuidar do funeral do pequeno bebê, depois de obter junto à administração do hospital um documento que foi levado e entregue no Cartório para o assento com os elementos cabíveis e com remissão do óbito. Giácomo pretendeu registrar um nome para seu filho, mas isso não lhe foi permitido pelo oficial do Cartório. Contudo, confortou-se por receber da Santa Casa toda assistência e orientação necessárias para o sepultamento de seu filho natimorto.

Após assistir as aulas da manhã, Tuta deixou o Instituto e foi à casa de Irene, retornando em sua companhia na vinda dessa para as aulas do período da tarde. Não quis ir com seu pai e o cunhado ao enterro do bebê. Soube depois que só eles dois foram até o cemitério, e que Giacomo levou em seus braços o pequenino caixão branco mais parecendo um pacote de presente.

Era a sexta vez que a morte fazia visita e marcava presença na vida de Tuta. Sentira de perto a morte do estimado Sabino, que lhe contava histórias bonitas; da acolhedora avó Constância na casa grande de Santo Antônio; de José Agripino, o marido da vizinha Uasna; de Dona Zelinda, a negra umbandista que depois de morta falou pela boca da filha; do bondoso tio Eliodoro, com seus braços manchados pelo vitiligo; e agora do pequenino filho de Juvelina, que morreu no parto e que ele nem chegou a ver.

Tuta não se acostumava com as visitas da morte.

III

Ordália retomou seu trabalho diário, costurando panos em meio a uma profunda tristeza. Diferentemente do caso da morte coletiva dos bichos de Biga Bigoduda, sobre o qual jamais chegou a pensar ter tido ela a menor parcela de culpa, no caso do neto nascido morto Ordália sentia-se um pouco responsável. Não pelo cometimento de qualquer ato voluntário ou por ação direta, mas por possíveis omissões. Incomodava-lhe a ideia de que deveria ter dado maior atenção à filha durante o período da gravidez, lembrando que num primeiro momento chegou a tratá-la com distanciamento e indiferença;

de que deveria tê-la visitado com maior frequência, acompanhando-a de perto e estadno com ela por mais tempo; de que não deveria ter-se ausentado da Santa Casa, mas permanecido a seu lado durante o trabalho de parto, porque as orações que fizera na igreja bem que poderiam ter sido feitas lá mesmo no quarto do hospital e de que ali ela poderia, com a força positiva de seus pensamentos, ter ajudado seu neto a nascer. Culpava-se como se essas supostas omissões houvessem sido a causa da morte de seu neto, embora tivesse tomado conhecimento da explicação dada pelo médico quanto à razão física do falecimento do bebê. Questionou se poderia ter salvado o neto se tivesse permanecido ao lado de Juvelina, convencendo-se, porém, de que isso em nada teria adiantado. De forma que se aliviou um pouco do pesado remorso que lhe assombrava. Deixou correr o pano para o picote da agulha de sua velha máquina de costura enquanto tentava pensar em outras coisas.

De pouca prosa como sempre, Coutinho não comentou nada sobre o triste ocorrido. Para ele a morte de seu neto não era um fato inexplicável nem extraordinário. Achava que a morte faz parte da vida e que às vezes ela chega até mesmo antes. Nesse dia seguinte sentou-se na mureta do pequeno terraço, deitou seu olhar perdido no distante da rua, enrolou e acendeu um cigarro de palha, deu longas baforadas sem dizer palavra e ali se manteve por longo tempo com ar de quem meditava profundamente. De quando em vez Ordália desviava seu olhar da sapatilha da máquina para observar o marido em sua dor silenciosa. Falou a ele.

– *Tô* com dó da Juvelina!

– É. Mas fazer o quê? A vida não é como a gente quer. Ela é como ela tem de ser! Arrematou Coutinho.

– Juvelina queria tanto esse filho, coitada! – lamentou.

– Mas é o que eu tô falando. A vida não é bem assim. Deus é que diz como é que as coisas têm que ser. Se Ele quiser a gente tem, se Ele não quiser, não adianta querer.

Coutinho interrompeu a fala, baforou mais uma vez seu cigarro de palha, recolheu seu olhar do longe da rua, baixou um pouco a cabeça e complementou.

– Lá no cemitério o *Giacó* me falou que quer ter outro filho. Quem sabe da segunda vez?

Num repente Ordália segurou a roda da máquina com a mão direita e parou de costurar. Refletiu sobre o que ouvira, olhou meio de lado para o assoalho da sala como se procurasse algo e acrescentou falando mais para si mesma.

– Tenho até medo de pensar sobre o que pode acontecer amanhã ou depois. Fico aqui pensando comigo que nem devo falar nada sobre nada porque senão acontece alguma coisa ruim e depois eu fico com remorso como se a culpa fosse minha. Mas acho que na idade de *Giácó* e de *Juvelina* eles não deviam mais pensar em ter filho, não. Vai que vem aí outra desgraça!

– *Ara*, Ordália! Resmungou Coutinho. As coisas também não são assim! O menino morreu porque o cordão foi amassado antes dele nascer e ele ficou sem ar. Foi mais ou menos isso o que o doutor falou. É coisa que acontece e não tem nada a ver com a idade do pai ou da mãe.

– É. Mas eu devia estar lá junto dela! – sussurrou Ordália.

Coutinho silenciou. Olhou firme para a mulher com quem convivia há quase quarenta anos e pela primeira vez a viu encolhida com ares de desânimo. Não enxergou ali a Ordália briosa e aguerrida que sempre estava pronta para resolver qualquer questão que a incomodasse, sem nunca se deixar abater. Não era mais aquela que desde mocinha era valente o bastante para enfrentar todas as dificuldades da vida sem

nenhum reclamo nem recuo. Notou que Ordália continuava bonita, mas não mais tinha aquele viço que a diferenciava entre as mulheres de sua idade, parecendo que começava a envelhecer antes que rugas lhe marcassem a face. Batia-lhe um cansaço visível. Quem sabe ele também não esteja se debruçando sobre si mesmo e sendo visto por ela como um velho? Ele também se sentia cansado na vida. Foi-se o tempo em que para ele tudo era mais fácil e possível de ser alcançado. Tempo em que era permitido ter esperança no futuro, porque era ele que fazia as coisas acontecerem com o vigor de sua mocidade. Havia mais vontade de seguir em frente e coragem para mudar de rumo se preciso fosse para construir a vida. Foi ele que transformou um pedaço de fim de mundo na beleza que veio a ser Inhaúma, onde plantou sua família e colheu alegrias. Entristeceu-se ao imaginar que nos dias de hoje só assiste a vida passar sem poder interferir, mal podendo movimentar as pesadas sacas de arroz no trabalho para ganhar um mísero salário. Mesmo assim, julgou ser bom envelhecer, pois com o passar dos anos vão sendo reduzidos os anseios de conquista e de construção para só perdurar a necessidade da prática de atos de sobrevivência. Até mesmo falar deixa de ser o mais importante, porque o que mais vale é escutar, observando tudo com atenção maior para aprender sempre. Imaginou que Ordália seria o prêmio de sua velhice, companheira e cúmplice que o tempo se encarregava de tornar cada vez melhor, apesar de também enfraquecida pelo peso dos anos. Não mais alimentavam rugas entre si. Respeitavam-se e se atraíam cada vez mais numa dependência recíproca que aumentava à medida que envelheciam. Precisavam um do outro.

– Nós temos é que continuar vivendo do jeito que Deus quer – concluiu.

Sentindo-se penalizada com a morte do neto, Ordália não se conformava. Com uma das mãos acarinhou levemente o pano que costurava e, mergulhada num profundo desalento, acrescentou.

– Sabe de uma coisa, Coutinho? Antes o sofrimento era só por causa da vida da gente, mas nós ia vivendo do jeito que dava. Arruma daqui, remenda dali. Você se lembra. Hoje em dia não! A preocupação é com a vida dos filhos e quando vem um problema que a gente não pode ajudar, isso machuca por demais da conta. Morro de dó da Juvelina!

A tarde espreguiçou. Coutinho e Ordália se entreolharam e ambos quedaram-se num pardacento silêncio.

IV

No começo Irene não se mostrava assim tão eufórica com o namoro com Tuta, apesar de admitir que mesmo antes do romântico encontro daquela noite de abril ela gostava de estar com ele como o predileto amigo cuja companhia sempre lhe fora agradável. O estarem juntos, que antes era apenas um fato ocasional, passou a ser algo aguardado por ela e, bem mais do que isso, ansiado por Tuta. Não se despediam sem marcarem novo encontro. Não era mais um até de repente, vago e incerto, era um até já, um até daqui a pouco. Só o que preocupava Irene era imaginar que um eventual fim desse namoro viesse a provocar também o final de uma bela amizade cultivada com tanto carinho por mais de um ano. Enquanto eram apenas amigos nunca se deixaram conduzir por sentimentos que implicassem em exigências comportamentais ou em controle de um sobre o outro. Não havia exigências nem

cobranças. Eram descompromissados, livres e soltos, deixando-se levar apenas pela vontade e alegria de estarem juntos para inspiradas conversas, num relacionamento que se refletia em proteção e preocupação recíprocas revelando confidências, trocando experiências pessoais, comentando leituras, discutindo ideias ou estimulando criatividade sem nada que os prendesse ou os obrigasse. Contudo, a declaração de amor de Tuta e o encontro daquela noite modificaram fundamentalmente esse relacionamento. Ao se tornarem namorados assumiram obrigações mútuas de prestar satisfações sobre seus atos, como se para tanto houvesse sido selado um pacto entre eles. Passou a existir um compromisso que embora para Irene ainda não significasse algo de muito sério, alterou em muito a relação anterior que até então mantinham. Era como se houvessem passado a se pertencer um ao outro.

Para ela Tuta continuava sendo aquele rapaz de quem ela gostava muito e cuja companhia lhe fazia um bem enorme, embora ainda não soubesse dizer ao certo se estava ou não apaixonada por ele. Lembrou-se, comparando, que no início do namoro anterior, mantido por um bom tempo com o belo e elegante balconista, sobreviera nela algo diferente, um deslumbramento que inebriou a então menina inexperiente, mas que bem podia ser explicado pelo fato de ter sido aquele o seu primeiro namoro. Também a proibição que a família lhe impusera teria servido de estímulo para a continuidade daquele relacionamento.

De forma diferente, o namoro com Tuta proviera de anterior e harmoniosa convivência que propiciara a ambos um mútuo, profundo e antecipado conhecimento. Tinham afinidades, a mesma idade e gostos comuns. Não havia proibições. A família recebera Tuta com entusiasmo, aprovando o novo namorado e fazendo com que tudo pudesse transcorrer

naturalmente na espontaneidade da vontade de ser. Irene estava autorizada a ser feliz.

Para ele Irene era o porto de chegada que almejava alcançar desde suas navegações inseguras por mares de noites escuras em tempos tormentosos. Como contado no poema a ela dedicado, Tuta a procurava ansioso por todos os caminhos que ele mesmo criava para encontrá-la, travando batalhas com seus moinhos íntimos, decifrando enigmas que o desafiavam. Não tinha dúvida quanto a estar apaixonado pela menina de sorriso feliz, talvez desde o primeiro encontro quando a ela foi apresentado. Não a comparava com Cecília, com quem mantivera um curto relacionamento, nem com ninguém com quem houvesse estado antes. Irene lhe era única, incomparável, musa inspiradora. Não mais caminhava sozinho pelas ruas vazias da vila e ele não mais existia por si só, passando a levar consigo sua doce e permanente companhia.

Os encontros amiudaram-se e muito cedo os conduziram para uma rotina quase diária. Uma agradável rotina, pelo menos nos primeiros meses. No final de suas aulas da manhã Tuta caminhava até a avenida central para buscar Irene em casa, acompanhando-a até o Instituto e sempre que possível esperando-a à tarde para retornarem juntos. Estavam felizes, completando-se. Sucedendo a uma amizade sabidamente de raízes profundas, era um namoro sério. Conheciam-se muito bem, mas desde aquele encontro naquela noite de abril ambos passaram a ter consciência de que esse novo tipo de relacionamento, bem diferente da amizade que antes mantinham, poderia estar marcado por algo de provisório, quebradiço ou inconsistente, passível de ser interrompido à primeira cizânia. Não podiam deixar-se enganar. Para que o namoro fosse duradouro e se mantivessem juntos, tinham que zelar por tudo o que antes havia: a admiração, a estima e o respeito mútuos,

a compreensão e a aceitação de diferenças individuais, a não imposição de regras coibitivas que pudessem afetar a espontaneidade do comportamento de um ou de outro e, sobretudo, a preservação de uma liberdade individual responsável que só devesse alimentar o desejo de um reencontro. Não podiam ter amarras, sob pena de se fartarem.

Enquanto Tuta se mostrava ciumento e controlador, até mesmo um pouco possessivo por força de suas carências, Irene era independente e voluntariosa, produto de sua criação como primeira neta, continuamente mimada pela adorada avó e sempre paparicada pelas zelosas tias. A família aprovava seu novo namorado e bem o acolheu porque o conhecia e tinha dele as melhores informações, notadamente quanto a ser um destacado aluno do Instituto, provavelmente com futuro promissor. Na casa grande da avenida as tias observavam atentas seu comportamento, às vezes tímido, um pouco retraído pela sua humildade, mas sem aparentar indecisão ou insegurança. Viam-no como um rapaz bem educado, com modos cavalheirescos, discreto, respeitoso e de boa conduta pessoal. Reservadamente comemoraram o final do namoro anterior de Irene e passaram a estimular o novo relacionamento. Ninguém lhe perguntou onde morava ou o que faziam seus pais, o que deu a Tuta a sensação de que ele fora aceito no seio daquela família simplesmente como ele era. Um estudante desprovido de dinheiro a fazer malabarismos para atravessar a juventude com mínima mesada que por vezes obtinha do pai, usando modestas e repetidas roupas, camisas confeccionadas pela própria mãe Ordália com sobras dos tecidos fornecidos por seus fregueses e tendo um único par de sapatos pretos que de tempo em tempo precisava ser levado ao sapateiro para que fosse trocada a parte gasta do solado, apondo-lhe novos saltos e uma meia-sola. Contudo,

detinha uma energia interior que o transformava em alguém capaz de superar atuais e futuras dificuldades na vida, sem esmorecimento, dispendo-se a acreditar que era possível vencer e que haveria de chegar aonde se propusesse. Crédulo, jamais se sentiu um laçao na antessala de um príncipe. Crescia dentro dele uma força descomunal que o enaltecia a ponto de jamais se deixar abater. À sua humildade contrapunha o inabdicável desejo de ser alguém na vida, com uma valentia que o impulsionava para romper barreiras e limites. Irene era sua inspiração e era dela que vinha sua única dependência.

Para ambos, o passar dos dias como namorados fazia com que a vida em Cruz das Almas fosse lentamente ganhando novos ares de cidade romântica, sendo por eles descobertos e explorados lugares antes não conhecidos nem visitados, como um laguinho que dormia às margens de uma estradinha que deixava seu lado sul em direção a uma das fazendas que a circundavam. Em tardes de sol nos finais de semana caminhavam de mãos dadas em torno dele, esquecidos do tempo e descuidados das horas, observando libélulas beliscarem as águas acomodadas, ouvindo o canto de pássaros ou apenas se deixando envolver pelo silêncio reinante ali. A seus olhos, até as pequenas coisas ganhavam nova dimensão e importância quando estavam juntos. Motivo para se entristecerem quando viam um animalzinho abandonado na rua, um gato ou um cachorrinho magro que os fitava com olhar doído e fugia à tentativa de acolhê-lo. A pena que lhes dava ver um minúsculo menino da praça central, descalço e com uma enorme caixa de engraxate às costas, buscando timidamente ganhar uns trocados. A beleza dos pombos andando pelos calçadões do largo da matriz com seus cadenciados e elegantes movimentos de cabeça. Motivo para se rirem quando por descuido ou tropeço de linguagem um ou outro formulava frase

com discordância verbal ou quando tinham que confessar não saber o significado de uma ou outra palavra. Momentos felizes que viviam! Caçoavam de si mesmos e se divertiam às próprias custas numa descontração quase infantil. Uniam-se ainda mais quando falavam de cinema, de arte e dos livros que estavam lendo. Também seus olhares eram enamorados. Não falavam de política, nem mesmo da política local, que em época de eleições municipais dividia os cruzalenses em facções rivais vestidas de azul de um lado e de vermelho do outro. O plebiscito do começo do ano que viera antecipado por uma troante propaganda a favor do *não* e fez retornar ao país o sistema de governo presidencialista jamais chegou a ser tema de conversas entre eles, nem mesmo quando eram amigos, a não ser soltas referências sempre em tom de chacota à letra da musiquinha que obrigatória e cansativamente foi tocada na rádio local. Não liam jornais nem se detinham para ouvir noticiário das rádios, o que de certa forma os tornava alienados com relação ao que se passava no país e no mundo. Viviam apenas no mundo dos livros que liam e isso lhes parecia o bastante. Os *Cinejornais* produzidos por Jean Manzon, Herbert Richers, Primo Carbonari ou Carlos Niemeyer não despertavam neles o menor interesse porque exibiam notícias insossas chegadas à cidade com meses de atraso. Estavam juntos e se emocionaram quando souberam do assassinato do presidente Kennedy em Dallas e nem imaginaram que nesse mesmo dia também morria Aldous Huxley, o autor do livro *Admirável Mundo Novo*, que naquele dia estava sendo lido e comentado por ambos.

No mais, durante os primeiros meses de namoro, Tuta e Irene vivenciavam a cotidiana rotina de Cruz das Almas resumida aos acontecimentos possíveis dentro de suas limitadas fronteiras: as costumeiras idas ao cinema; o grande baile

de aniversário do Clube Social; a frequência ao Clube Náutico nos finais de semana às belas margens do rio Itaguaí; as alegres e sadias reuniões em casa de amigos para ouvir *long-plays* de Ray Conniff ou de Elvis Presley; as brincadeiras dançantes; uma ou outra excursão promovida por professores do Instituto; a agitada eleição para a presidência do Centro Estudantino, que movimentava toda a cidade como se fosse coisa da maior importância; a *avant-première* do ano que trouxe para o cineteatro o filme *La violetera*, com Sarita Montiel; o cultivo da fofoca que se tornara numa verdadeira instituição na cidade, da qual não escapavam os namoros que se iniciavam, os antigos romances que terminavam por esse ou aquele motivo, as traições conjugais, os calotes financeiros dados por quem se supunha estar bem de vida ou a suspeita em torno da opção sexual de um ou de outra cruzalmeno. A juventude de então não conhecia drogas – quando muito, por ocasião dos bailes de carnaval do Clube, as mocinhas ousavam embeber um lenço com lança-perfume para aspirá-lo no banheiro, onde também fumavam às escondidas, enquanto alguns rapazes arriscavam-se a tomar uma cápsula de *dexamyl*, que deveria servir como agente desinibidor para encorajá-los a convidar uma garota para dançar.

Ao terminar a prestação do serviço militar obrigatório, Tuta começou a enfrentar os exames finais do último ano de seu curso médio, após o que obteria seu diploma e poderia deixar Cruz das Almas com destino à capital em busca de seu almejado futuro. Planejava viajar na primeira quinzena de dezembro e já fazia preparativos para isso. A certeza desse afastamento tornou-se num motivo de comoção ao namoro dos dois, embora Irene nunca tivesse se oposto à saída de Tuta de Cruz das Almas. Pelo contrário, ela o estimulava a ir em busca da realização de seus sonhos. Sabia que poderia

perdê-lo, o que lhe antecipava um sentimento de abandono, mas não iria se constituir num obstáculo à sua ida porque sabia ser comum e inevitável, necessário até, a partida dos jovens com destino à capital assim que completavam o ensino médio, vez que Cruz das Almas não lhes oferecia empregos que pudessem retê-los ali. Pela excelente formação que o Instituto lhes dava, muitos de seus alunos obtinham aprovação no primeiro vestibular que prestavam, ingressando direto na Universidade. Na capital encontrariam emprego para se manterem sozinhos. Tuta pretendia ser um desses.

Certo é que ao longo do namoro houve diversas rugas entre Tuta e Irene, no mais das vezes por pequenas questões típicas de namorados adolescentes e ridículas aos olhos de terceiros. Mesmo assim não deixavam de provocar intermitentes afastamentos entre eles. Em sua maioria eram desentendimentos menores, fortuitos e ocasionais que rapidamente conheciam solução, fosse pela constante vontade de reatarem o mais cedo possível, fosse pela compreensão de ambos ou pela habilidade com que Irene os enfrentava quando a falta era sua. Contornava um tronco de árvore da avenida central e ao aparecer do outro lado do tronco sorria amavelmente para Tuta cumprimentando-o como se nesse momento estivesse chegando de volta e quisesse a reconciliação e o recomeço. Dar a volta à árvore passou a simbolizar a forma de considerar superada uma questão havida entre eles para deixá-la vencida no passado, sem a necessidade de pedido de desculpas ou de melhor discussão sobre o problema. Difícil para Tuta não a desculpar ou não a receber de volta.

Porém, quando era ele e não ela o faltoso, a reação de Irene chegava a exacerbar-se. Mostrava-se como se houvesse sido gravemente ofendida, cobrando explícito reconhecimento da falta cometida, explicações detalhadas e um expresso

pedido de desculpas, sendo inaplicável ao caso o mero contorno a um tronco de árvore. Nessas ocasiões, Irene deixava de ser a menina de sorriso feliz para tornar-se alguém com o cenho cerrado, com certa insolência na expressão, incrédula e no mais das vezes agressiva, dando à falta do namorado uma gravidade que não possuía. Portava-se como se não devesse acreditar em homem nenhum do mundo, todos infiéis a seu ver. Uma concepção deturpada com a qual Tuta jamais concordou e que o levaria a apontar esse comportamento como sendo o único defeito de Irene. Por vezes reclamavam-se dias para a reconciliação, durante os quais eles não se falavam, até que uma simples troca de olhares, ainda que à distância, os convocasse para o reatamento. Irene procurava não tornar à questão que os separara, não querendo rediscuti-la e também com isso Tuta não concordava, embora melhor lhe conviesse ceder.

V

Dezembro chegava com ares de tempo de descanso, como se houvesse parado de correr após ter cumprido a longa maratona dos dias do ano. Trazia para as pessoas um pálio de vitória, vestindo-as com sorrisos espontâneos e acolhedores, cada uma delas desejando contar como foi sua particular jornada. Os cruzalmenses começavam a separar coisas descartáveis que guardaram durante o ano e das quais iriam se desvencilhar. Para Tuta a chegada desse mês não era de alegrias, excetuadas a conclusão do ensino médio e a proximidade de sua viagem à capital. Para ele, dezembro chegava mais com a feição de fim do que de começo. Aliás, a proximidade do

Natal não o alegrava nem um pouco, porque sabia que com ele viriam mais frustrações do que alegrias. Nas antevésperas apenas assistia o embalar dos dias, observando a cidade iluminar suas ruas, a decoração das vitrines de suas lojas e as guirlandas enfeitando as portas das casas. Ouvia músicas natalinas através de autofalantes dispostos no alto de postes das avenidas, visitava o presépio armado na igreja matriz e acompanhava os preparativos dessa época do ano como um atento observador, mas sem nenhuma empolgação. Ao longo de toda sua vida passara o dia de Natal sem festejá-lo porque para ele não havia nada de especial e desse dia nada provinha de novo.

Em sua juventude, o Natal nunca chegou a ser um dia feliz, porque exacerbava seus sentimentos de inferioridade social. Ao contrário do que sabia ocorrer nas casas de famílias abastadas, na casa de seus pais não havia um almoço em família, não tinha um grupo de amigos com o qual pudesse se reunir em confraternização natalina, não vestiria roupas novas nem receberia nenhum presente. O dia de Natal era um dia igual a qualquer outro, diferente apenas por ser dia cristão santificado no qual se comemora o nascimento de Cristo. Não lhe fora criada a figura de Papai Noel em sua meninice. Lembra-se do dia em que ouviu de um menino a primeira referência a Papai Noel. Tinha cerca de dez anos e era mal chegado em Cruz das Almas, tendo surpreendido o amiguinho ao lhe perguntar quem era Papai Noel. No dia de Natal entristecia-se e nesse ano ainda havia outro complicador: a incerteza quanto a onde estaria. Sozinho e inseguro na capital, buscando um caminho que o conduziria ao futuro pretendido? De regresso a Cruz das Almas, sofrendo as consequências de um fracasso na tentativa de fixar-se na capital? Lá ou cá iria se limitar a escrever uma carta a Irene e postá-la

como único presente a ser dado a ela. Não tendo dinheiro, nada mais do que isso lhe seria possível.

Diferentemente, para Irene o Natal se constituía num grande e maravilhoso dia festivo ao qual nenhum membro da família de seus avós poderia faltar ou deixar de reunir-se na casa grande da avenida central. Vinham de longe os tios, tias e primos e os preparativos para esse encontro principiavam com semanas de antecedência, armando-se na sala principal uma grande árvore de natal com brilhantes luzinhas coloridas e uma longa mesa sob a parreira do quintal para o almoço de Natal. Os presentes eram muitos e para todos. Nesse dia a fartura e a alegria transbordavam.

Na primeira semana desse dezembro, nove dias antes do embarque para a capital, Tuta vinha pela avenida das florezinhas amarelas para encontrar-se com Irene e seguirem juntos até o Clube. O inesperado aconteceu. De longe ele a viu junto ao portão da casa recepcionando seu ex-namorado tendo no rosto seu sorriso feliz. A cena atingiu-o em cheio trazendo-lhe um amargo sabor de traição. Buscou trocar de calçada passando por eles como se não os tivesse visto, sequer atendendo ao chamado de Irene. Não a vira recebendo ou oferecendo carinhos que indicassem estar havendo reatamento do namoro anterior, estavam simplesmente conversando, mas ao vê-la sorrindo na companhia do ex-namorado foi dominado por um agudo desalento.

Sem se voltar, prosseguiu com passos rápidos em direção ao centro enquanto o mundo desmoronava às suas costas. Desorientou-se em meio a um turbilhão de pensamentos dispersos que o tornaram incapaz de identificar a realidade em meio às amargas e íntimas suposições. Perdeu-se em reflexões desencontradas enquanto tentava, sem sucesso, imaginar o que poderia ter motivado aquele encontro.

Pensamentos confusos alucinaram seu cérebro e embargaram sua lucidez. A cena causou-lhe desassossego e um dolorido sentimento de derrota passou a atormentá-lo. Não sabia mais por onde ou para onde ir, não queria falar nem encontrar-se com ninguém, evitando lançar seu olhar para o futuro e sentindo que tudo a seu redor se transformava num passado, inclusive Irene. Quem sabe recolher-se consigo mesmo indo para lugar nenhum para pensar de forma lógica? Doía-lhe lembrar que dentro de poucos dias estaria deixando Cruz das Almas sem ter a certeza de que Irene ficaria esperando pela sua volta. Isso lhe era torturante. Enquanto amigo íntimo convivera com ela por mais de ano e ao longo de duzentos e trinta e nove dias, desde a inesquecível noite do mês de abril, vivera o sonho de tê-la como sua namorada. Desde aquela noite nunca mais se sentira só, supondo bastar estender a mão para tocá-la, ainda que ela não estivesse a seu lado. Contudo, de repente via-se dominado pela insegurança de um julgamento e uma profusão de ideias confusas que o mergulhavam numa sombria solidão.

Sua caminhada terminou na praça. Evitou entrar no Clube preferindo isolar-se sentando num dos bancos à volta do chafariz octogonal no meio do jardim, ouvindo dali o som do conjunto musical que animava o *Programa do Estudante*. Queria meditar sozinho antes de reencontrar-se com Irene, considerando importante demais o assunto que tinha para tratar com ela para ser abordado sem prévia e cautelosa preparação. Iria ser uma espécie de acerto de contas e, ao mesmo tempo, a preparação necessária para confirmar sua ida para a capital sem nenhum rancor e sem as dúvidas que o atormentavam. Não queria deixar Cruz das Almas como alguém que estivesse fugindo sem previsão de retorno. Muito menos deixar a cidade brigado com Irene. Augurava fosse

um afastamento apenas pelo tempo necessário para encontrar o caminho de sua realização pessoal sem abdicar de Irene. Mantinha a ideia de que a visitaria nos finais de semana sempre que isso viesse a lhe ser possível. Era o que planejava, embora soubesse que dependia da condição em que dela se afastasse. Um eventual rompimento do namoro nas vésperas modificaria seus planos e isso era o que ele não queria.

Debruçou-se sobre si mesmo para em pensamento empreender uma viagem silenciosa pelos muitos futuros que seu passado delineou ao longo dos tempos. Muitos foram apenas sonhados, poucos realizados. A criança que um dia quis voar num teco-teco com destino a estranhos mundos nunca antes visitados; o menino rebelde que recusava caminhos abertos e construía suas próprias trilhas sem temer nem mesmo as corredeiras do Itaguaí; o jovem que conseguiu o tão desejado ingresso no majestoso Ginásio, passando a se orgulhar de seu uniforme caqui; o estudante por vezes perdido em meio às dificuldades com o estudo do Latim e sua aversão pelas aulas de Trabalhos Manuais; o desbravador de todas as eras que se inspirava nas estórias dos heróis da História, imaginando ter vivido outras vidas antes dessa; o aparecimento de Augusto com quem mantinha convivência nem sempre amistosa, mas a quem buscava para ouvir dele incompletas explicações sobre coisas inexplicáveis; o primeiro encontro com Irene e a romântica fantasia de um passeio de mãos dadas flutuando ao longo de uma avenida forrada de florezinhas amarelas; o primeiro beijo e a magia de um amor descoberto na fria noite de abril, quando por ele foi encantado. Tuta lançava mão de seus passados para iluminar seu futuro. À frente só lhe restava o aguardado dia em que deixará Cruz das Almas e seguirá para a capital em busca de seu amanhã. A incomodá-lo o fato de Irene ter sido vista na companhia do ex-namorado, o que

lhe trouxe o medo de perdê-la de vez. Um sonho ainda por vir, abalado pelo que ele viu.

VI

Após despedir-se do ex-namorado junto ao portão de sua casa, Irene saiu à procura de Tuta, indo direto para o Clube, onde ele devia estar. Ali ele não foi visto. Depois de perguntar a um e a outro sobre seu possível paradeiro, recebeu a informação de que ele fora visto dirigindo-se ao centro do jardim. Foi até lá e o encontrou solitário e pensativo. Não o surpreendeu, como se ela já estivesse sendo esperada por ele, mas notou que a face de Tuta perdera o rubor natural e seu olhar parecia querer devorá-la num ímpeto de cólera.

Sentou-se lentamente a seu lado e o viu permanecer rígido sem nenhum movimento e nenhuma palavra. No primeiro momento limitou-se a uma muda contemplação, buscando adequadas palavras para iniciar diálogo. Falou em tom delicado.

– Tuta, eu preciso conversar com você. Não aconteceu nada do que você está pensando...

A intervenção de Tuta veio de pronto, ecoando carregada de ira e interrompendo-a no meio da frase.

– O que é que eu estou pensando?

– Não sei Tuta! Acho que você está pensando coisas que não aconteceram. Você me ouviu chamar quando você passou por mim e não me atendeu! Eu não procurei por ele, foi ele que me procurou na minha casa e eu não costumo ser mal educada com ninguém que me visita. Eu só conversei com ele...

– E precisava conversar com todo aquele sorriso de boas vindas? – novamente Tuta a interrompeu bruscamente.

– ...ele falou que queria voltar a me namorar porque ainda gosta de mim, mas eu disse que não quero mais. Que estou namorando você. Só isso. Não houve nada entre nós para que você fique magoado ou com raiva de mim. Nós vamos continuar juntos, não vamos?

Tuta voltou a silenciar por longos segundos. Evitava encontrar o olhar de Irene, preferindo fitar o chafariz semi-iluminado com olhar entristecido de quem está prestes a perder o que tem de mais caro. Pretendeu formular uma resposta que fosse condizente com seus sentimentos e anseios e que não pudesse ser traduzida como concordância com o fato que reprovava. Não tinha dúvidas quanto ao desejo de continuarem juntos. Era o que sempre sonhara e o que mais queria que perdurasse, não podendo sequer imaginar estar deixando sua cidade carregando o infortúnio de um rompimento com Irene. Queria levá-la consigo, em seus pensamentos, para sentir sua presença a todo instante ainda que distante. Contudo, para que isso fosse possível, teria que exigir que a relação entre eles se mantivesse assentada sobre certezas e na mais absoluta confiança.

– Você não precisava receber seu ex-namorado no portão oferecendo-lhe seu sorriso. Essa sua explicação não me convence nem um pouquinho. Você pensa que foi educada, mas a verdade é que você foi inconveniente e descuidada. Permitiu ser vista com seu ex-namorado e quem os viu conversando lá pode pensar o que quiser. A versão maldosa de um fato corre mais rápida e com mais força do que a verdade. Digo mais: se você estivesse em meu lugar você estaria adotando um comportamento muito mais agressivo e repreensivo do que o meu. Você não iria gostar nem um pouco se

tivesse sido você quem tivesse me visto conversando com uma ex-namorada minha. Concorda?

– Mas eu não fiz nada de errado! – suplicou Irene.

– Lógico que fez! Se você não admite isso a coisa fica pior ainda! Eu não posso continuar com você se eu tiver dúvidas ou desconfiança. Eu não admito ser traído.

– Meu Deus do céu! Mas eu não traí você nem em pensamento. Você está exagerando, Tuta. Não aconteceu nada para essa revolta toda. Você quer desistir de mim?

Essa última frase de Irene incomodou Tuta. Soara de forma duvidosa sem que ele pudesse saber ao certo se se tratava de uma simples pergunta a ser respondida com um sim ou com um não, ou se era uma proposta direta feita por Irene e que deveria ser acolhida ou rejeitada por ele. Essa segunda hipótese o preocupou mais ainda. Amava-a demais para desistir dela, mas ao mesmo tempo não queria se sujeitar por completo a seus desígnios.

Rapidamente analisou que uma resposta negativa o enfraqueceria, levando-o para uma posição defensiva, enquanto uma resposta afirmativa encerraria de vez o diálogo e também o namoro. Ele não queria nem uma coisa nem outra. Optou por devolver a pergunta.

– Até agora você não admitiu seu erro nem pediu desculpas e esse não é um casinho qualquer em que você pode dar a volta num tronco de árvore e reaparecer sorrindo do outro lado como se não tivesse acontecido nada. Você errou. É você que tem de tomar a primeira atitude para resolver o problema que você criou. Não eu! Você quer continuar comigo?

Altiva, Irene não demonstrou abatimento. Permaneceu imóvel, olhando fixamente para os olhos de Tuta sem deixar de ser a menina de sorriso feliz que tanto o encantara. Manteve sua altivez não admitindo nenhum erro, embora no fundo

também ela não quisesse terminar o namoro. Relutava em reconhecer ser esse um caso pelo qual devesse pedir desculpas.

– Escuta Tuta, eu gosto muito de você e não quero brigar de jeito nenhum, *tá* ouvindo? Mas eu não posso aceitar o que você está me impondo. Eu não fiz nada demais para você brigar comigo. Acho tudo isso uma coisa pequena e boba para que a gente fique discutindo. Não tem nenhum sentido você brigar comigo por isso. Eu juro que só quero o seu bem e nem em pensamento eu pensei em magoar você. Por que é que você não acredita em mim?

– Devo acreditar?

– Claro que deve! Eu não estou mentindo. Você me viu lá no portão e sabe que eu não estava fazendo nada demais. Você não acha que é hora de parar de brigar por essa bobeira?

Irene interrompe a fala e dá um tempo para possível intervenção de Tuta. Como essa não veio, completou.

– Eu procurei você para a gente conversar, mas já que você não quer, eu vou voltar para o Clube. Se você quiser falar comigo me procure lá, *tá* bom?

Levantou-se de forma delicada e sem nenhuma pressa dirigiu-se ao Clube, deixando Tuta sentado e sozinho ali. Com ele ficou o desconsolo de um rompimento anunciado.

VII

Esquivo e reservado como a natureza o fizera, Tuta não se dispôs a ir atrás ou chamar por Irene, deixando-se ficar num silêncio pétreo e numa meditação solitária enquanto mergulhava em pensamentos diversos que se distanciavam da realidade que com ele se passava. Não se levantou do banco.

Fitava o chafariz pouco iluminado como se devesse se ater a uma eterna vigília, perdendo a conta dos minutos em que ficou assim. Pensava em tudo sem se fixar em nenhuma das ideias que atabalhoadamente assomavam. Encabulava-se com a aproximação do dia em que deveria deixar Cruz das Almas e seguir para a capital ainda sem saber ao certo o que disso resultaria. Nem podia imaginar um retorno frustrado trazendo a vergonha de um insucesso: ficará por lá de uma forma ou de outra até que possa voltar com a cabeça erguida. Dava-se conta de que não havia como recuar, ainda que Irene não ficasse esperando por ele ou que ele não mais pudesse levá-la em pensamentos para tê-la sempre consigo. E não era nem uma coisa nem outra o que ele desejava, pois ansiava continuar o namoro e poder visitá-la sempre que possível, reencontrando-a sempre à sua espera.

Seus pais teriam que se orgulhar dele como se orgulharam de Tonico pela sua vitoriosa aventura, sozinho pelo mundo. No ano que vem ele não mais será visto frequentando o Instituto nem caminhando pelas nuas ruas escuras de uma vila esquecida, porque estará distante em busca de recantos imaginários que contenham futuros. Um quase sentimento de saudade começou a se refletir nas feições morenas do rapaz de olhos e cabelos castanhos, estatura média e boa aparência juvenil. Alguns pequenos movimentos labiais pareciam sugerir que ele estivesse falando baixinho alguma coisa a si mesmo, num monólogo ao qual se acostumara. Mas, não. Eram contrações involuntárias certamente derivadas da ansiedade e do aborrecimento pelo qual passava. Doía-lhe a dúvida quanto à espera de Irene pela sua volta e sobre o acerto ou não da atitude por ele adotada quando a censurou sem dar ouvidos às suas explicações. Visualizava a imagem da menina de sorriso feliz confundindo-se com a das águas

adormecidas do chafariz à sua frente. A noite era amena, nem quente nem fria nesse começo de dezembro e só uma aragem branda balançava as ramas das árvores do jardim sem provocar ruídos. Tuta continuava ensimesmado, sabendo que ninguém aguardava por ele e que ele não esperava por ninguém. Apenas pensava para, quem sabe, encontrar uma definição sobre o que fazer ou para onde ir quando se levantar daquele banco e deixar o jardim. Ir ao encontro de Irene no Clube? Deixá-la de vez?

Lembrou-se que fora nesse mesmo lugar que ele se encontrara tantas vezes com Augusto fosse de forma imprevista, indesejada e até desconcertante como em muitas delas, fosse de forma intencional como quando o procurou para pretendidas conversas íntimas. Imaginou que nessa hora seria bom e oportuno ter um novo encontro com Augusto a quem poderia expor suas dúvidas e ouvir dele uma opinião imparcial, mesmo sabendo que para tanto teria que procurá-lo e lhe pedir desculpas por tê-lo rechaçado quando no último encontro que tiveram. Naquela ocasião Augusto lhe dissera que só haveria um novo encontro entre eles se Tuta o procurasse e isso lhe soara quase que como uma ameaça. Não o vira depois disso e até supunha que Augusto não mais lhe apareceria ou que seria vã uma procura por ele. Mas a quem procurar nessa noite senão a ele? A quem mais poderia confidenciar suas dúvidas e desfiar suas queixas? Precisava encontrar Augusto!

Levantou-se do banco, olhou outra vez para as águas do chafariz como se ainda pretendesse ver nelas a imagem de Irene, contornou-o lentamente e caminhou devagar pelas calçadas internas do jardim numa busca incerta e à espera de um encontro com o menino com impigens no rosto. Ninguém mais andava por ali àquela hora e isso lhe dava a

segurança de um encontro sem reservas e sem decorrências incomodativas. Percorreu todas as calçadas internas da praça olhando em cada canto e em cada banco, até retornar a seu ponto inicial em volta do chafariz octogonal onde estivera sentado. Ali ele viu Augusto de pé junto ao banco, com ar de quem o estava esperando. Surpreendeu-se ao se deparar com ele à sua frente, a despeito de ter estado à sua procura. Caminhou lentamente em sua direção, olhando-o de cima a baixo com certa indolência, não sem deixar de observar que impigens ainda lhe manchavam a face, que suas roupas eram as mesmas de sempre, embora limpas e bem cuidadas, e que seus sapatos aparentavam ter sido recentemente engraxados.

Notou que em Augusto havia alguma coisa de diferente e estranha: seu olhar era mais direto e solene como se fosse exigir formalidades nesse reencontro, nenhum sorriso ou gesto demonstrando a alegria costumeira quando se encontravam e detendo uma postura impassível que afastava saudação mais efusiva, inibindo quem viesse a falar com ele. A Tuta pareceu que o enigmático amigo estava mais alto, embora o tempo de afastamento entre eles não houvesse sido longo. Bateu-lhe um pressentimento de que talvez essa venha a ser a última vez em que estarão juntos. Aproximou-se dele sem se esquivar de seu olhar, que tinha uma espécie de solenidade intimidativa, e a pouco mais de dois passos de distância falou em baixo tom para ser respeitoso.

– Oi, Augusto. É bom rever você!

Augusto permaneceu estacado sem mover um só músculo, seu olhar fixado nos olhos de Tuta, ostentando a contida posição autoritária de quem exige distância mínima do interlocutor. À primeira vista deu a impressão de que ele não iria responder à saudação inicial de Tuta. Por longos segundos, permaneceram ambos de pé, frente a frente, entreolhando-se

silenciados como se ali estivessem dois estranhos para um primeiro encontro e para o que não tivessem ocorrido precedentes apresentações. Tuta receou ser rechaçado num possível ato de revide da parte de Augusto, por força de lhe ter dito no último encontro que gostaria que ele o deixasse em paz e não mais o procurasse. E agora era ele quem o procurava e precisava dele. Preparou-se para suportar óbices e romper barreiras. Finalmente Augusto respondeu à sua saudação inicial, porém o fez sem nenhum entusiasmo e com a mesma seriedade e distanciamento com que até então se mantivera.

– Oi, Tuta.

Resposta seca e curta com uma frieza que não traduzia o menor convite para início de diálogo, sendo muito mais uma simples finalização de cumprimentos. Sentaram-se ambos, lado a lado, sem convites e sem palavras, como dois desconhecidos que casualmente se aproximam para a ocupação de um mesmo banco de espera numa estação rodoviária. A Tuta estava dificultada a conversa por faltar-lhe o que dizer para iniciá-la, e ao mesmo tempo por ainda estar imerso num turbilhão de ideias. A Augusto, talvez porque houvesse uma proposital vontade de impor a obrigação desse início a quem o tinha procurado – diferente em tudo dos encontros anteriores que se iniciaram quando Tuta tinha apenas doze anos e caminhava sozinho pela poeirenta estrada da Barreira dos Cipós. Nas vezes anteriores esses encontros, pretendidos ou não, amistosos ou refutados por Tuta, transcorriam sem dificuldades nas primeiras falas entre eles. Dir-se-ia que se davam bem, não fossem os contratemplos que os últimos desses encontros passaram a causar a Tuta. Dessa vez, contudo, imperava entre eles uma espécie de indecisão receosa, como se um esperasse a fala do outro para definir a finalidade do encontro. Segundos passados, Augusto rompeu o silêncio,

tendo antes deixado de olhar para os olhos de Tuta e divagando como se falasse para si mesmo.

– Difícil decidir entre a razão e o coração!

Era exatamente essa a dificuldade que o filho caçula de Coutinho e Ordália experimentava naquele momento e era esse o motivo pelo qual ele resolvera se socorrer de Augusto. Teria que deixar Cruz das Almas em busca de seu futuro, mas não queria deixar nem perder Irene. A solta e genérica frase dita por Augusto poupou-o de ensaiar uma fala inicial que talvez viesse a ser indevida ou ingênua sobre o que com ele se passava, porque aquela observação abarcou de uma só vez toda a questão que o afligia. Aliviou-se com a oportuna abertura e animou-se a prosseguir para não perder o gancho.

– E o que é que pesa mais: a razão ou o coração?

– Depende do caso – respondeu Augusto sem voltar os olhos para o lado de Tuta. Às vezes uma decisão deve ser tomada com predomínio da razão, ainda que sentimentos pessoais sejam contrários. Outras vezes é o coração que fala mais alto e então ele precisa ser obedecido, mesmo que algumas razões sejam contra. O duro é quando a razão e o coração têm o mesmo peso.

Parou um instante, voltou a olhar para Tuta como se o examinasse por dentro e concluiu.

– É o seu caso agora, não é Tuta?

– Acho que sim! Eu preciso ir embora daqui, mas estou com receio de perder Irene. Ela esteve com seu ex-namorado...

– E pelo que sei você brigou com ela por isso! – interrompeu Augusto.

– Lógico! Se eu ficar quieto o que é que vai ser quando eu não estiver aqui?

Augusto recolheu-se para acrescentar resolutamente enquanto voltou a fitar as pouco iluminadas águas do chafariz:

– Todos nós temos medo da primeira vez.

– Como assim?

– Sempre que um problema aparece pela primeira vez a gente se incomoda e logo pensa que isso vai se repetir outras vezes e com maior intensidade. Quando é uma coisa boa que acontece não pensamos assim. Achamos que é pura sorte. Será que Irene realmente teve culpa nesse encontro ou é só você que está vendo culpa nela?

– Não sei bem, Augusto. Ela estava feliz, sorrindo quando eu a vi com ele.

– E apenas sorrir é indicativo de alguma culpa?

– Não sei! Mas acho que quando a gente fica sorrindo é porque está aceitando e gostando da situação em que se encontra. Quando não gosta não sorri!

– Você está se esquecendo de duas coisas. A primeira é que Irene é uma menina bem educada e a segunda é que ela vive sempre sorrindo. Há algum mal nisso? Não é você quem a chama de menina do sorriso feliz? Se você não aceita nenhuma explicação dela é porque é você que está inseguro, não que ela seja culpada de alguma coisa.

– Você acha isso?

– Acho não! Tenho certeza.

– E o que é que eu devo fazer?

– Deve ir atrás dela! Você já mostrou que não gosta nem quer que haja novos encontros dela com o ex-namorado. Aceite suas explicações e continue com ela. Não é isso o que você quer?

– É.

– Então vai lá! Primeiro você cuida disso, depois você pensa em sua partida. Uma coisa de cada vez.

Tuta ouviu e por instantes afundou-se em meditações diversas, deixando-se conduzir, mesmo com os olhos bem

abertos, por sua farta imaginação para viajar entre imagens que rapidamente voltaram a lhe povoar a mente. Tornou à sua primeira infância em Itaiporã, quando tinha quase nada, mas nada lhe faltava por julgar possuir tudo o que lhe era possível ter em seu pequeno quintal, não vivendo nenhuma vontade frustrante nem sonhando sonho maior do que ele, a não ser o efêmero desejo de estar a bordo do teco-teco que um dia passou rasante sobre a invernada de Inhaúma para voar com destino a algum lugar desconhecido; sua chegada à cidade banhada pelo rio Itaguaí, maior em porte, porém menos belo que o Caimbé, o rio de sua meninice; o primeiro encontro com Augusto numa tarde sufocante, quando caminhava pela estrada da Barreira dos Cipós; a Cruz das Almas que a ele se abriu com sua periferia maltratada e seus personagens marcantes; seu ingresso no Ginásio e as histórias contadas por D. Hilda, que o levaram a pensar ter vivido outras vidas em tempos imemoriais; seus pobres Natais vazios e tristes que nunca o conduziram a lugar algum e nem lhe trouxeram nada; D. Eulália com suas palavras bonitas de sonoridade ímpar; a primeira vez que viu Irene e o mágico encanto do passeio imaginário que com ela fizera, sorrindo ambos de mãos dadas num fantástico sobrevoos pela bela avenida forrada de florezinhas amarelas; a pequena prostituta analfabeta com o desencanto que lhe deu dó; os mortos de sua vida que desde sempre povoam suas lembranças; o trêmulo e apaixonado beijo primeiro dado em Irene na inesquecível noite de um dia de abril e a mais recente imagem na qual Irene se lhe mostrou sorridente e feliz ao lado do ex-namorado, imagem essa que ainda o feria. Quantas lembranças retratadas na memória! Imaginou os dias do amanhã na cidade grande que, segundo esperava, deveria abrir-lhe as portas da universidade e encaminhá-lo para um futuro tantas vezes sonhado, embora

já lhe doesse a antecipada saudade de tudo o que iria deixar. Nele não havia medo, apesar de nunca ter aprendido a ser atrevido na vida vivida sob a rigidez de um severo controle da mãe Ordália. Havia, sim, insegurança, exatamente como lhe dissera Augusto. Uma insegurança quanto às suas razões, não quanto a seus sentimentos. Como comemorar uma partida sob tal circunstância?

Por fim, levantou-se lentamente do banco, examinou o espaço à sua frente como se devesse escolher uma determinada direção a seguir e afastou-se do jardim com o propósito único de encontrar-se com Irene. Não o fez sem antes despedir-se e agradecer a orientação recebida de Augusto. Deixou-o calado e em pé ao lado do banco.

– Você tem razão, Augusto. Obrigado. Vou falar com Irene. Tchau!

Tempos depois, em seus muitos momentos de incertezas e desencontros que seriam vividos na cidade grande, Tuta iria se lembrar desse último encontro com Augusto e sentiria enorme falta desse seu amigo imaginário.

VIII

Faltavam poucos minutos para as nove horas da noite. O semanal programa das sextas-feiras estava na sua metade e no Clube continuavam os estudantes que dele participavam. Entre eles algumas pretensas cantoras que se atreviam a apresentar-se perante um costumeiro público, interpretando musiquinhas da onda jovem com suas insípidas letras alienadas enquanto outras se arriscavam a executar ao piano um rápido número ensaiado por semanas. Todos se divertiam com

as inspiradas brincadeiras de auditório comandadas por um talentoso apresentador da rádio local, também professor de Didática e de Prática de Ensino no Curso Normal do Instituto. Em torno da pista de dança, mesas com todas as suas cadeiras ocupadas, poucas delas com bebidas requeridas ao garçom porque a maioria dos estudantes não tinha dinheiro para isso. Numa delas, bem ao fundo do salão e próxima ao palco, sentada em companhia de duas amigas que riam alto e tagarelavam entre si, estava a menina Irene, então sem seu sorriso feliz. Ao entrar no Clube foi Tuta quem primeiro a avistou, antes de por ela ser visto.

Sem se deter, aproximou-se da mesa onde ela estava como se levado por uma urgente e íntima necessidade que o impulsionava. Não olhava para mais ninguém e não corria os olhos à sua volta, caminhando pelo corredor lateral tomado por uma emoção tão forte que lhe pareceu ser essa a primeira vez que iria aproximar-se e falar com ela. Sua atenção estava fixada no fundo do salão e era só para Irene que ele olhava. Sentiu até a necessidade de ensaiar o pedido que lhe faria e que lhe fez após tocar de leve seus ombros e a surpreender. Assim que foi tocada Irene virou-se para traz e para o alto, vez que sentada, tornando a se vestir com seu sorriso feliz ao ver Tuta. Ela esperava por essa vinda, era o que queria que acontecesse. Olhou fundo para o rosto um pouco tenso de seu namorado e a doçura desse olhar acompanhado de um sorriso dissiparam todos os receios de Tuta quanto a não tê-la de volta. Teve ele a certeza de que seu pedido seria atendido de pronto. Bem de perto e de forma apaixonada sussurrou-lhe ao ouvido.

– Irene, podemos sair para conversar?

Saíram de mãos dadas, calados, retornando ao jardim e sentando-se no mesmo banco onde antes estiveram. Ali Tuta

ainda viu Augusto que continuava parado de pé bem ao lado como se desejasse testemunhar como iria se dar o reencontro. Tuta pensava em não ceder, mesmo sabendo que sem isso tudo poderia ser posto a perder. Conhecia Irene muito bem para não mais esperar dela nenhum pedido de desculpa ou o reconhecimento de que ela teria cometido uma falta da qual devesse se arrepender. Teria que temporizar, mantendo calma aparente e conservando claras suas ideias. O problema entre eles teria que ser resolvido com paciência e habilidade, ainda que nenhum deles tivesse a intenção de recuar de seus particulares pontos de vista. Sentados, Tuta aproximou-se mais da menina Irene, mergulhou seu olhar no fundo de seus olhos, tomou sua cabeça entre as mãos, beijou-lhe a testa e falou com voz suplicante.

– Eu não quero ir embora sozinho, brigado com você, Irene. Preciso que você vá comigo!

– Ir com você como? – perguntou Irene, visivelmente assustada com o que ouviu.

– Preciso levar você em meus pensamentos com a certeza de que você vai ficar me esperando, que não vai mais se encontrar com seu ex-namorado e que cada vez que eu voltar eu possa me reencontrar com você. Não quero terminar o namoro, Irene! Senão eu não saio daqui e desisto de tudo, não viajo mais.

– Mas quem é que lhe disse que eu não vou esperar você? Lógico que vou, Tuta! Fico esperando quietinha aqui e enquanto você estiver lá você vai me escrever. Não vai? Você não pode desistir de viajar. É seu futuro que está em jogo. Eu vou junto com você, também em pensamento. *Tá bom assim?*

Tuta se aproximou o mais possível do rosto de Irene e por sobre os ombros dela ainda conseguiu avistar Augusto

afastando-se lentamente para desaparecer nos cantos escuros do jardim e entre as sombras da noite, possivelmente por ter se apercebido de que o reencontro entre eles já se dera sem que nem um nem outro precisasse voltar a falar em culpa ou desculpa. De certo convencera-se, uma vez mais, de que estava com a razão.

De repente tudo à volta daquele banco se aquietou como que por encanto. A noite ficou mais noite e recomendou um recolhimento silencioso a estimular os jovens enamorados a se entregarem a uma paixão sem palavras. Não mais se ouvia os sons que antes provinham do Clube e naquele banco iniciou-se um romântico enlace de braços e abraços no qual Tuta e Irene se afogaram em prolongados e apaixonados beijos. Era quase uma comovente despedida, embora esse não viesse a ser o último encontro deles antes da partida de Tuta. Sabiam que ficariam distantes por bom tempo, mas sentiam estar unidos para sempre.

Capítulo 8

I

Ordália e Coutinho estavam conformados com a partida do filho, fato que para eles já era mais do que uma certeza, convencidos de que isso era necessário para seu futuro. Teria de ser assim e sabiam que essa era a vontade dele. A mãe lembrando-se de que Tônico, há tempo vivendo na capital, poderá servir como orientador e dar apoio ao irmão mais novo em caso de dificuldades, o que reduzia um pouco suas preocupações. O pai, sempre cordato, orgulhava-se de ver seu caçula prestes a aventurar-se sozinho pelo mundo. Contudo, tanto o pai quanto a mãe antecipavam um abatimento por saberem que a partir do ano vindouro a casa ficaria vazia como nunca, e triste sem a presença de nenhum dos filhos. Como imaginado, envelheceriam sozinhos no final de seus dias compridos e ficariam na fria espera da visita de um ou de outro. Benvinda, a filha mais velha, continuava morando no distante e pouco acessível interior do Paraná e há anos eles não a viam. Ordalina ainda não deixara seu sítio em Itaiporã e suas visitas aos pais davam-se com intervalos de prolongados meses. Esmáide, morando numa propriedade rural da Barreira dos Cipós, empenhava-se com o marido no cultivo do café, indo dia após dia para a lavoura, vestida com uma calça comprida sob a saia, um lenço que lhe protegia parte do rosto

e um grande chapéu de palha enfiado na cabeça. Arrastava pelos carregadores do cafezal um caixote sem rodas no qual mantinha sentado seu único filho, ainda carente de cuidados especiais. Também por isso vinha pouco a Cruz das Almas. Tônico, há quase um ano na capital, só lhes fizera uma única visita e escrevera duas cartas, a segunda enviando notícias sobre seu trabalho num quartel de trânsito e informando seus novos endereços: o do quartel e o de uma pequena e barata pensão onde passou a morar. Juvelina vivia entocada em casa, ainda abalada com a morte de seu bebê, às vezes indo com Giácomo para a Olaria, onde passava a maior parte do dia, e visitava cada vez menos a casa dos pais, embora fosse quem morasse a menor distância. Nesse final de ano era chegada a vez de Tuta deixar a casa paterna e enfrentar uma cidade desconhecida sabe-se lá por quanto tempo ou, quem há de saber, talvez para sempre. Quando retornar, será na condição de visitante, que chegará narrando aos pais os fatos ocorridos e contando sobre seus feitos.

Depois do entendimento e do selado compromisso com Irene, Tuta retomou o entusiasmo com os preparativos da viagem. Obteve do pai a promessa de que a ele seriam dados cinco mil cruzeiros para cobrir as primeiras despesas, sendo que só anos depois viria saber que seu pai não tinha esse dinheiro e que essa quantia fora tomada mediante empréstimo a juros para custear sua viagem. Cuidou de mandar tirar fotocópias do diploma do Curso Normal, dos históricos escolares desde o Ginásio e de sua certidão de nascimento; tirou meia dúzia de fotos 3x4; separou as melhores entre as poucas roupas que possuía e começou a contar as horas para seguir até o ramal ferroviário da cidade e embarcar na *maria-fumaça* que cobriria a primeira etapa da viagem para a capital. Estaria tomando o destino de um mundo desconhecido,

exatamente como sempre sonhou e queria fazer. Nunca teve medo de enfrentar uma cidade grande ou de se perder dentro dela em meio à multidão que fervilha em suas ruas, pois tomaria a direção que quisesse, fazendo seu próprio caminho – ainda que não definido o lugar para onde devesse ir. Levaria Irene em seus pensamentos agora com a certeza de que ela ficará esperando pela sua volta. Combinou de lhe escrever cartas, e desde a semana seguinte à sua chegada à capital estas passariam a ser diárias e longas, pelo menos durante os primeiros três anos após sua partida, o que viria a provocar do velho avô de Irene o comentário de que não entendia como é que esse rapaz tinha assunto para escrever tanto desse jeito.

Em casa, Ordália passou a dedicar-se quase que exclusivamente à viagem de Tuta, preparando suas coisas com muito zelo e carinho. Examinou cada uma de suas roupas, repregando alguns botões em camisas e recompondo barras soltas de suas calças, confeccionou uma nova camisa com restos de pano fornecido por um de seus fregueses, coseu pares de meias furadas e alvejou cuecas e lenços brancos. Rezava para que tudo desse certo. Enquanto isso, Tuta aumentava sua empolgação, antevendo a chegada da hora e vez de ele ser alguém. Para ele o futuro estava batendo à sua porta, ali bem próximo, esperando apenas um primeiro e grande passo para acontecer. Seu passado, com os enigmas pretéritos, as frustrações reprimidas e os antigos anseios, estava prestes a ser deixado para trás, devendo ficar adormecido na memória para ceder espaço a seus novos sonhos, sua nova vida dentro de uma nova realidade cheia de esperanças novas. Aprontava-se para alçar o primeiro voo pelos céus do amanhã, como se finalmente lhe houvesse sido permitido estar a bordo de um teco-teco para viajar com destino a um estranho e distante mundo desconhecido – viagem para além dos limites até

então imaginados, na velocidade que seus olhos pudessem acompanhar. Dispunha-se a enfrentar todos os desafios sem nenhum receio de embates. Protegia-se vestindo a armadura das certezas que cultivara ao longo do tempo e equipava-se com muitas das vontades que sempre o tornaram destemido.

O enfrentamento desse novo mundo era sua mais audaciosa aventura e dela ele não mais iria recuar. Dava-se conta de que finalmente era um homem feliz por ter um lugar para onde ir. Um lugar de pouso na casa do futuro. Sua aura certamente ganhava cores vivas e bem mais fortes por estar de bem com a vida e sob excelente estado de espírito, a despeito dessas cores não serem perceptíveis. Tinha exata noção do que queria e bem sabia o que buscar por incertos caminhos, sem precisar que ninguém lhe indicasse a direção a ser tomada: não seguirá por aqui nem irá por ali se assim lhe propuserem ou recomendarem. Continuará tomando a direção que melhor lhe aprouver, com propósito único, e essa direção será a que por ele for livremente escolhida, só a mando de sua própria vontade.

Pediu à mãe Ordália que tornasse a lhe mostrar a segunda carta de Tonico e dela copiou as informações e os endereços ali contidos, para com esses traçar seu mapa do tesouro cheio de linhas, pontos e nomes de lugares estranhos pelos quais deverá se orientar para estar com o irmão, caso esse não o encontre no ponto marcado para esperá-lo. Dias antes lhe escrevera noticiando que desembarcará na Estação Sorocabana, na manhãzinha de 16 de dezembro, uma segunda-feira, onde e quando deverá ser acolhido. Tudo estava devidamente programado para dar certo. Só faltava acontecer.

Na sexta-feira à noite, dois dias antes da viagem, Tuta foi ao Clube na companhia de Irene e lhe contou sobre todos os preparativos já adotados. Perguntou qual era o número

da casa de seus avós, situada na arborizada avenida central, porque iria precisar desse dado para endereçar futuras cartas. Anotou o que antes para ele não tinha a menor importância nem era preciso saber. Aliás, muita coisa que antes não merecia ser por ele observada passou a ganhar posição de destaque nesses dias, vésperas de sua viagem, senão pela sua utilidade atual ou próxima, pelo menos pelo seu significado entre o que deveria ser guardado na memória de quem iria deixar a cidade. Assim, veio a ser por ele melhor retratado na memória o prédio do correio que despontava num dos cantos da praça central, majestoso com suas colunas à frente e que somente agora, já quase à distância no tempo, é que passava a ser visto em toda sua imponência e solidez de seus alicerces; o lúgubre palacete de tradicional família cruzalmen-se, silencioso como um mausoléu, erguido e isolado numa esquina do largo da Matriz, que sempre lhe pareceu trancado e frio como se ninguém o habitasse, tendo suas muitas salas e saletas com janelas estreitas sugerindo haver um verdadeiro labirinto interno certamente cheirando a bolor; a esquina dos bancos na qual tropeçavam entre si fazendeiros de largas cinturas, pequenos sitiantes com seus chapéus amassados, devedores contumazes, agiotas de plantão e negociantes ocasionais, todos a se entreolharem num vazio de comunicação ou em troca de interesses; o prédio do cinema, o grande palácio das ilusões onde tantas e tantas vezes ele se deixou levar através de filmes que o encantaram; a Escola de Comércio, instituição de ensino particular que se tornava a única opção para os alunos que deixavam – por um ou outro motivo – os cursos do Instituto, aquela bem menos prestigiada do que este; a igreja dos protestantes com sua torre frontal e única, seu relógio a badalar horas precisas, vista sempre muito bem cuidada como um templo onde se pratica ritual diferente e

onde se guardam inconfessados segredos; o prédio da Delegacia de Polícia, que deixava ver à sua frente um banco de cimento posto sob a boa sombra de uma pequena árvore no qual sempre se viam sentados, por horas a fio, um ou outro policial, fardado ou não, parecendo que não tinham muita coisa a fazer na vida senão ficar ociosamente observando o passar das mocinhas pela calçada, e o estádio de futebol do time oficial de Cruz das Almas, participante do campeonato estadual da terceira divisão, com pequena e frágil arquibancada coberta e que propiciava aos moleques que não tinham dinheiro para pagar ingressos um fácil e livre acesso por um terreno baldio nos fundos.

As imagens que Tuta então buscava e detinha através de sua mais recente observação misturavam-se de tal modo com as imagens antes retidas em sua adolescência que tornava difícil saber quais delas eram as reais e verdadeiras. Levaria consigo todas as que mais o marcassem. Tuta queria ver mais detalhes de sua cidade, como se também quisesse levá-la em seus pensamentos. Havia nele uma insensata necessidade de se agarrar a tudo o que dela um dia lhe pertenceu ou que ainda lhe pertencia. Seus lugares, seus recantos, sua gente, seus becos, seus ares e seus encantos. Até os abstratos momentos vividos ali. Queria acentuar no seu íntimo a segurança e a confiança que deveriam ser levadas consigo para os dias do amanhã, ideia que se transformava num anseio, anseio que virava uma necessidade. Seu único temor era a eventual ocorrência de um insucesso, um desencontro que o forçasse a interromper seu sonho ou a recuar do objetivo de sua vida, perdendo o sentido de estar e de ser.

Dentro do Clube observava cuidadoso tudo e todos a seu redor com olhar perquiridor. Identificava entre os presentes um ou outro daqueles que nos idos tempos de Ginásio

fustigaram-no com insultos despropositados ou com injustificados convites para lutas corporais então evitadas. Agora os fitava de perto e a fundo, não mais os vendo como uma ameaça, mas querendo notar neles suas atuais insignificâncias. Não mais os temia nem deles guardava rancor vingativo, embora sentisse por eles um profundo desprezo, sentimento compensador das muitas vergonhas e dos contidos medos que por eles lhe foram impostos quando era um menino indefeso. Imaginou tê-los vencido sem ter sido preciso com eles medir forças físicas porque a vida ensinara-lhe a contornar adversidades quando não podia enfrentá-las de frente.

Sem deixar que sua atenção se desviasse de Irene, calmamente sentada a seu lado, Tuta percorria o salão com olhar atento voltado para cada uma das pessoas que ali estavam, como se pretendesse avaliar até que ponto cada uma delas tivera ou não participação direta em sua vida ou exercera sobre ele alguma influência. Todos eram seus conhecidos. Os admiráveis e estimados professores, a começar pelo extraordinário e talentoso animador do *Programa*; os expoentes senhores do comércio local, antigos fundadores do Clube e patrocinadores do *Aperitivo* nas manhãs de domingos; os integrantes do conjunto musical liderado por um exímio pianista que semanalmente ali se apresentava e, na grande maioria, os estudantes do Instituto que compunham a irrequieta juventude de Cruz das Almas. Tuta sabia que alguns de seus colegas de turma também estavam planejando deixar Cruz das Almas porque uma vez completado o ensino médio precisavam sair em busca de um bom emprego, quem sabe no Banco do Brasil; que algumas colegas não arredariam pé tão cedo porque tinham namoro firme com bons cruzalenses ou porque estavam com casamento marcado; que poucos ficariam enraizados na mesmice da cidade com seus dias repetitivos, fosse

por questão de hábito ou de conformismo, esperando outra vez que o ano seguinte venha a ser melhor do que o que está acabando. De forma intimista Tuta se despedia de Cruz das Almas e fazia isso silenciosamente, enquanto segurava as mãos de Irene sobre a mesa e a fitava apaixonado, como se dela jamais quisesse se desvencilhar. Irene correspondia olhando-o com carinho e antecipando seus sentimentos de saudade.

II

A derradeira vez que Irene esteve com Tuta antes da partida foi na manhã do dia 15 de dezembro de 1963, um domingo com ar abafado e calorento, quando tornaram a comparecer juntos ao *Aperitivo* do Clube. Irene mostrava-se pouco falante, porque tudo lhe parecia diferente nessa manhã. Embora o Clube estivesse recebendo seu mesmo costureiro pessoal, para ela era como se ele estivesse vazio e ela sozinha ao lado de Tuta. Nada e ninguém mais mereciam sua atenção. Ao sentar-se, tomou da edição do pequeno jornal semanal deixado à mesa e foi direto ao canto superior esquerdo da página dois, onde se via publicado um poema de Tuta no qual ele evocava o rio Itaguaí e cantava sua vontade de não partir. Leu-o atentamente, mas não fez sobre ele nenhum comentário porque já o conhecia e o comentara quando lhe fora mostrado por Tuta antes dessa publicação. Não se sabe por quanto tempo permaneceram sentados ali olhando o ambiente e despidos de palavras. Sequer agradeceram ao garçom que momentos depois chegou para lhes servir uma porção de amendoins torrados e duas taças de caipirinha. Despediam-se em silêncio

como se tudo o que tinham para dizer um ao outro já houvesse sido dito, compreendido e aceito. Nenhum assunto novo teria nova importância. Irene sabia que Tuta embarcaria logo mais à tarde sem dia marcado para retorno, só lhe restando torcer para que tudo desse certo e ficar à espera de sua volta. Apertavam-se as mãos como se pretendendo impedir uma separação. Olhavam-se apaixonados e entristecidos. Demorou para que Tuta quebrasse o silêncio.

– Como é que você está se sentindo? – murmurou ele bem de perto do rosto de Irene.

– Vazia, como se não tivesse mais para onde ir! Não sei nem quanto tempo você vai demorar para voltar. Vou ficar sozinha.

– Eu volto logo, Irene. Assim que eu me acertar por lá eu volto. Eu também não quero ficar muito tempo longe. Você me espera?

– Eu vou te esperar. Vai ser meu consolo, fazer o quê? Mas, por favor, promete que você não vai demorar muito?

– Prometo.

III

Por volta das quatro e meia da tarde desse mesmo domingo, Tuta despediu-se da chorosa mãe Ordália, deixou sua casa na vila e caminhou na companhia do pai rumo à pequena estação, cujo ramal ferroviário o levaria até a cidade vizinha para embarcar no trem principal e seguir direto para a capital – exatamente como fizera seu irmão mais velho dois anos antes. Caminhada de quase uma hora, por cerca de quatro quilômetros. Iria atravessar toda a cidade, de um extremo a

outro, pelos caminhos que em sua grande parte e por incontáveis vezes nos últimos nove anos percorrera a pé, desde os idos tempos de grupo escolar. Uma vez mais cuidou de retratar o traçado da rua onde morou por todo esse tempo, lembrando que nela ele se sujava com terra de sua infância jogando bolinhas de vidro com o filho de Dona Uasna. Tudo de sua rua firmava-se mais na memória do coração do que na dos olhos. Ao passar junto ao portão da casa vizinha cumprimentou e despediu-se de Seu Alexandre, o bondoso velho sempre parado ali como se à espera de um cumprimento ou da passagem de alguém que parasse para uma conversa amiga. Imaginou que poderá nunca mais voltar a vê-lo. Seus passos seguiam largos na tentativa de obedecer ao ritmo inicial imposto pelo pai, mas ao mesmo tempo os queria contidos para poder reobservar com profundidade tudo o que lhe pertencera e estava à sua volta talvez pela última vez. Lugares e coisas que jamais desaparecerão de sua lembrança. Mais lhe importava olhar para as velhas casas de tábuas que insistiam em ficar de pé, todas enfumadas como a da falecida Dona Zelinda, com seus quintais contíguos e seus varais quase comuns, do que retratar as que tinham sido recém-construídas na vila, cercadas de muros altos a escondê-las ou a isolá-las, e que para ele nada chegaram a significar. No percurso não mais veria a velha e enferrujada máquina planadeira de ruas e de estradas que antes jazia abandonada à beira de um dos pátios da Prefeitura e que tanto o impressionara quando a viu por primeira vez. Há tempo ela não estava mais ali. Por certo a levaram para um depósito de ferro velho ou a enterraram, como achassem devido.

Ao alcançarem o asfalto, Tuta tornou-se menos contemplativo e procurou fazer o mesmo primeiro trajeto que aprendera quando seguia com o irmão para ir ao Grupo Escolar.

Caminharam em frente por um bom trecho, viraram à esquerda na esquina onde ainda havia uma loja de ferramentas, prosseguiram por quatro quadras na arborizada avenida central passando em frente à casa de Irene, onde e quando Tuta olhou demoradamente para um terraço vazio, dobraram à direita descendo a longa ladeira até chegarem ao largo da Matriz e depois tornarem à esquerda entrando na rua que os levaria à ponte sobre o Itaguaí e de lá até a Estação. O filho de Coutinho empunhava uma pequena mala com poucas roupas e trajava uma calça comprida clara mostrando vincos nas pernas, um cinto de couro marrom, uma camisa escura riscada de fios brancos e sapatos pretos bem engraxados. O pai reduziu um pouco o tamanho dos passos o que fez com que ambos andassem mais lentamente. Tuta preocupou-se com ele, julgando-o cansado pela longa caminhada.

– Pai, o senhor não precisa ir comigo até a Estação. É longe e cansativo.

O velho Coutinho não deu trela à sua observação. Sem se virar para Tuta nem para nenhum dos lados continuou andando firme e ereto, olhar à frente, como quem devesse cumprir até o fim a obrigação de acompanhar o filho. Sabia que depois da ponte a subida do bairro da estação era íngreme e que certamente iria cansá-lo. Lembrou-se que uma vez fizera essa caminhada toda, assim que chegara em Cruz das Almas, tendo ido da vila até o começo da estrada oficial à procura do Sr. Vidotti, seu atual empregador, que também era dono de outra máquina de beneficiar arroz que ficava nessa saída da cidade. Viera à busca de emprego, então aconselhado por Jacinto, um chacareiro antigo conhecido da família Couto. À época ele se cansou bastante, mesmo tendo uns nove anos a menos. Contudo, agora não iria estancar porque até então ainda não se sentia fatigado.

– Se eu pudesse eu ia junto até a capital – murmurou baixinho, parecendo que se dirigia a si próprio.

Seus olhos marejaram. Não devia estar com vontade de conversar, embora tivesse muita coisa a dizer ao filho nesses instantes que antecederiam a despedida. Porém, sempre foi um homem de pouca prosa. Prosseguiu caminhando em silêncio, só voltando a falar quando passou em frente da casa de Juvelina, vendo-a toda fechada dando sinais de que nela não havia ninguém.

– O *Giacó* deve ter saído *pra* ir à missa das seis com a Juvelina. Você viu eles esses dias? – disse em baixo, tom sem dar à pergunta nenhuma conotação de cobrança.

– Vi. Eu vim aqui anteontem, estive com ela e o Giácomo e avisei que ia embora hoje. Eles estão bem. O Giácomo me estimulou muito – completou Tuta sem pretender alongar o assunto.

– Ele é um homem bom. Gosto dele.

– Ele conhece bem a capital e me explicou um monte de coisas de lá. Disse que para mim não vai ser difícil arranjar um emprego com diploma na mão.

– E que tipo de trabalho você vai procurar?

– Ainda não sei, pai. Estou pensando primeiro em ver se consigo entrar numa faculdade, depois é que vou procurar emprego, sei lá, numa escola, num jornal, num banco ou numa empresa. Do que eu preciso mesmo é ter um salário para me manter por lá.

Coutinho voltou a se calar, passando a refletir consigo sobre como será essa busca por emprego numa cidade desconhecida. Imaginou que não vai ser tarefa fácil para um menino do interior sem nenhuma experiência, sozinho e perdido numa cidade tão grande. E se ele não conseguir? Pensou em perguntar isso, mas recuou para não parecer pessimista.

Olhou de lado para o filho e o viu andando seguro de si, empunhando sua pequena mala.

– O Tônico vai me ajudar, pai. Nos primeiros dias eu vou ficar na mesma pensão que ele. É barata! – respondeu Tuta como se o velho pai tivesse expressado em voz alta seus pensamentos e ideias.

– E se quando você chegar não achar ele lá, como é que vai ficar?

– Aí eu procuro um soldado da Força Pública e peço para ele ligar para o quartel do Tônico e avisar que eu estou esperando por ele na estação. Anotei tudo o que ele mandou na carta. Pode deixar pai, vai dar tudo certo!

A segurança de Tuta tranquilizava o velho pai e alimentava a esperança de que o filho saberia vencer as dificuldades que o aguardavam. Nem podia imaginar como ele iria fazer isso, mas acreditava ser ele suficientemente corajoso e esperto, embora às vezes parecesse ingênuo, e por certo seria capaz de resolver seus problemas por ser estudado e saber se cuidar.

Chegaram à ponte sobre o Itaguaí, onde Tuta quis parar um pouco, depositando sua mala no passeio. Debruçou-se na guarda e ficou silencioso, espiando dali o escorrer das águas sob a ponte, ainda salpicadas pela luz de um sol poente. Estavam pardacentas por força das chuvas desse final de primavera, que na última semana caíram em sua cabeceira. O Itaguaí nunca foi de transbordar com ameaça às suas ribeirinhas, mas dessa última cheia restaram sinais de seu avanço pelos barrancos e alguns pequenos alagamentos nas margens baixas, de onde retirou galhos e entulhos para arrastá-los leito abaixo. Na mente de Tuta voltaram imagens que ele guardava na lembrança tanto do Caimbé de sua meninice quanto do Itaguaí de sua adolescência, vendo que esse mudou quase nada nesses anos todos. Para ele, a altura da ponte continuava sendo desafiadora

para um salto que ele nunca chegou a praticar. Nem de ponta, nem de pé, embora tivesse visto homens e meninos até menores do que ele praticá-lo dali sem nenhum medo e com nenhuma consequência. Bem diferente, Tuta sempre preferia os lugares calmos na lentidão das curvas desse rio para um nado sossegado em águas límpidas e sob copadas árvores que acompanhavam suas margens.

Uma vez deixou-se levar sozinho, descendo o rio numa noite de lua clara desde a grande e preguiçosa curva que fica na altura da Ribeira dos Cipós até essa ponte, brincando nas corredeiras, parando nas ilhas de pedra, boiando nos trechos mais fundos ou bracejando pelas angras e enseadas. Se alguma coisa lhe tivesse acontecido naquela noite ninguém iria procurar seu corpo no rio porque ninguém sabia que ele estivera ali. Quase que querendo ficar com ele, Tuta continuava a observar as águas do Itaguaí. Muito tempo depois ainda se recordaria desse momento com todos os seus detalhes, tão fortes foram as imagens gravadas em sua memória. Por instantes, agarrado à ponte, Tuta viveu vontade de não partir, exatamente como dias antes escrevera no poema que estava publicado nesse domingo no jornal da cidade.

Coutinho não quis interromper o recolhimento íntimo do filho, tendo se limitado a ficar observando-o quieto, sem a menor ideia do que ele pensava parado ali. Aguardou que ele retomasse sua mala e voltasse a caminhar, pois se acostumara com sua introspecção, tendo-o visto muitas vezes afundado em seus próprios pensamentos, recolhido em seu quarto ou isolado no quintal, o que denotava não querer ser incomodado. Nesse dia o certo é que devia haver muito mais coisas para ele pensar assim encerrado consigo mesmo.

Com o fôlego retomado, reiniciaram a caminhada e seguiram adiante, passando a enfrentar a longa subida do bairro

da estação. O peso dos passos os tornou mais vagarosos e os silenciou até chegarem lá. Tuta sentou-se num pequeno banco de ferro existente na plataforma enquanto seu pai foi ao guichê adquirir um bilhete só de ida. A velha locomotiva fumava nos trilhos, preparando a partida prevista para as sete horas, faltando pouco mais de vinte minutos. Não eram eles os únicos passageiros que estavam à espera para o embarque. Uma gorda senhora ia e vinha de uma extremidade à outra da plataforma segurando as mãos de um pequeno menino, possivelmente seu neto, impedindo-o de andar sozinho por ali por receio de ocorrer um acidente qualquer; acorado junto à parede estava um senhorzinho magricela, chapéu de palha encardida na cabeça, denotando ser um lavrador, empunhando estranho pacote amarrado com barbante; mais adiante três mocinhas sorridentes permaneciam de pé falando alto e gesticulando muito enquanto contavam aventuras pessoais, não sendo conhecidas de Tuta porque possíveis moradoras da cidade vizinha, único destino da *maria-fumaça*. Pouco depois chegou à estação um grupo de quatro rapazes enlevados que por certo tinham vindo passar o domingo em Cruz das Almas e que por não portarem bagagens sugeriam não estar indo além da cidade do fim desse ramal.

Absorto, Coutinho observava a todos com um sério ar de reservada curiosidade. Ensimesmado, Tuta continuava lançando seus pensamentos a lugares e a uma distância que ele ainda não conhecia, já imaginando sua chegada à grande estação ferroviária da capital na manhã do dia seguinte, acompanhado apenas de sua pequena mala. Mas sua vontade de não deixar Cruz das Almas ia sendo gradativamente superada por uma inesperada pressa de embarcar, tal era sua ansiedade. Não demorou a ser ouvido um longo e agudo apito da locomotiva e em seguida viu-se o Chefe da Estação caminhando

pela plataforma convidando os passageiros para o embarque. A despedida do pai deu-se de forma comovida, quase sem palavras, mas com um afetuoso e apertado abraço durante o qual se deixaram ver incontidas lágrimas rolando pelo rosto de ambos e pela primeira vez pai e filho se beijaram na face.

– A bênção, pai!

– Deus te abençoe, meu filho.

Entristecido, porém orgulhoso, Coutinho permaneceu de pé por mais alguns instantes, plantado sozinho na plataforma enquanto o pequeno trem com apenas dois vagões afastava-se lentamente da estação, dando-lhe tempo para o último aceno de despedida ao filho que se sentara junto a uma de suas janelas. Bateu-lhe novamente no peito a vontade que tivera de ir junto quando há cerca de dois anos se despedira de Tônico nessa mesma estação. Sentia-se mais envelhecido, como se mais lhe pesassem os muitos anos vividos, só se virando para iniciar a longa caminhada de volta à vila quando o trem desapareceu na primeira curva de seus trilhos.

IV

Já na cidade vizinha, passada uma hora ou pouco mais e tendo embarcado no grande trem a diesel que durante a noite inteira seguiria direto para a capital, Tuta percorreu diversos vagões à procura de um lugar vazio no qual pudesse sentar-se sozinho. Encontrando-o, deixou-se cair sobre um banco de madeira da segunda classe, acomodou a pequena mala entre suas pernas e encostou-se junto à janela para observar através dela o que ainda dava para ser visto naquele começo de noite. Enquanto se mantinha corretamente sentado no canto

do vagão, refletia sobre tudo o que naquele momento estava deixando para trás: a adorável menina de sorriso feliz e sua promessa de que ficará esperando por ele, o que fazia com que não mais temesse seu abandono; seu velho e meditativo pai encerrado numa vila cujos moradores mais se ocupam em sobreviver por difíceis dias de uma vida permanentemente custosa; a influente mãe Ordália com seu enorme apego aos filhos, seu exacerbado controle com intenções protetivas e seu desmedido zelo por coisas que nem sempre são as mais importantes; seus muitos lugares preferidos e cheios de histórias reais ou, quando não as possuíam, que a eles foram dadas pela fértil imaginação de um menino imaginativo; os primeiros encantos de uma segunda infância e os incômodos desconfortos de uma juventude vivida cheia de carências; enfim, tudo o que existia naquele pequeno grande mundo de Cruz das Almas que sempre fora seu e que tanto o seduzira.

Porque não eram conhecidos, Tuta só conseguia imaginar alguns poucos cenários da cidade grande que no dia de amanhã estariam envolvendo-o e tornando-o minúsculo e anônimo em meio àquele mundo novo, sem conhecer ninguém e sem ter nele nenhum amigo. Ia como se estivesse indo para um grande encontro consigo mesmo, em busca de sua vida própria, de seu próprio ser, e via-se irremediavelmente sozinho, todavia sem medo. Mergulhado em reflexões dispersas não dispensou nenhuma atenção aos poucos companheiros de viagem que ocupavam assentos no mesmo vagão e que de quando em vez lançavam em sua direção mal disfarçados olhares interrogativos.

No banco à sua frente estava acomodado um senhor de meia idade que mantinha seu chapéu de feltro caído sobre os olhos parecendo cochilar, talvez por estar vindo de longa distância, quem sabe desde o oeste do Estado, da estação

final da linha férrea. Tuta simplesmente se deixava conduzir pelo trem, que para ele corria a uma velocidade tão grande que o impedia de identificar os lugares pelos quais passava, como se o escuro da noite que caía já não fosse o bastasse para escondê-los. Ele sabia que a viagem iria demorar mais de onze horas e que durante todo esse tempo estaria incomodado pelo barulho repetitivo e ininterrupto do chacoalhar dos vagões e das rodas de ferro engolindo trilhos. Melhor lhe convinha, portanto, também se acomodar e procurar dormir como fazia o senhor à sua frente, embora o sono só viesse chegar a ele horas depois de seu embarque, quando um enorme cansaço da viagem o abateu de vez.

Enquanto esteve acordado, Tuta cuidou, uma vez mais, de revisitar em pensamentos diferentes lugares em que estivera ao longo da vida. Os campos livres de uma sadia infância onde podia correr solto pelas terras de Inhaúma, sentindo o gostoso cheiro da relva; a humilde sala de aula de uma inesquecível escolinha primária situada no final de uma ruela em Itaiporã; o extenso e verde parque à frente do Instituto onde por vezes se deitava à sombra de árvores meninas para ler um bom livro; as margens do Itaguaí com seus recantos silenciosos e acolhedores e a mansidão de suas curvas longas com águas profundas; as ruas sempre escuras de uma vila pobre onde as lembranças mais se fixaram; a bela avenida central forrada de florezinhas amarelas e o jardim da praça central onde aconteciam encontros ocasionais. Acostando-se na janela para dormir, antes disso viu no fundo escuro de seus olhos fechados um desfile de imagens embaralhadas que a princípio pareceram-lhe indecifráveis ou com significados não alcançados. Pouco a pouco conseguiu identificar algumas delas: óculos de boa qualidade com lentes escuras jogado ou perdido numa calçada de pedras; dezenas de pés calçando

coturnos imundos que brutalizavam o solo numa agressiva marcha em fila indiana; um cérebro humano com seus sulcos profundos sendo observado de perto por uma criança inocente; a figura de um homem em pose contemplativa, arcado sobre si mesmo, com uma das mãos no queixo a lembrar escultura de Rodin e, num relance, o enigmático rosto cheio de impigens do menino Augusto que então lhe pareceu assustado. Pensou em Irene e sentiu sua primeira saudade.

Parou de identificar imagens e abriu os olhos quando se deu conta de que uma mulher recém-embarcada veio ocupar o lugar vago a seu lado o que o forçou a melhor se acomodar junto à janela para lhe dar maior espaço. Olhou-a discretamente e teve a leve impressão de que já a conhecia, talvez por se assemelhar a alguém com quem convivera antes. Era uma mulher bonita, de porte elegante, apesar de modestamente vestida, aparentando ter não mais do que uns 25 anos, cabelos volumosos e bem escovados, unhas bem cuidadas, sem aliança na mão esquerda, e tendo uma simpatia radiante a parecer acolhedora. Tuta evitou fitá-la diretamente, fosse para não incomodá-la nem ser indiscreto, fosse para não ser ele a provocar o início de uma conversa, embora desde logo supusesse que essa poderia lhe ser agradável. Mantiveram-se calados por um tempo até que o Chefe de Trem os abordasse para pedir a exibição de seus respectivos bilhetes. A mulher do lado demorou-se um pouco procurando o seu dentro de uma grande bolsa de mão para depois entregá-lo ao Chefe. Enquanto esse picotava o bilhete virou-se sorrindo para Tuta.

– Não vai ser a única vez. Até chegar ao fim da viagem esse bilhete vai ficar todinho picotado.

Tuta voltou-se para a mulher do lado e também sorriu em resposta à sua observação. Notou que ela tinha olhos claros com leve toque de verde-esmeralda e que sua pele era

translúcida como porcelana. Admirou-a por segundos e considerou iniciada uma comunicação entre eles.

– Você está indo ou voltando? – perguntou ele com voz baixa e com certa insegurança e timidez.

– Estou voltando – respondeu a mulher do lado, mantendo no rosto jovial um sorriso amigável. Moro em Sorocaba, sou professora numa escola primária em Lençóis e fui para uma reunião de avaliação de final de ano. Acabei esticando o final de semana por lá com umas amigas. E você?

– Estou indo para São Paulo e essa é a primeira vez que viajo. Eu também sou professor primário. Concluí o curso este ano. Pretendo arrumar um emprego e entrar numa Faculdade. É o que quero.

– Ah, que bonito. Então somos colegas. Boa sorte para você – acrescentou a mulher do lado, novamente sorrindo para Tuta.

– Obrigado. Como é que é dar aulas para crianças no primário? Eu só tive uma ou outra aula prática no curso – provocou Tuta, pretendendo prolongar o diálogo.

A mulher do lado sorriu um sorriso gracioso, fez um leve movimento com a cabeça para reacomodar seus cabelos, comprimiu os lábios como se pensasse para responder e virou-se para Tuta acentuando.

– Sabe que eu gosto? Acho que é a fase mais importante da educação. Alfabetizar uma criança é o que dá maior satisfação. É muito gratificante. Você se torna o primeiro condutor dessa criança para o resto da vida dela. Ela nunca mais vai te esquecer. Isso é bom! Agora, tem alguns probleminhas: falta material didático e tudo o mais. Minha escola em Lençóis é muito pobre. Carteiras quebradas, lousa trincada, goteiras na sala quando chove, às vezes falta até giz. Tem que ter muito amor para se dedicar às crianças. Mas eu

vou levando. E tem mais: o salário é pequeno e a gente acaba gastando mais do que ganha para poder trabalhar. Ainda bem que eu tenho lá a casa de uma tia onde eu fico durante a semana. Você pretende lecionar?

– Não! Não estou pensando nisso, a não ser que eu não ache outra coisa para fazer.

– Você tem parentes em São Paulo ou alguém te esperando lá? – prosseguiu a mulher.

– Meu irmão mais velho vai me esperar na estação. Ele é soldado da Força Pública.

– Hum!

Um pequeno intervalo interrompeu o diálogo e cada qual se calou por si mesmo ficando ambos a olhar para o nada à frente como se não mais devessem falar. Numa longa curva o chacoalhar do comboio aumentou o barulho interno nos vagões. A mulher do lado recolheu seu sorriso e em seguida abriu novamente sua grande bolsa passando a procurar dentro dela o que parecia não estar fácil de ser encontrado. Demorou-se nessa procura até voltar-se para Tuta e anunciar.

– Achei! Olha aqui. É o meu cartão. Tem aí meu endereço e meu telefone. Se você precisar de alguma coisa me ligue.

Tuta recebeu o cartão e observou grafado nele o nome da mulher do lado: *Lúcia Veroni Montezino, professora*, ao que se seguia um endereço em Sorocaba e um número de telefone. Era a primeira vez que ele recebia um cartão de visita, achando refinado o fato de possuí-lo e elegante o gesto de ofertá-lo. Entre surpreso e admirado imaginou que um dia também ele poderá mandar confeccionar seu próprio cartão com seu nome grafado: *Tuliano dos Anjos Couto, advogado*, seguido do endereço e número do telefone de seu escritório, para ofertá-lo às pessoas com as quais se comunicar como

ora o fez a mulher do lado. Tinha visto em filmes cenas nas quais personagens importantes trocavam cartões. Mas não conseguiu atinar por qual razão aquela mulher lhe oferecera o seu, sabendo não ser ela uma profissional com intenção de captar cliente. Chegou a duvidar tenha sido tão só mera gentileza da parte dela com propósito único da anunciada oferta de eventual auxílio caso esse venha a ser necessitado. Em meio a suposições variadas que esbarraram até na hipótese de que através daquele gesto tivesse existido da parte dela um velado convite para novo encontro entre eles, Tuta preferiu admitir que tivesse sido apenas o aproveitamento de uma oportunidade para que ela pudesse mostrar seu cartão sem nenhuma intenção outra sobre a qual devesse conjeturar. Examinou com certa curiosidade o cartão recebido, agradeceu a oferta, mas não deixou de achar estranho aquela mulher desconhecida ter lhe oferecido ajuda num primeiro e rápido encontro tão só por ser ele um professor primário como ela. Ademais era ela de Sorocaba, desembarcaria antes dele e sabia que Tuta iria se fixar em São Paulo. Como poderia ajudá-lo morando tão longe? Seria de verdade essa sua ofertada ajuda? Concluiu para si mesmo ser até possível que não mais tornasse a vê-la, julgando pouco provável a ocorrência de fato que possa motivar um telefonema seu com algum pedido. Em caso de dificuldades ou de incertezas contaria com o irmão Tônico para ajudá-lo ou para orienta-lo; sempre considerou embaraçoso pedir qualquer tipo de ajuda a quem não fosse bem próximo de suas relações e não iria telefonar a essa mulher para lhe pedir nada. A despeito de sua simpatia e comunicabilidade, a mulher do lado era uma pessoa estranha e ele não se disporia a lhe confidenciar intimidades para pedir ajuda mesmo vendo nela uma aparente seriedade. Reservado por natureza, era comum ele se encaramujar até perante seus

familiares evitando deixar-se conhecer por dentro. Segurava o cartão de visita com as duas mãos e o rodava insistentemente entre os dedos enquanto passeava seu olhar pelo interior do vagão observando o homem de chapéu de feltro que agora dormia a sono solto. Mirava o escuro da janela por onde nada se via e de forma casual e discreta olhava o perfil da mulher do lado. Não demorou para que ela iniciasse uma sucessão de perguntas curtas e diretas.

– Qual é o seu nome?

– Tuliano, mas me chamam de Tuta.

– Muito prazer Tuta. Me diz uma coisa. Você deixou namoradinha esperando por você em sua cidade? – prosseguiu a mulher do lado fitando-o com a cabeça um pouco abaixada e com certo ar de malícia.

– Por que você me pergunta isso? Retrucou Tuta.

– Ué, porque é o que sempre acontece. A maioria dos jovens que completam o curso médio no interior deixa a cidade e vai à busca de emprego ou de faculdade na capital deixando uma namoradinha esperando lá. Você deixou ou não deixou?

– Deixei. Ela está me esperando.

– E você vai voltar pra ela?

– Acho que sim, se ela me esperar...

– E você gosta dela?

– Gosto. Ela é minha namorada e antes foi minha grande amiga por mais de um ano.

– Bonito isso. Amiga que se torna namorada. O problema é que se você perder a namorada você perde também a amiga que tinha.

– Não acho que tem que ser assim. A gente pode terminar o namoro e continuar com a amizade. Vamos ver...

– E quando é que você vai fazer os exames vestibulares?

– Não sei. Ainda não me inscrevi.

– Nossa! Mas ninguém te falou que você tinha que se inscrever bem antes para prestar exames vestibulares para entrar numa faculdade? A menos que a faculdade em que você pretenda se matricular seja particular e ainda tiver vagas abertas. Mesmo assim sempre há exames seletivos. Agora, em faculdade pública, como na USP, há um período de inscrições e depois os exames vestibulares são marcados só para os inscritos. Quem não está inscrito não pode participar desses exames.

– Eu penso que ainda dá tempo para fazer a inscrição
– ajuizou Tuta.

– Acho muito difícil e se você não se inscreveu, não vai conseguir fazer nenhum vestibular nem ingressar numa Faculdade para qualquer curso do próximo ano. Como hoje é dia 15 de dezembro é bem provável que as inscrições já tenham sido encerradas e os exames já estejam com datas marcadas.

Tuta se encabulou, e muito, com esse comentário final. Lembrou-se na hora de D. Eulália, sua “madrinha” no Instituto, a quem deveria ter pedido orientação sobre isso. Por certo ela teria sabido informar-lhe, mas foram tantos os incômodos e tantos os preparativos para essa viagem que não lhe passara pela cabeça o detalhe do prazo para uma antecipada inscrição nos exames vestibulares. Se é verdade o que a mulher do lado lhe informara isso mudará completamente seus planos. Há poucos minutos ele estava seguro de que tudo iria se dar conforme o pretendido, mas agora uma dúvida enorme passava a atormentá-lo. O que fará ele na capital se neste ano não puder mais se matricular em nenhum curso e tiver que esperar um ano inteirinho para tentar de novo no ano seguinte? Teria que arranjar um emprego qualquer

para se manter, porque não podia nem pensar em voltar para Cruz das Almas carregando um sentimento de fracasso. De outra parte, em seus planos não constava a hipótese de ficar dependente do irmão Tônico, nem de viver à custa dele. Mesmo que seu imediato retorno possa lhe assegurar o agradável reacondicionamento nos braços de Irene, não era isso o que então mais lhe importava. Ansiava encontrar-se no mundo de seu futuro, sem nenhum recuo, apesar de que dentro do vagão daquele trem tenha começado a se sentir como um prisioneiro sendo transportado à revelia para um destino indefinido, sem nenhuma chance de sair dele para buscar a certeza que antes detinha, ou de abortar a viagem. Uma desordem de pensamentos trouxe-lhe a angústia da dúvida que o desorientou a ponto de ter se esquecido da mulher do lado. Encostou sua cabeça no vidro da janela e mergulhou num longo silêncio contemplativo que só veio a ser interrompido quando a inquisidora companheira de banco lhe fez nova e provocativa pergunta.

– Pensando na namoradinha?

Tuta acordou de sua meditação visivelmente contrariado com a insistência da mulher do lado que lhe pareceu ter um inadequado gosto pela abordagem de questões sobre a vida íntima dos outros. Na verdade, naquele momento ele não pensava em Irene como a namoradinha que ficara à espera de sua volta. Mais importante do que isso ele pensava no dia de amanhã quando estará desembarcando na cidade grande, agora assoberbado de incertezas; pensava nas batalhas que certamente terá que travar ao longo dos descaminhos de causas difíceis; no futuro que de repente se tornou incerto por força do que lhe contara essa mulher do lado e que ofuscou a visão do que estava por vir; pensava no lugar especial que dentro desse futuro terá que ser preparado e reservado

a Irene para que seus dias continuem a ser iluminados pela eterna imagem de seu sorriso feliz; pensava no agora de seu presente ainda cheio de esperanças. Visivelmente irritado virou-se para a mulher do lado e despachou como se estivesse sendo incomodado.

– Não estou pensando em nada. Quero dormir.

V

Enquanto Tuta viajava dentro da noite desse domingo, Irene resolveu não sair de casa, preferindo isolar-se em seu quarto com a inicial intenção de continuar a leitura da longa narrativa contida no livro *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino. Contudo, sentia-se como se lhe faltasse algo para completar-se em seu isolamento – um ânimo que pudesse habilitá-la a sentir vontade de transformar as coisas em objeto de seu interesse; que a tornasse capaz de esquivar-se da atração de pensamentos que intentavam arrastá-la para fora de seu pequeno mundo e fugir dele para lugar não sabido, ou que lhe propiciasse a liberdade de ter o direito de não pensar em nada para poder entregar-se à leitura como sempre o fazia. Faltava-lhe aptidão para sair de sua realidade e ingressar no abstrato mundo de seu livro; faltava um pedaço de si mesma que conscientemente deixou ser retirado dela. Quanto mais imaginava Tuta se afastando, mais seus pensamentos dele se aproximavam, como se o estivesse acompanhando de perto em sua longa viagem. Não podia se rebelar, antes teria que se conformar.

Apanhou o livro, abriu-o na página marcada com uma ressecada florzinha amarela, virou-se de lado na cama para

melhor aproveitar a luz do abajur e lentamente tentou retomar a leitura, apercebendo-se, porém, de que não alcançava nenhuma compreensão de trecho que lia. Chegou a retomar a leitura da mesma página por mais de uma vez ao se dar conta de que não assimilara nada do que havia lido antes. Não se sentia presente naquele quarto e à frente daquele livro. Estava ausente dela própria e um vazio interior trazia-lhe aflição. Batia-lhe um medo do distanciamento que experimentava em relação a si mesma, notando que sequer a tentada leitura poderia lhe oferecer compensação. Assim como o personagem principal do livro de Fernando Sabino que saía em busca de um sentido para a vida nos corredores da juventude e procurava aceitar ou combater as mudanças de perspectivas que sofria, Irene também questionava seu momentâneo desencontro. Imaginava ter feito o melhor ao estimular Tuta a deixar a cidade em busca de futuro, mas não mais tinha a certeza de que isso fora o melhor para ela. Sentia-se tristemente sozinha. Sabia que a primeira carta de Tuta iria demorar semanas. Que notícia trará? Terá que simplesmente esperar, sem saber até quando.

Pela janela aberta uma aragem entrou no refúgio do quarto, refrescando-o. Irene abandonou o livro sobre a cama, levantou-se e foi até ela, debruçando-se em seu rebordo para olhar o quintal lateral, onde existiam um caramanchão e um balanço que pendurava lembranças de sua infância bonita. A noite fazia-se clara sob um luar prateado. Lembrou-se de que por muitas vezes ficara embaixo daquele caramanchão na agradável companhia de Tuta, mantendo uma conversa descompromissada cheia de sorrisos soltos na alegria de viver. Fazia pouco mais de nove horas que se despedira dele no encontro matinal do clube, mas já lhe batiam as primeiras saudades nesse insosso final de domingo. Olhava a ramagem

do jardim quando um louva-a-deus veio pousar no rebordo da janela, bem próximo a seu braço. Aquele pequenino e curioso inseto de corpo fino, esverdeado e alongado como uma pequena folha seca certamente viera do jardim e deveria estar à busca de uma presa, faminto como ele só. Ele se pôs numa posição regular de repouso, levantou a parte anterior do corpo e uniu suas patinhas dianteiras como se estivesse a rezar. Fascinada, Irene passou a observá-lo bem de perto, cuidando de imobilizar-se para não afugentá-lo. Para ela, a chegada daquele louva-a-deus era prenúncio de bom agouro. Bichinho de Deus que a animou nessa noite e fez com que não mais se sentisse tão só. A partir daquele momento tinha a companhia desse bichinho silencioso à espera de uma mosca, abelha ou gafanhoto para lhe servir de alimento. Mesmo não podendo vê-lo às claras apercebeu-se da existência de múltiplos olhinhos em sua lobulosa cabeça triangular. Quem sabe ela deva imitá-lo com as mãos postas e dizer uma oração pedindo a Deus para tornar seu mundo assim tão verde e esperançoso como é o dele? Foi o que fez. Voltou para a cama, reacomodou seu livro no criado-mudo, persignou-se ainda olhando para o louva-a-deus que continuava em sua posição de fiel religioso e rezou até que o sono a dominasse.

VI

Assim que o dia conheceu sua manhãzinha, o trem que trazia Tuta chegou à capital. O tímido jovem nascido nos longínquos rincões de Inhaúma acordou sobressaltado quando o comboio rasgou o ventre da tradicional Estação Sorocabana e parou sob sua enorme cúpula como se ali devesse ser sua

garagem. Dormira a maior parte do tempo da viagem, de tal modo que nem viu a mulher do lado desembarcar bem antes, sem dele se despedir. A Estação recebeu do grande trem os muitos vagões que despejaram em sua longa plataforma uma multidão de passageiros, muitos deles apressados e afoitos como se em direção a destino já sabido, outros titubeantes ou inseguros como se ainda não soubessem direito por onde deveriam seguir e alguns perdidos em si, deslumbrados com a grandiosidade da estação, a ponto de se esquecerem das horas. Em meio àquele fervilhar de gente e na imensidão daquele espaço coberto, Tuta receou não conseguir se encontrar com o irmão, que ali deveria estar para recepcioná-lo, mesmo assim permitiu-se distrair por instantes no grande hall para fotografar na memória o imponente relógio interno que marcava 6:52 horas. A então chamada Estação São Paulo foi em seus áureos tempos o símbolo maior de uma importante ferrovia que serviu como principal meio para o transporte de sacos de grãos de café desde o norte do Paraná, sudoeste e oeste paulistas até a capital. Contudo seus tempos de glória duraram pouco, só até o começo dos anos cinquenta, sobrevivendo depois apenas com trens de transporte de passageiros de longo percurso enquanto mantinha a imponência de sua arquitetura, rivalizando tão só com sua vizinha mais velha, a também monumental Estação da Luz.

Tuta estava onde sempre quis estar, apesar de sentir-se irremediavelmente perdido, como se naquele imenso hall devesse imobilizar-se para ser encontrado por seu irmão. A capital era seu destino final. Sabia que a partir de então a ele se anteporiam caminhos os mais diversos com direções confusas, que desafiariam sua capacidade de escolha ou de orientação. Pelo menos por ora, parado em meio a uma multidão que para ele fervilhava como formigueiro, julgava impossível

fazer ele próprio qualquer caminho, porque não mais estava em meio a uma simples mata rala dos arrabaldes de Cruz das Almas, nem às margens do rio Itaguaí que, querendo ou não, sempre lhe indicava a direção a seguir. Tinha consciência de que a partir dali, qualquer que fosse a direção a ser tomada, não saberia voltar ao ponto de partida, vez que os intrincados caminhos eram infinitamente múltiplos. Dentro desse novo e descomunal mundo antes inimaginável, Tuta não se atreveria a iniciar sozinho nenhuma aventura. Não pensava objetivamente em nada, embora pensasse em tudo com fragmentos de ideias, visões sem ordem nem coerência, sequer podendo saber se pertencentes ao agora ou a um passado distante. À sua frente desfilavam caras de pessoas que de relance lhe pareciam ter sido vistas antes em algum lugar ainda que por vez única. Uma ou outra fazia-o lembrar-se de alguém que lhe era conhecido, fosse pela aparência física, fosse pelos trajes ou pelo modo de andar. A seu redor o ambiente era tão real quanto cinematográfico. Quando o relógio da Estação marcou 7:00 horas, sem nenhum badalar, o hall foi ficando vazio para deixar Tuta quase sozinho plantado no centro, na forma como lhe fora recomendado ficar para ser encontrado. Ansioso, fitava a ampla entrada da Estação esperando ver Tônico aparecer para buscá-lo. Os últimos passageiros ali desembarcados deixavam aquele hall e desapareciam na rua tangente. Poucos transeuntes entravam nela. Só restava esperar. Se o irmão não chegar, irá pedir a alguém que telefone ao quartel para avisá-lo de que estava sendo esperado.

Passados precisamente onze minutos depois das sete horas, Tônico entrou no grande hall então quase vazio e imediatamente avistou Tuta, parado ali com a pequena mala posta ao lado de seus pés. Não estava fardado como se supunha devesse estar e exibia um pequeno e cultivado bigode.

Se assim houvesse chegado antes e estivesse entre os muitos que ali desembarcavam dificilmente seria reconhecido. Quando o avistou, um ligeiro sorriso de alívio pairou sobre o rosto moreno de Tuta e por instantes os irmãos não se falaram enquanto davam-se as mãos e se abraçavam. Tuta parecia tonto de contentamento cuidando de cravar o olhar nos olhos de Tónico como se disso dependesse não mais perdê-lo. Só então, na companhia do irmão, sentiu-se apertado e seguro, para juntos deixarem a estação e caminharem pela calçada entre pedestres apressados ao longo de paredões de construções antigas e vendo mais à frente outra estação que se assemelhava àquela de seu desembarque. Atravessaram um grande jardim com enormes árvores centenárias onde periquitos, maracanãs e papagaios faziam algazarra e onde o frio da manhã parecia ser maior. Alcançaram uma larga avenida em meio da qual havia um enorme monumento ornado com estátuas de mulheres nuas e do outro lado da avenida pararam num ponto onde deveriam esperar pelo ônibus que os levaria até a Vila Boreal, onde ficava a pensão em que Tónico morava. Eram tantas interessantes e novas paisagens urbanas vistas a um só tempo que Tuta se perdia ao tentar memorizá-las. Embora diferentes, elas o confundiam por lhe parecerem quase iguais. Uma cidade acordada com aloucado movimento de carros barulhentos transitando já pela manhã em suas ruas e um vai-e-vem incessante de pessoas que andavam pelas calçadas com destinos inimaginados.

Meia hora depois chegaram ao ponto final do ônibus que os conduzia, desembarcando numa rua suburbana que se assemelhava em muito às pobres ruelas da vila onde Tuta morava em Cruz das Almas. Ali, um pequeno sobrado com a má aparência de suas paredes frontais amarronzadas pelo pó que vinha da rua descalça, um botequim no térreo tocado

pela mal-ajambrada senhora dona da pensão e com quatro quartos no piso superior, cada um dos quais podendo acomodar até três hóspedes. Tuta incomodou-se com o cenário que via ao redor. Uma rua poeirenta, mal traçada na irregularidade de suas linhas como se as construções das casas tivessem se dado livremente antes de sua abertura. Uma área livre a seu final sugerindo ser um pequeno e abandonado campo de futebol com barrancos derivados do aplainamento do terreno e uma mata fechada que encerrava sua extensão. Não era o lugar antes imaginado por Tuta para ficar, embora se conformasse com o que lhe estava sendo indicado e oferecido. Logo à chegada, Tônico cumprimentou a mulher do botequim, informando-a de que seu irmão passaria a ocupar uma das camas de seu quarto.

– Dona Rita, esse é meu irmão Tuta. Ele vai ficar aqui por uns tempos. No meu quarto tem uma cama desocupada e ele pode ficar comigo, tá bem assim?

A dona da pensão esboçou um sorriso de bom acolhimento dispondo-se a aprontar o quarto para o novo hóspede, enquanto Tuta a observava como quem devesse fazer dela uma primeira avaliação. Uma senhora de pequena estatura, talvez com seus 35 ou 40 anos, trajando um surrado vestido com avental de balcão e mantendo na face esse sorriso que continha uma mistura de ares de boa vizinhança com uma malícia incorrigível que não ocultava a pretensa autoridade que deveria impor no local. Dona Rita não lhe lembrava ninguém que tivesse conhecido antes, mais lhe parecendo ser uma mulher mandona e atrevida como um senhorio que dita regras e cobra comportamentos de seus hóspedes, porém sem disfarçar a fragilidade de uma mulher.

Foram todos para o piso superior através de uma escada com pequenos degraus em concreto aparente, e à medida

que subiam Tuta ia imaginando o ambiente do quarto que iria ocupar. No final da escada um corredor dava acesso aos quartos, com suas portas envelhecidas e fechaduras enferrujadas. O ocupado pelo irmão era por demais simples, com seus seis passos de largura, tão pequeno que se via todo ele desde a porta de entrada. Nele uma cama isolada encostada numa parede com ampla janela voltada para a rua, doutro lado um beliche com duas camas e armários suficientes para a acomodação das roupas de três ocupantes, embora também se vissem algumas peças jogadas num dos cantos ou penduradas em pregos na parede ao fundo. Uma pequena escrivaninha com uma cadeira e alguns livros e apostilas sobre ela entulhados. Ainda assim notava-se ter havido nesse quarto uma recente arrumação que lhe dava aparência de boa limpeza. Não era uma acomodação de todo desprezível. Tónico recomendou que Tuta ocupasse a cama isolada, antes utilizada por ele, informando que se mudaria para a cama superior do beliche, mantendo a inferior para seu companheiro de quarto, um cabo da Força Pública. Dona Rita deixou ambos ali, anunciando que iria buscar novas roupas de cama e um novo travesseiro para Tuta. Assim que ela saiu, Tuta começou a desfazer sua pequena mala, perguntando por qual razão o irmão tinha escolhido lugar tão distante.

– Não é não! Aqui não é um lugar distante. É perto do meu quartel e do quartel-escola onde a maioria dos que estão aqui frequenta o Curso de Sargento. O bom é a gente morar perto de onde trabalha – respondeu Tónico.

– Parece que não tem ninguém mais aqui. Cadê os outros? – perguntou Tuta.

– Estão no quartel desde cedo. Aqui só tem dois paisanos e também esses saem cedo para o trabalho. À noite vai estar todo mundo aqui – respondeu o irmão.

– E você não tinha que estar no quartel agora? – insiste Tuta.

– Não. Eu só entro de serviço ao meio dia. Você vai ficar aqui até eu voltar. Tá bom?

– E a gente come aonde?

– Tem uma padaria aqui perto que serve um bom e barato prato feito. Depois eu te mostro onde é – encerrou Tonico.

Dona Rita retornou e agilmente providenciou a troca de roupa da cama que ia ser ocupada por Tuta, que lhe perguntou sobre banheiro.

– Tem um ali no fundo do corredor com chuveiro de água quente. *Taqui* uma toalha limpa e um sabonete *pra* você usar. Se precisar de mais alguma coisa é só pedir!

Às onze horas os dois irmãos deixaram a pensão e caminharam cerca de uns trezentos metros até chegarem a uma modesta padaria de esquina onde deveriam almoçar. Não era um lugar convidativo para nele tomar refeições, embora houvesse no seu interior algumas mesinhas quadradas circundando o balcão e forradas com toalhas xadrez, numa das quais acomodaram-se depois de pedirem dois pratos feitos e dois guaranás. Enquanto aguardavam o serviço, Tuta expôs sua preocupação maior.

– Preciso saber como é que eu faço inscrição no vestibular para a faculdade. Tenho que ver isso logo porque uma mulher no trem me disse que o prazo pode até ter encerrado.

– Em que faculdade você quer se inscrever?

– Na de Direito do Largo de São Francisco ou na de Jornalismo na Cásper Líbero. Mas não sei onde ficam.

– Vamos fazer uma coisa. Deixa que eu peço para o telefonista do quartel ligar para essas duas faculdades e se informar sobre isso. Quando voltar eu te conto. Tá bom?

– Tá.

– Vamos comer logo porque tenho que chegar no quartel antes do meio dia. Você volta e me espera na pensão. Eu chego lá pelas seis, seis e meia da tarde.

VII

De volta à pensão e sozinho no quarto, Tuta cuidou de abrir totalmente a janela para deixar entrar o sol e o ar. Debruçou-se no parapeito, olhou ao longo da rua pela qual viera procurando reconhecê-la e pôs-se atento aos ruídos lá de fora, como se devesse ficar vigilante a tudo o que ocorria a seu derredor. A ele chegavam vozes provindas do botequim, com destaque para a fala de Dona Rita, esganiçada em ritmo contínuo porque sem uma pausa sequer e as de crianças que, sem serem vistas por ele, deviam estar brincando ao lado do prédio e rindo de coisas certamente sem nenhuma importância. Sentia-se mais vazio do que só e assim ficou por longos minutos debruçado sobre si mesmo, até que uma repentina vontade de escapulir dali o dominasse. Pensou em Irene e a imagem dela lhe surgiu com seu sorriso feliz como se o estivesse recebendo de volta. Por segundos imaginou que poderia sair e encontrar-se com ela numa bonita avenida forrada de florezinhas amarelas. Em pensamento retornou a Cruz das Almas, reavivando o sonho de um dia estar na capital grandiosa com seus arranha-céus estonteantes ainda por ele não vistos.

Dominou-o um enorme desejo de sair dali para caminhar à solta em meio à multidão borbulhante das calçadas de sua Adamastor, de se perder dentro dela indo para seus

recantos e para lugares desconhecidos, sem destino certo e sem preocupação com o caminho da volta, exatamente como gostava de fazer quando menino nos arrabaldes de sua vila e nas proximidades das margens do Itaguaí. Seu irmão só retornaria no final da tarde e ele não se dispunha a ficar preso naquele quarto por tão longo tempo de solitária espera. Teria que gastar esse tempo.

Foi até o banheiro no fundo do corredor, escovou os dentes, mirou-se demoradamente num pequeno e corroído espelho dependurado na parede e a imagem refletida lhe pareceu estar do lado de fora onde ele queria estar. Retornou ao quarto, aproximou-se da escrivaninha para examinar os poucos livros e apostilas mimeografadas que ali estavam, todos relacionados a assuntos de caserna e de policiamento que não lhe despertaram o menor interesse. Apanhou uma malha fina que sua mãe lhe dera e antes por ele acomodada no armário, jogou-a nos ombros, fechou a janela e desceu a escada até o botequim pretendendo alcançar a rua. Dona Rita o viu e o interpelou.

– Vai sair sozinho, menino?

A Tuta essa pergunta soou como um alerta proibitivo sobre o qual deveria atentar.

– Estou pensando em andar um pouco por aí para passar o tempo, Dona Rita. Acho que vou pegar o ônibus e ir para a cidade.

A dona da pensão preocupou-se com a ideia do recém-chegado temendo adotar atitude permissiva e vir ela a ser a responsável por eventual fato danoso que pudesse se dar com aquele jovem que sabidamente não conhecia a cidade. Com voz áspera e decisiva recomendou.

– Escuta aqui, menino eu não acho bom você sair sozinho por aí não. Você não conhece a cidade e vai que você se

perde e depois não sabe mais voltar, acontece alguma coisa e então como é que fica? Acho melhor você esperar pelo seu irmão quietinho aqui. O que é que você está querendo fazer na cidade?

– Nada não, Dona Rita. Só queria andar um pouco e ver a cidade, depois eu volto do mesmo jeito que eu fui. A senhora me ensina?

Com que autoridade ela poderia proibir o novo hóspede de deixar a pensão e seguir até a cidade?, pensou Dona Rita. E com que meios poderia fazer isso? Há quinze anos, quando aportou por aqui, vindo com a família de pequena cidade do interior, também ela se aventurou e nos primeiros dias saiu sozinha para deslumbrar-se com a cidade grande. Lembrou que era tão jovem quanto esse menino que ora está à sua frente. Às escondidas da mãe tomava o ônibus no ponto final e ia até a Praça do Correio, onde fica o ponto inicial da linha Vila Boreal. Caminhava pelo centro tomando o cuidado de não mudar de direção e depois retornava ao mesmo ponto inicial para tomar o mesmo ônibus que a traria de volta. Fizera isso não só uma vez e sempre durante o dia. É a mesma coisa que esse menino está querendo fazer agora. Melhor lhe orientar.

– Vem cá que eu te ensino. Logo ali ao lado da padaria tem o ponto final do ônibus que te trouxe até aqui e onde você desceu. É o Vila Boreal. Você pode pegar ele e ir até o final da linha que fica na Praça do Correio bem lá no centro. Chegando lá você marca bem o lugar em que desembarcou porque é nesse mesmo ponto que você vai pegar o ônibus para voltar pra casa. Ele vai daqui até a Praça e da Praça ele vem até aqui. Não tem erro. Só tem uma coisa. Não se afaste muito lá da Praça porque senão você acaba se perdendo e aí não consegue mais voltar ao ponto. Entendeu?

Tuta agradeceu a orientação e saiu para sua primeira aventura pela capital, não sem antes ouvir uma última recomendação de Dona Rita e receber dela o endereço da pensão anotado num papel de embrulho.

– Olha aqui o endereço onde você tá. Cuidado para não se perder, hein? Qualquer coisa você mostra esse papel e pede orientação para te ensinarem como voltar.

Embarcado, porém sentindo-se liberto, Tuta começou a admirar a cidade que lentamente desfilava pela janela de seu ônibus. Primeiro viu uma região urbana não muito densa com construções baixas que mais se assemelharam às de uma cidade do interior, não fossem os semáforos e o número de veículos que transitavam pelas ruas. Mais adiante uma longa ladeira que em ambos os lados acomodava um pequeno comércio, um ou outro sobrado, terminando numa área baldia com pequenos arbustos, vegetação rasteira e capim alto pouco antes de alcançar a ponte sobre um rio feio com margens descuidadas a lhe parecer marco divisório entre duas regiões distintas. Depois do rio uma larga e extensa avenida com amplo canteiro central mostrando algumas edificações antigas que o encantaram.

Tempos mais tarde viria saber que essa avenida foi uma das primeiras a serem abertas na capital, inspirada nas amplas avenidas europeias, e que no século XVIII era conhecida como a *Estrada real de Guarepe* ou simplesmente *Guaré*, nome de um pequeno rio que corria na região. Nela Tuta viu o que só depois viria a saber ser o Museu de Arte Sacra e o Mosteiro da Luz, a praça Coronel Fernando Prestes, frontal ao prédio da Escola Politécnica, um grande quartel da Força Pública, o Presídio Tiradentes, o jardim da Luz e a Pinacoteca do Estado. Nessa altura reviu o grande monumento cercado de estátuas de mulheres nuas bem no meio da avenida, o que

o fez reconhecer o lugar por onde passou quando de sua chegada.

Desembarcando na Praça do Correio, começou a ver a cidade em toda sua grandeza e a partir dali iniciou sua primeira incursão pelos desconhecidos caminhos daquela a quem um dia imaginou ser como o formidável gigante Adamastor. Ainda na praça maravilhou-se ao observar o viaduto Santa Efigênia com seus arcos biarticulados e suas volutas em ferro forjado, interligados por montantes em ferro fundido e com adornos artísticos; do outro lado da praça viu um belíssimo palacete que incorporava elementos da arquitetura eclética; à sua frente o histórico prédio do Correio Central, bem no coração do centro antigo da cidade, que pela sua imponência e importância fez com que a praça que tem outro nome viesse a ser conhecida e só chamada como a “Praça do Correio”, e o charmoso bonde “camarão” conduzido por um motorneiro com boné semelhante ao de um ferroviário e que fazia o balão nessa praça para depois subir vagaroso e sibilante pela ampla avenida que passava por ali.

Tuta experimentava os primeiros momentos de uma ansiada liberdade no seio da cidade grande, querendo se sentir como se a ela pertencesse desde tempos imemoriais. Era um anônimo, mas não um estranho. Identificou-se com ela a ponto de iniciar ousada caminhada pelas suas ruas, buscando penetrar em seu íntimo para ser parte de seu mundo, para saber de sua vida palpitante e para misturar-se à sua gente com inarredável avidez sem freios nem guias. Queria estar livre como os pássaros que trocam de árvore à beira de rios para pousos temporários. Tornava a ser o menino curioso na observação do novo e do desconhecido que então era o todo à sua volta. Ia por onde sua vontade lhe conduzia, sem indicação do roteiro de ida e nenhuma demarcação que devesse

orientar seu retorno porque o ato que cometia era o da liberdade e da independência, ainda que irresponsável. Pousou em nova praça e apreciou de perto uma simbólica igrejinha que se fazia toda encolhida, vez que cercada por edifícios altos. Demorou-se admirando os muitos cartazes de cinemas vários que havia por ali; transitou pelo interior de uma galeria multicolorida com pequenas e coligadas lojinhas e espantou-se ao perceber que saíra dela não por onde entrara, mas numa outra rua que se lhe mostrou ainda mais estranha como se o alertasse que a partir dali ele estaria se arriscando a não mais saber voltar. Contudo não lhe importava saber onde estava, para onde ia ou por onde voltaria. Tinha febre de ver e conhecer.

Seus olhos percorriam os detalhes das janelas de antigos edifícios, os balcões suspensos, as vitrines de lojas nos andares térreos, o indiferente jeito de andar de sua gente e o distante de ruas que se perdiam de vista. Atrevia-se mais e mais a afastar-se do ponto inicial onde desembarcara para prosseguir em sua solta jornada cidade a dentro. Tornou à direita, virou à esquerda, seguiu reto aos esbarrões por calçadas disputadas por pedestres apressados, olhando daqui e mirando dali os muitos prédios que abusavam das alturas; passou por esquinas movimentadas, viu praças, jardins e avenidas arborizadas, não mais sabendo se estava indo ou voltando. Avistou o prédio de uma grande loja de departamentos todo envolvido por um gigantesco laço de pano vermelho que em seu nó frontal sustentava enormes sinos e outros enfeites de natal; identificou à sua esquerda o magnífico *Theatro Municipal*, que mereceu dele demorada observação pela sua extraordinária beleza arquitetônica; prosseguiu caminhando lentamente por um amplo viaduto, desde logo considerado por ele como bem mais alto do que a ponte sobre o rio Itaguaí, e

alcançou outra praça onde a cidade lhe pareceu desejosa de descansar. Sentou-se por instantes num banco e ficou a observar transeuntes que por ele passavam sem lhe dar a menor atenção. *Para onde vai tanta gente?*, perguntou a si mesmo. *Talvez a lugar nenhum, assim como eu. Melhor é continuar andando*, concluiu em pensamento. Levantou-se optando por acompanhar pequeno grupo de pessoas que aparentava saber para onde estava indo, admirando-se primeiro por se ver deixando ser conduzido por outrem, o que não era de seu estilo, e depois surpreendendo-se quando alcançou outra enorme praça com maravilhosa catedral que se avultou à sua frente. Subiu pelas escadarias e persignou-se assim que entrou na catedral, abismado com a estonteante grandeza de sua nave. Foram longos os minutos em que ele se deixou ficar parado, de pé dentro da igreja, olhando silenciado para o altar-mor com pensamentos que o resgatavam e o reconduziam para o longe de Cruz das Almas.

Pensou em Irene, fechou os olhos e no fundo escuro conseguiu vê-la sentada no cadeirão de madeira do terraço de sua casa lendo um livro e por vezes observando as poucas pessoas que passavam pelas calçadas. Entre imagens que lhe apareciam no fundo escuro de seus olhos fechados, chegou a ver ele próprio passando pela avenida forrada de florezinhas amarelas e olhando para um terraço vazio. Buscou reter a imagem de Irene dentro de si para senti-la consigo, como se isso lhe fosse possível. Pediu a Deus pudesse alcançar e obter tudo o que almeja na capital para só então voltar à sua terra.

Deixou a catedral e prosseguiu na caminhada para uma vez mais se surpreender quando se viu em ruas que exibiam placas com ideogramas orientais, grandes portais vermelhos e lanternas coloridas como se fossem de uma cidade do Japão. Observou velhas senhoras japonesas calçando meias

brancas e chinelos de dedos, caminhando curvadas com seus passinhos miúdos como se cansadas da vida ou sem pressa de chegar. Viu japonesinhos com seus sorrisos infantis serelepeando pelos arredores com uniforme escolar que os tornava ainda mais iguais em tudo. Encantava-se com o que via, de maneira a ter estimulada sua vontade de continuar a exploração desse novo e fantástico mundo, ainda que perdido ou sem rumo pelas ruas de sua cidade Adamastor.

Observou a indicação do destino dos ônibus que passavam, imaginando que de onde quer que venha a estar ele poderá retornar ao centro tomando um deles. Pouco mais adiante, num identificado ponto de parada embarcou num ônibus que mostrara em seu letreiro frontal a indicação *São Gerônimo-Praça do Correio*. O que pretendia era retornar ao ponto inicial nessa Praça, mas só depois de algum tempo embarcado é que se deu conta de que esse ônibus estava fazendo exatamente o percurso contrário, ou seja, da Praça do Correio para São Gerônimo, o que resultou numa inintencional e demorada viagem que só terminou num enfeado e distante arrabalde qualquer da zona sul da cidade. Desembarcou no ponto final, aguardou que fosse permitido o embarque de novos passageiros pela porta traseira do mesmo ônibus e nele voltou a tomar assento, agora sim sabendo que o destino era a Praça do Correio, de onde seria possível retornar para a Vila Boreal.

VIII

Findava a tarde quando Tuta chegou de volta à pensão e reviu Dona Rita quieta atrás do balcão do botequim, com um

olhar ressabiado. Estivera fora por cerca de quatro horas sem ter percebido o tempo escoar e retornava para esse lugar que então lhe parecia ter ganho um jeito de lugar onde morava. Passou pela dona da pensão e principiou a subida pela escada que levava a seu quarto quando a ouviu dizer com sua vozinha desafinada.

– Teu irmão tá preocupado com você!

– Ele já chegou, Dona Rita?

– Já. *Tú* lá no quarto. Conte pra ele que você tinha ido pra cidade.

À memória de Tuta vieram lembranças das repreensões que recebia da mãe Ordália quando se ausentava de casa durante a tarde toda sem dizer para onde ia ou onde estava. Naquele tempo deixava-se perder pelos arrabaldes de Cruz das Almas ou ao longo da margem direita do Itaguaí supondo ter total domínio sobre o meio ambiente. Quando chegava em casa inventava para a mãe uma desculpa esfarrapada, nem sempre recebida como verdade. Em outro dia tornava a ausentar-se, indo para lugares ou destinos não confessados, demorando-se bastante, o que motivava o recebimento de nova repreensão. Dessa feita, porém, não tinha como negar que saíra sozinho contrariando recomendação do irmão e tendo corrido o risco de se perder pela cidade ou de criar problema maior. Antecipou preocupação com a inevitável censura que poderia receber de Tônico em face de sua não autorizada escapada pela cidade grande, mas não se deixou decair.

Dispôs-se a enfrentar o irmão com a tranquilidade de quem sabe o que faz e até mesmo porque havia retornado inteiro e vitorioso de sua primeira incursão pelos desconhecidos caminhos da Adamastor. Ademais, não teria conseguido permanecer a tarde toda encerrado naquele quartinho de pensão, sentindo-se aprisionado e dependente de companhia

para sair dele e começar a conhecer a capital. Também aqui ele queria determinar seu próprio rumo e adotar seus próprios caminhos sem que ninguém precisasse lhe dizer vá por ali ou venha por aqui. Por enquanto tudo lhe parecia menos difícil do que antes pensava. Amanhã ou depois deverá sair de novo para tentar sua matrícula numa faculdade, procurar emprego, ir ao cinema ou simplesmente passear pela cidade, não podendo para tanto ficar na inteira dependência da companhia do irmão, que tem seus próprios compromissos. Tinha dinheiro suficiente para custear pequenas despesas pelo menos pelas próximas semanas e não mais tinha receio de sair sozinho para enfrentar a cidade. Desde a entrada do quarto avistou Tônico sentado junto à escrivaninha, quieto, de costas para a porta. Quando esse se voltou com olhos envesgados e o fitou com um agudo olhar de reprimenda Tuta não teve tempo para anteciper uma só palavra. O que veio primeiro foi a severa admoestação do irmão pelo atrevimento e descuidado de sua saída.

– Você não faça mais isso, Tuta! Está pensando o quê? Que aqui é uma cidadezinha qualquer do interior em que você conhece todo mundo e sempre acha o caminho de casa, é? Se você se perde por aí eu vou te procurar aonde? O que é que eu vou dizer depois quando me acusarem de não ter cuidado direito de você e que você saiu sozinho e desapareceu por aí?

Por momento Tuta se apequenou à frente do irmão mais velho. Limitou-se a aguardar calado até que ele terminasse o sermão sem ousar interrompê-lo. Admitia a procedência e o cabimento da censura, sobre a qual julgou não necessitar levantar-se em defesa por reconhecer sua culpa, embora não se achasse nem um pouco incapaz de orientar-se por si próprio. O que arguir? Que não é nada difícil tomar

um ônibus e seguir até o centro, caminhar à solta a partir dali, deixar-se perder mesmo não mais sabendo onde está, por ter a segurança de estar com um endereço anotado no bolso e na memória a correta informação de que a praça do Correio é o ponto principal a partir de onde facilmente poderá retornar para a pensão tomando o ônibus de volta para a Vila Boreal? Ainda que por si só não consiga retornar àquela praça central saberá tomar um taxi para conduzi-lo até ela. Não se intimidou nem um pouco com essa sua primeira aventura. Mas adianta argumentar isso? Melhor não. Melhor é dar razão ao irmão, desculpar-se pelo transtorno provocado e não criar nova arenga. O que mais lhe importava no momento era saber sobre a possibilidade ou não de ainda fazer sua inscrição na faculdade. Desculpou-se antes de perguntar sobre isso.

– Desculpa, não vou sair mais sem sua permissão. Dona Rita orientou como é que eu devia fazer para ir e voltar. Não foi difícil. Voltei sem nenhum problema. Agora me conta se você mandou ligar para as faculdades e se tem notícias?

Abrandado pelo pedido de desculpa do irmão, Tunico buscou adotar um tom cordial para prosseguir o diálogo reconhecendo (sem dizer) que também ele talvez tivesse feito o mesmo que Tuta fez se fosse ele quem tivesse sido deixado sozinho ali. Lembrou-se de que nos dias seguintes à sua chegada à capital, após exames pela manhã, deixava o alojamento do quartel onde ficava e sem orientação nenhuma saía durante a tarde para caminhar sem rumo pelas redondezas, num irresponsável e perigoso desafio à cidade que também ele ainda não conhecia. *Coisa de moleque*, pensou. Além disso, julgou não ter mais nenhum sentido insistir na censura a ato já consumado que não provocou nenhuma má consequência. Deveria contar ao irmão as informações obtidas e essas não eram boas.

– O telefonista do quartel ligou para as duas faculdades e disse que não tem mais inscrição para o vestibular deste ano. O prazo acabou. Agora só no ano que vem.

Tuta ouviu isso e foi como se houvesse recebido um balde d'água fria, esmaecendo suas esperanças. Sua face perdeu todas as cores, as pernas bambearam e um arrepio percorreu seu corpo da cabeça aos pés. Veio-lhe a lembrança da mulher que se sentara a seu lado no trem e que lhe dissera que àquela altura era bem provável que as inscrições já tivessem sido encerradas. Ela estava com a razão. Olhou para o irmão sem visualizá-lo porque nessa hora uma enorme decepção o cegava momentaneamente. Ficara doente no fundo de seu coração e de sua alma. Caminhou pelo quarto detendo-se emudecido e parou à frente da janela de costas para Tonico. Um silêncio profundo tomou conta do quarto. Pensou em Irene e tornou a fixar-se na decisão de que não voltaria derrotado a Cruz das Almas. Teria que encontrar um meio, qualquer que fosse, para se manter na capital ainda, que tivesse que esperar um ano para ingressar na faculdade. Como e fazendo o quê, não tinha a menor ideia. Certo apenas era a necessidade de arranjar um emprego o mais cedo possível. Dirigiu-se ao irmão em tom confidencial.

- Amanhã eu vou sair e começar a procurar um emprego.
- Procurar onde e pra fazer o quê? – desafiou o irmão.
- Não sei. Você tem alguma ideia?

Capítulo 9

I

Era por volta das sete horas da noite quando outros hóspedes da pensão de Dona Rita começaram a chegar. Os primeiros foram os alunos-sargentos, que por virem de um quartel-escola próximo dali chegavam sempre antes dos demais. Subiram em fila indiana pela pequena escadinha, mantendo um vozerio que os identificava e provocava reprimenda da dona da pensão. *Olha a bagunça*, bradava ela lá de trás de seu balcão. Cabo Ivo, companheiro de quarto de Tónico, entrou de forma espalhafatosa como se estivesse retornando de prolongada ausência e devesse saudar Tónico com euforia maior. Como de costume repetiu o gesto de lá da porta arremessar seu quepe azul-escuro sobre a cama inferior do beliche que ocupava, desabotoando apressado sua túnica para começar a se desvencilhar do uniforme militar. Dessa vez, porém, estancou-se ao perceber a presença de um estranho dentro do quarto. Olhou Tuta de cima a baixo como se o revistasse antes de se por à vontade e só se dirigiu a ele após Tónico anunciar que era seu irmão.

– Tudo bem?

Tuta estava sentado em sua cama individual e apenas sorriu em cumprimento. Cabo Ivo cantarolou o estribilho de uma musiquinha enfadonha enquanto se despia. Era um

homem magricelo, espichado, talvez pesando bem menos do que deveria, e ao tirar a camisa deixou à mostra as costelas e enormes saliências dos ossos da clavícula a lhe darem uma aparência ainda maior de magreza. Também oriundo de pequena cidade do interior paulista, dava-se muito bem com Tônico, com quem trocava confidências, e era a companhia preferida para rotineiras saídas noturnas a dois. Acudiam-se mutuamente em casos de não raras dificuldades financeiras de um ou de outro. Falante e bisbilhoteiro, quis logo saber do motivo da presença de Tuta na pensão.

– *Tá* de visita ou veio pra ficar por aqui?

Tônico não deu tempo para que Tuta respondesse. Interveio com rápida explicação de que o irmão havia completado o estudo médio no interior, era um professor primário, viera para tentar a vida na capital, estava à procura de um emprego para se manter por aqui e tinha perdido o prazo para inscrição na faculdade. Cabo Ivo ouviu silencioso e depois tornou a fitar o jovem, possivelmente pensando numa forma de ajudá-lo a encontrar solução para seu caso, prestativo e solícito que era. Num minuto dirigiu-se a Tônico e sugeriu, como se estivesse iluminado por uma boa ideia.

– E por que é que ele não faz a inscrição para a Escola de Oficiais? Ainda tá aberta.

Na hora, essa sugestão recebeu o festivo acolhimento de Tônico que bem sabia do que se tratava, animando-se a considerá-la como uma grande ideia e uma boa saída para o irmão. Tuta manteve-se quieto, sem demonstrar nenhuma reação, mesmo porque desconhecia por completo o que estava sendo sugerido. Contudo, não se esquivou de atentar para as considerações que se seguiram entre Tônico e o Cabo Ivo e que lhe deram conta de que o Curso de Formação de Oficiais, com duração máxima de três anos e sob regime de

internato, daria a ele a oportunidade de ficar alojado no Centro de Formação e Aperfeiçoamento (CFA), um tradicional e acolhedor quartel-escola da Força Pública, mesmo durante o período de prestação dos exames vestibulares para o ingresso no curso, inclusive podendo alimentar-se gratuitamente por lá. Cabo Ivo afoitou-se em sua catequese acrescentando que, uma vez incorporado como cadete, Tuta passaria a perceber um ótimo salário mensal – *mais de duas vezes o que ganha um professor primário* –, receberia do Estado todos os uniformes e que se por acaso ele não se adaptar à vida de caserna poderá pedir baixa na hora que quiser, arranjar outra coisa para fazer e matricular-se depois na faculdade que desejar. Ambos se voltaram para Tuta e o chamaram a se manifestar.

Por longos segundos perdurou um silêncio triste que englobou todos os pensamentos do irmão caçula de Tonico. Ele havia entendido o que foi explicado sobre a sugestão de alistar-se nas fileiras da Força Pública através da inscrição para a Escola de Oficiais, bem como sobre as muitas regalias e vantagens que passaria a ter caso nela ingressasse, mas de tudo o que ouvira só duas coisas lhe pareceram imediatamente atrativas: primeiro, o fato dessa opção poder ser o meio imediato e seguro a lhe permitir estender sua permanência na capital, adiando o regresso a Cruz das Almas e, segundo, a liberdade que ele poderá ter de se desligar dessa Escola na hora que melhor lhe convier, se durante o curso for verificada sua total incompatibilidade com a vida na caserna. Ao contrário do irmão, Tuta não se sentia nem um pouco inclinado a engajar-se na vida militar ou policial, nem viera para a capital com essa opção entre seus planos. Amargara o ano em que serviu o exército no Tiro de Guerra de Cruz das Almas e seu sargento instrutor não lhe dera nenhum motivo para que ele admirasse o sistema hierarquizado sobre o qual conjecturava

imperar a prepotência de superiores insolentes, atrevidos e ignorantes. Para ele, essa opção só se tornava considerável pela necessidade que tinha de permanecer na capital até que uma nova e diferente alternativa fosse encontrada. Seria uma alternativa provisória, não mais do que isso. Assim mesmo, e com reservas, dispôs-se a aceitar a sugestão, pedindo maiores detalhes sobre como e onde fazer a inscrição e como seriam os exames vestibulares. Sobre estes, Cabo Ivo informou que se constituiriam de exames médicos, odontológicos, de suficiência física, provas de campo, psicotécnicos e, por último, provas escritas a nível do colegial. Mesmo intimamente relutante, Tuta aquiesceu e se dispôs a aceitar a sugestão.

Na manhã seguinte, acompanhado pelo irmão Tonico, Tuta foi até o Quartel General da Força Pública, onde se inscreveu e tomou conhecimento do calendário de exames, que se iniciariam já nos primeiros dias de janeiro. Feito isso, retornou cabisbaixo para a pensão, falando pouco e sentindo-se como se estivesse sendo seguido por alguém que queria interceptá-lo para impedir que progredisse nessa opção. Atropelavam-no pensamentos dispersos e lembranças fugidias em sua inquietude, a da menina de sorriso feliz e face de dia de festa a esperá-lo ansiosa para comemorar seu retorno com sucesso, e a de Augusto, seu amigo imaginário, de quem parecia ouvir o sussurrar de uma dramática advertência: Não vá por aí!

Mas o que fazer senão seguir em frente? Teria que se ligar a esse acontecimento decisivo. Teria que aceitar as coisas tanto agradáveis quanto terríveis assim como elas são e a ele se apresentam. Teria que se empenhar com animosidade e obstinação para vencer e prosseguir trilhando seu caminho de busca da realização de um sonho, sem indecisão nem retrocesso. Sabia que o futuro não viria desacompanhado de

adversidades e que deveria enfrentá-las e vencê-las, uma a uma. Não é raro uma pessoa tomar uma decisão que mesmo sendo contra seus mais íntimos e particulares interesses venha a ser, num dado momento, a única que melhor atende necessidades momentâneas.

Vou por aqui!

II

Nessa noite Tuta teve dificuldades para pegar no sono. No fundo escuro de seus olhos fechados desfilaram imagens tortuosas e incongruentes que iam dos cantos e recantos de Cruz das Almas, tantas vezes por ele visitados, a um imaginado quartel obscuro, cheio de corredores viciosos que para ele levavam o nada a lugar nenhum; supunha estar vendo botas imundas correndo por trincheiras enfumaçadas, ouvindo gritos desconhecidos de soldados perdidos entre si e era como se estivesse, ele próprio, sendo atropelado por uma multidão de homens maltrapilhos numa zoadeira sem fim; aparecia-lhe num repente a face feliz de Cabo Ivo com um sorriso a simbolizar ter sido ele o vencedor de uma batalha inútil e sem sentido e, depois, identificava uma longa avenida da cidade Adamastor, sem nenhum verde, a convidá-lo a seguir por ela até seu fim, porém sem dispor da menor indicação do lugar onde iria chegar.

Pensou em Irene e perguntou-se como ela estaria nessas horas. Sua aceitação de inscrever-se para o ingresso na escola de cadetes não fora de bom grado, embora tivesse reconhecido como sendo uma opção oportuna e conveniente. Nada mais era do que um meio de ganhar tempo, uma tábua

de salvação a naufrago atormentado numa luta de espera para alcançar terra firme, enquanto continua a sonhar e a querer a realização de um ideal que momentaneamente se faz inacessível. Era a proteção temporária que poderia amainar sua insegurança e incerteza, visando apenas fixar-se na capital até que lhe viesse a ser possível encontrar um outro abrigo e pudesse ingressar numa faculdade.

Virava-se incomodado de um lado para outro na cama, sem conseguir dormir. Antevia que sua vida estava prestes a tomar rumo estranho e indesejado, não reunindo, contudo, forças para mudá-lo nem tendo alternativa de rumo. Reconhecia que naquele momento era irremediavelmente impossível alterá-lo, sobrevivendo-lhe uma raiva de si mesmo por ter que se deixar dominar assim tão depressa. Por quanto tempo mais estará sendo conduzido? Por que estava se deixando levar? Se não lhe era possível pensar decisivamente numa outra saída, ficava difícil assentar seu amanhã em base segura e fora por isso que aceitara a sugestão que lhe foi dada. Permaneceria na capital por pelo menos mais um mês, enquanto estaria se submetendo aos exames seletivos, adiando a busca pelo futuro que continuava a ansiar. Quem sabe o que vai suceder amanhã? Em seu escuro, a última imagem que identificou foi a da cozinha de sua casa em Cruz das Almas com a mãe Ordália preparando seu café da manhã. Em seguida adormeceu.

No dia seguinte, quando almoçava na padaria, contou ao irmão que queria escrever uma carta a Irene e que precisava ir até a Praça do Correio para postá-la. Prometeu que iria e voltaria sem intentar nova incursão pela cidade, e sendo assim, não recebeu objeção. Tônico seguiu dali para o serviço e Tuta tomou o ônibus no ponto final da Vila Boreal para, meia hora depois, estar novamente sozinho no centro de sua Adamastor. Entrou no antigo e majestoso palácio do Correio

Central vendo-o em toda sua imponência, desde a nobreza de seus portais à elegância e grandeza de seu hall, onde despontavam belíssimas colunatas de mármore e de cujo teto pendiam das alturas enormes lustres antigos. Ali se viam muitos guichês e bancadas feitas com madeira de lei nas quais remetentes isolavam-se para quietamente escrever suas cartas. Predominava naquele amplo espaço um profundo silêncio de museu, como se recomendando aos presentes a mesma reverência devida dentro de um templo religioso. Antes Tuta comprara numa banca da praça um bloco de papel de carta e três envelopes.

Apoiou-se numa das bancadas à esquerda do grande salão para escrever sua carta – o que viria a fazer quase que diariamente em tempos vindouros. Dessa feita, via à sua frente um senhorzinho que, a duras penas, tentava fazer o mesmo. Teve ímpeto de escrever sobre esse senhorzinho porque sua imagem o inspirou e lhe sugeria a composição de uma crônica. Todavia, conteve-se por instantes, já que teria que contar a Irene como chegara à capital e o que estava ocorrendo consigo. Acabou por quase fazer as duas coisas.

Querida Irene,

Nesse momento estou na cidade, dentro do bonito prédio do Correio Central, escrevendo esta carta para você. À minha frente observo um senhor de cabelos brancos, face riscada por rugas marcantes e tendo as mãos trêmulas quando se debruça no outro lado da bancada que também ocupo, mais como quem está numa contínua busca por palavras que não lhe chegam do que no encontro das que lhe faltam. Observo-o com respeito. Quem estará à espera de suas palavras? Uma saudosa esposa que não veio com ele e que mal saberá decifrar a agonia que se esconde em cada linha de seu texto, ou uma filha que há anos ele não vê e ainda pensa no pai como sendo seu herói? Sua cartinha

certamente seguirá a seu destino recheada de saudades na simplicidade de uma vida tão amarrotada quanto ele e irá encontrar pessoas que quando de sua chegada se vestirão de sorrisos passageiros e que por instantes se sentirão felizes da vida. A mim esse senhor parece pensar muito mais do que escreve e escrever muito menos do que gostaria, talvez porque não saiba traduzir em palavras seus doloridos sentimentos guardados no peito, nem é capaz de se expressar direito com a correção e fluência que seriam necessárias para contá-los. De vez em quando olha em torno de si como se buscando um auxílio e deixando ver seu rosto ainda mais cheio de dúvidas. Do lado de cá, bem à sua frente, eu escrevo sobre a imagem que vejo e sobre o que imagino sobre esse senhor escrevendo carta, sem nenhum receio de estar cometendo engano. O que a vida nos mostra é de uma clareza ímpar e a vida é o que nos parece ser. Mesmo na imensidão desse salão com pouca luz, menos do que lbe seria ideal, posso ver pessoas nos guichês ao fundo, cada qual certamente tendo alguém com quem quer se comunicar à distância. Transeuntes entram vagarosos por um dos três grandes portais do prédio examinando o ambiente com olhares curiosos para depois serem engolidos pelo grande salão. Há um canto de saudade no olhar de muitos deles. Outros saem apressados e indiferentes e todos se cruzam sem se verem porque se desconhecem. É como se tudo obedecesse a um ritual pré-determinado. Só eu é que estou buscando conhecer esse senhor à minha frente.

Estou há três dias longe de você, mas é como se muito mais dias tivessem se passado. Sinto uma falta enorme de sua companhia. Penso como seria bom se você estivesse comigo para caminharmos de mãos dadas por essa cidade que primeiro nos assusta para depois nos acolher. Ainda não me acostumei com esse afastamento e, sozinho, muito menos com essa cidade, embora não mais tenha medo dela. No mesmo dia em que cheguei eu a enfrentei caminhando a esmo por suas ruas até me perder. Vi praças, grandes avenidas, viadutos, uma belíssima catedral e caminhei por um bairro onde se agrupam e predominam imigrantes

japoneses e seus descendentes, o que deu à região uma aparência de cidade da Terra do Sol Nascente. O que me aborreceu nesses dias foi o fato de eu ter perdido o prazo para inscrever-me para os exames vestibulares de uma ou outra das faculdades que eu queria. Agora tenho que esperar o ano que vem para fazer isso. Enquanto isso, aceitei como alternativa a sugestão de meu irmão de me inscrever para o ingresso na Escola de Oficiais da Força Pública. Se eu conseguir ingressar, isso vai me permitir ficar por aqui por mais algum tempo até que eu encontre coisa melhor.

Tem hora que sinto uma vontade enorme de abandonar tudo, tomar o trem de volta e retornar à minha cidade para estar com você. Mas não voltarei enquanto não me sentir vencedor nessa minha jornada. Eu não aceito, nem posso voltar derrotado. Você me conhece bem! Hoje é uma quarta-feira que mais parece um domingo de convento e eu estou me sentindo anônimo entre os que me cercam. Aqui meus verbos só se conjugam no tempo infinito. Esperar é a constância desse meu tempo e a única variável de meus motivos. (O senhor da minha frente deixou a bancada). Descubro que escrever para você é ter consigo um encontro marcado, sem possibilidade de falta e sem caprichos. Escrever é falar alto pensamentos mudos que gravam o instante eternizando um momento íntimo. E esse momento íntimo de agora pertence por inteiro a você. Você me faz muita falta e é como se há meses eu estivesse longe, embora só se tenham passados três dias. Como é que eu vou vencer os muitos dias vazios que virão? Por favor, pense em mim para que eu me sinta mais perto de você. Te amo.

Tuta.

PS: O endereço que lhe mando é o da pensão onde meu irmão está. Devo ficar com ele ainda por algum tempo.

Sem a ter datado e sem a reler Tuta subscreveu o envelope e se encaminhou para um dos guichês para postar essa carta. Alegrou-se por ter estado com Irene, ainda que pelo

curto espaço de tempo que usou para lhe escrever, retornando revigorado e mais disposto a enfrentar desafios e a vencer obstáculos que, sabidamente, a ele irão se antepor.

Dois dias depois, na sexta-feira dia 20, Tônico soube que estava escalado para trabalhar no dia de Natal e que não poderia viajar para Cruz das Almas. Por força disso, Tuta resolveu permanecer na Capital – e também porque seus exames para ingresso na Escola de Oficiais começariam a pouco mais de uma semana, a partir do dia 2 de janeiro. Ficaria com Tônico e escreveria outras vezes para Irene, principalmente uma carta especial para o dia de Natal. Será seu único possível presente.

Na penúltima segunda-feira do ano, atendendo a um pedido de Tônico, Cabo Ivo buscou se informar sobre a possibilidade de Tuta ficar alojado no quartel da Escola de Oficiais como antes tinha sido aventado, o que poderia representar uma economia e tanto. Esse aluno-sargento, companheiro de quarto de Tônico, apurou que vários dos inscritos para os exames de seleção para o Curso de Oficiais e que eram oriundos do interior do Estado já tinham sido acolhidos e estavam alojados na própria Escola, não mais havendo vaga no alojamento destinado a esses. Contudo lhe fora dada a informação de que, em último caso, poderia ser obtida uma acomodação no alojamento dos alunos terceiro-anistas, pois como estes tinham alcançado o regime de externato e vários deles eram residentes na capital, nem todos pernoitavam no quartel, deixando disponível uma ou outra cama. Cabo Ivo levou essa informação a Tônico e logo depois do Natal Tuta veio a ser encaminhado para o grande quartel-escola, onde lhe seria providenciada uma acomodação provisória.

Ainda nessa antevéspera do Natal, Tuta voltou ao centro da cidade e tornou a caminhar sozinho pela grande

avenida a partir da praça onde desembarcou de seu ônibus. Reconhecia os lugares pelos quais passara antes. Enlevou-se olhando cartazes dos cinemas e impressionou-se uma outra vez ao rever uma mirrada menina, sentada na calçada no mesmo lugar em que a vira antes quando de seu primeiro passeio solitário. Era uma menina franzina que de idade se tinha não devia ter mais do que sete. Ali na calçada ela armava um caixote sobre o qual se exibiam pacotinhos de gilete. Tuta condeou-se ao ver a imagem dessa menina que mais parecia uma varinha e que gritava fininho a oferta de sua mercadoria a preço de bagatela. Ao lado deixara caída a muleta da perna mais fina tão abandonada quanto ela.

Por instantes ficou a observá-la apregoando com voz cheia de fome as vantagens para um senhor de gravata listrada e bem larga que também parara por ali para ouvir interessado a voz da menina. Pensou em lhe dar um nome e achou que ela deveria ser chamada de Maria, das sete às sete vendendo gilete ali na São João. Depois entrou numa livraria onde permaneceu extasiado por longo tempo, apreciando os muitos títulos ali existentes. Comprou um livro e no retorno à praça entrou pela segunda vez no grande prédio do Correio Central, recolhendo-se consigo mesmo para escrever outra carta para Irene. Dessa vez iniciou sua carta escrevendo sobre Maria Gilete.

III

Foi pela manhã da quinta-feira, logo depois do Natal (que passara com o irmão, sem nada de dia especial), que Tonico chegou ao quartel-escola acompanhando Tuta e visando

obter para ele uma acomodação prévia, por ser um candidato vindo do interior e não ter onde ficar. Ambos foram recebidos pelo Oficial-de-dia daquele Centro de Formação e Aperfeiçoamento, visto sentado numa saleta simples, sem nenhuma decoração, contendo uma pequenina mesa, uma cadeira e um armário de aço. Nada mais do que isso. Uma frieza típica de quem não tem tempo a perder marcou a forma dessa recepção, embora pudesse ser dito que esse Oficial tinha pouco ou quase nenhuma outra tarefa a cumprir a não ser ficar sentado naquela saleta chamada de Estado-Maior esperando as horas passarem.

Depois de fazer sua regulamentar apresentação, soldado engajado que era, Tónico informou o motivo de sua vinda, após o que o Oficial ordenou a Tuta que lhe fosse exibido o cartão de inscrição com foto, examinando tanto esse documento quanto o próprio candidato numa lentidão comum e típica dos que primeiro desconfiam de tudo para só depois acreditarem em alguma coisa. Tendo sido dito que o irmão poderia ficar alojado ali desde então, Tónico retornou à pensão e Tuta foi conduzido pelo Oficial através de corredores com paredes claras, acessando o piso superior por uma ampla escadaria de dois lances, passando por um grande mezanino, esse sim com tapetes, bem mobiliado e decorado, até chegar a um alojamento da ala sul do quartel.

Tuta acompanhava o Oficial meio que tímido e desalentado, pois pela segunda vez via-se conduzido por quem lhe indicava o caminho e a direção a ser seguida, o que não lhe era agradável. Quando entraram num amplo alojamento a ele foi apontada a cama que poderia ser ocupada, não sem que lhe fosse incisivamente recomendado que ela deveria ser mantida sempre bem arrumada como ora então se via. Sem outras recomendações o Oficial deixou o aposento e Tuta

acomodou sob essa cama a pequena maleta que trouxera por não lhe ter sido disponibilizado nenhum armário.

Notava-se uma ordem impecável naquele ambiente, então vazio porque os terceiro-anistas estavam em sala de aula. Dezesseis camas bem arrumadas, oito de cada lado, com as cabeceiras rigorosamente alinhadas e encostadas uma à outra no centro do aposento; cobertores dobrados sobre os pés de cada uma delas também meticulosamente alinhados um com os outros; armários idênticos e, assim como as camas, com etiquetas identificadoras de seus respectivos usuários; amplas janelas de vidro pelas quais se podia ver ao longe e ao alto uma grande área urbanizada com feições de cidade do interior, parte dela pertencente à vila Boreal, onde ficava a pensão de Dona Rita; a notável limpeza como a de um quarto que anfitrião antecipadamente prepara em sua casa para receber visita importante que está por chegar, ou, nesse caso, pronto para uma inspeção de surpresa, o que sistematicamente ocorria naquele quartel.

A princípio, Tuta admirou-se com tudo, embora o preocupasse sua condição de estranho invasor daquele recinto e não saber com quem passaria a conviver nas próximas semanas, nem como os efetivos ocupantes daquele alojamento iriam tratá-lo. Admitiu que, apesar da simplicidade e das muitas carências da pensão onde estava, lá ele se sentia bem à vontade, já conhecido e respeitado por todos, inclusive por Dona Rita. Mesmo ainda não estando incorporado nas fileiras da Força Pública, a partir de então Tuta passaria a viver momentos e circunstâncias que o levariam a conhecer bem de perto e por dentro como era a vida de um cadete naquele quartel.

Iniciava-se uma fase de desventuras que no decorrer dos primeiros meses do ano seguinte viriam a se fazer acumuladas

de desencontros e desconfortos que marcariam para sempre a vida do jovem de Cruz das Almas. Decepções não tardariam a aparecer.

Perto do meio dia, quando se encerrou o período matinal das aulas em sala, os veteranos cadetes que eram os ocupantes efetivos daquele alojamento entraram nele de maneira atabalhoada, surpreendendo ali um Tuta assustado, quietamente sentado numa das camas, tendo nas mãos o livro *Uma Jangada para Ulisses*, de Vianna Moog. Os primeiros olhares a ele dirigidos foram muito mais de indignação e de censura do que de curiosidade. Nenhum deles receptivo. Estava sendo visto como um reles *paisano*, um intruso que se atrevia a invadir a intimidade daqueles que daqui a poucos meses iriam receber suas espadas e se tornariam os novos aspirantes a Oficial. Intimidado e retraído, levantou-se em sinal de respeito àqueles veteranos vendo-se cercado e por eles sendo examinado da cabeça aos pés como se fosse ele um espécime raro.

– Que é que você está fazendo aqui, ô cara de cuíca? – perguntou-lhe com voz troante e autoritária o cadete que dele se acercara mais de perto.

Responder o quê, senão a verdade sobre sua incômoda presença naquele meio? Depositou sobre a cama o livro que ainda segurava na mão esquerda, retirou de um dos bolsos da calça seu cartão de inscrição com foto e o exibiu a seu interrogador.

– Vim do interior, sou candidato a ingresso nessa Escola e um Oficial me disse que eu podia ficar dormindo aqui, enquanto faço exames – respondeu Tuta tropegamente.

O cadete que dele chegara mais perto arrancou das mãos de Tuta o pequeno cartão de inscrição, num rápido e agressivo gesto que é bem típico da truculência com que agem os que supõem deter autoridade maior. Examinou-o

com ares de visível desprezo e parecendo não dar ao documento a menor importância voltou-se para os demais e gracejou.

– Olha aqui, pessoal, ele é um “bicho fresco”!

Todos riram alto e em coro, como se o mero fato daquela inscrição fosse alguma coisa digna de caçoada. Outros cadetes aproximaram-se mais e mais até rodearem Tuta por completo, quase que de forma ameaçadora, o que o tornava ainda mais diminuto, franzino e alarmado. Tônico orientara-o a ser respeitoso com os veteranos, devendo chamá-los sempre de “senhor” e não afrontá-los sob nenhuma hipótese para não criar uma encrenca danosa que poderia eliminá-lo até mesmo antes do início de seus exames. Desde logo teria que considerá-los como seus superiores hierárquicos. Trêmulo e ainda de pé Tuta encolheu-se no meio do desafiante grupo que o cercava. Procurava olhar exclusivamente para os olhos do veterano cadete que primeiro o interpelara, pretendendo com isso evitar que outros fossem estimulados a aderir à abordagem. Mas não bastou. Um esburgado cadete, cara ossuda com lábios finíssimos quase imperceptíveis, pescoço comprido que exibia um saliente pomo-de-adão e sustentava um crânio desproporcional de onde brotavam enormes orelhas a lhe darem uma aparência metediça, foi o segundo a se dirigir a Tuta.

– Bicho, você vai ter que contar pra nós como é que foi sua “primeira vez” e tem que dar detalhes para deixar a gente de pau duro.

O primeiro cadete intercedeu, para momentâneo alívio de Tuta.

– Péra aí, Gogó! De onde você é, bicho?

– De Cruz das Almas.

– Onde é que fica esse buraco?

– Às margens do Rio Itaguaí, no oeste do Estado.

– Tá no mapa?

– Acho que sim – respondeu Tuta, cada vez mais aborrecido e augurando que o cerco logo se desfizesse e terminasse o interrogatório.

– E você *tava* aonde antes de vir *pra cá*?

– Numa pensão aqui perto, na Vila Boreal.

– Lá onde tem um bando de alunos-sargentos morando?

– É.

O cadete mais de perto pareceu ter descoberto algo importante a respeito de Tuta. Voltou-se para o grupo e noticiou com voz alta para ser ouvido por todos.

– Olha só, gente, esse bicho *tava* morando no “cu da mãe”! É ou não é, bicho?

– Ham?

– É. No “cu da mãe”. Uma pensãozinha barata onde moram uns praças que fazem curso aqui e que fica no final de uma rua nojenta ali na Vila Boreal. É a pensão da Dona Rita. É ou não é?

– É.

– Pois então. Aquele lugar é chamado de “cu da mãe”. Você sabia disso, bicho?

– Não senhor.

– Pois então a partir de agora você fica sabendo que você veio de lá. Você veio do “cu da mãe”, tá bom?

Tuta emudeceu sem desviar os olhos de seu inquiridor, vendo-o como uma fotografia mal focada e sem retoques. De repente ouviu-se um toque de corneta que convocava todos os aquartelados para a revista antes do almoço e isso fez com que o grupo de cadetes começasse a se dispersar e a deixar o alojamento para entrar em forma no pátio e *avançar para o rancho*. Antes que todos saíssem, Tuta ainda viu um deles apanhar seu bíbico e enquanto o ajeitava na cabeça anunciar em alto brado.

– Vamos lá pessoal que hoje tem carne do urubu que *tava* voando baixo!

O candidato Tuta voltou a ficar sozinho no alojamento envolvido num triste e profundo silêncio. Sequer pensou em descobrir como e quando poderia seguir para o almoço ou se realmente esse lhe seria servido naquele quartel enquanto fosse apenas um *bicho*, candidato aos exames seletivos. Perdeu o apetite, se é que o tivera antes. No auge de uma angústia que o dominou e o molestava fazendo doer até a alma, debruçou-se melancólico no batente de uma das janelas e demoradamente ficou ali com um olhar parado e pendido sobre o bairro que se estendia ao longe e ao fundo com suas casinhas baixas e seu pouco verde, tudo o que dali podia ser visto, tudo o que para ele significava liberdade. Estava despido de palavras a ponto de não conseguir traduzir nem para si mesmo seus próprios sentimentos.

A hostil recepção que tivera nesse seu primeiro momento de aquartelado já lhe tinha sido o bastante para convencê-lo da necessidade de uma completa reavaliação da sugerida ideia de ingresso num ambiente tão aborrecível e indigesto quanto aquele. Precisava escapar antes que o acorrentassem ali e viesse a ser forçado a viver um tipo de vida que jamais pretendia. A submissão aos cadetes que dele se acercaram foi algo que alimentou uma vontade de recuar o mais depressa possível, antes que algo sério acontecesse. Veio-lhe à memória a imagem do grupo de rapazes do asfalto que em Cruz das Almas o aguardava à saída do prédio do Ginásio para cercá-lo e instigá-lo a brigar com um ou outro escolhido integrante daquele grupo, num desafio bobo, sem nenhum sentido, razão ou motivo.

Naquele tempo não havia como evitar o assédio e ele tinha que enfrentar o grupo, procurando manter-se na firme

decisão de não aceitar o enfrentamento ou a medição de forças físicas com quem quer que se apresentasse como seu contendor. Mas suportar tudo aquilo tinha lá suas conveniências escolares, não podia dar causa a uma suspensão e muito menos a uma expulsão daquela escola pública. Agora não mais, pelo que não se via disposto a voltar a se submeter à baixa e à gratuidade de insultos da parte de nenhum estúpido cadete. Os gestos agressivos, a agudez de palavras soltas, o atrevimento desmedido e o aparente desprezo que aqueles cadetes demonstravam ter pela dignidade alheia faziam deles os primeiros contendores de Tuta. Imaginou que logo após o almoço voltariam eles ao alojamento para descansar durante o intervalo entre o período de aulas da manhã e o da tarde, portanto decidiu que não deveria ficar à espera desse retorno para sofrer nova abordagem com gozações e insultos. Precisava sair antes e foi o que fez.

Depois de reacomodar seu livro dentro da maleta que estava sob a cama, dirigiu-se ao grande pátio interno pretendendo encontrar outros civis que, assim como ele e também na condição de candidatos do interior, deveriam estar alojados naquele quartel. Foi fácil encontrar três deles timidamente acantoados junto a uma das portas que davam acesso ao pátio. Discretamente aproximou-se deles com a firme esperança de fazer amigos.

– Oi! Vocês também são candidatos?

– Somos.

– E em que alojamento vocês estão?

– No nosso, daquele lado – disse um deles apontando para cima e para o lado oposto onde Tuta se alojara.

– Estão bem lá?

– Estamos. É uma boa turma e a gente se dá bem. Cada um é de um lugar diferente no Estado.

– Vocês já almoçaram?

– Não. Estamos esperando o Oficial reunir os candidatos aqui no pátio para depois levar a gente para o rancho. De onde você é? – perguntou aquele que respondia a Tuta, num amigável tom, bem diferente do tom utilizado pelo cadete que o interrogara em seu alojamento.

– Sou de Cruz das Almas, no oeste paulista. E você?

– Eu sou o Piquerobi. Esse é o Ibiúna e ele é o Jambeiro. É mais fácil a gente marcar a cidade de onde cada um veio e passar a chamar assim, do que decorar o nome de cada um. Você pra mim já passou a ser o “Cruz das Almas”, concluiu o simpático candidato, com um franco sorriso de acolhimento e boa vizinhança.

– Tem vaga pra mim no seu alojamento, Piquerobi? Animou-se Tuta a perguntar.

– Não! Tá lotado, mas assim que começarem os exames pode ter certeza de que um ou outro vai ser reprovado, vai ter que ir embora e aí sobra vaga.

– E o que é que vocês ficam fazendo lá enquanto esperam começar os exames? Ainda falta uma semana!

– Ué, cada um faz o que quer. Estuda as matérias do colegial, conta piadas, escreve carta, fala mal da comida, joga baralho...

– E algum cadete veterano vai lá perturbar?

– Até agora não apareceu nenhum, mas se aparecer vai topar com uma turma unida. Que ninguém venha encher o saco da gente.

Embora jamais tenha sido quem preferisse pertencer a algum grupo ou turma, por sentir-se melhor quando isolado curtindo sua privacidade, Tuta lastimou o fato de ter sido colocado sozinho no alojamento de cadetes veteranos e não no do grupo de civis candidatos como ele. Confortou-se,

contudo, pelo menos por ter conhecido e se comunicado com Piquerobi, Ibiúna e Jambeiro o que a partir de agora tornava possível refugiar-se com esses, principalmente durante os períodos em que os terceiro-anistas permanecessem dentro do alojamento. Mas e à noite? Era sabido que poucos deles permaneciam no alojamento após o término do expediente, muitos deixando o quartel, obrigatoriamente uniformizados, com destino às suas residências na capital, visto que sob o regime de externato. Os que ali pernoitavam eram de outros Estados: Santa Catarina, Mato Grosso e Goiás, ou de distantes cidades do interior. Menos mal!

Iniciado o reunir dos candidatos no pátio, Tuta integrou-se a esses e deixou-se conduzir até o rancho. Nesse reinava um imposto silêncio, proibida qualquer conversa entre eles enquanto comiam. Um Oficial com arrogante postura transitava vigilante e ameaçador entre as mesas do rancho, como se à procura do menor erro de comportamento, para *tomar as devidas providências*. O que antes fora dito como devendo ser “carne do urubu que *tava* voando baixo” nada mais era do que carne de frango, assim chamada por ser repetidamente servida nas refeições daquele quartel.

À mesa redonda, com dez lugares cada uma e cuja base podia ser girada para que esse ou aquele prato viesse até a frente do lugar onde se sentava, estavam servidos arroz, feijão, farofa, salada de legumes, carne de frango, ovos cozidos, uma jarra de leite puro e maçãs – *uma para cada um dos ocupantes da mesa*. Tuta não teve motivos para crítica, considerou essa refeição melhor do que o prato feito do qual antes se servia na padaria próxima à pensão de Dona Rita. Sentara-se à mesa na qual também se acomodaram Jambeiro, Piquerobi e Ibiúna e após o almoço seguiu para o alojamento desses, pretendendo ficar por lá até que um novo toque de corneta

convocasse os cadetes para as aulas do período da tarde. Só então voltaria a seu alojamento para ficar em paz consigo mesmo, pelo menos até o término do expediente.

IV

No final da tarde desse seu primeiro dia de caserna, Tuta recolheria mais dados que só o estimulariam a abandonar de vez a ideia de ingressar nessa Escola. Com a volta dos veteranos ao alojamento aquietou-se de pé ao lado de sua cama, assistindo alguns cadetes trocarem seus uniformes preparando-se para deixarem o quartel, enquanto comentavam sobre viagens que fariam no próximo final de semana prolongado, vez que dispensados dos expedientes dos dias 30 e 31, com retorno previsto só na próxima quinta-feira, dia 2 de janeiro. Ouvindo isso Tuta teve tempo de se alegrar – *ficaria sozinho nesse período e isso seria bom* – embora logo depois o cadete que primeiro o abordara pela manhã tivesse anunciado que ele fora eleito – *à unanimidade* – como o novo Chefe de Alojamento. Passava a ter obrigações e incumbências como a de manter todas as camas cuidadosamente arrumadas e alinhadas; zelar pela limpeza geral do ambiente; efetuar pequenas compras fora do quartel sempre que ordenadas pelos veteranos; lustrar seus sapatos e botas e responsabilizar-se por toda e qualquer irregularidade que naquele alojamento vier a ser anotada pelo Oficial-de-dia. Tuta simplesmente assentiu. Que outra atitude poderia adotar?

O alojamento começou a se esvaziar com a saída da grande maioria de seus ocupantes, ali permanecendo os poucos que optaram por não deixar o quartel nessa quinta-feira.

Entre esses um terceiro-anista catarinense, ainda com cara de menino, mostrava-se furioso e inconformado com sua própria condição. Esmurrou seguidamente a porta de seu armário enquanto repudiava em voz alta o fato de ter dado cinco dos melhores anos de sua vida (dois no curso preparatório e três no de formação) para, segundo ele, ficar na clausura e chatice dessa escola insossa. Tuta se afligiu com a cena e para ser discreto foi até a janela, postando-se de costas para o revoltado cadete enquanto ouvia dele um lastimar que desfiava palavras e impropérios contra si mesmo por não ter lutado mais por outra opção de vida, que fosse menos enfadonha e ingrata e que pudesse lhe dar melhores perspectivas de futuro; lembrou que teria que trabalhar por mais uns trinta anos para, sabe-se lá Deus, alcançar o posto máximo de coronel de polícia, sequer compensador para uma vida toda passada dentro de quartel. Baixando um pouco o tom de voz, lamentou não ter ingressado numa faculdade em Florianópolis e vivido melhor e mais intensamente sua juventude, em vez de ter-se deixado entregar à enganosa fantasia de uniformes de gala, com alamares amarelos e botões dourados que transformavam cadetes em falsos príncipes nos bailes de debutantes.

Para Tuta, o que ouvia pareciam ser seus próprios antecipados lamentos. Viera para a capital com o sonho de ingressar numa faculdade de Direito ou de Jornalismo e agora estava ele ali, estupefato, assistindo o desabafo de um cadete prestes a concluir seu curso e a deixar a escola como Aspirante a Oficial. O que dizer sobre ele, que era apenas um *bicho*, ainda um mero candidato a ingresso nessa escola? Deixar-se ia levar passivamente pelo mesmo tempo e caminho percorrido por esse cadete catarinense para lastimar-se depois exatamente como ele ora o faz? Tuta nunca teve as ilusões fantasiosas que talvez esse jovem tivera antes de seu ingresso

e pelas quais se deixou levar. A carreira militar jamais se lhe apresentou como uma opção de vida. Casualmente aceitara a sugestão de inscrever-se como a busca de uma alternativa para permanência na capital e a obtenção de acomodação e salário que lhe permitissem preparar-se para voo diferente, sem o propósito de se dar por inteiro a essa escola. Nada lhe encantava ali, muito menos o brilho dos botões, os alamares amarelos, o talim, o espadim ou as decorativas medalhas que pendiam nos uniformes de gala de um cadete. Definitivamente esse não era seu mundo, embora estivesse nele e tivesse que se deixar estar.

V

Às sete horas em ponto, do primeiro dia útil do ano de 1964, uma quinta-feira que amanheceu chuvosa e cinzenta, todos os candidatos alojados naquele quartel-escola foram reunidos pelo Oficial-de-dia sob uma marquise junto ao pátio para dele receberem informações sobre o calendário de exames e as primeiras instruções sobre como se deslocarem dali até os locais devidos. Nessa manhã estava programada a ida de todos para o Hospital Militar, na cidade, onde seriam submetidos aos primeiros exames: raio-X dos pulmões, coleta de sangue para exames laboratoriais e exames biométricos. A relação entre peso e altura do candidato era um dos itens mais rigorosos, sabendo-se ser exigida uma altura mínima, sem a qual o pretendente ao ingresso seria imediatamente reprovado. Tuta tinha 1,75 m de altura e pesava apenas 65 quilos, não sabendo se sua relação peso-altura estava ou não enquadrada no índice ideal exigido. Deu de ombros sobre isso.

Ninguém pôde tomar o café da manhã e foram informados de que a condução de ida só seria fornecida nesse primeiro dia, que o regresso deveria se dar por conta e risco de cada um e que aquele que retornasse ao quartel após o meio dia e meia não mais teria direito a almoço no rancho. Em meia hora todos estavam embarcados num pequeno ônibus da Corporação que os transportaria até o Hospital. Antes de saírem, o Oficial-de-dia os consultou sobre existência de dúvidas, mas todos se mantiveram calados, nenhum deles formulando a menor pergunta ainda que, certamente, dúvidas houvesse.

No Hospital Militar, presente uma multidão de candidatos, os examinadores formaram, com chamada nominal, turmas diversas, cada uma com 30 inscritos, que separadamente foram encaminhadas a setores diferentes a fim de serem examinados. Finda a submissão de sua turma aos exames, Tuta retornou na companhia de Piquerobi tomando o ônibus indicado, que os deixou próximo ao portão principal do quartel. Chegaram a tempo de almoçar no rancho. Nesse primeiro dia não se soube de nenhuma reprovação de ocupantes do alojamento onde Piquerobi estava. Tuta teria que continuar aguardando que houvesse nele uma vaga.

Na manhã seguinte ele não se levantou cedo como deveria para retornar ao Hospital Militar com os demais candidatos e continuar a se submeter a exames. Permaneceu deitado, imóvel na cama, a colcha cobrindo-lhe toda a cabeça, o que pelo inusitado e pelo adiantado da hora causou estranheza aos veteranos que se aprontavam para a revista geral de início do expediente. Recebeu de um deles uma sacudidela que o fez acordar em sobressalto.

– Ô bicho, não vai se levantar, não? Não tem exame hoje? Já passou da hora, velho!

Num só lance rápido Tuta pôs-se sentado na cama.

Esfregou os olhos com as pontas dos dedos e, ainda indeciso em sua sonolência, demorou segundos para ter exata noção de onde estava. Olhou para o veterano à sua frente como se pedisse a repetição do que lhe fora perguntado. Ouviu a pergunta sendo refeita.

– Não tem exame hoje, bicho?

Por instantes Tuta deixou-se flutuar com pensamentos soltos que vagaram a esmo na busca de um sentido para estar ali, para lhe explicar por qual razão deveria acordar cedo, ou para encontrar algo nessa manhã que no momento lhe fugia. Ouviu a voz de quem o questionava como se ela viesse de longe, de muito longe. Voltou-se para o veterano que estava à frente de sua cama, fitou-o com olhar incerto e melancólico e respondeu como se tudo na vida tivesse uma solução fácil e imediata.

– Tem, mas eu não vou mais!

– Que é isso, cara? Se você abandonar os exames vai ter que cair fora daqui.

Antes de explicar-se ao veterano, Tuta tinha que dar explicações a si mesmo sobre o que acabara de anunciar. Também ele se surpreendera com a decisão que amanheceu consigo, embora ela tivesse adormecido com ele desde a primeira noite de sua estada nesse quartel. Vinha tendo dificuldades para dormir apesar de antes ser raro perder o sono por maior que fosse o motivo ocorrente. O que o incomodava era o prolongado vozerio noturno dos veteranos que permaneciam no alojamento; suas insistentes e repetidas reclamações quanto à boçalidade de um ou de outro Oficial que a eles parecia saciar insana vontade de prejudicar os outros com injustificadas anotações em seus cadernos de conduta; as sucessivas brincadeiras de mal gosto que se revestiam de mútuos desafios e afiados insultos a culminarem em

agressões verbais inconsequentes; nenhuma conversa com conteúdo mais sério que merecesse sua atenção ou interesse e, principalmente, o perceptível desconforto de cada um dos veteranos com o que se dava na rotina diária daquele quartel. Ademais, o fato que vira de mais marcante e grave: o desafo do cadete catarinense que daquela primeira noite ainda repercutia fundamente em sua cabeça. Tudo foram impulsos que recomendavam a Tuta libertar-se dali. Voltaria para a pensão de Dona Rita e sairia à procura de emprego num jornal ou outro lugar qualquer, salvaguardando sua liberdade de ser. Não queria se deixar conduzir. Olhou novamente para o veterano à sua frente e como se fosse ele um seu algoz respondeu com uma firmeza e segurança que até a ele próprio surpreenderam.

– Não vou me adaptar a essa vida de quartel. Vou procurar outra coisa em outro lugar.

Do fundo do alojamento ouviu-se a voz do cadete catarinense emendando um comentário antes que qualquer outro a ele se antecipasse.

– Você tá certo, bicho! Vai mesmo procurar coisa melhor do que isso, arrume um emprego, faça uma faculdade, e você vai ver que daqui a poucos anos você será o dono de suas pernas e senhor de sua vontade. Aqui não, cara! Aqui você vai ter um superior ignorante em cima de você a vida inteira. Vai em frente, bicho! Você tá certo.

O alojamento esvaziou-se ficando nele apenas um candidato que queria sair dele.

VI

Não era, mas para Tuta essa sexta-feira parecia ser um dia de folga a convidá-lo para um passeio descompromissado pelas ruas da Adamastor e para fartar-se de liberdade. Ao descer para o pátio não pôde entrar sozinho no rancho para tomar seu café da manhã, porque os candidatos já tinham a ele sido conduzidos em grupo. Deixou o quartel, tomou o ônibus para a cidade, não seguindo nele até a Praça do Correio como o fizera nas duas vezes anteriores. Preferiu desembarcar antes, nas proximidades do Jardim da Luz. No bolso levava cinco folhas de papel de carta e o último dos três envelopes que comprara. Pretendia escrever para Irene e imaginou que ao longo de uma lenta caminhada até o correio certamente encontraria inspiração para isso. Na alma levava uma confortante sensação de paz que o estimulava a ir em frente para decidir, ele próprio, a direção e o caminho a seguir. Entrou pelo jardim andando sem nenhuma pressa pelos seus corredores internos, parando aqui e ali para observar com algum interesse o ritualizado trabalho de um fotógrafo *lambe-lambe* com sua antiga máquina posta sobre um tripé e tendo à frente um casal de meia idade fazendo pose para a posteridade; o homem do realejo e seu periquito ensinado que com o bico retirava de uma pequenina caixa um cartão com só otimistas previsões de futuro ou com só animadoras mensagens de boas novas para os que acreditam na sorte; as babás empurrando carrinhos num passeio que era mais delas próprias do que dos bebês que levavam a passear; os cãesinhos levados nos colos das senhoras e que quando postos ao chão para andarem ao lado olhavam mais para as donas do que por onde iam; os solitários e pensativos ocupantes de bancos à

sombra de árvores com troncos robustos, aquietados numa intimidade inacessível; os apressados passantes que não perentenciam nem um pouco àquele jardim e que se mostravam indiferentes à beleza à sua volta e, bem no centro, um chafariz com águas não tão limpas como deveriam estar, mesmo assim servindo de cenário para uma foto de recordação.

Tuta contornou esse chafariz e prosseguiu caminhando até sair pelo outro lado do jardim, dando de frente para uma estação ferroviária semelhante àquela na qual desembarcou quando de sua chegada. Entrou por ela e saiu dela seguindo por uma avenida que julgou paralela à pela qual iria seu ônibus até alcançar um viaduto de onde pode visualizar a extensa e já conhecida Praça do Correio. Retornou um pouco, desceu por uma ruela feia e chegou à praça. Encerrou ali sua caminhada.

No grande prédio dos Correios e no mesmo lugar de antes, com sensibilizada narrativa sobre suas impressões em torno das coisas que vira e sobre o que sentia em seu enfadonho dia-a-dia, Tuta escreveu a terceira carta para Irene preenchendo todas as cinco folhas que levava. Sem se importar em ser ridículo, inseriu nela um canto de saudades e estendeu-se em declarações de amor eterno à menina de sorriso feliz, nada aludindo a respeito da desistência dos exames. Revigorou-se novamente por ter ficado a sós com Irene. Depois, num já conhecido ponto na praça, embarcou no ônibus da Vila Boreal, retornando com a intenção de encontrar-se com Tônico na pensão de Dona Rita, tendo como certa sua presença lá a essa hora.

Enquanto voltava, sentado num dos bancos ao fundo do ônibus quase vazio, entregou-se a soltos pensamentos sobre o que fizera nesse dia ou, mais precisamente, sobre o que se recusara a fazer. Não lhe vinha nenhum sentimento de

culpa ou de arrependimento por seu ato de desistência. Fora uma decisão pessoal e consciente, produto da certeza de que não se adaptaria à vida espartana e que sua desistência não poderia ser considerada como uma derrota ou um fracasso. No quartel sentia-se desviado de seu caminho. Afastava-se do que sempre quis, ainda que pudesse considerar temporário e transitório esse afastamento.

Quando o ônibus passou próximo à região do Hospital Militar imaginou que nesse momento a turma à qual pertencia deveria estar sendo submetida a exames e em tendo sido anotado seu não comparecimento certamente ele já teria sido eliminado da seleção. Mas não era esse o ponto que mais o incomodava. A única coisa que um pouco o afligia era o desagrado que por certo irá impor a seu irmão quando noticiá-lo de seu recuo e de sua decisão de não prosseguir naquilo que tinha sido ideia do Cabo Ivo e para o que tanto ele se empenhara. Era preciso fazer justiça e reconhecer que o que ele tencionou foi lhe dar uma alternativa para a permanência na capital sob condições por ele julgadas favoráveis. Admitir que se tratava de uma alternativa aceitável pelo que ela poderia oferecer de imediato e pela oferta de uma propagação estabelecida profissional. Mas não para quem queria seguir um caminho bem diferente. Jamais passara pela cabeça de Tuta seguir carreira militar e a simples ideia de que ficaria encarcerado num quartel parecia-lhe absurda.

Preparava-se, sem receio, para suportar severa admoestação porque teria que retornar à pensão, voltar à tutela do irmão, sem saber por mais quanto tempo, e tornar a ser dependente dele na busca de nova opção para sua permanência na capital. Só retornaria ao quartel para apanhar sua pequena mala e, se possível, despedir-se de Piquerobi. Animou-se quando lhe veio à mente que na pensão poderia ter chegado

uma carta de Irene em resposta à sua, postada há dezessete dias. Com certeza ela já lhe escrevera!

Sentia-se mais leve e bem melhor quando chegou à pensão. Era como se depois de oito dias de afastamento estivesse voltando para sua casa para rever pessoas que o conheciam. Ao vê-lo chegando, Dona Rita saiu detrás de seu balcão, com seu surrado avental, e o saudou com um aberto sorriso de boas-vindas, desde logo lhe dando a boa notícia.

– Chegou carta pra você. Está com seu irmão. Ele não tá aqui agora porque saiu um pouco, mas acho que volta logo.

Uma enorme alegria tomou conta de Tuta a ponto de fazê-lo esquecer de tudo o que com ele então se passava. O que estará sendo dito nessa carta? Como estará Irene? Agradeceu a Dona Rita e subiu atropeladamente pela escadinha lateral na esperança de encontrar a carta, possivelmente deixada sobre a escrivaninha do quarto. Não estava lá. Pôs-se a andar de um lado para o outro, ansioso e impaciente por ter que esperar um só minuto a mais. Foi até a janela e ali demorou-se um pouco, espiando a rua pretendendo ver Tônico chegar. Tornou a descer até o pequeno botequim. Questionou Dona Rita sobre quando tinha chegado a carta. *Há dois dias*, respondeu ela. Lastimou-se por não ter sabido disso antes. Agora teria que aguardar o retorno do irmão para estar com Irene. Essa carta possivelmente virá salvar seu dia. Dejou que não viesse a ser um bilhete formal com palavras escolhidas e cuidadosas como fora a primeira que dela recebeu, mas, sim, com pensamentos livres, soltos e sinceros que demonstrem que é de alguém que quer ficar a seu lado. Tônico demorava a chegar e a ansiedade de Tuta aumentou tanto que o forçou a retornar ao quarto e ousar mexer no armário do irmão à procura da carta nos bolsos de roupas e nas gavetas cheia de bugigangas. Nada! Nem imaginava onde ele poderia

tê-la guardado. *Por que as coisas se tornam tão complicadas para mim?* – perguntou a si mesmo. Perdera o prazo de matrícula para os vestibulares de faculdade; não se dera bem com os dias vividos no quartel; terá que retornar à pensão depois da desistência dos exames e sua decorrente eliminação; custou a receber a primeira carta de Irene e ainda terá que esperar um tempo enorme até que Tônico retorne para entregá-la. Augurou que a vida lhe fosse mais fácil.

Tônico só chegou quando era quase onze horas da manhã e quando o avistou chegando através da janela do quarto Tuta desceu correndo para encontrar-se com ele junto ao botequim. O Soldado Couto estranhou ver o irmão ali a essa hora, notando nele uma apreensão incomum.

– Ué, você não estava fazendo exames hoje pela manhã? Perguntou de chofre.

– Não! Eu não fui fazer exames hoje. Respondeu Tuta apressadamente para em seguida aduzir. Você está com a carta que a Irene me mandou?

– Tá lá no quarto. Mas por que é que você não foi fazer exames hoje?

– Por favor, Tônico. Deixa eu ver a carta primeiro que depois eu lhe explico sobre os exames, tá bom?

Subiram ambos para o quarto, onde Tônico retirou do meio de uma apostila do Cabo Ivo a carta de Irene entregando-a a Tuta, que a abriu dessa vez sem o cuidado de preservar seu envelope. Sentou-se na cama e a leu em silêncio.

Tuta, meu amorzinho,

Acabo de receber sua primeira carta. Estava esperando ansiosa. Fiquei um pouquinho triste por você ter perdido o prazo de inscrição na faculdade, mas sei que você ainda vai conseguir tudo o que quer. Amanhã ou depois. A vida vai lhe dar tempo, com certeza.

E você é capaz. Não desista nunca, porque eu estou contigo em pensamento. Nem eu nem você está sozinho. Estamos juntos. Veja que bonito! Antes de chegar sua carta uma borboleta entrou pela janela do meu quarto, fez vários voos indecisos e resolveu pousar na cabeça do “bituim”. Parecia que tinha acabado de ser maquiada. Estava toda nova, com azul do céu, verde de mar, amarelo de areia, quente de sol. Não demorou por aqui, agitou mais as asas e partiu por onde chegou. Fiquei pensando que era um recado que a manhã me mandava, contando que você ia chegar. Não ria! Eu ressurgi mais do que nunca com a chegada de sua carta. Adorei. Aprendi muitas filosofias em muitos volumes, troquei todas por essa que cabe inteirinha numa só frase. Ninguém nos tira a vontade de ser, de viver e de existir. E por mais que nos desviemos do caminho que antes pretendíamos seguir nunca devemos tomar cicuta porque apesar de tudo viver é bom. Quanto mais tempo melhor. Para que explicar? Por que se lastimar? A gente deve ir andando, vendo, sofrendo, amando, pecando, arrependendo-se e ressurgindo. A vida é uma coleção de imagens e de vozes. Às vezes as imagens não são bonitas, às vezes as vozes não são agradáveis. Mas há sempre o consolo de receber as que são. O que é preciso é não complicar o que é simples. Você é valente e vai vencer.

Eu sou uma mulher sem importância, mas ainda que tudo acabe vindo contra mim eu não paro. Vou até o fim. E se esse fim vai chegar com a primavera a solução é acreditar que uma andorinha só faz verão. E por que não? Somos um só nas nossas lembranças. Lemos os mesmos livros, ouvimos as mesmas músicas, sentimos as mesmas coisas bonitas. Você também tem de ir até o fim. Estou me sentindo bem, apesar de solitária. Pensar em você me conforta. Aceito a vida sem ter vontade de chorar a vida que a vida me dá. Nada da alegria se perder pelos olhos! Embora sem companhia visível meu sentimento de solidão continua interino. Eu faço solidão na parede, nunca no espelho. Lembro-me da ‘Feira das Vaidades’. O mundo é um espelho que a cada um devolve os próprios traços. Se você o fita

carregando a frente ele o fitará com sobreceño carregado. Ria para ele e ele se mostrará bom camarada. Tem que ser assim. Então esboço um sorriso pequenino no espelho e solução para as paredes. Entrei em contradição? Não importa, as contradições também são verdades!

Hoje estou falando bastante, você não pode reclamar. Às vezes não falar é dizer muito. Falar às vezes é repetir. Repito que te amo muito.

Interessante como as palavras não mudam. Se você estivesse agora comigo o silêncio guardaria sentidos maiores, gestos, sorrisos, lágrimas, olhares, amor. No vaso comprido uma rosa bem sabe que não viverá tanto quanto no pé da roseira. Chegam alegres como as outras que continuarão vindo e vindo. A que chega traz lembrança da que parte, todas formando a eternidade das rosas. Livros, músicas, seus cigarros, meu amor. O seu, o nosso mundo. E viva a vida. Ela não tem culpa de nada do que acontece na vida. Nós não tivemos culpa apesar da culpa ser nossa. Entendo e aceito sua decisão de seguir por onde você julga ser o caminho necessário. Qualquer que seja esse caminho. Temporário ou definitivo. Saiba que eu estou sempre pensando alto em você para seguir contigo bem de perto. De braços dados com você.

Te amo muito.

Irene.

Mesmo depois de terminada a silenciosa leitura da carta, Tuta tinha a impressão de continuar ouvindo a voz de Irene a lhe dizer tantas coisas bonitas com seu sorriso de menina feliz. Quis retomar a leitura da carta para ouvi-la de novo, não fosse a interrupção de Tônico.

– Como é que é? Você não foi fazer exames hoje por quê?

Sentado na cama e embevecido com tudo o que lera na carta de Irene, Tuta retardou sua volta ao mundo real. Ouvira a pergunta do irmão, mas foi como se não lhe dissesse respeito nem a ele estivesse sendo dirigida. Estava distante, extasiado. Enlevara-se num mundo de sonhos enquanto imaginava

estar caminhando de mãos dadas com uma menina bonita por uma avenida forrada de florezinhas amarelas. Dobrou as folhas da carta e a reacomodou no envelope sem dela querer se desvencilhar. O que então mais queria era ficar sozinho com as palavras de Irene para sentir bem fundo que seu dia havia sido salvo por esse encontro. Tudo o mais deixava de ter importância. Por qual novo caminho irá seguir ou qual deles tinha sido por ele abandonado não mais lhe interessava saber. Irá se deixar seguir até o fim, com apego e ousadia, porque a vida estava lhe dando um tempo, exatamente como Irene escreveu, e ele não o desprezará. Prosseguirá íntegro na imutabilidade que o sustenta, deixando-se ser da forma como sempre foi e assim como quer continuar sendo. Vestiu-se de um destemor objetivo e desmedido, disposto a lançar-se à luta contra possíveis moínhos de vento que se escondem nos recantos inimigáveis da Adamastor. Olhou para o rosto de Tônico e conseguiu vê-lo não como um interrogador que lhe fazia cobranças, mas como quem também queria estar a seu lado. Recompôs-se para responder ao irmão, falando em tom discreto e amigável.

– Sabe, Tônico? Nesses dias em que fiquei no quartel eu vi e ouvi muita coisa lá no alojamento que só me desestimularam de continuar com a ideia de ingressar naquela Escola. Parece até que aquela vida não agradou nem agrada nem mesmo aos cadetes que estão concluindo o curso e saindo dela. Acho que virar um cadete e ingressar de vez na vida militar não é o que eu quero. Ontem fui fazer exames no Hospital, mas nada me animou. Por isso é que eu não fui hoje. Acho que já estou eliminado da seleção por ter faltado hoje. Não me importo. Eu não quero mais ficar naquele alojamento no meio dos veteranos. Quero voltar para a pensão e procurar outra coisa para fazer. Você me ajuda?

– Mas você é maluco, cara! Onde é que já se viu abandonar os exames assim sem mais nem menos? Você está tendo tudo o que precisa para continuar por aqui. Alojamento e comida de graça. O que mais você quer? Não custa nada você continuar pelo menos por mais um pouco. Se depois você quiser sair de lá, você sai a hora que quiser. Mas desistir assim logo no começo não é uma boa ideia! Volta lá e vai ver se realmente você foi eliminado. Depois a gente vê o que nós vamos fazer.

– É. Eu tenho mesmo que voltar para pegar minha mala.

Tuta pôs a carta de Irene no bolso da calça, como se ela tivesse passado a ser um seu amuleto com mágico poder de afastar temores e evitar desencontros, e seguiu para o quartel. Primeiro foi ao alojamento onde Piquerobi deveria estar, pretendendo saber dele como tinha sido o dia dos exames de hoje e sobre sua esperada eliminação por força do não comparecimento. Encontrou ali o grupo que havia retornado do Hospital e que aguardava a hora de ser conduzido ao rancho para o almoço. Assim que o viu chegar Piquerobi veio a seu encontro e antes de ser perguntado sobre qualquer coisa comentou sorrindo.

– Ô, Cruz das Almas, você é um cara de sorte, hein? Não foi ao Hospital para fazer exames e escapou de ser eliminado porque não houve nenhum exame hoje. Você sabia que não ia haver?

– Lógico que não! O que é que houve lá?

– A gente ia passar por exames odontológicos, mas acho que por serem demorados ou, sei lá, porque tinha poucos dentistas, não houve tempo para todo mundo ser examinado. Nossa turma acabou sendo dispensada para voltar só na segunda-feira. Você escapou dessa, hein? Por que é que você não foi?

– Estou pensando em desistir. Mas ninguém daqui chegou a ser examinado?

– Só alguns que são de outra turma. E olha que já tem dois reprovados que vão ter que voltar pra casa. Um é de Bocaina e o outro é de São Joaquim da Barra. Eles estão chateados à beça e já estão fazendo as malas. Agora vai ter vaga pra você aqui.

Tuta olhou para o fundo do alojamento e conseguiu identificar dois daqueles candidatos, calados e cabisbaixos, aprontando suas pequenas malas. Imaginou estar sendo dolorido para cada um deles o possível sentimento de derrota que os dominava e que poderia machucá-los durante todo o tempo de sua volta para casa ou, quem sabe, por um longo tempo de suas vidas por terem sido impedidos de alcançar o que queriam. Contudo, no íntimo Tuta não reconheceu que estaria sentindo o mesmo se houvesse sido ele um candidato eliminado. Se houvesse sido ele até que seria melhor porque retiraria dele a obrigação de ter que explicar sobre outra razão de seu afastamento. Admitiu para si mesmo que não se sentiria abatido se tivesse sido ele o declarado incapaz para a vida castrense, mas para não parecer indiferente aos olhos de Piquerobi proferiu uma só palavra em referência aos eliminados.

– Coitados!

V

A condição de candidato que então se mantivera alterou um pouco os planos de Tuta. Não mais iria ao alojamento dos veteranos para retirar de lá sua mala, pelo menos por enquanto.

Resolveu permanecer na companhia de Piquerobi e dos demais candidatos e aguardar a hora de seguir junto com o grupo para almoçar no rancho. Só depois é que iria pensar no que fazer. Lembrou-se de Irene e voltou a viver agradável sensação de estar ouvindo suas palavras bonitas como um estímulo para que continuasse seguindo na vida da forma com a vida é. Sem entregas nem recuos. Andando, vendo, sofrendo, amando, pecando, arrependendo-se e ressurgindo sem complicar nada do que é simples.

Sentia-se fortalecido por ter recebido dela um incondicional apoio qualquer que venha a ser o caminho por ele adotado. Temporário ou definitivo. Deduziu que seria capaz de ir até o fim. De outra parte, a reprovação de Tônico em face de sua precipitada desistência não deixava de ter lá suas razões. Reavaliou que sua permanência naquele quartel-escola, pelo menos por mais algum tempo, não seria de todo inconveniente nem era totalmente descartável, principalmente a partir da nova condição que ora se desenhara. Poderia pedir sua transferência para o alojamento dos candidatos e ficar na companhia de Ibiúna, Jambeiro, Piquerobi e dos demais civis já que ali vagaram duas camas. Não mais teria que ficar sozinho onde estava e continuar submisso ao assédio dos cadetes veteranos. Nada lhe custava, pois, pensar sobre isso nesse fim de semana e até mesmo considerar a hipótese da retomada dos exames seletivos, já que desses ele não havia sido eliminado.

Durante a tarde dessa sexta-feira permaneceu com os demais candidatos, pretendendo com eles se enturmar e optando por não apanhar sua mala deixada sob a cama que ocupava. No final do dia retornou à pensão de Dona Rita e ficou à espera da chegada do irmão para com ele discutir esse e outros assuntos. Acomodou-se na cama que antes fora a sua,

emocionou-se ao reler a carta de Irene e em seus devaneios imaginou-se com ela caminhando lentamente por uma bela avenida forrada de florezinhas amarelas.

Tonico chegou à pensão junto com Cabo Ivo e os demais alunos-sargentos e o barulho cotidiano dessa chegada subiu com eles pela escadinha do sobrado. Apercebendo-se, Tuta guardou a carta em seu bolso, sentou-se melhor na cama e desde logo lastimou o fato de não poder conversar a sós com o irmão, sem a companhia de Cabo Ivo, sabidamente um ferrenho defensor da ideia de seu ingresso naquele quartel-escola como se fosse essa a que melhor lhe servia. Espalhafatoso como sempre foi ele quem primeiro falou ao entrar no quarto.

– E aí, camarada? Como vão indo os exames?

Tuta o olhou de frente vendo-o arremessar seu quepe sobre a cama como se fosse um disco e desabotoar sua túnica com a pressa de costume. Acenou com a cabeça num rápido e curto gesto de aparente cumprimento e sem demonstrar nenhuma vontade de alongar diálogo sobre isso limitou-se a responder dissimuladamente.

– Estão indo.

Ainda com o propósito de não principiar conversa com Cabo Ivo, virou-se para o irmão e como se lhe segredasse uma informação codificada anunciou em voz baixa a novidade que trazia.

– Hoje não teve exame.

Tonico entendeu na hora o que isso significava: Tuta não tinha sido eliminado do processo seletivo e poderia continuar normalmente prestando seus exames. Também por entender sua pretendida discrição sobre o assunto, sentou-se na mesma cama ao lado do irmão e sussurrou-lhe aos ouvidos.

– Você vai continuar fazendo os exames?

– Não sei, mas se eu puder pelo menos mudar de alojamento até que dá para continuar mais um pouco...

– Como assim?

– É que agora tem vaga no alojamento dos candidatos civis do interior porque dois deles foram eliminados hoje e já devem estar voltando para casa. Só que eu não sei a quem pedir essa mudança.

– Deixa comigo que na segunda eu resolvo isso pra você. Eu falo com o Oficial-de-dia e você muda. Encerrou.

Capítulo 10

I

Depois de passar o final de semana na companhia do irmão, pernoitando na pensão de Dona Rita e tomando refeições na padaria; de ter escrito e postado uma nova carta para Irene; de ter ido ao cinema no sábado para ver o filme *A ponte do Rio Kwai* e de ter comprado o livro *Gabriela Cravo e Canela* de Jorge Amado para mergulhar no mundo de suas prostitutas, de seus jagunços e dos coronéis da Ilhéus dos anos 20, o retorno ao quartel naquela tardinha de domingo teve para Tuta um sentido de recomeço de algo que abandonara sem a intenção de retomar. Era como se ele estivesse voltando ao fundo do quintal à cata de um velho brinquedo, menos por estima a esse e mais por não ter ganho um novo. Não havia nenhum entusiasmo nesse regresso, assim como não houve quando da primeira vez em que ele se apresentou como candidato a ingresso na Escola de Oficiais. De novo Tunico o acompanhou, obtendo para ele a necessária permissão para mudar de alojamento, sem nenhum óbice da parte do Oficial-de-dia. Estava superada uma questão que o incomodava, mas era apenas um detalhe de percurso, não de objetivo. Não minimizava sua rejeição pela carreira militar, tão só acomodava-o melhor, colocando-o na companhia de pessoas das quais obtivera receptivo acolhimento e com as quais poderia

manter um relacionamento sob condições de igualdade. Sem dizer expressamente, Tuta admitia para si mesmo que a continuidade dos exames iria se dar muito mais por força de um acordo quanto à conveniência momentânea e por reconhecer ser essa uma necessidade à falta de melhor opção. Supunha que, mesmo que ao final fosse aprovado e viesse a ser matriculado nessa escola militar, a duração desse resultado seria temporária, nela devendo se manter só até que o ano findasse para poder se inscrever nos vestibulares de ingresso em uma Faculdade ou, na pior hipótese, até concluir o curso para depois procurar o caminho que almejava.

No começo da noite desse domingo foi apanhar sua mala, por saber que a maioria dos terceiro-anistas estaria de volta ao alojamento antes das dez horas e porque a essa hora deveria estar vazio ou com poucos *laranjeiras*, como se chamavam os militares que moravam no quartel. Saiu de lá como se não mais fosse retomar os exames e não queria ter que se explicar a ninguém sobre seu regresso. Mesmo no novo alojamento ainda eram poucos os candidatos que já tinham retornado da folga de final de semana. Piquerobi, com quem melhor se dava, ainda não havia voltado de provável viagem à sua cidade. Os que ali estavam indicaram uma cama livre que podia ser por ele ocupada e, embora estivesse se sentindo mais à vontade nessa nova acomodação, não tardou a mergulhar numa espécie de profundo indiferentismo e num completo alheamento em relação a tudo que estava à sua volta. Passeou lentamente pelo alojamento com pensamentos que se faziam confusos, saltando de um tempo ou de um lugar a outro sem passar pelo momento presente nem pelos dias seguintes em que teria que ficar no quartel. Talvez o seu agora fosse um tempo abstrato, imperceptível, alheado como ele próprio. Ainda se sentia inseguro nesse seu retorno. Não por

receio do que poderia advir, mas principalmente pelo desencontro que isso lhe acarretava, um aflitivo desencontro consigo mesmo, visto ter decidido de uma forma e num sentido que não se deram em completa e harmoniosa relação com seu livre arbítrio.

A influência do irmão era marcante e o fato de não querer se mostrar vacilante perante esse foi um fator que lhe impusera pressa no decidir. Não estava acostumado a conviver em grupo e, como já sabido, desde seus tempos ginasiais sempre evitou deixar-se pertencer a uma turma porque não aceitava como verdadeira nenhuma amizade que decorresse tão só de ocasional aproximação física ou se fizesse aparente simplesmente por eventual e passageiro convívio em espaço comum. Mas naquele novo alojamento alguma coisa o impeliu para uma aproximação com os ocupantes candidatos civis. Algo de novo se passava com ele e, ao mesmo tempo, despertava nele uma sede de comunicação, como se necessitasse disso como compensação pelos dias de isolamento a que fora submetido enquanto estivera, numa tristeza solitária, alojado com os cadetes veteranos. Esperava respirar outro ambiente e, apesar de não ser aquele o seu ideal, sentia-se mais leve na companhia dos candidatos civis. Pelo menos ali ele poderia vestir-se com um pouco de liberdade, soltar-se com autêntica espontaneidade, sentir-se envolvido nas brincadeiras sadias embora delas não participasse diretamente, tentar compreender livremente o real significado dos anseios de cada um e ver que todos (*menos ele*) estavam voltados para um só objetivo: a aprovação e o ingresso naquela Escola, como se o futuro de cada um e de todos dependesse disso. Pelo menos tudo lhe parecia ser melhor!

Na segunda-feira seguiu novamente com o grupo até o Hospital Militar para submeter-se aos programados exames

odontológicos sem temer possível eliminação, embora soubesse que lhe faltavam alguns molares e que possivelmente possuísse cáries, afora um mal colocado pivô num dos incisivos. Tudo a despeito, passou por esses exames e no dia seguinte continuou cumprindo o rigoroso calendário de provas, mudado o local onde as demais seriam aplicadas. Com os candidatos que ainda não tinham sido eliminados, na terça-feira compareceu a uma Escola de Educação Física em cujas pistas de atletismo passariam a ser aplicadas as chamadas provas de campo para avaliação da suficiência e resistência físicas, constituídas essas pelas corridas de 100 metros, de 1000 metros e a de 50 metros com sobrecarga de um saco de areia de trinta quilos às costas; os saltos em distância e em altura; e a duríssima prova da subida na corda, sem impulso e com a proibição do uso das pernas. A todas essas provas seguiriam depois os exames psicotécnicos e, por final, os escritos a nível do colegial.

Tuta era um jovem sem nenhum preparo físico por jamais ter praticado qualquer esporte, fosse individual ou coletivo, e nem lhe tinha sido oportunizado o menor tempo de preparação que pudesse habilitá-lo a vencer as dificuldades daquelas provas. Tampouco se importara em preparar-se para tanto à vista de seu nenhum interesse nesse sentido. Participaria delas com as forças de que dispunha e por orgulho próprio, mesmo sabendo de antemão que não passaria por pelo menos duas dessas provas: a da subida na corda – que tinha um mínimo obrigatório de três metros e para o que, sabidamente, não tinha suficiente força nos braços – e a corrida de mil metros, também porque não teria resistência para suportá-la e concluí-la no tempo devido. Quanto à subida na corda, sua absoluta incapacidade foi atestada bem antes, quando por mera bisbilhotice e a exemplo de alguns outros candidatos,

fez livre tentativa de subir nela assim que a avistou disponível com uma de suas extremidades atada a um grosso galho de troncada árvore existente naquela escola, dependurada a uma altura de cerca de seis metros. Tuta sequer conseguiu elevar-se por mais de meio metro, não sendo, porém, o único incapaz entre os que tentaram. Antevia sua inevitável eliminação assim que a essa prova viesse a ser submetido.

Essa série de exames práticos prolongou-se por três dias nas pistas daquela Escola, cada dia com menor número de candidatos. Tuta sobrevivia, indiferente aos poucos resultados obtidos em cada prova, não se empenhando em demasia para a obtenção de melhores marcas além das que lhe eram possíveis. Ele não competia com os demais candidatos. Competia tão só consigo mesmo no limite de suas forças.

Tendo retornado ao quartel, no final do dia sentiu que já lhe chegavam as inevitáveis dores musculares derivadas do incomum esforço despendido nas três alternativas obrigatórias, tanto na corrida dos 100 metros rasos quanto no salto em distância. Recolheu-se abatido, julgando não mais lhe restarem condições físicas para prosseguir na execução das provas que ainda estavam por vir. Lamentou saber que mais um dos que pertenciam ao grupo daquele alojamento havia sido eliminado. Dessa feita foi um comunicativo jovem da cidade de Lorena, menino de apenas dezessete anos, entusiasta da carreira militar por ser filho de um Oficial Superior da Milícia e que com seu insucesso certamente iria frustrar sua família. Tuta condoeu-se ao vê-lo chorando entre os colegas que buscavam consolá-lo. Ouviu comentários de que as maiores dificuldades ainda estavam por vir e que para o dia seguinte estavam programadas as provas de corrida dos 50 metros com sobrecarga de peso e a de salto em altura, com seus elevados índices mínimos não facilmente atingíveis por quem

não estivesse preparado. E Tuta não estava. Suas pernas não mais queriam lhe obedecer, doíam-lhe todos os músculos do tronco. Mais do que antes, considerava inútil continuar consumindo esforços físicos quando era prevista uma inevitável eliminação ao final de uma luta que, ainda que por ele venha a ser vencida, não lhe renderá resultado algum do qual deva se vangloriar ou pelo qual comemorar. Não se abaterá nem cairá em pranto como o menino de Lorena se vier a ser eliminado. A vida é como ela é não como queremos que ela seja, como já dizia seu velho pai. O que mais pretendia era embrenhar-se por uma interminável pista do conhecimento, carregando nas costas o peso de responsabilidades intelectuais e subir na árvore da vida com o esforço exclusivo de uma inexaurível vontade de ser. Para ele esse era o esforço maior que supera todos os outros. Cessou seu vagar pelo quarto para acomodar-se silencioso em sua cama, como se nela pretendesse isolar-se. Abriu o livro de Jorge Amado e dividiu seu tempo de leitura dando lugar às agradáveis lembranças de Irene.

De repente todo o céu da grande Adamastor cobriu-se com um manto de nuvens escuras, ouviu-se o ribombar de ensurdecedores trovões e uma forte ventania começou a varrer todos os cantos, envergando enormes árvores que circundavam o prédio da Escola num anúncio de que estava para chegar uma grande tempestade de verão. Os clarões dos relâmpagos invadiam o alojamento de forma intermitente. Todas as janelas foram fechadas e cada candidato resolveu acomodar-se em sua cama antes que viesse a cair a energia elétrica, o que comumente ocorria em situações semelhantes. Tuta suspendeu a leitura de seu livro, deixando-se ficar apenas com suas lembranças íntimas. Como previsto, a energia caiu e a escuridão envolveu o ambiente, calando a todos. Com os olhos abertos no escuro total do alojamento, Tuta

buscou imagens que talvez pudessem estar chegando para enlevá-lo naquele instante. Elas não chegaram. Fechou os olhos e entregou-se a pensamentos flutuantes que uma vez mais o estimularam a um novo abandono dessa desgastante, incômoda e não desejada jornada. A cada sucessiva fase dos exames seletivos afirmava-se mais e mais sua vontade de desistir de forma definitiva. Julgava inútil prosseguir. Sem imagens decifráveis no fundo escuro de seus olhos fechados, imaginou como estaria a cidade grande submetida a uma chuva torrencial. Contudo, pelo menos no bairro onde se situava a Escola, a tormenta não chegou. A ventania amainou, cessaram os raios e a energia elétrica voltou, só restando os sons de trovões ouvidos à distância. Sem que nenhum deles se levantasse da cama, alguns dos candidatos reiniciaram falas dispersas lançadas aleatoriamente porque não dirigidas especificamente a um ou a outro, mas versando sobre assuntos que lhes eram comuns. Comentários em resposta também se fizeram evasivos. Tuta continuou aquietado, recolhido em pensamentos que em nada diziam respeito àquela escola ou aos exames do amanhã. Não era raro imaginar-se distante do lugar onde estava e dele ausentar-se para vagar por recantos fantasiosos que lhe ocupavam a atenção, não dando a menor importância ao que ocorria a seu lado. Na memória iniciou a composição silenciosa de uma nova carta para Irene, na qual escreveria sobre a tempestade anunciada que não veio. Imaginou estar vendo a menina de sorriso feliz sentada no terraço de sua casa tendo um livro em suas mãos e de vez em quando voltando seus olhos para a avenida forrada de florezinhas amarelas. Bateu-lhe uma imensa saudade de tudo o que lhe era importante na vida.

O dia seguinte nasceu com uma manhã ensolarada e limpa e pela segunda vez Tuta resolveu não comparecer ao

local de exames, não recuando dessa ideia mesmo quando advertido e recebida forte pressão de Piquerobi para que não cometesse tal desvario. O amigo o alertava de que a sorte não lhe iria favorecer de novo e que se tornasse a faltar fatalmente seria eliminado. Tuta não lhe deu ouvidos. Acreditava que a eliminação decorrente de sua ausência seria apenas a antecipação do que certamente iria ocorrer. Seu corpo estava todo dolorido e ele tinha absoluta convicção de que nas condições em que estava não suportaria os esforços necessários para passar por nenhuma nova prova física. Evitou pensar em ir ao encontro do irmão e decidiu ficar no quartel escrevendo carta para Irene e depois seguir até o correio central para postá-la. Caminharia sozinho pela cidade durante essa manhã bonita. Foi tudo o que fez.

II

Ninguém pode negar que fatos novos sejam capazes de alterar a mais segura das previsões, nem pode garantir que um raio não vá cair no mesmo lugar pela segunda vez. Isso pode acontecer. Aquela tempestade que não desabou na região da Vila Boreal havia perdurado como um aguaceiro constante sobre a cidade durante quase toda a noite, provocando a elevação do nível dos rios que a cortam, criando diversos pontos de alagamentos em muitas áreas e fazendo com que várias ruas ficassem totalmente intransitáveis. Na área central, contudo, notavam-se poucos estragos por ela causados, embora ainda fossem vistos montes de lixo e entulhos espalhados por algumas calçadas ou que por terem sido arrastados pelas enxurradas obstruíam bocas-de-lobo. No mais, a cidade parecia

apenas ter sido lavada por inteiro, tendo amanhecido com um sol brilhante e convidativo para um longo passeio a pé.

Tuta demorara-se para deixar o quartel e só o fizera depois de concluir a carta para Irene, dessa feita utilizando-se de folhas de caderno, na qual narrou sentidamente todo o desencanto com os dias passados no quartel e o desencanto que o incomodava e motivara sua segunda desistência em prosseguir com os exames. Chegou ao centro por volta das 9:30, comprou envelopes e um novo bloco de papel de carta e depois de postar a que levava escrita deixou-se vagar sem pressa pela longa avenida que sai da Praça do Correio. A cidade inteira era sua. Na memória passava a limpo tudo o que lhe sucedera durante os últimos dias, detalhe por detalhe, ponto por ponto, como se a ele fosse possível promover alguma alteração na ordem da sucessão dos fatos, sem se convencer de que um ou outro dos atos por ele cometidos devesse ter sido evitado ou ser suprimido. Pela certeza que tinha quanto à sua inevitável eliminação nas provas, sequer se dava ao trabalho de explicar a si mesmo sua segunda desistência. Talvez mais tarde poderá dizer ao irmão que sua eliminação foi uma reprovação normal por não ter alcançado o índice mínimo em uma das provas. Na verdade, isso não seria nada de extraordinário, tampouco inacreditável porque eram muitas as diárias reprovações por esse motivo, e por certo Tunico aceitaria essa versão como um fato normal sem nenhuma razão para lhe impor censura. Omitiria dele essa segunda desistência. Prolongou a caminhada alterando direções e encontrando praças e recantos antes por ele ainda não visitados, de sorte que para seu regresso ao ponto inicial percorreu distância bem maior.

Pouco passava das onze horas quando ele retornou ao quartel e à sua chegada estranhou ver que seus companheiros

civis estavam devidamente acomodados, como se ali estivessem já há um bom tempo. Desde a porta do alojamento notou que havia um clima de alegria entre eles a sugerir que tivessem vencido com facilidade as provas do dia ou recebido auspiciosa notícia que devesse ser comemorada.

Ao entrar no alojamento Tuta foi recebido com uma incomum aclamação que primeiro lhe causou enorme susto, em seguida uma estranheza e por fim uma aguçada curiosidade. Sob a liderança de Piquerobi todos gritaram repetidamente: “Tuta, Tuta, filho da puta”. Não houvesse visto desde logo um riso aberto estampado no rosto de cada um dos companheiros que o apupavam, Tuta poderia ter julgado que aquele coro com xingamento tinha sido para valer e não que aquela expressão estivesse sendo utilizada num sentido totalmente inverso ao de sua literalidade, qual seja, o de qualificar alguém que detenha habilidades fora do comum ou que seja capaz de realizar tarefa extraordinária. Um espertalhão, um vivaldino, um sabichão ou adivinho. Ademais o uso daquela expressão também fora tomado para ser obtida rima perfeita para aquele refrão. Tuta era um filho da puta porque não se dera ao trabalho de comparecer ao local de exames pela segunda vez e também dessa feita tinha escapado da eliminação porque os exames agendados para o dia não foram realizados. A tormenta da noite anterior havia alagado completamente as pistas da Escola de Educação Física, deixando sobre elas uma lâmina de cerca de dois centímetros de água e tornando impraticável o salto em altura por ter sido inundada a caixa de areia. Demoraria pelo menos uns dois dias para que a água baixasse de vez o que forçou os organizadores responsáveis a suspender a realização das provas até a próxima sexta-feira. Mas o que mais tinha animado os candidatos ocupantes daquele alojamento foi a notícia de que por ordem do Coronel

Diretor de Ensino da Corporação a prova de subida na corda e a da corrida de 1000 metros tinham sido cortadas e não mais seriam aplicadas. Soube-se depois que o que motivou esse corte foi a previsível incapacidade de um sobrinho desse Diretor, candidato visivelmente com excesso de peso e que não tinha força nem resistência física suficientes para superá-las. Ao ser protegido pelo tio que mandou cortar essas duas provas, acabou por beneficiar outros candidatos que também nelas fatalmente seriam reprovados pelas mesmas razões. Entre esses estava Tuta, que começou a imaginar que algo por ele não sabido parecia atuar em favor de sua (*não pretendida*) aprovação.

Piquerobi, um jovem esbelto e ágil, era quem mais festejava a supressão dessas provas – não exatamente por si mesmo, porque não temia nem um pouco ser nelas reprovado, mas pelos companheiros que as temiam e principalmente por Tuta, confessadamente incapaz de superá-las. Por algum tempo naquele alojamento perdeu uma alegria festiva, com todos vindo dar tapinhas nas costas de Tuta como se houvesse sido ele o grande vencedor. Realmente os fatos sucediam-se a seu favor, não sendo realizadas provas quando a elas ele faltava e sendo cortadas aquelas nas quais fatalmente ele viria a ser reprovado. Era como se independentemente de sua real vontade ele estivesse predestinado a ingressar naquela escola. Pressentia haver inexplicáveis impulsos que ora o estimulavam ao recuo ou à renúncia, ora o forçavam a seguir por caminho antes aberto a ele numa opção que não era bem a sua. Deixava-se integrar ao grupo de candidatos, acomodando-se naquele meio. Sua luta íntima era a dúvida que passou a incomodá-lo. Não sabia ao certo se continuaria comparecendo aos exames faltantes ou se testaria sua predestinação desistindo pela terceira vez para ver se de novo esses não viriam

a ser aplicados por força de sua ausência. Chegou a pensar em ausentar-se novamente das provas adiadas para a próxima sexta-feira, porém decidiu não testar isso por admitir ser um ardil insensato. Compareceu às últimas provas atléticas e mesmo sem extremado esforço obteve nelas os índices mínimos que garantiram sua aprovação.

Superada essa etapa deixou-se seguir em frente, notando que a preocupação dos companheiros voltava-se agora para os exames escritos que por fim selecionariam os candidatos para as vagas no curso. No alojamento, todos se empenhavam em estudar debruçando-se nos livros para a revisão das matérias do colegial. Sobre os testes psicotécnicos que viriam antes dessas provas escritas não havia meio ou forma de antecipada preparação, embora soubessem todos que eram esses os que apresentavam o maior número de reprovações e que aos neles eliminados sequer seria dada ciência dos motivos da reprovação. Contrariamente aos demais, Tuta não se importava nem com esses nem com aqueles futuros exames. Primeiro porque se os psicotécnicos eram tão rigorosos como se ouvia dizer e se realmente fossem eficazes para avaliar a personalidade e diagnosticar a aptidão ou não de candidato para o ingresso na carreira militar, ele seria inapelavelmente reprovado, uma vez que seus anseios eram outros e ele não tinha a menor vocação para a vida em caserna, além do que se eliminado nesses exames nem chegaria às provas escritas finais. Segundo porque em sendo ele um normalista e não tendo feito o curso científico, nunca estudara Física, Matemática, Química ou Biologia a nível do colegial, o que tornava absolutamente inútil qualquer tentativa de só então pretender mínima preparação a esse nível. Seu Português, Inglês e História Geral eram basicamente do ginásial, portanto mais do que previsível sua não aprovação naqueles exames

escritos. Simplesmente teria que deixar correr o tempo enquanto assistia o suceder dos fatos sem nenhuma preocupação com resultado negativo. Estava convicto de que não iria considerar sua provável reprovação como uma derrota pessoal. Indiferente a tudo retomou a leitura do livro de Jorge Amado.

III

Ainda sentindo dores nos músculos das pernas e das costas pelo esforço despendido no dia anterior, na manhã de sábado Tuta foi à pensão de Dona Rita pretendendo estar com o irmão e torcendo para que lá tivesse chegado outra carta de Irene. Como esperado, uma carta estava nas mãos de Dona Rita que o recebeu com um largo sorriso de boa vizinhança e a entregou. O irmão tinha saído e isso permitiu a Tuta recolher-se sozinho no quarto, deixando-se ficar em silêncio com a menina de sorriso feliz para inebriar-se com as palavras bonitas contidas na carta que leu e releu tantas vezes que elas ficaram em sua mente ao longo de todo o final de semana. Irene proclamava seu amor eterno e entre as coisas que contara estava o fato de sua gata ter tido três filhotes abocanhando-os para levá-los até o quarto da avó; estendera-se depois sobre o lendário e trágico amor de Tristão pela princesa Isolda, romance que inspirou Wagner a compor uma de suas mais famosas óperas; contou de sua gaveta cheia de ontens, repleta de duendes que riam de saudades desbotadas e manchavam com lágrimas suas velhas lembranças. A Tuta, enquanto mergulhado na leitura, tudo parecia ter um gostoso sabor de romance que o conduzia para lugar muito distante

e bem diferente da insípida realidade e do mundo sem graça em que estava. Havia nas palavras escritas por Irene o conforto poético de que precisava, um convite à paz que a seu pensar só existia no entardecer colorido e aquietado de sua pequena cidade e, mais ainda, uma desfraldada esperança que certamente ficará com ele por um bom tempo animando seus amanhãs. Num piscar de olhos tudo à sua volta tornou-se despido de importância, fosse no que era ou no que poderia vir a ser, porque, nesse seu momento íntimo com a carta de Irene haviam sido subtraídos todos os seus desalentos, suas angústias e o desencontro consigo mesmo por trilhar caminho não desejado.

Segurando a carta como quem acolhe um troféu Tuta esperou ver delineada no fundo escuro de seus olhos fechados a imagem da menina bonita com seu sorriso feliz, entregando-se por inteiro a esse momento que era exclusivamente seu, livre em sua impenetrável intimidade, não permitindo que nada viesse a incomodá-lo. Sequer os risos e as falas das crianças que brincavam lá fora tiveram permissão para invadir seu quarto. Impôs a si mesmo um profundo silêncio enquanto se deixava elevar para um imaginário sobrevoos a floridos campos de seus sonhos sempre de mãos dadas com Irene, exatamente como fizera um ano antes sobre a bonita avenida forrada de florezinhas amarelas. Permaneceu assim até ser trazido de volta à realidade quando da chegada do irmão.

– Oi, como é que você está indo nos exames? – perguntou Tunico logo ao entrar no quarto.

Tuta teve que se separar de seus pensamentos e voltar a falar das coisas de quartel ainda que isso não lhe agradasse. Deixou-se ser arrancado de seu mundo intimista e de seu instante de recolhimento com Irene. Nem poderia ser diferente,

pois era ele quem viera visitar o irmão. Ao se levantar armou-se com um sorriso postiço pretendendo demonstrar uma leveza que não existia nesse reencontro e enquanto dobrava com cuidado as folhas da carta para recolocá-las no envelope respondeu ao irmão.

– Até agora eu passei, mas ainda faltam os dois mais difíceis: o psicotécnico na segunda e o escrito na terça. Ainda não dá pra dizer que vou passar. Falam que o psicotécnico é o que mais reprova. Você já passou por esse exame?

– Já. O que você não pode é ficar nervoso na hora. Deve fazer os testes como se estivesse fazendo uma lição qualquer. Sem pressa. E depois tem a entrevista com um Oficial psicólogo.

– Entrevista?

– É. Uma entrevista. Um Oficial faz perguntas sobre um monte de coisas pra você e analisa as respostas e reações. Também reprova muita gente e você nem fica sabendo por quê. Geralmente é tudo no mesmo dia. Termina os testes e vai direto pra entrevista. Mas você vai tirar isso de letra, cara, com certeza! Enquanto guardava no bolso da calça a carta de Irene, Tuta olhava para o irmão ouvindo-o com um ar de falsa curiosidade e com nenhum interesse especial que o levasse a se preocupar com os exames que faltavam. Continuava a imaginar que seria reprovado e mais esperava por isso do que pela sua aprovação, por saber que essa acabaria por lhe impor a obrigação de matricular-se naquela Escola de Oficiais. Supunha que ainda que viesse a passar pelos temidos exames psicotécnicos não iria conseguir classificação nas derradeiras e seletivas provas escritas por não ter feito o colegial. Nos dias em que comparecera aos exames sua indiferença com relação a esses ou quanto a seus resultados era acentuada sem que isso pudesse representar ou ser traduzido como um desvio de

conduta ou uma infração. Não era uma desobediência à frente de uma obrigação, talvez fosse apenas uma inconsciente ou natural atitude de rebeldia.

Nas provas físicas, seu empenho dera-se tão só por orgulho próprio, porque estava sendo levado a competir consigo mesmo quando delas participou. Um desafio que lhe recomendava não deixar ser vista sua fragilidade física pelos demais candidatos e examinadores, o que o levou a não provocar deliberadamente sua reprovação. Isso só se dera nas duas vezes em que resolveu faltar aos exames, ocasiões em que esses não vieram a ser aplicados. Agora dispunha-se a enfrentar, na próxima segunda feira, os chamados exames psicotécnicos, até porque considerava uma boa oportunidade para saber como eles são, sem nenhuma preocupação com resultado. Para ele será um aprendizado a mais, com interesse dirigido e limitado.

Quanto à entrevista, que só então passara a saber existente, de certa forma ela lhe despertava algum interesse pois sempre gostou de um diálogo solto e sem esquivas, não temendo nem um pouco esse tipo de enfrentamento, ainda que sem ter a menor ideia sobre o que viria a ser questionado. As perguntas serão sobre fatos ou sobre o que ele pensa? Não se podia prever, pois só se sabia que a entrevista era fundamentada no ignorado e na surpresa, além de certamente ser avaliada com muito da subjetividade do entrevistador. Todavia, qualquer que venha a ser o assunto ou tema desse encontro, Tuta se apresentará com a certeza de que é capaz de enfrentá-lo com a tranquilidade e segurança de quem não está almejando sair dele com um determinado e pretendido resultado. Para ele o importante era apenas participar e nessa entrevista iria se deixar conhecer por inteiro se viesse a ser perguntado sobre sua maneira de ser, seus propósitos futuros, seus anseios

e sua vocação. Sobre o que desconhecer não se esquivará de responder simplesmente que não sabe, sem nenhuma vergonha por não saber. Nada tinha de si que devesse ser ocultado e nenhum razão existia para fugir de qualquer pergunta. Não se preocupava com nada.

Faltavam apenas dois dias de exames para Tuta encerrar esse capítulo que inicialmente não fora por ele previsto. Depois se julgaria livre para buscar outros caminhos ou, na pior hipótese, se veria comprometido a ingressar nessa Escola. De sua parte, Tônico mostrava-se animado na certeza de que o irmão seria aprovado e conseguiria fixar-se na capital com a estabilidade de um bom emprego e com soldo maior do que o seu. Condição nada desprezível, levando-se em conta, ainda, que um cadete detinha posição hierárquica superior à de um sub-tenente. A visão de Tônico era objetiva, pragmática. Entusiasmava-se com o possível ingresso do irmão naquela Escola, talvez como se fosse por ele próprio.

– Como é que você está de dinheiro?

– Ainda tenho algum. Só gastei com ônibus, papel de carta, uma entrada de cinema e um livro – respondeu Tuta imaginando o pouco que ainda lhe restava.

– Não é bom você escrever pra casa contando que tá tudo bem por aqui?

– Acho que ainda não. Vou esperar terminar os exames e se eu puder eu volto lá e conto. Eu não sei o que é que vai acontecer. Pode ser que eu arrume um emprego...

Depois de almoçar com o irmão Tuta retornou ao alojamento do quartel, onde não encontrou nenhum de seus companheiros civis. Era de se supor que tivessem viajado para suas respectivas cidades. Sentindo-se bem ao estar sozinho e no silêncio do vazio daquele alojamento deitou-se calmamente, retirou do bolso a carta de Irene e enquanto a lia

tornou a imaginar a menina de sorriso feliz em sua presença. Naquele momento havia ali um mundo inteiro que era só seu. Algum tempo depois retomou a leitura do livro *Gabriela Cravo e Canela* sem se importar nem um pouco com o que ocorria no outro mundo lá de fora ou com o que adviria nos dias do amanhã. Ador-meceu com o livro aberto sobre o peito.

IV

O domingo amanheceu escorregando-se lentamente pelas horas vazias do quartel. Desde cedo um sol brilhante com céu azul infinito era convidativo para um bom passeio por agradáveis praças da cidade. Porém, Tuta resolveu não sair. Recolheu-se para escrever outra carta para Irene que só viria a ser postada na tarde de segunda-feira. Nela, conclamou sua namorada a continuar lhe escrevendo sempre para que ele pudesse viver com suas palavras, sonhar com suas histórias e ter seu sol como guia. Na longa carta ele citou Henry Miller, que em um de seus livros disse que o mundo é apenas um câncer comendo a si mesmo. Discorreu ousando discordar desse autor para dizer que para ele o mundo não é assim autodestrutivo; que para ele quando o mundo lhe impõe a distância ele inventa a presença ainda que apenas em sua imaginação; que quando a vida lhe provoca dores ele encontra alívio no aconchego dos verbos que conjugam passado-motivo, presente-amor e futuro-esperança, preferindo-os no gerúndio porque ele gosta de estar sendo. Prosseguiu escrevendo sobre um imaginário confronto de dois poetas que em tempos distintos compuseram poemas sobre um mesmo tema: menino morto. Vicente de Carvalho, nos idos de 1920, e Cassiano Ricardo,

em 1956. O primeiro um poema parnasiano, preso ao ritmo e à forma, o segundo com versos soltos cadenciados tão só pela natureza-verdade. Achou que o segundo poeta contrariava o primeiro. Em ambas as poesias um mesmo sino, mas na mais recente ele já não tocava; o mesmo traje, mas o menino desse poema não tinha os debruns de prata daquele porque vestia apenas um farrapo; o primeiro morreu de morte bonita, o segundo de fome. No enterro do menino de Cassiano Ricardo só havia um coveiro socando a terra. Não tinha padre, rosário ou ramos de flores como no enterro do menino de Vicente de Carvalho. Ao final Tuta reproduziu de memória um verso de Cassiano: “...até foi bom pequenino morto que morresses já.”

À tarde buscou isolar-se num recanto arborizado nas redondezas do quartel, sentando-se à sombra de uma frondosa castanheira com sua copa densa e arredondada para ali se deixar ficar por horas a fio até terminar a leitura da crônica de costumes de Jorge Amado, que apresentava a sensual cozinheira Gabriela em seu romance com Nacib. Que solidão magnífica quando recolhido assim! Desde menino Tuta nunca teve medo de estar sozinho porque sempre lhe pareceu que a solidão o deixava ser mais completo e por inteiro, nela podendo respirar uma liberdade interior sem egoísmo, sem disfarces, sem convenções. Nela sentia-se bem acompanhado por si mesmo e estava livre para dar asas à sua imaginação e para criar suas fantasias. Maior solidão é quando em meio a uma multidão não se é visto nem há comunicação com ninguém. É estar sem ser, é ser sem conviver. Daí a necessidade de inventar a presença ou de viajar por tempos já idos ou por virem, ainda que não se tenha programa de chegada.

Para Tuta, o estar sozinho num silêncio de leitura era encher-se de palavras sussurradas no seu íntimo e isso lhe fazia bem. Não tinha pressa de retornar ao convívio com

seus companheiros de alojamento que a essa hora já estariam voltando, embora alguns desses lhe ofertassem agradável companhia. Deixar seu recolhimento para imergir num redemoinho de ideias vãs não lhe apetecia. Oxalá pudesse permanecer ali por mais tempo!

Com a chegada da segunda-feira, Tuta novamente se viu em meio a bem mais de uma centena de candidatos até então sobreviventes da longa jornada de exames. Aguardou pacientemente o início da bateria de testes psicológicos a serem seguidos pela entrevista. Estava calmo, sem nenhum receio de ser reprovado – mesmo porque não iria se incomodar nem um pouco com sua eliminação. A relação dos aprovados que deveriam se submeter às provas escritas só seria divulgada na manhã do dia seguinte e para essas últimas provas seus colegas continuavam a se preparar doidamente. Ele não. O que terá de ser será. Tão só deixava-se levar, embora isso nunca tenha sido de seu agrado.

Quando soube do resultado obtido nos psicotécnicos e de sua passagem pela entrevista teve a impressão de que seus pés flutuavam como se não tocassem o chão. Menos por celebração e mais pelas dúvidas sobre o amanhã que isso lhe causara. Não falseara nos testes com nenhum intencional propósito de se reprovar, mas não se empenhara nem um pouco além do normal de quem estava sendo submetido a uma avaliação psicológica. Na entrevista sentira-se à vontade para responder sinceramente sobre sua origem, seus hábitos, pretensões pessoais e seus anseios. Nada do que lhe fora perguntado chegou a intimidá-lo. Porém ao saber de sua aprovação sentiu-se confuso e desordenado. Se mantido esse resultado, terá que assumir a obrigação de se matricular naquela Escola e isso lhe soava menos como uma vitória e mais como uma ameaça. Bem ao contrário dos demais candidatos

aprovados – e muitos foram os eliminados – confortava-se por ainda estar convicto de que não obteria notas aprovativas nos exames escritos a serem aplicados à tarde dessa terça-feira no próprio quartel onde se alojava. Constrangia-o ter que fazê-las, sabedor de que não teria condições de obter notas aprovativas em Física, Matemática, Química ou Biologia a nível do científico que não fizera. No íntimo incomodava-o ser reprovado logo nas provas de cultura geral. Quem sabe não será melhor deixar de comparecer a esses exames finais? Essa ideia atravessou-lhe o espírito como um relâmpago, levando-o a considerar a alternativa como última escapatória. Mas como justificar esse abandono final a seu irmão?

Por volta das duas horas da tarde da calorenta terça-feira, todos os candidatos até então aprovados foram reunidos no pátio interno do quartel para receberem do Comandante as últimas orientações quanto às provas escritas. Eram menos de uma centena, dos quase dois mil candidatos que havia mais de quinze dias iniciaram a disputa por uma das vagas naquela escola. Sob o comando de um jovem Tenente foram perfilados no pátio, formando três pelotões multicoloridos pelas roupas civis que usavam. Percebia-se ansiedade na face de alguns e sorrisos desenxabidos de outros como se antecipando comemoração por terem chegado ao dia final das provas. Só Tuta se mantinha indiferente. Sentia-se como mero coadjuvante daquela cena, sem nenhum entusiasmo por dela participar. Pensava em Irene. Vieram-lhe à mente os muitos sonhos que o embalaram desde seus tempos de Ginásio e que o trouxeram para a cidade grande; a longa e cansativa viagem que fizera; a mulher do trem que o surpreendeu com a informação de que ele houvera perdido o prazo para se inscrever nos vestibulares de faculdade que pretendia frequentar; a real necessidade que tinha de permanecer na capital até que

fosse possível alcançar o que ainda anseia; a malfadada ideia de Cabo Ivo com o pronto acolhimento e patrocínio de seu irmão; o primeiro dia naquele quartel e a grosseria da recepção que lhe foi dada pelos cadetes veteranos; os marcantes reclamos do cadete catarinense que lastimava seus anos de juventude perdidos nessa escola; o fato de não ter sido eliminado antes quando por duas vezes desafiadoramente deixou de comparecer aos locais de provas e o ter se deixado levar durante todo esse tempo por desprezível conveniência, mesmo sabendo não ter nenhuma vocação para a vida em caserna. Tudo lhe fazia parecer estar num desvio sem cor, sem calor ou vida, forçado a prosseguir na prática de um desagradável exercício de paciência. Observava um ou outro dos companheiros conhecidos que estavam ali, alegrando-se ao ver Piquerobi e Jambeiro entre os finalistas. Não viu Ibiúna, supondo ter sido ele eliminado. Aguardaram por cerca de quinze minutos, formados sob um sol ardido no pátio interno, até que o Coronel Comandante comparecesse ali para lhes falar.

O Comandante era um homem sisudo, de estatura média, cabelos grisalhos e cintura grossa, avançado na idade, já tendo sido inclusive o Comandante Geral da Força Pública do Estado – o que certamente o fazia ter tempo de serviço mais do que o bastante para se aposentar. Trajava um uniforme com calça amarronzada, sapatos pretos, camisa bege clara de mangas compridas com uma gravata azul marinho e um bibico mal assentado na cabeça. Nas platinas de sua camisa via-se bordado em branco um laço húngaro com seis divisas a indicarem o posto máximo da Corporação. Postou-se sério e altivo à frente dos pelotões de candidatos para receber a regulamentar apresentação do Tenente que comandava o grupamento e dirigiu-se aos candidatos com voz um pouco

apequenada e fina, não muito condizente com um comandante-em-chefe, sendo nela perceptível um indisfarçável sotaque italiano. Fez ele um pequeno e rápido discurso.

– Senhores candidatos, em primeiro lugar eu quero cumprimentá-los e parabenizá-los pelo fato dos senhores terem vencido todas as provas seletivas que enfrentaram ao longo desse mês e por terem chegado até aqui. Todos os senhores demonstraram possuir saúde e capacidade física, estando aptos para ingressar nas fileiras da gloriosa Força Pública do Estado de São Paulo, na condição de alunos desta Escola de Oficiais. Sei que não foi uma tarefa fácil. Muitos ficaram pelo caminho reprovados num ou noutro exame. Em segundo lugar eu quero dizer aos senhores que o número de aprovados até aqui foi menor do que o número de vagas que nós temos para esse ano no Curso de Formação de Oficiais. De maneira que eu anuncio aos senhores que ficou decidido pelo Alto Comando da Corporação que as provas que os senhores vão fazer agora – provas escritas de cultura geral – não vão mais ser seletivas como antes estava programado. Elas só vão ser classificatórias, o que quer dizer que todos os senhores já podem se considerar aprovados e todos os que estão aqui já são os novos alunos desta Escola de Oficiais. Os senhores estão de parabéns. Sejam bem-vindos. Obrigado.

Tuta não queria acreditar no que ouviu. Pode se imaginar facilmente o efeito que essa notícia lhe causou porque ao longo das últimas semanas viera pensando em sua reprovação a cada nova fase de exames aos quais se submetia e isso teria sido para ele a melhor justificativa para desviar-se do caminho até agora percorrido. Porém, isso não mais era possível, a menos que adotasse uma renúncia radical ao que já houvera conquistado, ainda que a contragosto. Uma atitude assim desafiaria o bom senso e o deixaria comprometido

perante seu irmão. Seria o abandono de algo que já estava em suas mãos, para aventurar-se na direção de um novo, duvidoso e incerto rumo. Teria que se acostumar, pouco a pouco, com o fato de que seria matriculado nessa escola e deveria frequentá-la sabe-se lá por quanto tempo. Olhava incrédulo para os companheiros que se alegravam em forma, com sorrisos abertos e recíproca troca de olhares festivos numa antecipada e descontraída celebração que acabou por motivar um chamamento de atenção pelo Tenente que comandava o grupo. O que tinha sido anunciado era que independentemente da nota que obteriam nos exames escritos todos já estavam aprovados e seriam matriculados no Curso daquela escola. Portanto, desde então podiam ser *enquadrados* como se militares já fossem.

Quando conduzidos para as salas de aula onde fariam as provas e deveriam permanecer por no mínimo duas horas, sem permissão para delas saírem antes desse tempo, houve um vozerio animado e indevido pelos corredores do quartel. Diferente dos demais, Tuta deixou-se conduzir em silêncio, nada eufórico com esse final por ele não imaginado. Concluía que nem mais fazia sentido submeter-se àquelas provas, mas delas não podia se desvencilhar e, como previsto, nelas não se houve bem. Salvou-se de zerar em algumas matérias por acertos aleatórios ao assinalar alternativas de livre escolha. Suas melhores notas provieram de Língua Portuguesa, História e Inglês, ainda assim insuficientes para compensar as baixas notas obtidas nas demais disciplinas ou para evitar uma reprovação no conjunto, caso esse tivesse caráter eliminatório. Repita-se que tudo transcorria como se Tuta estivesse predestinado a ingressar naquela academia. Querendo ou não. As coisas não podiam estar sendo de outro modo, senão como elas realmente tinham que ser.

A última ordem dada pelo Tenente foi a de que após o término das provas todos deveriam aguardar no pátio para receberem novas instruções, de maneira que depois de deixar a sala Tuta isolou-se num canto, recurvado sob a sombra do prédio principal, sentindo-se vencido ante o fato consumado. Talvez houvesse pensado que tudo não passava de uma brincadeira extravagante e inconsequente que tão só lhe poupava despesas pessoais pois dormia e comia de graça, mas agora via-se acuado à frente desse final, tomado por uma inquietude num turbilhão de dúvidas que invadia sua mente. Com olhar apagado mirava o prédio do rancho à sua frente e não reconhecia nenhum dos aprovados que transitavam pelo pátio em festiva confraternização. Não era mais o mesmo que por conveniência aceitara inscrever-se na disputa por uma vaga em curso dessa escola. Dava-se conta de que a partir de então esse lugar poderá vir a ser sua morada pelo menos até o final do ano e, pior, em regime de internato, o que não lhe permitiria dedicar-se a outra coisa durante esse período.

Perdia-se em reflexões sombrias ao despertar para essa realidade repleta de consequências inimagináveis. Como será viver encarcerado nesse quartel sob um regime militar que jamais o atraía? Sua experiência no Tiro de Guerra de Cruz das Almas não lhe deixara nenhuma lembrança agradável. Contudo, tinha que reconhecer que por ter se deixado conduzir por esse caminho imprevisto acabou sendo traído por seus próprios passos e sua própria indolência. Tinha que admitir que só ele era o grande responsável por ter chegado onde chegou e por estar à frente desse resultado. A culpa não era do Cabo Ivo, que com repentina ideia sugeriu sua inscrição para os exames de ingresso nessa Escola. Ele só quis ajudar. A responsabilidade não é de quem sugere, mas de quem acolhe a sugestão e decide. A culpa não era de seu irmão,

que ao abraçar aquela ideia passou a estimulá-lo e depois a cobrar a continuidade de sua frequência às provas. Não! Mais ninguém era o culpado! Tinha que admitir que a culpa era exclusivamente sua, porque foi incapaz de assumir, com determinação e firmeza, uma decisão pessoal que o levasse a abandonar de vez os exames desde que teve na escola seu primeiro contratempo. E ele tivera motivos de sobra em mais de uma oportunidade para fazer isso. Se não o fez em definitivo foi porque simplesmente recuara indeciso e inseguro.

Tinha que admitir que o chegar até aqui e o estar presentes a ser matriculado nessa escola indesejada não eram um resultado que lhe tivesse sido imposto por ninguém, nem eram um produto de mero acaso. No fundo no fundo, ele tinha que reconhecer ter sido hesitante e sobretudo acomodado ao não desistir de vez dessa aventura e não ter saído à procura de um emprego que lhe propiciasse fixar-se na capital para iniciar uma vida diferente, independente e bem distante desse quartel. Intimamente, uma desconfortável sensação de desacerto e de constrangimento trazia-lhe a necessidade de compreender-se melhor e de explicar a si mesmo porque fizera isso ou porque deixara de fazer aquilo. Nada à sua volta correspondia ao que sonhara encontrar nos voos de sua imaginação de menino. Entregou-se a um *mea culpa*. Talvez no futuro ele estará dizendo a mesma coisa que ouviu do cadete catarinense, sem poder culpar a ninguém senão a si mesmo.

Vinte e quatro horas depois, Tuta estava preparado para viajar de volta a Cruz das Almas após saber que todos os candidatos aprovados estavam dispensados até a próxima segunda-feira, dia 20 de janeiro, quando teriam que se apresentar às 7 horas em ponto no pátio do quartel, trajando uma calça jeans, sapatos pretos e uma camiseta branca com mangas curtas. No enxoval deveriam trazer um calção azul,

camiseta regata branca e tênis preto com meias brancas para a prática de educação física, afora objetos de higiene pessoal. Todos teriam que se apresentar já com os cabelos aparados com máquina zero, corte tipo americano, proibido o uso de bigode. Seriam três dias de folga para que Tuta pudesse rever seus pais, sua cidade e estar com Irene antes de incorporar-se como cadete naquela academia militar.

V

Na manhãzinha de quinta feira, dia 16 de janeiro de 1964, depois de nova e cansativa viagem de onze horas, mal acomodado no chacoalhante e desconfortável trem e antes que sua cidade houvesse despertado para o dia, Tuta desembarcou na pequena estação do ramal ferroviário de Cruz das Almas, a mesma de onde partira para a capital há exatos trinta e um dias. Ninguém o esperava e era ele só quem estava de volta ao lar. Ainda na plataforma respirou fundo o ar puro de sua cidade natal como se com esse devesse realimentar-se por estar ali. Sentiu o prazeroso cheiro das árvores copadas; aguçou os ouvidos para escutar o trilar de pássaros sem poder vê-los porque agasalhados entre folhagens; reviu o rio Itaguaí que silenciosamente escorria sob a ponte; apreciou o verde que o acompanhava às margens das longas avenidas centrais e curtiu o amanhecer que lentamente se coloria como se o estivesse vendo pela vez primeira. Sentia-se rejuvenescido, renascendo em si a cada passo, a cada momento e a cada quadra enquanto caminhava pelas ruas ainda desertas que o remetiam aos tempos de sua infância e adolescência. Vivía o agradável reencontro com seus lugares, seus recantos,

seus becos, seus ares, seu rio e seus encantos, tão caros lhe eram, gravados no mármore de sua memória. Percebia que nas ruas de Cruz das Almas havia simplicidade do destino, nada semelhante à complexidade existente nas da Adamastor. Essas eram só suas e ele não tinha que dividi-las com um fervilhar de gente que ia e vinha de forma desordenada. Revia Cruz das Almas encantada em sua mesmice de sempre, exatamente igual à que um dia deixara. Tudo lhe era receptivo, aconchegante e lhe parecia bonito. Ele pertencia por inteiro a esse lugar, de corpo e alma, e retornar era reviver seus dias passados nele. Quando antes percorria seus caminhos havia a certeza de que iria chegar a um lugar pretendido e uma la-tente vontade de prosseguir o acompanhava direcionando-o para o encontro com seu amanhã.

Sua cidade sempre fora o estímulo maior a embalar seus sonhos, desde menino quando nela chegou, animando-o para alçar seus voos imaginários e alimentando seus desejos de conquista, sem lhe despertar nenhum receio de não poder voltar. Havia nela uma certeza que lhe trazia segurança e, enquanto nela estivera, o que o entusiasmava era a busca pelo desconhecido, pelo não sabido, sonhando descobrir novos mundos enquanto ela, vagarosamente, o preparava para isso. Estar de volta, respirando seus ares, tinha para ele um doce sabor de vitória, embora ainda não tivesse alcançado o principal objetivo antes e sempre pretendido. Mesmo assim não podia se dizer derrotado, porque conseguira um meio provi-sório para se fixar na capital a despeito de não ser o que desejava. Pelo menos passou a ter a certeza e segurança de que receberia um soldo mensal que poderia custear suas próximas viagens para rever Irene em finais de semana livres. Fixava seus pensamentos em sua menina de sorriso feliz tanto mais quanto mais se aproximava da avenida forrada de florezinhas

amarelas. Apressou o passo, ansioso por avistar sua casa, supondo poder vê-la sentada no cadeirão de madeira do terraço com um livro na mão e esperar que ela viesse correndo a seu encontro para um abraço do tamanho do mundo. Mas isso não era possível a essas horas, ela não estava lá. Passou pelo murinho onde a beijou pela primeira vez naquela inesquecível noite de abril, parou um pouco à frente de sua casa, olhou para a janela de seu quarto e a imaginou dormindo o sono profundo ao que se habituara pela manhã. Querendo anunciar sua chegada assobiou bem alto a música *I can't stop loving you* de Ray Charles, antes por eles adotada como sendo sua canção. Não lhe importava saber se sua menina estava ou não ouvindo. Anunciava para a avenida florida, para a casa de Irene, para sua cidade e para si mesmo. Estava de volta e isso era bom. Pelos próximos três anos esse assobio passaria a ser sempre o mesmo aviso de sua chegada. Ouvido ou não.

Ansioso, tomou o caminho da vila para chegar à sua casa, caminhando com ar sonhador, imaginando a surpresa que causaria aos pais. Achou que voltar era melhor que ir.

Coutinho e Ordália acordaram com repetidos toques dados na janela de seu quarto, primeiro assustados com o fato inusitado e depois felizes ao reconhecerem a voz de Tuta a lhes pedir que abrissem a porta. Emocionaram-se ao rever o filho nesse inesperado encontro e mais ainda porque dele não tinham recebido a menor notícia desde que ele embarcara para a capital. Também para Tuta foi emocionante o reencontro com os pais. Era ele o menino caçula que voltava à casa materna sentindo-se mais inteiro como nunca e na completude de seu ser. Em nenhum outro lugar do mundo seria recebido com tanto carinho. Ordália chorava de alegria dando graças a Deus por revê-lo assim tão bonito quanto o são todos os filhos aos olhos das mães. Coutinho o abraçou

demoradamente, beijando-lhe o rosto pela segunda vez enquanto o dia amanhecia mais cedo naquela humilde casa de vila então revisitada em todos os seus cômodos pelo filho que a ela tornava.

Emoção desmedida de quem chegava e alegria incontida de quem recebia. Que boas notícias trazia o menino? Atabalhoadamente Ordália queria saber de tudo de uma só vez. Se ele conseguira arrumar um bom emprego; se conseguira ingressar na Faculdade; se lá ele era bem tratado; se estava se alimentando direito; onde é que está morando; como foi sua viagem e como é que está Tônico. Sequer dava tempo para que Tuta completasse uma resposta antes que viesse uma nova e sucessiva pergunta por ela formulada. Bem diferente, Coutinho aquietou-se num canto da cozinha e olhava orgulhoso para Tuta sem dizer palavras, deixando rolares pela envelhecida face duas lágrimas involuntárias. No fundo, sentia-se realizado porque antevia o sucesso do filho mais novo. Para ele seu menino era um homem formado, independente e desbravador, capaz de conquistar tudo o que anseia nesse mundo. Quem dera nos idos tempos ele também tivesse tido uma coragem assim para escapulir-se de Santo Antônio, nessa idade e com essa valentia. Mas Deus não dá a ninguém a graça de modificar o destino por Ele traçado. Esse menino vai correr pelos campos do mundo inteiro e vai ser alguém que o pai não pode ser!

Os pensamentos de Coutinho se faziam livres como as lágrimas em seu rosto. Acompanhava o relato de Tuta sobre os exames no quartel e se via também competindo, imaginando-se como se ainda fosse aquele jovem saudável e forte que tinha fôlego mais do que o bastante para correr quilômetros pelas campinas, para saltar sobre largos riachos, para transportar nas costas um pesado saco de arroz ou um porco

de engorda, para subir pelas cordas até o alto das árvores ou para segurar um pequeno touro pelos chifres. Ah, se pudesse voltar no tempo com a experiência que tem hoje! Quanta coisa boa poderia ser feita! Enfim, como se despertando de uma viagem pelo tempo refletiu com esforço antes de perguntar.

– Por que é que o Tônico não veio junto?

– Ele tem que trabalhar, pai. Não pode vir.

Coutinho levantou as sobrancelhas fazendo aparecer um sulco profundo na frente, apanhou seu toco de fumo de corda e começou a picá-lo para preparar seu cigarro de palha. Olhou diretamente para o filho e mesmo que meio atrapalhado arriscou perguntar.

– Desculpa eu perguntar, mas parece que você não tá gostando muito do quartel, não é?

Tuta sentiu-se descoberto pelo pai. Só falara das curiosidades dos exames práticos que fizera, de sua aprovação no curso como tendo sido uma vitória, embora sem demonstrar grande empolgação, e omitira as questões relativas a seu interesse maior. Jamais falaria das humilhações que sofrera e do desencanto que a vida no quartel já lhe causava. Não pretendia contar aos pais absolutamente nada sobre a perda do prazo para inscrição nos vestibulares de uma faculdade ou sobre qualquer coisa que pudesse entristecê-los. Não queria lhes trazer preocupação e para isso lançaria mão até de algumas pequenas mentiras se necessárias. Sorriu antes de responder pretendendo dar maior credibilidade ao que iria dizer e buscou acrescentar dados por ele julgados como sendo os mais importantes para a compreensão do pai.

– Não, pai. Eu estou contente com tudo. Na escola eu vou dormir e comer de graça, receber todos os uniformes que preciso e ainda vou ter um bom salário só para estudar. Depois que eu terminar o curso eu até posso tentar uma outra

coisa se eu quiser ou então seguir outra carreira se eu não me der bem com essa. Fique tranquilo, pai. Está tudo bem!

Ordália terminou de coar seu café sem parar de falar um minuto. Tagarelava com entusiasmo, contando que fizera duas camisas e que Tuta deveria levar porque irá precisar de mais roupas. Contentada pelas respostas às perguntas que fizera, começou a contar as novidades que tinha, noticiando que Ordalina havia deixado o patrimônio de Itaiporã e se mudado para cá, morando numa bela casa a poucas quadras da sua; que Esmaíde também tinha deixado o sítio da Barreira dos Cipós e se instalado na cidade, tendo o marido aberto uma pequena loja para venda de retalhos e de bugigangas que ficavam escondidas sob o balcão: relógios baratos e bijuterias em geral. Estavam todas morando perto dos pais e isso era bom – exceto Benvinda, ainda no distante Paraná. Tuta interessava-se por tudo o que ouvia da mãe e também fazia suas perguntas, fosse porque desacostumado de ficar distante e a ele parecer ter estado ausente por anos, fosse porque sempre teve grande estima e muita aproximação com sua gente.

A manhã estendeu-se para os três em volta da mesa da cozinha, com Tuta querendo que as horas passassem depressa para poder ir ao encontro de Irene. Não lhe tinha noticiado em carta o dia e hora de sua chegada, seria uma surpresa. Achou melhor assim. Não iria logo cedo à sua casa por saber que ela só se levantava bem mais tarde, nem poderia chegar à casa de sua avó antes do almoço por sabida inconveniência do horário. Deixou-se permanecer com os pais alongando pedidos de notícias sobre seus parentes.

Quis saber de Juvelina, de Giácomo, dos tios Genésio e Tina, dos avós Calimério e Turmalina, ainda morando em Itaiporã, do avô Izidoro, o patriarca da família, isolado em Santo Antônio, de tia Natália e de seus primos queridos,

todos bem conforme resumidamente informado pela mãe. Lembrou-se de Jandira e soube que dela ninguém teve notícias desde o dia em que ela veio em visita, isso há mais de dois anos. Queria revisitá-los todos os seus tempos guardados na memória para reviver cada momento encantado vivido ali.

Uma notícia que o entristeceu foi a de que *sen* Alexandre estava internado na Santa Casa já fazia uma semana sem que os médicos dessem um diagnóstico certo sobre o que ele realmente tinha. Na verdade, ele não tinha nada além de seus 82 anos, que faziam com que ele se cansasse da vida e se entregasse para morrer sem nenhuma doença. Estava morrendo de velhice. Quando uma vez Ordália foi visitá-lo ela o encontrou lúcido, porém recusando-se a comer o que lhe ofereciam e dizendo que seu tempo havia acabado e que não mais iria levantar-se da cama. Tuta não voltaria a vê-lo de pé junto ao portão de sua casa esperando por cumprimentos ou por pequenas prosas com conhecidos seus que passavam ou paravam por ali.

VI

De férias escolares, Irene permanecia na cama até bem mais tarde, só deixando o quarto lá pelas onze, onze e meia da manhã sem que ninguém a incomodasse antes – mesmo porque, como sempre, entregava-se à leitura até altas madrugada. Era já quase meio dia quando, tomando seu café, ela recebeu das mãos do avô a mais recente carta de Tuta, postada na capital na segunda-feira anterior. Nela ele não narrou fatos comuns ou cotidianos, não falara dos exames aos quais estava sendo submetido e muito menos anunciara sua

vinda próxima. Pedia que Irene continuasse a lhe escrever e discorrera sobre os poemas de Cassiano Ricardo e Vicente de Carvalho. Era uma de suas cartas de amor que mais se assemelhavam a um exercício de literatura como fazia quando dos desafios que o Diretor da Rádio de Cruz das Almas lhe impunha, tendo que compor textos sobre os mais difíceis e aleatórios temas e com fixação de prazo para entrega. As cartas de amor trocadas por Tuta e Irene não eram ridículas, embora se diga que todas as cartas de amor são ridículas. As de Irene, principalmente, não eram. Eram doces e inspiradas composições com palavras bonitas que tinham um agradável ritmo e uma adequada sonoridade. Com muita leitura e inato talento, Irene escrevia muito bem. Quando ela tomou da carta que chegara, suspendeu seu café e correu para o quarto para ler em sua reservada intimidade. Jamais poderia supor que nessa hora Tuta estava ali bem perto e que logo estariam juntos.

Ele chegou à sua casa por volta das duas horas da tarde desse dia ensolarado e quente de verão. Foi recebido pela avó e assim que anunciada sua presença Irene veio correndo até o portão e quando se viram se atraíram, se abraçaram, se beijaram e dançaram soltos no espaço bonito de um fantástico voo acompanhados por uma música de amor que naquele instante era infinito. Quanto tempo de saudades tinham eles que resgatar a cada minuto? Não diziam palavras, todas elas dispensáveis e inúteis, porque mais valiam os olhos nos olhos para dizer tudo o que queriam ou que preciso fosse. Davam-se as mãos, trocavam carícias silenciosas na mudez dos sentidos latentes que lhes incendiavam as veias, completavam-se nos sonhos inconfessos, nas verdades sabidas e no romântico imaginário de jovens apaixonados. Era tudo o que Tuta queria reencontrar. Era tudo como Irene queria estar.

Ele chegara junto com a carta e para ela fora dupla a felicidade. Imaginara-o distante e agora o tinha presente. Tocava-lhe a face com suas mãos pequeninas e macias e balbuciava palavras que não queriam soar porque não precisava. Silenciado, ele observava o sorriso feliz na face da menina que um dia supôs não conseguir que fosse sua namorada. Feliz realidade a que encontrava. Instante de chegada a um destino pretendido onde moram a felicidade e a paz que acolhem e agasalham angustiados. Havia uma enorme vontade de recomeço, como se tudo devesse principiar naquele momento enquanto caíam as florezinhas forrando de amarelo as calçadas da avenida. Quem falaria primeiro?

Irene sorri novamente para Tuta, toma-o pelas mãos e puxa-o até o terraço.

– Vamos sentar aqui. Quero que você me conte tudo. Tudinho.

– Por onde eu devo começar? – questiona Tuta também sorrindo.

– De trás para frente. Comece de ontem e vá voltando devagarinho até o dia em que você partiu. Vai ser melhor assim porque aí eu não fico ansiosa pra saber como você está agora. Sugeriu Irene enquanto se acomodava num dos cadeirões de madeira do terraço e se posicionava para ouvi-lo.

– É para voltar no tempo? – gracejou Tuta.

– É. Vamos ver se você consegue – desafiou.

– Está bem. Vou começar dizendo que quando eu passei por aqui hoje de manhazinha, às seis e pouco, eu assobieie *I can't stop loving you* para você.

– Ah, que pena! Eu não ouvi porque estava dormindo. Queria ter ouvido. Conta mais!

Em tom natural como quem conversa com um amigo, Tuta iniciou a retrospectiva sem ser linear, muito menos

recitando um monólogo, porque pontuado por repetidas interrupções de Irene com seus questionamentos pertinentes, suas considerações ponderadas, apreciações concordantes com o que ouvia ou, por vezes, fundadas opiniões discordantes que provocaram pequenos debates. Prosseguiu contando de sua aprovação no curso daquela escola militar, não sem destacar o que isso lhe representava em termos de meio de sustento para sua permanência na capital e não ocultando seu absoluto desencanto com a vida que conhecera no quartel. Não queria esconder nada do que com ele ocorreria ou do que sentia. Falou da estranha impressão que teve de que deveria estar predestinado a ingressar naquele curso tal a ocorrência de inesperadas facilidades que provieram e que o impeliram de maneira adversa à sua real vontade e de forma contrária ao que esperava suceder. Discorreu sobre a desagradável recepção que tivera dos veteranos no primeiro dia em que ficou alojado na escola e que acabou provocando suas fracassadas tentativas de desistência dos exames.

Mantendo os olhos fixos nos olhos de Irene, falou dos cantos, das praças, dos jardins e dos recantos da Adamastor que conhecera em toda sua exuberante grandeza. Contou sobre a acomodação provisória que conseguira numa pensão e da perda do prazo para a inscrição nos vestibulares das Faculdades que pretendia frequentar, sem recuar tanto a ponto de citar o encontro com a mulher do trem. Teve como completada sua retrospectiva ao repetir que achava que voltar era sempre melhor do que ir.

Irene escutou com detido interesse cada detalhe de sua narrativa, ora o estimulando a aceitar a escola militar por considerá-la como um bom trampolim para amanhã ou depois poder optar por outros caminhos se vier a ser essa sua vontade, ora discordando de seus recuos ou desistências quando

à frente dos primeiros obstáculos. Ao lhe ser dito que ele devia seguir andando, vendo, sofrendo, amando, pecando, arrependendo-se e ressurgindo, Tuta lembrou-se de que Irene escrevera exatamente essas palavras em sua primeira carta. Como também escrito por ela ele reconhecia que a vida é mesmo assim como uma coleção de imagens e de vozes que às vezes são bonitas e às vezes não, tendo como consolo a liberdade de só receber as que são bonitas.

Irene o olhava admirada e bem de perto via-o como um vencedor, confiante de que ele será capaz de alcançar tudo o que almeja. Ainda que demore. O tempo dará tempo para novas chegadas, mas naquele instante o que importava é que estavam juntos.

A permanência de Tuta em Cruz das Almas fluía com as horas correndo em ritmo acelerado, a mal lhe dar chance de rever ou de reviver tudo o quanto queria. Desejou que o tempo tornasse menos rápido o passar do dia para prolongar a encantada tarde de mãos dadas com a menina de sorriso feliz, antes de voltar à vila para aprontar-se para nova saída à noite. Aliás, esse era o único intervalo que ele desejava que passasse depressa. Ela esquecendo-se do tempo e do espaço para deixar-se levar nos braços de uma confortante felicidade. Ele preocupado com o tempo como se desejasse retardá-lo. Revisitaram o laguinho adormecido beliscado por libélulas esvoaçantes, deixando-se embriagar com pensamentos bonitos que os levavam a flutuar sobre as águas.

Que diferente e maravilhoso mundo era esse em que estavam! Nenhum compromisso com a vida ou com o futuro que não era necessário. Bastava-lhes o agora. Bastava a Tuta a doce companhia de Irene com sua juventude sorridente e com seu enorme poder de encantamento. Ele não buscava alcançar mais nada nem no hoje nem no amanhã porque tudo

o que lhe importava estava ao fácil alcance de suas mãos e, se longe estivesse, sua vontade teria a força para fazer vir a si tudo o que ou o quanto quisesse. Sentia-se engrandecido até para ser capaz de afugentar imaginários cavalos indóceis que às vezes invadiam com seu tropel o fundo escuro de seus olhos fechados. Até para ser capaz de fazer recuarem não identificados guerreiros que com suas pesadas armaduras vinham incomodá-lo antes do sono, ou de dizimar por inteiro um batalhão de botas sujas que insistia em espreitar sua intimidade adormecida.

Enquanto isso, Irene debruçava-se nos ombros de Tuta e entregava-se a sonhos com os olhos abertos na leveza de seu ser. Não fora cobrada a contar nada sobre o que com ela se passou durante o mês em que estiveram separados, talvez porque o pouco que escapara da mesmice dos dias na pequena Cruz das Almas já tivesse sido contado em suas cartas ou porque seu estilo tivesse evitado narrar fatos rotineiros mais do que conhecidos por Tuta. Em suas cartas Irene falara de si, de seus vazios, de sua espera e de saudades. Contara sim do louva-a-deus esverdeado e alongado como uma pequena folha seca; da borboleta que tinha acabado de ser maquiada e que invadira seu quarto; dos livros que lia; de seus guardados numa gaveta repleta de duendes; do trágico amor de Tristão com a princesa Isolda e do amor adúltero do compositor Richard Wagner com a bela Mathilde Wesendoncks. Agora era só falar do amor latejante existente entre eles e esperar que o tempo não seja cêlere.

Tuta voltou para a vila quando a tarde se fazia quase noite, pretendendo retornar à cidade para continuar na companhia de Irene tanto o mais quanto pudesse. Ao chegar em casa foi abalado pela notícia de que Seu Alexandre havia morrido no começo da tarde e que seu corpo já estava sendo

velado na própria casinha onde ele sempre morou. Pela sétima vez a morte a ele se avizinhava. A imagem do bondoso velho homem, de pé junto ao portão, mantendo na face um sorriso amigável que antecipava os cumprimentos e que sempre estava disposto a ofertar um pedaço de seu pouco tempo para uma conversa amiga, ainda que passageira, jamais poderia ser dissipada pela morte que veio buscá-lo. Na hora, Tuta cuidou de guardá-la assim, emoldurando-a na memória para mantê-la viva para sempre e para poder tê-la consigo como exemplo de mútua estima na igualdade de vidas que nunca se deixaram afetar pela enorme diferença entre as idades que tinham. A admiração e o respeito que nutriam entre si eliminavam essa diferença para se comunicarem bem e se compreenderem. Seu Alexandre era o velho amigo velho de um homem menino que gostava de ouvir dele valiosas lições brotando de sua imensurável sabedoria de vida. Não mais estará junto ao portão esperando que por ali alguém passe pela sua frente para com ele trocar algumas palavras. Na despida rua da casa de Ordália outra vez a vizinhança reuniu-se num só lugar para velar um dos seus a quem a morte visitou. Tuta se recusou a ir ver na sala o corpo de Seu Alexandre ali sendo velado, mas ao sair parou por bom tempo à frente de sua casa, revisou cenas antigas em que conversara com ele junto ao portão, avaliou o quanto lhe era importante e agradável tudo isso e depois deixou sua casa levando consigo uma profunda tristeza.

Às oito horas estava ele de novo chegando à casa de Irene que o esperava para saírem, mas não mais inclinado a se ver em meio de gente, dizendo preferir ficar a sós com Irene sentados ali no terraço dentro do silêncio da noite. A morte de Seu Alexandre o incomodava e dois sentimentos o induziam a se imobilizar em reverência: primeiro o de que, ainda que tentasse, não iria conseguir (*nem poderia*) se

libertar para uma alegria festiva ou com a espontaneidade que lhe era típica, mesmo estando à frente de sorriso e na companhia de Irene, porque sofria de um constrangimento por não ter ficado ao lado do corpo do velho amigo que se fora. Segundo, porque a ele sempre pareceu que em dia de visita da morte essa reverência se faz obrigatória e torna proibitivo continuar celebrando a vida como se a morte não houvesse chegado. O luto enegrece o dia e entristece a alma recomendando resguardo. De sua vez Irene lia no rosto de Tuta uma inquietação nervosa, como se ele houvesse esquecido de algo muito importante ao deixar a vila e devesse voltar lá para buscar ou como se dele houvesse sido retirado algo cuja falta o consumia. Aquiesceu em não sair para ficarem ali mesmo, ensimesmados, com os braços dos cadeirões do terraço postos colados um ao outro.

O diálogo foi sendo lentamente retomado, porém com palavras distantes que ora se perdiam num vácuo de incertezas, ora se desencontravam do que realmente se queria dizer. As preocupações materiais e até mesmo seus sentimentos mais íntimos passavam para o segundo plano de seus pensamentos e Tuta precisava se recompor dependendo, para tanto, cada vez mais da assistência de Irene.

– Você gostava muito de seu Alexandre? – perguntou Irene com voz baixa enquanto o acarinhava no rosto.

– Sabe Irene? Eu tinha nele e para mim a figura de um avô que eu via todo dia e que estava sempre ali por perto. Eu não convivi muito com nenhum de meus avós. Eu gostava muito dele.

– Mas ele viveu bem, Tuta. Oitenta e dois anos, não é? E não sofreu para morrer. Isso é uma bênção, você não acha?

– Não sei se a morte é uma bênção. Seja do jeito que ela for. O que sei é que ela machuca muito a gente que fica.

Minha tia Natália diz que a morte não dói e que viver é que dói mais. Ela diz que a morte apaga tudo, os sofrimentos, as decepções, as tristezas, os anseios e as frustrações. Será que é isso mesmo, Irene? Por acaso a morte vale a pena? Eu acho que seu Alexandre tinha muita alegria de viver, estava sempre com um sorriso acolhedor, com um olhar cheio de vida à espera de seu minuto seguinte. Estava lúcido e até na cama ele sorriu para quem o visitou. Com certeza ele não queria morrer, ainda que a vida lhe pesasse. Só que o tempo o apagou de repente. O tempo é implacável.

– Mas a gente tem que continuar regando as flores como São Francisco recomendou. Fazer o quê?

Durante um pequeno intervalo houve um olhar contemplativo entre os namorados. Tuta se reacomodou no cadeirão, beijou a face direita de Irene e aparentando estar voltando a si, sugeriu.

– Vamos mudar de assunto?

– Vamos – concluiu Irene.

VII

Estar em sua cidade e na companhia da menina Irene durante os dias desse final de semana serviu para que Tuta reavaliasse tudo o que lhe ocorrera na capital. Repensou fundamentalmente sobre seu amanhã, seus conflitos pessoais e seus problemas de consciência para decidir, só então com maior segurança, qual o caminho a ser tomado e por quais razões deveria tomá-lo. Desde que embarcara de volta a Cruz das Almas viera pensando que nesse seu retorno não havia nenhum fracasso nem derrota. Afinal de contas conseguira um meio para

permanecer na capital e viver às suas próprias custas, o que já era o bastante para sentir-se vitorioso.

Convenceu-se de que Irene realmente permaneceria esperando por ele e que poderia viajar para estar com ela pelo menos a cada duas semanas. Essa certeza lhe deu novos ânimos e convicção para decidir. Voltaria para a capital conformado de que devia iniciar o curso naquele quartel, contanto que não se deixasse contaminar pela filosofia castrense. Admitiu até permitir ser conduzido através desse já desenhado caminho, mas só o faria percorrendo-o com desapego e alheamento para não se entregar totalmente a seu condutor. Essa será uma forma e o meio de imunizar-se. Vivará seus dias na caserna enquanto puder suportá-los, lendo seus livros e escrevendo cartas, apenas como quem precisa ver o tempo passar esperando que se lhe despoente um novo horizonte, sem se deixar converter a um militarismo tacanho e sem abdicar de seus sonhos. Irene o convencera de que ele tinha vencido a primeira etapa e de que certamente obteria novas e importantes conquistas ao longo de seu caminhar pelo mundo e pelo tempo. Pedira-lhe para não recuar ante o primeiro desencontro e recebeu dele a promessa de que ele não faria isso.

No dia seguinte, uma sexta-feira, no começo da tarde, Tuta e seus pais misturaram-se entre os que estavam formando uma quase multidão aglomerada à frente da vizinha casa de Seu Alexandre para, pouco depois, deixarem a vila e caminharem em silêncio no acompanhamento do enterro do corpo do bondoso senhor que ficava de pé parado junto ao portão de seus dias. Admirou-se ao ver a quantidade de gente que viera prestar a última homenagem ao falecido. Era a prova do quanto Seu Alexandre era amado e estimado por todos que o conheceram. Ali estavam seus filhos, filhas, netos, bisnetos,

noras, genros, amigos e conhecidos que a toda vez que passavam por ele o cumprimentavam com respeito e carinho ou paravam para trocarem com ele um dedo de prosa. Embora tivesse sido previamente avisada de que Tuta iria ao cemitério nessa tarde e mesmo sabendo que o cortejo passaria bem próximo de sua casa, Irene optou por não seguir junto com ele por julgar ser inconveniente, por ainda não ser conhecida de seus pais. Ela sequer sabia exatamente onde Tuta morava e não conhecia nem Ordália nem Coutinho, embora nada houvesse que recomendasse um distanciamento entre eles ou algo que a levasse a evitar um primeiro encontro. Simplesmente era porque o namoro ainda não chegara à sala de costura de Ordália.

Poucas vezes se viu em Cruz das Almas um cortejo fúnebre tão numeroso, atraindo a atenção de todos que o viam passar, como se o morto devesse ser uma grande e respeitada autoridade local ou um político de renome. Parou a cidade ao ocupar por completo suas ruas centrais, cada vez mais engrossado à medida em que a ele se juntavam transeuntes descompromissados e observadores desconhecidos. Tuta perguntava-se por quais motivos o cortejo atraía tanta gente, sem alcançar explicação plausível para esse fato. As pessoas não paravam nas calçadas simplesmente para vê-lo passar, retomando em seguida os destinos de suas vidas diárias como ocorrera quando da passagem do cortejo do tio Eliodoro. Nesse, aderiam a ele como se informalmente estivessem sendo convocadas a fazerem a longa caminhada até o bairro do Eucaliptal, onde ficava o campo santo, numa longa e cansativa jornada que cada vez mais se fazia calada e entristecida porque não era nenhum passeio durante o qual os acompanhantes pudessem seguir conversando livremente uns com os outros.

Notava-se entre eles o cruzar de olhares vazios, perdidos e vacilantes, trocados sem conterem nenhuma mensagem e, por certo, havia pensamentos convergentes recolhidos no reverencial silêncio dedicado ao morto.

O portal do cemitério os acolheu e a primeira e extensa alameda interna os engoliu lentamente. Mãos cansadas de segurar as alças do caixão aliviaram-se quando, logo à entrada, um carrinho próprio o recebeu para conduzi-lo ao lugar da última estada. À beira do túmulo ouviu-se um não esperado e improvisado discurso feito por um velho e tradicional edil da cidade, quem, depois de louvar as muitas qualidades que o morto tivera em vida, concluiu dizendo um *“até logo, amigo”* como se renunciando que muito breve a ele estaria se juntando no além. Esse emocionado orador morreria na segunda-feira seguinte, apenas três dias depois do sepultamento de Seu Alexandre.

Os dias seguintes em Cruz das Almas escorreram apressados para Tuta e Irene, como se eles os estivessem consumindo com avidez enquanto ficavam juntos, embora a real vontade de ambos fosse a de que eles não se extinguíssem tão depressa. Ao cair da noite de domingo foram juntos até um ponto rodoviário na rua do meio, onde Tuta embarcaria num ônibus para seu retorno à capital. Apesar desse ônibus ter que fazer várias paradas em diversas cidades ao longo do percurso, chegaria a seu destino final bem mais cedo do que o trem, o que permitiria a Tuta, com certa folga, estar no quartel antes das sete horas da manhã para sua oficial apresentação. No sábado mandara cortar seu cabelo como ordenado, tendo o barbeiro estranhado o fato desse conhecido jovem cruzalense estar adotando um corte militar com máquina zero em tempos que a moda predominante era manter cabelos longos e rebeldes. Tuta odiou ser obrigado a cortá-los

assim, mas esquivou-se de dar ao barbeiro qualquer explicação a respeito. Essa não era uma opção sua, mas uma obrigação assumida que deveria ser cumprida porque imposta por aqueles que desde então passaram a deter o poder de mando e de comando no desconfortável e indesejado caminho que ele teria que percorrer. Antecipou a compreensão de que talvez fosse esse o primeiro de uma série de atos pelos quais se dava um processo de despersonalização de todo aquele que se alista nas hostes espartanas, impondo uma identidade cada vez menos individual e marcadamente mais coletiva, a começar pela uniformização das aparências.

Tuta e Irene despediram-se quase sem dizer palavras, porque seus olhares falaram muito. De um lado uma tristeza por ter que ficar e de outro uma incomodante vontade de não ir. Ficava quem tinha que reiniciar uma espera por duas longas semanas até que venha a acontecer o prometido reencontro. Ia quem tinha no íntimo uma estranha sensação de ter havido mudança de rumo em pleno voo solitário. Tuta já não era aquele que há pouco mais de um mês embarcara para o mesmo destino, então carregado de imaginados sonhos possíveis. Dessa vez não levava consigo nenhum sonho, só a certeza de que uma tediosa realidade estava à sua espera. Daí serem poucas e inúteis as palavras.

VIII

À chegada ao quartel, o reencontro com os amigos Pique-robi e Jambeiro, logo à entrada do grande pátio interno, amenizou um pouco o regresso de Tuta. Meia hora antes do horário determinado, a quase centena de novos alunos formava

aqui e ali pequenos grupos dispersos em torno desse pátio, todos com os cabelos cortados à escovinha, o que lhes dava, à distância, a aparência de terem todos a mesma idade com suas vestimentas uniformes e com suas pequenas malas de viagem acomodadas junto aos pés. Embora em conversa animada com Piquerobi, falando dos dias livres que tiveram em suas respectivas cidades, Tuta evitava estendê-la aos demais integrantes de seu pequeno grupo, procurando ser apenas cortês com relação a esses – o que possivelmente o levasse a ser considerado como alguém esquisito e insociável. Durante todo o período de provas ele não fizera nenhum inimigo entre os candidatos nem dera motivo para merecer desafeição de um ou de outro, contudo conquistou poucos amigos com os quais buscava se relacionar quase que reservadamente. Era de sua índole. No mais das vezes preferia ficar ensimesmado, sem deixar-se enturmar, comportamento que irá fazer com que ao longo do curso venha a se relacionar muito pouco e com pouquíssimos colegas.

Mesmo estando na companhia de Piquerobi e Jambeiro aguardando o momento de entrar em forma, sentia-se amargo e solitário, esforçando-se para não ser antipático. Talvez sua verdadeira vontade fosse a de não estar ali, à frente daquele árido cenário e antevendo que no contexto desse quartel haverá sempre uma sentinela na retina dilatada dos audaciosos. Prometera a Irene que não iria recuar e estava disposto a cumprir com o prometido, até porque nenhuma outra opção estava à vista.

Exatamente às sete horas ouviu-se um toque de corneta, que devia significar um comando para que todos se encaminhassem para a formatura matinal. Viu-se uma movimentação geral em direção ao centro do pátio. Os novos alunos deixaram suas malas encostadas às paredes dos prédios que

o circundavam e dirigiram-se para o centro ainda um tanto confusos e indecisos, numa instintiva imitação do que faziam os veteranos. Esse foi o exato momento em que para Tuta deu-se o início de sua nova, estranha e indesejada aventura.

Comandados e orientados por um jovem tenente os novos alunos formaram três pelotões, e depois de uma minuciosa revista para verificar se estavam com os cabelos devidamente cortados, se as barbas estavam feitas (alguns sequer barba tinham), se as roupas estavam conformadas com a ordem dada (proibidas fivelas exageradas no cinto) e se os sapatos estavam bem engraxados, foram eles conduzidos para o rancho, antes avisados de que logo após o café da manhã deveriam novamente entrar em forma para receberem novas instruções. Em meio a um dos pelotões Tuta entregava-se de forma passiva ao comando do jovem tenente, evitando olhar para os lados ou fitá-lo diretamente, porém atentando para cada uma de suas falas, muito mais tendente a criticá-lo pela sua soberba do que a admirá-lo pelo conteúdo de suas observações.

Quando após o café da manhã os calouros foram novamente postos em forma para receberem as ditas novas instruções, vieram eles a conhecer seu direto Comandante do Curso, um capitão enviesado, mostrando um semblante sombrio que denotava estar sob permanente mau humor, tendo a ossatura da face com ligeira aparência equina (o que mais tarde inspiraria Tuta a fazer dele uma abusiva caricatura nas folhas de seu caderno), vangloriando-se de ser “ferrado nas quatro patas” e cujo confessado prazer maior era expulsar da escola todo e qualquer aluno que ousasse desobedecer suas ordens.

No primeiro pronunciamento de recepção aos novos cadetes esse comandante mostrou-se ameaçador, esbanjando expressões chulas numa verborragia alucinada, praguejando

contra Deus e todo o mundo sem pronunciar uma só escor-reita palavra e com nenhuma intenção de dar boas vindas. Pior ainda foi quando esse cavalariço capitão recomendou (pa-lavra por demais amena para indicar esse ato) que nos sani-tários da escola nenhum aluno poderia levar jornal porque, segundo sua “eloquente” fundamentação, “cu não lê”.

Tuta terrificou-se. Sentiu, uma outra vez, estar vivendo momento no qual explodia sua vontade de arredar-se dali o mais rápido que lhe fosse possível, por admitir ter pousado em lugar equivocado, talvez trazido por ventos traiçoeiros, e por não acreditar ser esse um ancoradouro seguro. Aquela úl-tima expressão, ditada aos berros pelo desbocado capitão-co-mandante, dava-lhe um nítido exemplo do que ainda poderia estar por vir nesse quartel: eis que nele a primeira importante lição recebida foi a de que “cu não lê”. Imergido nos subter-râneos da caserna, Tuta iria testemunhar e dramaticamente viver os piores momentos dos anos de chumbo de nossa his-tória contemporânea.

Continua...

Neste segundo volume de sua trilogia de inspiração autobiográfica, Benedito Celso prossegue a história da família Couto, centrando a narrativa nas aventuras, fantasias e amores de Tuta, o filho caçula de Coutinho e Ordália, cuja história foi relatada em Inhaúma. A história se inicia após a mudança da família de sitiantes para a pequena cidade de Cruz das Almas, que coincide com o início da adolescência de Tuta, e estende-se até a mudança deste para a capital do estado, onde iria buscar sua realização profissional uma vez concluídas as opções de estudos na pequena cidade interiorana. No relato, vê-se o amadurecimento do protagonista, que em suas caminhadas pelas ruas da cidade, entre amigos reais e imaginários, entre fatos cotidianos e sobrenaturais, reflete sobre a vida e atravessa os anos da adolescência em busca de sua grande meta: fazer a faculdade na capital – ainda que nem sempre a vida lhe facilitasse a conclusão de seus planos pelo caminho mais curto.